

GRÁTIS COM ESTE NÚMERO
MAPA GIGANTE DO BRASIL

veja

E LEIA

EDITORA ABRIL - N.º 1 - 11 DE SETEMBRO DE 1968

NCr\$ 1.00



**O GRANDE DUELO
NO
MUNDO COMUNISTA**



Os anúncios do Itamaraty pouco falam de qualidade. Para que falar do óbvio?

O Itamaraty será sempre o Itamaraty. Como o Rolls Royce será sempre o Rolls Royce.

Natural: o Itamaraty é construído para atender a um público exigente, muito exigente.

Que sabe o que é bom.

Que conhece profundamente os melhores carros do mundo e sabe o verdadeiro sentido da palavra qualidade.

Esse público exige perfeição mecânica. Eficiência de desempenho.

Ele admira as linhas clássicas e a sobriedade dos grandes automóveis.

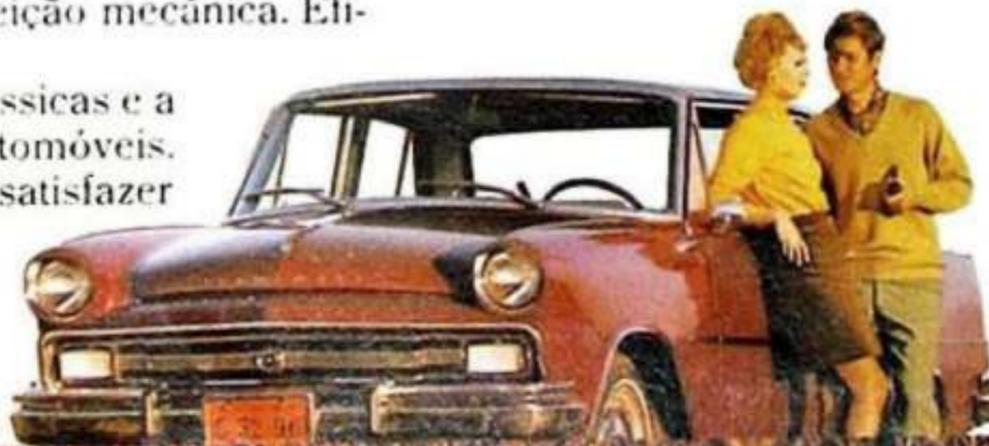
O Itamaraty conseguiu satisfazer

esse público. Pelas suas linhas. Pelo seu luxo sóbrio. Sobretudo, pela sua qualidade.

Que é o óbvio, quando se fala em Itamaraty. Redundante, até.

ITAMARATY

Adquira também o Itamaraty através do Consórcio Nacional.



O Itamaraty possui motor de 6 cilindros e 3000 cm³, potência de 132 HP, 4 marchas à frente, todas sincronizadas, rádio com dois alto falantes, estofamento de couro legítimo, tapetes de veludo; e opcionais: ar condicionado e diferencial auto-blocante.

CARTAS

Sr. Diretor: Os anúncios espalhados pela cidade dão conta de que dentro em breve teremos VEJA, uma revista de informação. Desejo, a toda a equipe da revista, êxito com êste lançamento. Aguardo ansiosa uma revista que realmente informe.

Sônia Coelho / São Paulo, SP

Sr. Diretor: Vejo com algum alvoroço, em "Realidade", o anúncio de VEJA. Sou jornalista e tenho cinco livros publicados. É possível, no entanto, que a nova revista já tenha escolhido seus colaboradores. Neste caso rogo-lhes não considerar esta minha apresentação.

Elzeário Schmitt / Florianópolis, SC

Obrigado, mas nosso quadro de colaboradores no momento está completo.

Sr. Diretor: Sabedor do lançamento da revista VEJA, desejo fazer-lhe uma solicitação. Sou colecionador de protótipos de revistas e jornais e gostaria de saber se seria possível obter os que serviram de estudo para lançamento da nova revista.

Antonio David / Rio de Janeiro, GB

Sr. Diretor: Tomei conhecimento de um número zero de VEJA e fiquei entusiasmado com a nova revista. Ficaria grato a vocês se pudessem me mandar um exemplar do número zero.

Amauri Machado / Brasília, DF

Imprimimos apenas algumas dezenas de exemplares de cada edição experimental, para uso da redação. Lamentamos, assim, não ter a possibilidade de atender às centenas de solicitações de um número zero que já recebemos.

Sr. Diretor: Depois de todo êsse movimento em torno do novo lançamento da Abril, VEJA, gostaria de saber se vai haver assinaturas.

Gilberto Collares / Pelotas, RS

No momento, desaconselhamos assinar VEJA, pois só podemos garantir que a revista estará nas mãos dos seus leitores no início de cada semana através das bancas de todo o País. Entretanto, enviamos a carta à Distribuidora Abril.

Sr. Diretor: Sou do interior e aqui tomo conhecimento do lançamento de VEJA, nova revista da Editora Abril. Será que as informações que vocês se propõem a dar chegarão aqui para os do interior em tempo? Isto é uma indagação e um pedido.

Osmar Castro / Joaçaba, SC

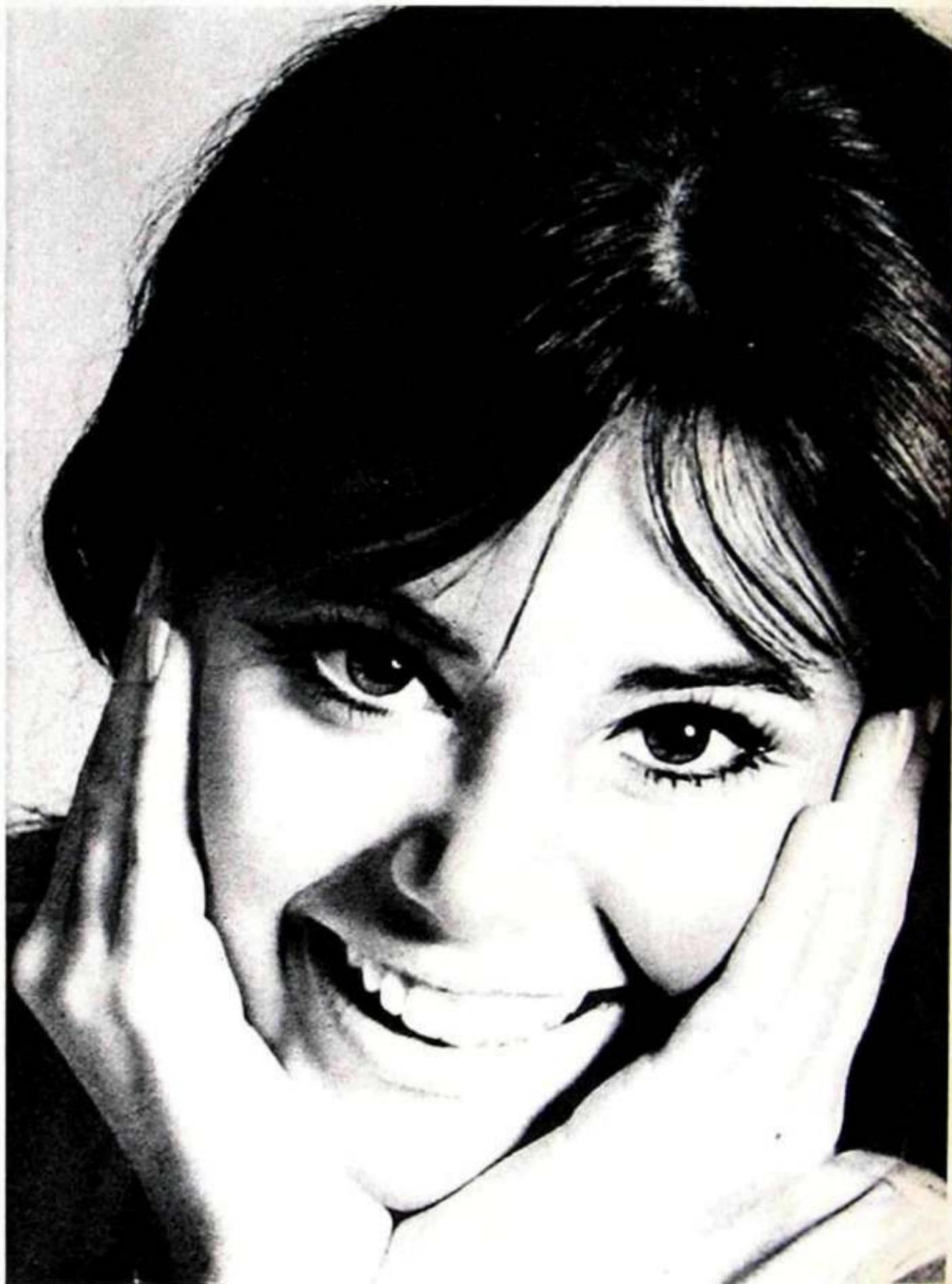
Estamos trabalhando para isso.

Carta para: Diretor de Redação, VEJA.
Caixa Postal 2372, São Paulo, Capital.

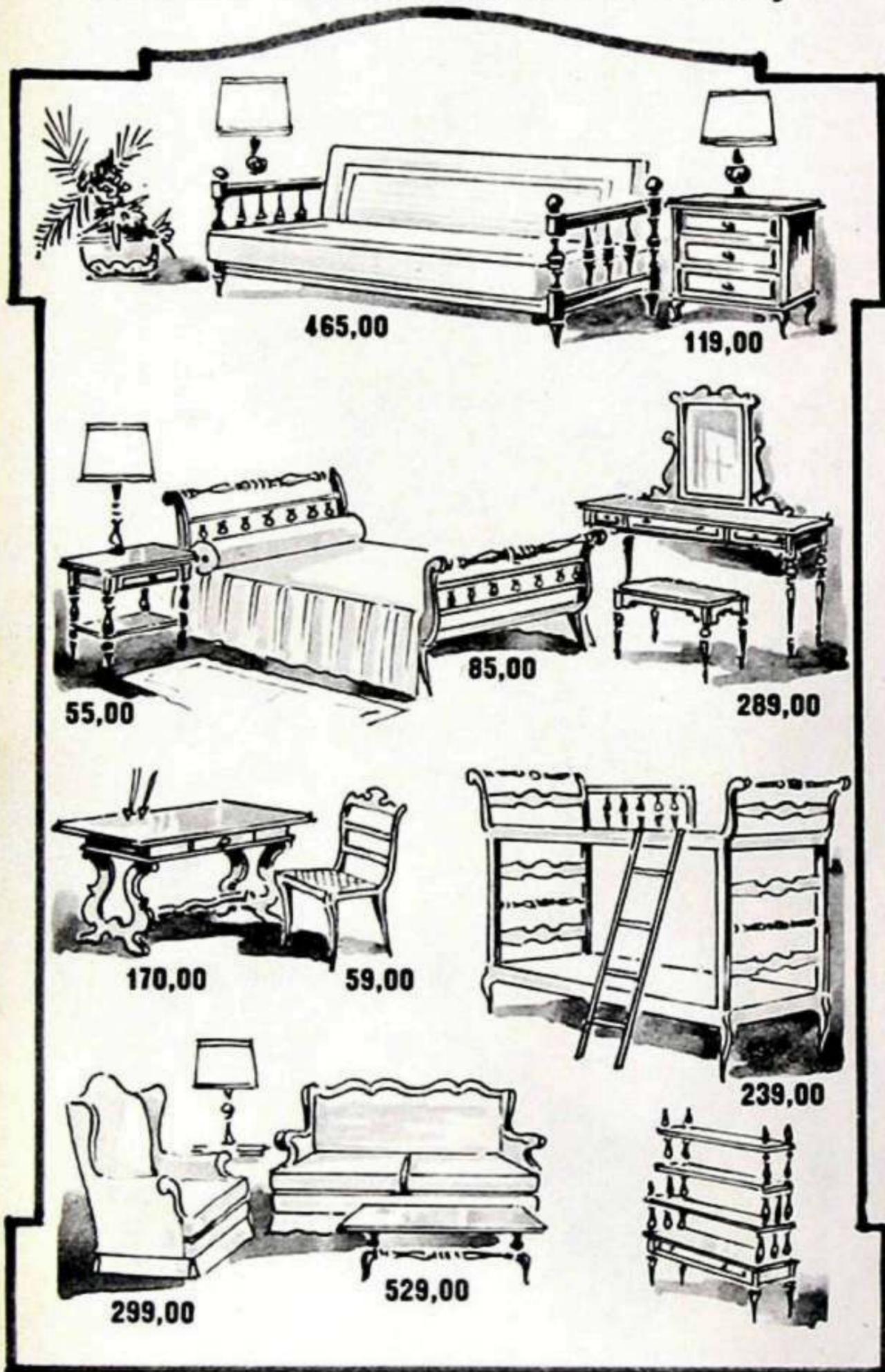
4 PASSAGENS PELO PREÇO DE 3...?

E mesmo! Embarcando para a Europa, África, ou Oriente Médio, com a Tarifa Excursão, em vigor de 15 de setembro a 15 de abril (excluído o período de 2 a 24 de dezembro) você pode aproveitar as vantagens de 25% de desconto na sua passagem de ida-e-volta, em Classe Econômica. Com a "Tarifa Excursão" você compra 4 passagens pelo preço de 3: uma sai de graça! Assim, você tem mais dinheiro sobrando para levar a família toda e dispõe de um mínimo de 28 dias, e um máximo de 60 para compras e passeios. E na Alitalia você tem, ainda, a vantagem extra de voar no mais moderno jato da atualidade: o novíssimo DC8/62, que lhe proporciona maior conforto, aprimorado serviço de bordo e um voo direto Rio-Roma, sem escalas, em apenas 645 minutos. Chame logo seu agente IATA e programe uma viagem inesquecível. Mas lembre-se: excursão não é excursão sem...

ALITALIA



Paschoal Bianco
tôda a exclusiva beleza do móvel colonial
adaptada
às necessidades funcionais de hoje.



móveis
Paschoal Bianco s.a. decorações

Loja Paulista:
 Av. Paulista, 802 (próxima ao cine Gazeta)
 Loja Santa Cecília:
 Rua Frederico Abrantes, 29 (próx. a igreja)
 Loja Brás:
 Av. Rangel Pestana, 1646/70 - Telefone:
 90-2232 e 90-907
 Loja Augusta:
 Al. Lorena, 189 - Telefone: 80-0225
 As 4 lojas têm estacionamento próprio.

indicações

CALENDÁRIO

de 9 a 15 de setembro

Belo Horizonte

I Encontro Brasileiro de Odontologia. Na Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Minas Gerais, de 8 a 15 de setembro. Objetivo: reunião de todos os estudantes de odontologia do País.

I Festival da Primavera. Na cidade de Barbacena, durante o mês de setembro, exposições de artes plásticas, conferências, poesia, música, desfiles e programações esportivas. Aos domingos, escolas de samba, bandas de música e conjuntos folclóricos.

Florianópolis

I Feira de Amostras da Indústria e do Comércio (FAINCO). Até dia 15, no campus da Universidade Federal de Santa Catarina (Bairro da Trindade), com expositores do comércio e indústria do Estado, promoção da Faculdade de Engenharia da UFSC.

Pôrto Alegre

XXXI Exposição Estadual de Animais e Produtos Derivados. De 14 a 17 de setembro, no Parque de Exposições do Menino Deus, 2 172 animais (bovinos, ovinos, eqüinos, suínos, coelhos e aves). A exposição, segunda em importância da América do Sul, terá no júri técnicos argentinos, uruguaios, franceses e ingleses, além dos brasileiros.

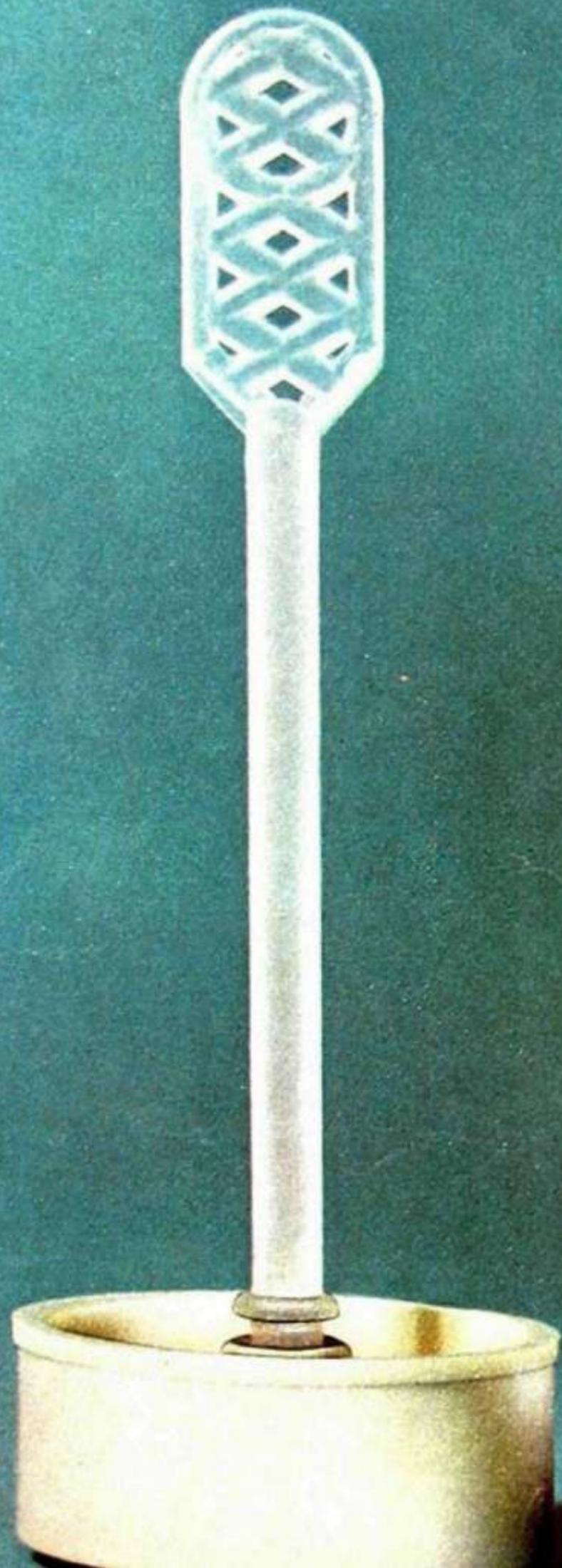
Tomada de Decisões Empresariais. Para gerentes e diretores de empresa, curso promovido pela Divisão de Administração de Empresas do Instituto de Administração da Universidade Federal. De 9 a 26, aulas às 19h30, segundas, quartas e quintas-feiras.

Recife

V Circuito da Cidade Universitária. Em homenagem às Forças Armadas, corrida de automóveis com inscrição permitida a qualquer tipo ou marca de carro. Promoção da Empetur e do Automóvel Clube local. Dia 15, às 8h.

I Festival de Músicos Jovens. Compositores e executantes de música jovem já se apresentaram na eliminatória do dia 5. As classificadas concorrerão nos dias 14 (9 horas, Cine São Luís) e 15 (9 horas, Cine Moderno). A finalíssima será no dia 27. Promoção da Cruzada de Ação Social.

NOVO!



ANTISSÉPTICO
BAND-AID*
LÍQUIDO
NÃO ARDE
PREVINE E COMBATE INFECÇÕES
QUASE NÃO MANCHA A PELE
Johnson & Johnson

FORMULA

Em nosso trabalho é assim:
casa de ferreiro, espêto de ferro.
Por isso, somos acusados
de procurar a perfeição.

SALÁRIO EM ABERTO

Executivos de Vendas
Administradores de Empresa
Engenheiros de Produção
Economistas
Contabilistas

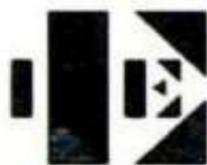
Nosso trabalho desenvolve-se em tôdas as áreas empresariais. Atendemos às necessidades de organização de nossos clientes, contactando-os, analisando seus problemas e resolvendo-os, através de uma atuação dinâmica e intensa, destinada à obtenção de resultados no mais curto prazo. Para isso, precisamos de pessoal especializado, de alto nível. Sabemos que, para homens assim, não podemos simplesmente oferecer um salário. Por isso, deixamos a remuneração em aberto.

Nossa equipe é formada por profissionais de larga experiência em administração, finanças, produção e vendas, de formação universitária.

Personalidades adultas, capazes de auto-disciplina. Maturidade principalmente mental. Elevado gabarito social, facilidade de relacionamento humano e conhecimentos técnicos em profundidade, são qualidades indispensáveis aos nossos homens.

Os mais elevados cargos estão ao alcance de nossos técnicos, numa escala de acesso em que os mais capazes têm absoluta prioridade.

Se o senhor é de espírito analítico e se tem facilidade em convencer pessoas difíceis, venha conhecer-nos, trazendo seu "curriculum vitae" detalhado ou remetendo-o à Caixa Postal 2073.



CONSULTORIA DE DIREÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE EMPRESAS S.C. LTDA.

Av. Paulista, 1765 - 13.º e 14.º andares - São Paulo

indicações

CALENDÁRIO

de 9 a 15 de setembro

Rio

I Congresso Nacional de Processamento de Dados. De segunda a sexta, estudos promovidos pela Sociedade dos Usuários de Computadores e Equipamentos Subsidiários. No temário, o uso de cheques com cartão perfurado, arquivo em microfilmes e maior uso dos computadores no controle de contas

Curso Completo de Cinema. Aos sábados, no Museu da Imagem e do Som, 14 horas. Este sábado, Neville de Almeida, sobre Produção Cinematográfica. Ainda em setembro, Gustavo Dahl (Montagem, dia 21), Alex Viany (Crítica, dia 28). Em outubro, Paulo José (O Ator no Cinema, dia 5), José Carlos Avelar (Fotografia em Câmara 16 milímetros, dia 12), Arnaldo Jabor (Cinema Direto, dia 19) e Leon Hirszman (Cineclubismo, dia 26).

I Encontro dos Jornalistas da Guanabara. Das 15 às 18 horas, de segunda a sexta, na ABI. Os debates incluem salário e regulamentação profissional, aposentadoria e função social do jornalista.

I Congresso Brasileiro de Farmácia Industrial. De quarta a sexta-feira, na cidade de Resende, Rio de Janeiro, encontro de autoridades governamentais com a indústria farmacêutica, tratando inclusive da segurança nacional no campo da saúde pública.

São Paulo

Convívio — Escola de Cultura. Cursos sobre cinema, fotografia, arquitetura de interiores, artesanato, teatro, comunicações, pintura, história, história da arte, arte religiosa, filosofia (inclusive sobre o pensador marxista Herbert Marcuse), poesia brasileira, psicologia, relações de pais e filhos, psicanálises, direito, demografia, política e liderança. As inscrições, NCr\$ 50,00, permitem a opção de vários cursos. Rua São Vicente de Paula, 664, Higienópolis.

Como Cultivar Orquídeas. Tôdas as terças-feiras, 20 horas, aulas na sede da Sociedade Bandeirante de Orquídeas (Prestes Maia, 241 — sala 2 202).

Introdução à Música Contemporânea. No Auditório Tibiriçá (Monte Alegre, 1024), curso de extensão universitária pelos professores argentinos Jacobo Romano, musicólogo, e Jorge Zulueta, pianista. As aulas serão ilustradas com concertos. Dias 9, 11, 13, 16 e 18, promoção da Reitoria da PUC.



securit - qualidade máxima em móveis de aço,
produz, agora, também com perfeição máxima
móveis em jacarandá da bahia.

nova e luxuosa linha, abrangendo série completa de mesas,
cadeiras, poltronas, sofás, arquivos, armários e elementos auxi-
liares, com características exclusivas de construção e acabamento.

TECNOGERAL S.A. visite nossas exposições:
s. paulo: r. 24 de maio, 47, tel. 35-5187 - brasilia: ed. jk, loja 3,
tel. 2-6180 - rio: r. francisco serrador, 2 - 5.º, tel. 42-6178, e, nas
principais cidades, nas 450 concessionárias autorizadas.

SECURIT
jacarandá da bahia

Localização imediata de pessoas-chave!

BIP! BIP! é o sinal de radiochamada da INTELCO S. A. Onde quer que vá, ou onde quer que se encontre, o nosso rádio receptor de bolso (BIP!) o localizará imediatamente!



**BIP!
BIP!
BIP!**

CENTRAL DO BIP! para o serviço URBANO já em pleno funcionamento na cidade de SÃO PAULO e, em breve, nas demais capitais e principais cidades do país! Instalações completas para serviço INTERNO em fábricas, hospitais, refinarias, escritórios e outras organizações públicas e particulares, à venda na INTELCO.

INTELCO
RÁDIOCOMUNICAÇÕES S. A.

R. Haddock Lóbo, 403-D - Fones: 282-8900 e 282-9549 - S.P.

30 ANOS

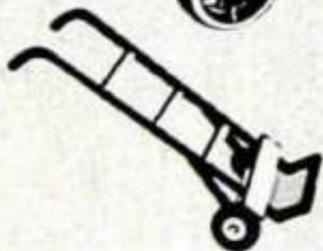


EXPERIÊNCIA

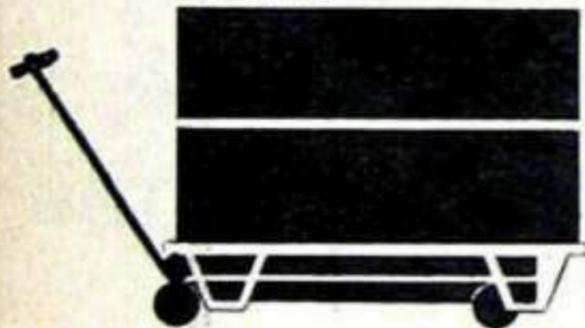
FABRICANTES DE...



A...



ATÉ...



SOLICITE CATÁLOGOS TÉCNICOS

ROD-CAR
LTDA.

Tels.: 92-3154, 93-6792

R. Belo Horizonte, 277 - S. Paulo, S.P. - Brasil

DIVERSÕES

de 9 a 15 de setembro

Recife

História da Música Popular Brasileira. Luís Gonzaga Lucas, colecionador de discos que abrangem o período 1890 a 1968, conta a história da música popular brasileira com seus discos, fitas e gramofone. Entrada franca, dia 9 (21h), no Teatro Popular do Nordeste.

Rio

Do Fundo Azul do Mundo. Show apresentado pelo humorista Millôr Fernandes. Com Elizeth Cardoso e Zimbo Trio. Diariamente, no Teatro Toneleros (Rua Toneleros, Copacabana).

Carnavália. A cronista Eneida conta a História do Carnaval Carioca e Marlene, Nuno Roland e Black-Out cantam. Direção de Paulo Afonso Grisoli e Sidney Miller. Às 22h, na Casa Grande (Avenida Afrânio de Melo Franco, 300, Leblon).

Ultimatum. Show musical com Maria Odete, Paulo Sérgio Valle e Terra Trio. À 1 da madrugada. Barroco (Rua Fernando Alencar, 25).

Elis Urgente. Elis Regina canta e conta sua vida, tôdas as noites, numa produção de Mielli e Bôscoli. Sucata (Rua Borges de Medeiros, Lagoa).

Abott e Costello. Novidade carioca: comer assistindo a filmes de Abott e Cos-

DARCY TRIGO



Receita do Bull-Dog: comida no prato, clima festivo e cinema na parede.

tello, comediantes americanos da década de 40, no Bull-Dog — restaurante inaugurado em junho passado. Paredes brancas, móveis de linha moderna, uma varanda e decoração do humorista Zélio, o Bull-Dog está aberto diariamente, das 12h às 2 da madrugada. (Rua Dias Ferreira, 571, Leblon).

MATTIRY



Grant começou imitando King Cole

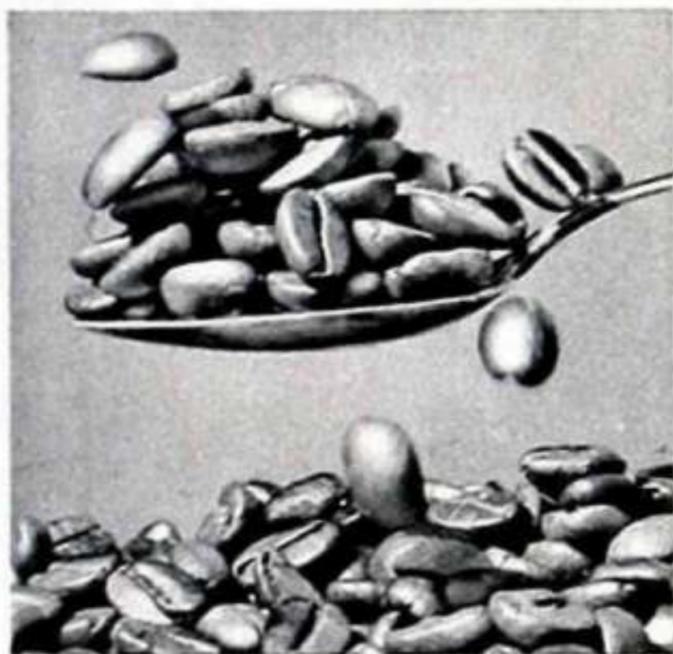
São Paulo

Earl Grant. O "show-man" americano Earl Grant, animador do programa "Chekerboard" (Tabuleiro de Xadrez), da televisão de seu país, chega ao Brasil dia 11 para uma série de apresentações nas TVs Tupi do Rio e de São Paulo e nos clubes desta capital. Grant é cantor, compositor, toca pistão, bateria, órgão e piano. É formado em música pela Universidade da Califórnia do Sul. Surgiu na fase áurea de Nat King Cole, no princípio da década de 60, cantando de maneira muito parecida com a do célebre cantor falecido em 1965. Hoje é mais instrumentista do que cantor. Nesta excursão acompanham-no seu irmão, Bill Grant (bateria), Henry C. Brown (guitarra), Peter McCormick e William Rex Thompson (baixos). Apresentações: dia 14, Clube Atlético Paulistano (24h) e Monte Líbano (2h); dia 15, Panelinha — Pan W. D., de Santo Amaro (21h), e Santapaula Iate Clube, em Interlagos (24h); dia 16, viaja para o Rio de Janeiro, voltando a São Paulo dia 18, para se despedir na televisão.

Chico Anísio... Só. O melhor humorista da televisão brasileira faz um show apresentando seus quadros e piadas. Diariamente, às 21h, no Teatro Brasileiro de Comédia.

Bonnie & Clyde. Lady Hilda, Liris Castelani e Paulo Roberto em mini-shows com música, jôgo de luz e muitos tiros Beco (Rua Bela Cintra).

Tudo o que há de bom em 43 grãos de café se concentra numa colherinha de Nescafé



É por isso que Nescafé rende mais entendeu?

café solúvel

NESCAFÉ

-o primeiro fabricado no Brasil

Nescafé é café solúvel, instantâneo, que você usa sempre na quantidade certa. Não sobra nada, não se perde nada. Dai a economia, o rendimento. Nescafé é a maneira nova de servir sempre um cafézinho gostoso. Quentinho, feito na hora. Num instante. Nescafé é o café que se usa hoje, prático, moderno. Em duas palavras: café solúvel. Ou numa só: Nescafé.



É PURO CAFÉ
DOS MELHORES
CAFÉZAIS
BRASILEIROS



COM OS ARGUMENTOS MAIS POSSÍVEIS DÊSTE MUNDO, E A MAIOR DAS TRANQUILIDADES, PULLSPORT ESTÁ AÍ COM A MODA BRASILEIRA INTERNACIONAL PARA O VERÃO QUE DER E VIER. COM UM NADINHA SÓ, VOCÊ VAI DERRETÊ-LOS FÁCIL, FÁCIL.



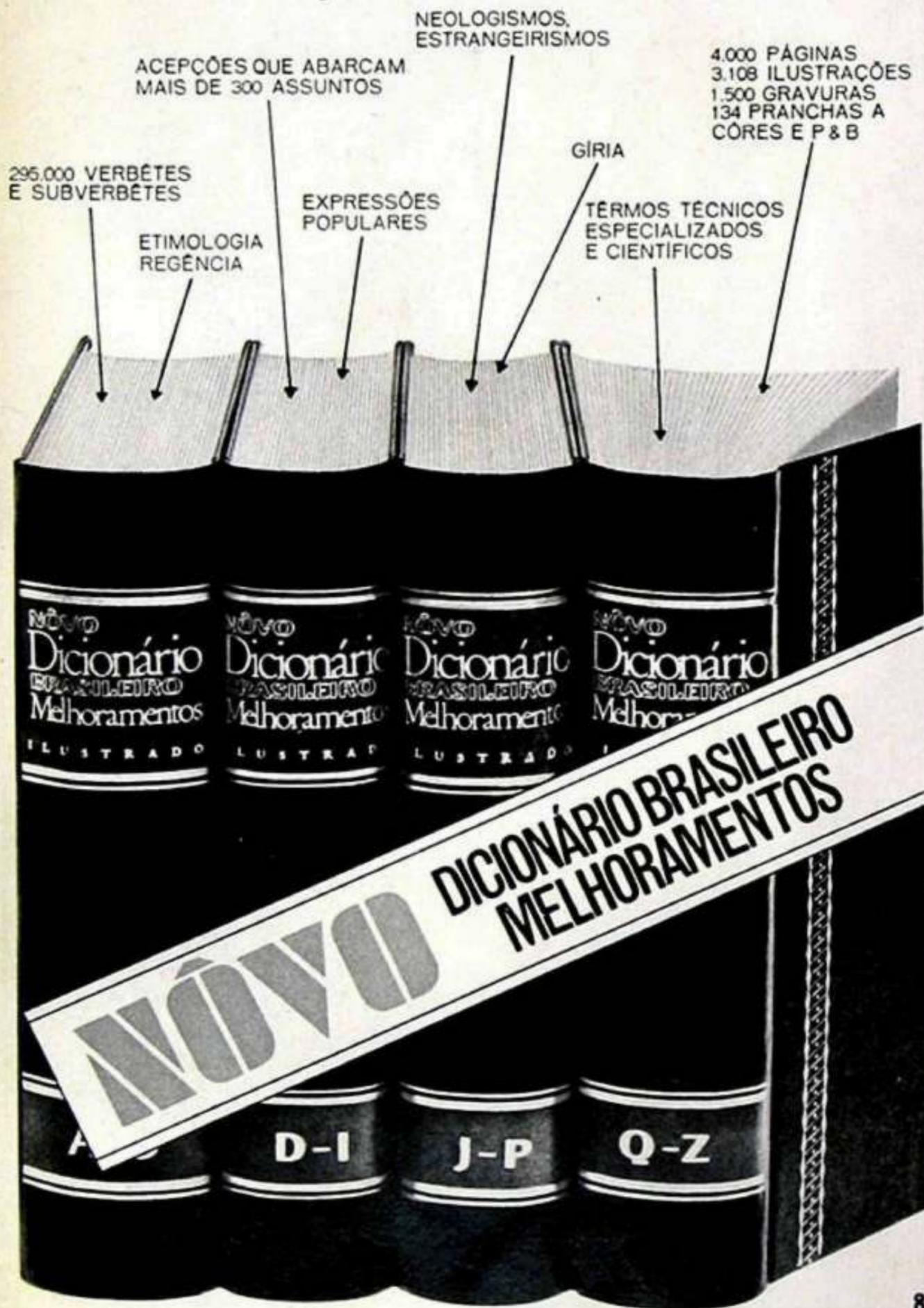
MODELOS EXECUTADOS EM RHODOSA, RHODALBA E T

**PULL-
SPORT**

COMPANHIA PULLSPORT DE MALHARIA - SÃO PAULO

**PULLSPORT MODA
BRASILEIRA
INTERNACIONAL**

Colocamos muitas atrações extras no dicionário mais completo do Brasil.



MÚSICA

de 9 a 15 de setembro

Belo Horizonte

Temporada Lírica. Últimas apresentações da temporada oficial de 1968, com a ópera "Lucia de Lammermoor", de Donizetti. Cantores: Zilda Lourenço, Ana Martins, Paulo Fortes e Assis Pacheco. Com a participação do Balé de Minas Gerais. Dias 14 e 15. **Palácio das Artes.**

Pôrto Alegre

Orquestra Sinfônica. O Maestro húngaro Pablo Koblós, há muitos anos radicado no Rio Grande do Sul, rege a Sinfônica de Pôrto Alegre. Dia 10, às 21h. **Salão de Atos da Universidade Federal.**

Orquestra Juvenil. Crianças de oito a dezesseis anos, da Orquestra Juvenil de Pôrto Alegre, formada pelo violinista dinamarquês Gunnar Larsen, tocam música de câmara. Regência do Maestro Nicolas Fidanhséf. Dia 14 às 21h. **Teatro São Pedro.**

Rio

Guitarra Flamenca. O guitarrista Pedro Soler, um dos mais famosos do mundo, estará entre nós para curta temporada. De seus dedos, Miguel Angel Astúrias, Prêmio Nobel de Literatura, disse que são os cinco sentidos da guitarra. Dia 9. **Sala Cecília Meireles.**

Sonata de Stravinski. Recital da pianista Eunice Katunda, filha da pintora Grauben. Destacam-se a sonata de Stravinski e 24 estudos de Chopin. Dia 10, 21h30. **Sala Cecília Meireles.**

João Carlos Martins. O célebre pianista brasileiro, que já vendeu mais de 1 milhão de discos nos Estados Unidos, completa o ciclo do Cravo Bem Temperado, de Bach. Dia 12, às 21h30. **Sala Cecília Meireles.**

La Traviata. A ópera de Verdi abre a Temporada Lírica de 1968, quarta-feira, dia 11. O programa será repetido sexta-feira, dia 13. Com Virginia Zeani, Rudggero Bondino e Constanzo Mascisti. **Municipal.**

Música de Câmara. Programa da semana, no **Auditório Itália**, em prosseguimento ao ciclo "A Grande Música de Câmara": dia 9, recital do pianista húngaro Andor Foldes; dia 16, recital do violinista italiano Paolo Pilia, solista do Teatro Scala, de Milão.

A EDIÇÕES MELHORAMENTOS
Caixa Postal 8120-São Paulo

Peço enviá-lo, gratuitamente a:

Nome _____

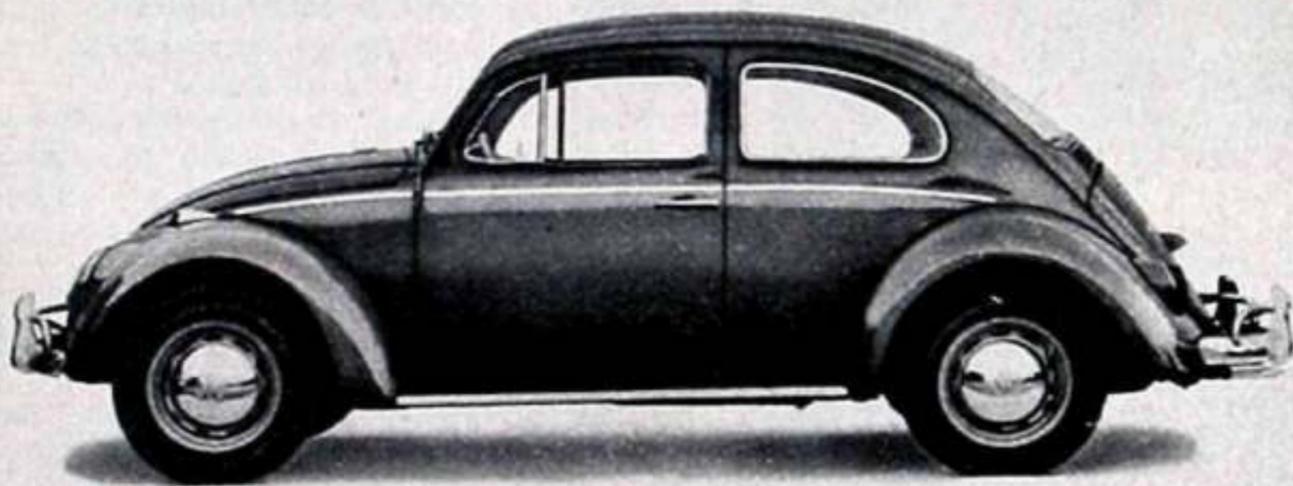
Rua _____ n.º _____

Cidade _____ Estado _____

Profissão _____ V

Apresiasi conhecer o folheto a côres sôbre o NOVO Dicionário BRASILEIRO MELHORAMENTOS.

A coisa mais importante na economia do Volkswagen, é o tempo que êle permanece econômico.



E tempo é dinheiro. Quanto mais

tempo v. roda com o Volkswagen, mais dinheiro v. deixa de gastar. Mas veja bem: existe economia a curto prazo e economia a longo prazo.

O Volkswagen faz as duas.

Assim que v. gira a chave da partida, êle já fica pão-duro: o Volkswagen pode rodar até 11 km com o mesmo litro de gasolina.

E 2.500 km com os mesmos 2.5 litros de óleo. Mas isso é só o começo.

O tempo passa, os buracos também, e v. descobre que está economizando dinheiro em consertos de molas, porque o "Fusca"

não tem nenhuma na suspensão.

No lugar delas estão fortes barras de torção.

Muitos quilômetros mais tarde, v. vai descobrir que também não tem despesas com radiador, mangueiras e tubinhos, porque, em vez de água, o Volkswagen usa refrigeração



a ar. E depois de muitas pedras, lama, água e poeira por baixo dêle, a economia continua: o Volkswagen tem uma chapa de aço embaixo, que protege os cabos de comando, fios e tubulações. Ai v. pergunta: "E quando o "Fusca" entra na oficina?"

Bem, isso é natural que aconteça, e nós até recomendamos que v. o leve periodicamente lá, para as revisões e verificações que o Livrete recomenda. E aí nós esbanjamos: existem hoje mais de 800 Revendedores Autorizados para cuidar do seu Volkswagen, e fazê-lo durar ainda mais.

Até que um dia v. resolve vendê-lo, e acontece aquilo de sempre: muita gente vive querendo comprar VW usado. Assim v. vende o seu num instante, e por um bom preço. Esse dinheiro já é uma boa

SERVIÇO



AUTORIZADO



parte do que v. precisa para comprar um "O" km e começar tudo de novo.

Afinal, além de ser o mais econômico, o Volkswagen é o automóvel que possui o maior valor de revenda.



Se V. quer um bom whisky, escolha qualquer d'êstes quatro.

Muita gente vai preferir os três detrás. Afinal, seus fabricantes são escoceses, têm experiência secular...

Mas Drury's também é feito de acôrdo com a tradição escocesa.

Com 30 tipos diferentes de malt-whisky escocês, destilado de cereal, envelhecido em tonéis de carvalho, etc.

Por isso, se V. não compra whisky por causa do rótulo, escolha indiferentemente qualquer d'êstes quatro.

Sairá satisfeito.



Drury's

GALERIAS

de 9 a 15 de setembro

Belo Horizonte

Augusto Rodrigues. Pernambucano, fundador da Escolinha de Arte do Brasil (Rio), com vinte desenhos na **Guignard** (Alfredo Balena, 586).

Chanina. Psiquiatra polonês, naturalizado brasileiro, inaugura sábado, 14, a galeria **Triângulo** (Rua Rio de Janeiro, 1002). Pintura com raízes na arte popular polonesa. Na sobreloja da galeria, acervo com artistas nacionais e estrangeiros.

Pôrto Alegre

II Mostra de Pintores de Domingo e Música Feita em Casa. Música e artes plásticas de amadores gaúchos. À noite, na **Barroco** (Independência).

Gastão Tesche. Óleos, acrílicos, pastéis e um painel sobre energia hidrelétrica: vinte trabalhos. **Aliança Francesa** (Senhor dos Passos, 235, 2.º).

José Mallet Pinheiro. Autodidata, expressionista no desenho, não-figurativo na pintura, em quinze monótipias. **Pancetti** (Andradas, 1568).

Recife

Dez Pintores Pernambucanos. João Câmara, Wellington, José Tavares, Brenand, Alves Dias, Helenos, Anchises, Tiago, Delano e Reynaldo Fonseca inauguram uma nova galeria, a **Portinari** (Manuel Borba, 22).

Coletiva do Grupo. Os artistas da **Oficina 154** (Olinda), com pinturas, cerâmicas, desenhos e jóias de cobre, latão e pedras semipreciosas.

Rio

Franz Krajcberg. Cinco trabalhos recentes do polonês naturalizado brasileiro em 1948. Raízes e veios de madeira recobertos de pigmentos minerais diluídos em vinil. Participação e prêmio em Bienais: São Paulo (1957) e Veneza (1964). **Gabinete de Arte** (Pinheiro Guimarães, 71 — Botafogo).

Ikeda Massua. Gravuras policrômicas em metal, da série premiada em Veneza (Bienal de 1966). Grandes superfícies abstratas em cores básicas e presença da figura humana. Numeradas e autenticadas pelo autor, têm, em média, 42 x 55 cm. **Relêvo** (Copacabana 252).

Ivan Serpa. Participante de tôdas as Bienais paulistas desde 1951, Serpa mostra dezesseis óleos sobre tela e seis desenhos a bico de pena, todos de produção recente. **Bonino** (Barata Ribeiro, 578).

Emeric Marcier. A fase recente do romeno naturalizado brasileiro, incluindo uma via-sacra. Autor de afrescos dedicados a temas religiosos, mora em Barbacena, Minas Gerais. **IBEU** (Copacabana, 690).

Iazid Thame. Pintor e desenhista desde 1960, começou a fazer serigrafia este ano. Expressionista, trabalha em preto e branco. **Cantu** (Barão de Ipanema, 110-A).

São Paulo

Aspectos da Cultura de Gana. Cerâmica, pesos e jóias de ouro, artesanato, instrumentos musicais característicos e 22 pinturas, duas delas especialmente para brasileiro ver. A mostra do país africano estreou no Rio e começa a circular no País. **Fundação Armando Álvares Penteado** (Alagoas, 903).

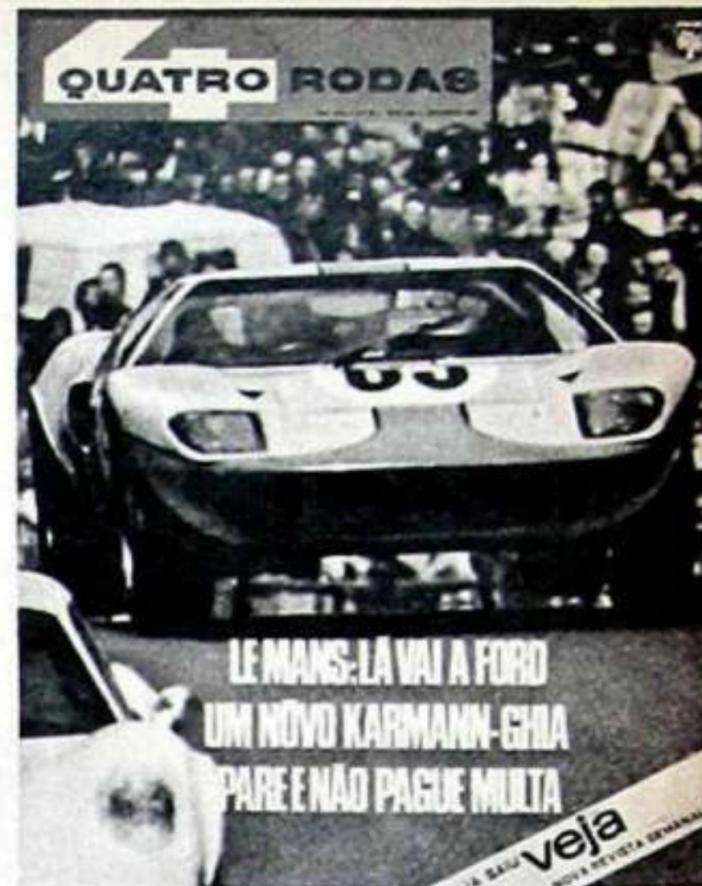
Carlos Bastos. Desenhos e óleos com paisagens da Bahia, onde Bastos nasceu e mora. Teve sala especial na Bienal baiana de 1966. **Atrium** (São Luís, 258).

Bernardo Cid. Prêmio maior do XVII Salão Paulista de Arte Moderna. Recentemente admitido no grupo artístico "Phases", sediado em Paris, Cid mostra a sua fase atual, "Integrações": surrealismo e ficção científica em cores escuras. **Mirante das Artes** (Estados Unidos, 1494).

Urbano Chaves. Guaches e óleos com paisagens fantásticas e figuras humanas torturadas. O pintor tem quatorze anos e sete de experiência artística. Faz sua primeira individual. **F. Domingo** (Dom José de Barros, 301, sobreloja 124). Até sexta-feira.

Vitória

III Salão Nacional de Artes Plásticas. De 8 a 30 de setembro, pintura, escultura, gravura e desenho no **Museu de Arte Moderna do Espírito Santo** (Escadaria do Rosário, 77). Comemoração do terceiro aniversário do Museu e do 417.º da cidade de Vitória. Prêmios em medalhas e em dinheiro. Em outubro, o Salão vai para Cachoeiro do Itapemirim, filial do MAM no Espírito Santo.



* **V. pode parar o seu carro na vaga privativa de um ministro.**

* **Está envenenado o ar da sua cidade.**

* **O Esplanada esporte vem aí.**

* **Planeje sua caçada em Mato Grosso.**

* **As 7 cores do Corcel.**

nas bancas sexta-feira, 13



DORO

IS

MC GREGORS



McGregor é moda esportiva internacional. Ande na moda... sempre.

nal. Dinâmica, atualíssima e avançada. McGregor é moda.

Camisa Spangle. Algodão mercerizado e sanforizado com coloração de fios variados. Tecido exclusivo. 3 cores diferentes.



Camisa Sabre. Tecido de algodão, giro inglês, sanforizado. Bermuda Broly Castle. Shantung de algodão Seridó fibra longa. Acabamento anti-ruga. Tecido exclusivo. 3 cores diferentes.



Conjunto shantung. Algodão Seridó fibra longa. Tecido exclusivo. Acabamento anti-ruga, sanforizado. Camisa Britania Mod - Cambraia de linho. 3 cores diferentes.

COLEÇÃO DE VERÃO

MC GREGOR 68

Belo Horizonte

A Menina e o Vento. Uma menina fica amiga do vento e voa com ele para conhecer o Brasil. Peça infantil de Maria Clara Machado. Direção de Paulo César Bicalho. Aos sábados (16h) e domingos (10h). **Marília**, tel. 24-3021.

Curitiba

A Morte do Caixeiro Viajante. Os estudantes do Colégio Estadual do Paraná encenam a peça de Arthur Miller. A mãe, dois filhos e o pai, um velho caixeiro já cansado, enfrentam problemas financeiros e familiares. Estréia dia 12, sob a direção de Telmo Faria. **Guaíra**, tel. 4-8536.

O Casaco Encantado. Peça infantil de Lúcia Benedetti, montada pelo Teatro de Comédia do Paraná. Direção de Sinval Martins. Aos sábados e domingos. Pequeno auditório do **Guaíra**, tel. 4-8536.

Pôrto Alegre

A Má-Criação do Mundo. Comédia musical de Sérgio Jockymann e José Antonio Ribeiro, autores locais que fazem uma sátira da criação do mundo como é relatada na Bíblia. Interpretação dos autores, Betty Mattos e Guilherme Corrêa. Dias 13, 14 e 15. **Clube de Cultura**.

Entre Quatro Paredes. Drama existencial de Jean-Paul Sartre dirigido por Wagner Melo. A história de quatro pessoas que depois de mortas revivem no inferno seus problemas terrenos. Dia 12. **Teatro de Arena**.

Teatro de Câmara Alemão. De 9 a 13 do corrente, o grupo itinerante Die Deutschen Kammerspiele, em excursão pela América Latina (já visitou Rio e São Paulo), apresenta: "A Ópera dos Três Vinténs", de Bertolt Brecht (dia 9), "O Noivo", musical de Sandy Wilson (dia 10), "O Grande Teatro do Mundo", de Hofmannsthal (dia 11), "Os Cúmplices", de Goethe, e "A Grande Raiva de F. Hotz", de Max Frisch (dia 12), e "A Viagem de Pedrinho à Lua", de Gerdt von Bassewitz (dia 13). **São Pedro**.

Recife

Filha de Bruxa não é Bruxinha. De Leandro Filho, diariamente, às 16h, pelo Clube de Teatro Infantil. Direção de Otto Prado, incentivador do teatro infantil em Pernambuco. **AABB**.

Rio

Os Fuzis da Senhora Carrar. Fábula de Bertolt Brecht sobre a responsabilidade do indivíduo na sociedade. A ação se desenrola na Espanha, durante a Guerra Civil (1936-1939). Este espetáculo foi muito elogiado pela crítica. Direção de Flávio Império. **Miguel Lemos**, tel. 36-6343.

Ralé. Peça de Máximo Górkki ("Os Pequenos Burgueses") sobre a condição das camadas inferiores da sociedade russa antes da Revolução Bolchevista de 1917. Gianni Ratto dirige um elenco recrutado entre duzentos jovens da Guanabara. **Teatro Nôvo**, tel. 22-0271.

Os Inconfidentes. Baseado em trechos do "Romanceiro da Inconfidência", da poetisa Cecília Meireles, falecida em 1964, Flávio Rangel dirige um espetáculo definido como de "teatro total", reunindo música, declamação, balé, projeção de slides e teatro. **Gláucio Gil**, tel. 37-7003.

Este Banheiro é Pequeno Demais para Nós Dois. Duas comédias do humorista Ziraldo — "Homens de Todo o Mundo, Uni-vos" e "A Revolução Intestina" — encenadas num só espetáculo. Assuntos: a mulher do futuro e um banheiro, pequeno para dois, mas suficiente para abrigar todo o estado-maior de uma república sul-americana. Direção de Leo Jusi. **Santa Rosa**, tel. 47-8641.

Minha Doce Subversiva. Alguns assuntos polêmicos, como a política estudantil e as novelas da televisão, abordados por Aurimar Rocha, que inaugura seu novo teatro no Leblon. **Bólso**, tel. 27-3122.

O Preço. Dois irmãos, um rico e um pobre, se encontram após dezesseis anos de separação e recapitulam o passado da família. Drama de Arthur Miller dirigido por Luís de Lima. **Princesa Isabel**, tel. 36-2724.

São Paulo

A Prostituta Respeitosa. A segregação racial no Sul dos Estados Unidos serve de pretexto para o filósofo francês Jean-Paul Sartre — autor da peça — focalizar o drama particular da prostituta Lizzie. **Teatro de Arte (TBC)**, tel. 36-4408.

O Burguês Fidalgo. Comédia de Molière traduzida por Stanislaw Ponte Preta, que usa expressões como "Vossa excelência

está me gozando" e "também estou nessa, tá?", para dar atualidade ao texto. Um burguês novo-rico quer a todo custo igualar-se à nobreza, mas acaba ridicularizado e explorado por ela. Direção de Ademar Guerra. **Bela Vista**, tel. 239-0220.

Roda Viva. A ascensão e queda de Benjamim Silva, cantor mediocre transformado em ídolo da televisão (Ben Silver). Muitos palavrões e insultos nesta peça "vale tudo", encenada por José Celso Martinez Corrêa. Musical de Chico Buarque de Hollanda. **Ruth Escobar (Galpão)**, tel. 35-8843.

A Cozinha. Arnold Wesker, jovem irado do teatro inglês, escreveu uma peça pro-

CRISTIANO MASCARO



A Cozinha: ninguém gosta do patrão.

fundamente triste. A sua cozinha é um mundo opressivo e apressado, onde trinta cozinheiros, faxineiros e copeiras trabalham, zombam do patrão e, quando encontram tempo para sonhar, esperam escapar de lá. Ótimas a direção de Antunes Filho e a interpretação de Juca de Oliveira. **Aliança Francesa**, tel. 34-7759.

O Poder Negro. Em Nova York, dois viajantes do metrô — uma prostituta branca (Itala Nandi) e um negro acomodado (Antonio Pitanga) — se encontram casualmente, se aproximam e estabelecem um diálogo. Mas a peça termina com um desfecho trágico. Drama de Leroy Jones dirigido por Fernando Peixoto. **Oficina**, tel. 32-3039.

Cemitério de Automóveis. Quatro mini-peças do autor espanhol Arrabal, num só espetáculo dirigido pelo argentino Victor Garcia: "A Oração", "Os Dois Carrascos", "Primeira Comunhão" e "Cemitério de Automóveis". Inaugura um novo teatro, adaptado de uma oficina mecânica, na Rua Treze de Maio, 134. (Veja "Teatro", página 123.) **Treze de Maio**.

Explicamos aqui como é que se come Biskui. Está lançada a confusão.



O Grissini Biskui substitui o pão, mas também fica muito gostoso com sorvete. É delicioso na sopa, e fica divino nos pavês. Vai muito bem com patê, melhor ainda com presunto. É servido nos restaurantes como "couvert". É o lanche da moda nas escolas. A imaginação criou dezenas de maneiras de servir Grissini Biskui, e isto é bom para quem gosta de comer muito e engordar pouco. Compre Grissini Biskui, distribua para os amigos, invente também algumas formas de comê-lo. Quanto mais confusão, melhor.

biskui 

Conselheiro Brotero, 589 - 2.º andar
Telefone 52-2347 - São Paulo

CINEMA

de 9 a 15 de setembro

Belo Horizonte

Privilégio. Inglês, em cores, de Peter Watkins. Um jovem cantor de iê-iê-iê manipulado pela máquina do poder: a televisão, os empresários, os jornalistas, os políticos. O filme, apresentado em Cannes em 1967, marcou a estréia da modelo Jean Shrimpton no cinema e foi muito elogiado pela crítica internacional. A partir de quinta-feira, 12. **Palladium.**

No Calor da Noite. Americano, em cores, de Norman Jewison, premiado com cinco Oscars pela Academia de Hollywood. Um detetive negro (Sidney Poitier) tenta ajudar um policial branco (Rod Steiger) a resolver um assassinio. Estréia sexta-feira, 13. **Jacques.**

A Grande Cilada. No fim da guerra civil americana (1861—1865), soldados confederados (sulistas) fogem de um forte, levando como refém uma missionária-enfermeira, mas são perseguidos pelos federais (do Norte). Americano, em cores, de Phil Karlson. Estréia sexta-feira, 13. **Brasil.**

Brasília

O Samurai. Franco-italiano, em cores, com Alain Delon. Um pistoleiro vive segundo o código dos antigos samurais japoneses. O filme de Jean-Pierre Melville tem alguns momentos de suspense passados no metrô de Paris. Estréia sexta-feira, 13. **Cultura.**

Capitu. Brasileiro, de Paulo César Saraceni. O romance "Dom Casmurro", de Machado de Assis, levado à tela com dignidade, mas pouca imaginação. Com Isabela, Othon Bastos, Raul Cortez e Marília Carneiro. Dias 14 e 15. **Auditério da Escola Parque.**

Curitiba

Quando os Peixes Saíram da Água. Inglês, em cores, dirigido pelo grego Michael Cacayannis. Em 1972, numa ilha grega, a doce vida dos turistas inconscientes do perigo que os cerca, enquanto mergulhadores tentam retirar do fundo do mar bombas atômicas caídas com um avião. Estréia quarta-feira, 11. **Rivoli.**

Pôrto Alegre

O Ópio Também é uma Flor. Baseado

num conto do criador de James Bond, Ian Fleming, o diretor Terence Young fez um filme de aventuras com astros famosos — Marcello Mastroiani, Yul Brynner, Rita Hayworth, Trevor Howard e Angie Dickinson. **Cacique.**

Grand Prix. Americano, em cores, de John Frankenheimer, com James Gardner, Yves Montand, Eva-Marie Saint e Toshiro Mifune. Três horas e meia divididas entre corridas de automóveis magnificamente filmadas e aventuras sentimentais dos homens sem medo — os corredores. **Astor.**

Recife

Viva Maria! O diretor francês Louis Malle ("Trinta Anos Esta Noite"), com uma bela fotografia de Henri Decae, conta como duas estrêlas de uma companhia ambulante (Brigitte Bardot e Jeanne Moreau), no princípio do século, se meteram numa revolução para derubar o governo de um país da América Central. Estréia quarta-feira, 11. **São Luís.**

Que é que há, Gatinha? Americano, em cores, de Clive Donner. Os problemas de um Don Juan — Peter O'Toole — que não consegue ser fiel à noiva e resolve consultar um psiquiatra — Peter Sellers — para entrar na linha. Com muito humor e muitas mulheres bonitas: Capucine, Romy Schneider e Ursula Andress. **Moderno.**

Rio

Trens Estreitamente Vigados. Checo, de Jiri Menzel e Bohumi Hrabal. Crônica da Checoslováquia em guerra (1944), concentrada numa estação ferroviária. Um jovem descobre o amor enquanto se defronta com a invasão alemã. Premiado com o Oscar da Academia de Hollywood como melhor filme estrangeiro de 1968. **Bruni-Flamengo.**

Édipo Rei. Italiano, em cores. Pier Paolo Pasolini, depois do "Evangelho Segundo Mateus" e de "Gaviões e Passarinhos", incursiona pela tragédia grega de Sófocles, dando-lhe uma visão moderna. **Caruso, Coral, Bruni-Tijuca.**

Viver por Viver. Francês, em cores, com Yves Montand, a lindíssima Candice Bergen e Annie Girardot, ótima atriz. O novo filme de Claude Lelouch, autor de "Um Homem, Uma Mulher", gira em torno de um triângulo amoroso: um

repórter de TV, casado, apaixonou-se por um modelo americano, vai viver com ela mas não consegue esquecer a primeira mulher. O espectador não vai esquecer, certamente, a música do filme. **Veneza.**

Os Pecados de Todos Nós. Americano, de John Huston, baseado no romance "Reflections in a Golden Eye", da americana Carson McCullers. Num quartel militar, em tempo de paz, as pessoas se entendem e suas frustrações aparecem. Um assassinio vem alterar a vida das personagens e estranhas coisas são reveladas. **Capitólio.**

Salvador

No Calor da Noite. Veja a indicação de Belo Horizonte. **Liceu.**

Havaí. Americano, em cores, de George Roy Hill, baseado num "best-seller" de James Michener. No Havaí, entre 1820 e 1841, os colonizadores tentam impor suas leis. Salva-se a beleza de Ivette Mimieux. **Bahia.**

A Volta dos Sete Homens. No princípio, eles surgiram no Japão: eram os sete samurais de Akira Kurosawa. Mais tarde, metamorfoseados em "cowboys" e levados para o faroeste americano, ficaram conhecidos como "Sete Homens e um Destino". Agora, seis anos depois, os sete homens estão de volta no filme de Burt Kennedy, atravessando a fronteira mexicana para libertar pequenas aldeias de uma figura sanguinária. **Guarany.**

São Paulo

Os Mercenários. Anglo-americano, de Jack Cardiff. No Congo, em 1960, um grupo de mercenários brancos abandona os compromissos com os governos que o contrataram e parte para a pilhagem. No filme, os brancos defendem os negros. **Metro e circuito.**

Trens Estreitamente Vigados. Veja a indicação do Rio. **Belas Artes.**

O Serviço Secreto em Ação. Americano, em cores, de Sidney J. Furie, baseado no "best-seller" "The Naked Runner", de Francis Clifford. Frank Sinatra é um viúvo americano que vive na Inglaterra e vai à Feira de Leipzig, atrás da Cortina de Ferro, levando uma mensagem do Serviço Secreto Britânico. Lá, se mete em complicações. **Paissandu.**

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA
Diretor de Publicações: Roberto Civita

REDAÇÃO
Diretor
Mino Carta

Editores: José Roberto Guzzo, Roberto Muggiati, Sebastião Rubens G. Pinto, Sérgio Pompeu, Ulysses A. de Souza
Secretário de Redação: Henrique Caban
Chefe de Arte: George B. J. Duque Estrada
Editores Assistentes: Carmo Chagas, Geraldo Mayrink, J. Salomão D. Amorim, José Ramos Tinhorão, K. Matsumoto, Leo Gilson Ribeiro, Luis Gutemberg, Luiz Lobo, Paulo Cotrim, Paulo Mendonça, Raimundo R. Pereira, Renato Pompeu, Roberto Pereira, Sérgio Oyama
Repórteres Especiais: Antônio E. Teixeira, Armando Salem, Alceu Nogueira da Gama, Carlos Soullé do Amaral, Fernando Semedo, Hamilton de Almeida, Nilo Martins, Norma Freire, Roberto Müller, Sílvia Sena
Redatores: Beatriz Horta, Dorrit Harazin, Eduardo Kugelmas, Gabriel Manzano, Harry Laus, Hersch Schechter, José Maria Mayrink, José Carlos Abbate, Luis Adolfo Pinheiro, Pedro Cavalcanti, Sílvia Lancellotti
Repórteres: Adilson Pereira, Antonio C. Augusto, Anthony de Christo, Antônio de Alcântara Cabral, Arthur Ramirez, Calo Fernando Abreu, Cecília Finger, Celso Ming, Claudio Lachini, Dirceu Brisola, Eda Maria Romio, Eliana Machado, Elio Squett, Geisa Mello, Glauco M. Carvalho, Guilherme Veloso, Guimar Rogê Ferreira, Hayle Gadelha, Hélio Nogueira da Gama, Isa Barbaheim, J. A. Dias Lopes, Laerth Pedrosa, Léa Ancona Lopez, Magno Dedonas, Maria Alice Machado, M. da Penha Delia, Marisa Correa, Mario T. Carvalho, Neide Martins, Nello P. Gandara, Pedro Maria Soares, Raul Cruz Lima, Sônia Beatriz, Talvani Guedes de Fonseca, Tarik de Souza, Thereza Linhares
Fotógrafos: Amilton Vieira, Bettina Scheier, Cristiano Mascaro, Geraldo Guimarães
Artes: Ademir Assaoka, Américo Ietto Filho, Hélio de Almeida, José Bigatti, Pedro de Oliveira, Gilberto Pascoal (mapas)
Produção: Alexandre Daunt Coelho, Carlito Nucci, Edgard M. Catóira
Colaboradores: Arte: Clarival Prado Valladares. Cinema: Ely Azeredo, Jean-Claude Bernardet, José Rubem Fonseca, Marco Antônio Menezes, Maurice Capovilla, Maurício Rittner, Valério Andrade. Livros: Bruna Becherucci, Dirceu Nogueira Magalhães. Música: Eurico Nogueira França, Júlio Medaglia. Rádio & TV: Maria Alice Barroso. Medicina: Irany Novah Moraes
Diretor de Fotografia: Lew Parrella
Gerente de Produção: Arno Langer / João J. Noro

Bureaux

Rio — Diretor: Odylo Costa, filho / Chefe de Redação: Luiz Garcia / Repórteres: Carlos Leonam, Cordeiro de Oliveira, Christina Autran, Estella Polanah, Gastão F. Patusco Filho, Jairo Martins, Marcos de Sá Correa, Maria Helena Estela Lachter, Nelson Silva, Oliveira Bastos, S. Proença Leitão, Sílvia Távora, Yllen Kerr / Fotógrafos: Antonio Andrade, Darcy Trigo
Av. Presidente Vargas, 502, 15.º, fone: 23-8913, Telex: 031-451
Brasília — Diretor: Pompeu de Souza / Chefe de Redação: Almir Gajardoni / Repórteres: Afonso de Sousa, Evandro Paranaguá, Fernando Sylos, J. Carlos Bardawil, Renato V. Soares / Fotógrafos: Luiz Humberto Ed. Central, salas 1201 e 1208 — Setor Comercial Sul, fones: 23-877 e 23-808, Telex: 041-254
Belo Horizonte — Chefe: Alberico Souza Cruz / Repórter: Geraldo Augusto dos Reis / Fotógrafo: Guinaldo Nikolayewsky
R. Espírito Santo, 466, salas 707 e 708 — Fone: 23-3720, Telex: 037-224
Curitiba — Chefe: Elmar Bones da Costa
Ed. Galeria Tijuca, R. Cândido Lopes, 11, sala 1211 — Fone: 46599
Porto Alegre — Chefe: Paulo Totti / Repórter: José Antonio Severo
Av. Otávio Rocha, 115, sala 511, fone: 4-4778
Recife — Chefe: J. Carlos Rocha / Repórteres: Franklin Campos, José Sefiotti Filho, Gilberto Pauletti / Fotógrafo: Clodomir Bezerra
R. da Condição, 153 — Ed. Cidade de São Salvador, salas 502 e 503, fone: 4-4957
Sahradar — Chefe: Arthur A. Ikissima, Hesio A. Pessali
Travessa Bonifácio Costa, 1 — Ed. Martins Catarino, sala 1302
Nova York — Paulo Henrique Amorim, 11 W. 42nd Street, Telex: 423-063

Correspondentes

Aracaju: Raimundo L. da Silva / Fortaleza: Sérgio S. Telles / Florianópolis: L. Carlos de Bem / João Pessoa: Martinho M. Franca / Macelê: J. Otavio Rocha / Natal: Berto Wanderley / Niterói: Carlos C. Rangel / São Luís: Edson Vidigal / Teresina: Deoclécio Dantas / Ubatuba: Osmar Trindade

Departamento de Documentação

Samuel Dirceu (Chefe), Antonio Zago, Eloá Jacobina, Fernando Rios, Irene A. Cardoso, Irene Hirschberg, João Guizzo, Lucia D. Britto, Regina Vianna, Marilda Calli, Sérgio Capozzi, Ubirajara Forte, Vivianne V. Dias, Waldimas N. Galvão

Assessor de Diretor Responsável — J. R. Franco da Fonseca

Serviços Internacionais

Newsweek/Paris-Match/Associated Press/Matérias Internacionais Via Varig

ADMINISTRAÇÃO

Diretor, Divisão Revistas: Domingo Alzugaray
Diretor de Publicidade: Salviano Nogueira
Diretor Comercial, VEJA: J. R. Whitaker Penteadó Filho
Diretor de Publicidade, Rio: Sebastião Martins
Gerente de Publicidade, S. Paulo: Oscar Colucci
Gerente de Publicidade, Rio: Ricardo Tadei
Gerente de Promoções: Paulo Augusto de Almeida
Gerente de Serviços Editoriais: Roger Karman
Representantes: São Paulo: L. A. R. Frota, Paulo Dias Pini, Pêrsio Brat Pisaní, Gianfranco Dal Bianco / Rio: Hernâni D. Maia, F. Paula Freitas / Porto Alegre: Rubens Molino (Gerente) e Elcenho Engel / Belo Horizonte: Sérgio Pôrto / Curitiba: Edison Helm / Recife: Antônio Lyra Filho

Diretor de Operações — Richard Civita
Diretor Editorial — Luis Carta
Diretor de Relações Públicas — Hernani Donato
Diretor — Escritório Rio — André Raccach

Diretor Responsável — Edgard de Silvio Faria

VEJA é uma publicação da Editora Abril Ltda. / Redação: Av. Osvaldo Alves de Lima, 800, fone: 42-1171; Telex n.º 421.111 / Publicidade e Correspondência: Rua João Adolfo, 118, 9.º andar, fone: 219-1422 / Administração: R. Emílio Goeldi, 171, São Paulo / Distribuição exclusiva para todo o Brasil da Distribuidora Abril S.A. Preço: exemplar avulso NCR\$ 1,00. Anuidade anual NCR\$ 28,00. Anuidade anual NCR\$ 12,00. Nenhuma pessoa está credenciada a angariar assinaturas desta publicação. Se for procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Número atualizado no Rio, R. República do Líbano, 19; São Paulo, R. Brigadeiro Tobias, 771. Pró correio: C.P. 7901 / Todos os direitos reservados / Impresso em oficinas próprias e nas da S.A.I.B. — Sociedade Anônima Imprensa Brasileira, São Paulo.

CARTA DO EDITOR

Prezado leitor:

Onde quer que você esteja, na vastidão do território nacional, estará lendo estas linhas praticamente ao mesmo tempo que todos os demais leitores do País. Pois VEJA quer ser a grande revista semanal de informação de todos os brasileiros.

Há quase vinte anos, a Editôra Abril lançava sua primeira publicação, *O Pato Donald*, apresentando — para jovens de todas as idades — as estórias maravilhosas das personagens de Walt Disney.

Nos anos seguintes, com o sucesso de uma série de lançamentos (e o insucesso de alguns), crescemos e aprendemos muito.

Publicações foram surgindo. Entre outras, *Capricho*, em 1952. *Manequim*, em 1959. Em 1960 — junto com a implantação da nossa indústria automobilística —, *Quatro Rodas*. No ano seguinte, *Claudia*. Em 1963, *Intervalo*. E, há pouco mais de dois anos, *Realidade*.

Agora nasce VEJA. Para fazê-la, selecionamos 100 entre 1 800 candidatos universitários de todos os Estados e realizamos um inédito Curso Intensivo de Jornalismo. Ao término do Curso, com cinquenta dêsses moços e outros tantos jovens “veteranos”, formamos a maior equipe redacional já reunida por uma revista brasileira. Enviamos editôres e redatores para o exterior a fim de observar as principais

Índice

INTERNACIONAL 86

ARTES PLÁSTICAS	130	MEDICINA	46
BRASIL	22	MÚSICA	110
CIENCIA	58	NEGÓCIOS	44
CINEMA	112	RELIGIÃO	116
EDUCAÇÃO	42	TEATRO	123
ESPORTE	55	TELEVISÃO	132
LITERATURA	127	VIDA MODERNA	81

INDICAÇÕES

Calendário	4	Gente	53
Cinema	19	Livros	134
Discos	138	Música	12
Galerias	15	Teatro	17

revistas congêneres em ação. Abrimos ou ampliamos escritórios regionais em tôdas as grandes cidades do País e montamos uma complexa rede de telecomunicações para mantê-los em contato constante com a redação em São Paulo.

Para a cobertura internacional, contratamos os serviços de agências noticiosas e revistas de prestígio mundial: "Paris-Match", da França; "Newsweek", dos Estados Unidos; "Epoca", da Itália; e "Der Spiegel", da Alemanha. Finalmente, no decorrer dos últimos três meses, preparamos treze edições experimentais completas — com capa, texto, fotos e anúncios —, a fim de treinarmos para a grande jornada que hoje se inicia.

O Brasil não pode mais ser o velho arquipélago separado pela distância, o espaço geográfico, a ignorância, os preconceitos e os regionalismos: precisa de informação rápida e objetiva a fim de escolher rumos novos. Precisa saber o que está acontecendo nas fronteiras da ciência, da tecnologia e da arte no mundo inteiro. Precisa acompanhar o extraordinário desenvolvimento dos negócios, da educação, do esporte, da religião. Precisa, enfim, estar bem informado. E este é o objetivo de VEJA.

Devemos esta revista — em primeiro lugar — aos milhões de leitores que através dos anos têm prestigiado nossas publicações. Às classes governantes, produtoras, intelectuais que reclamaram

da Abril este lançamento. Aos jornalistas, que com dedicação e espírito profissional o tornaram possível. Aos quase mil gráficos que participam, entusiasticamente, de seu complexo esquema de produção semanal. Aos distribuidores, jornaleiros e transportadores que aceitaram o desafio de vencer as enormes distâncias nacionais na corrida até as bancas toda segunda-feira. E às agências e aos anunciantes que tomaram todo o nosso espaço disponível sem sequer conhecerem o projeto final da revista, numa comovedora prova de confiança. Conscientes da responsabilidade assumida ao editar VEJA, dedicamos a revista a tôdas essas pessoas. Ao Brasil de hoje e de amanhã.

Vitor Civita



A CULPA DA VIOLÊNCIA

Quem jogou a primeira pedra,
os moços ou a polícia?
Os dois lados admitem a violência.

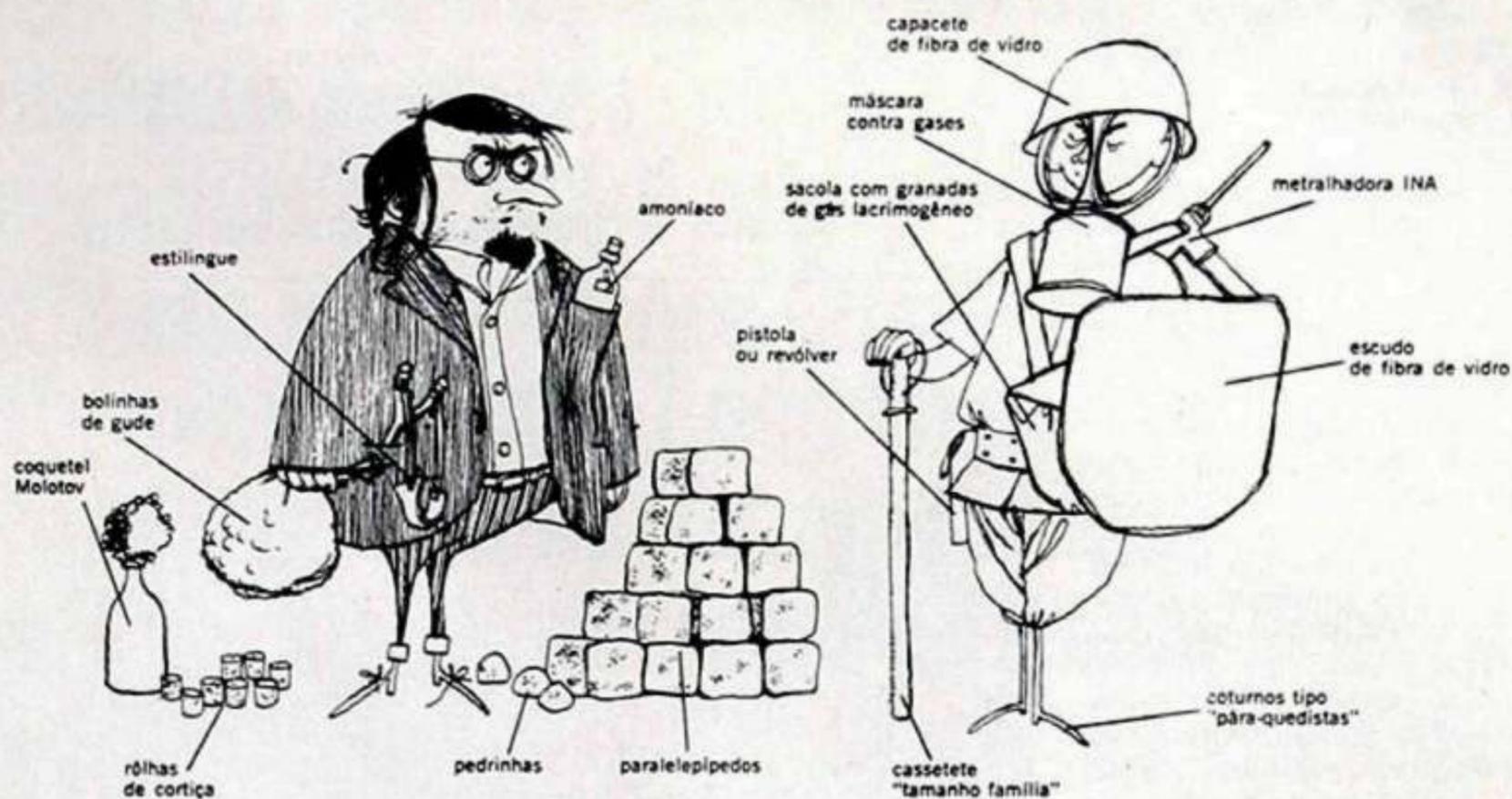
AGENCIA JB



Uma vítima? Para a polícia, apenas uma agressora que perdeu sua guerra.

Estudantes e polícia são como duas moléculas diferentes colocadas uma diante da outra. Elas se atraem, provocam o encontro de energias contrárias e geram o atrito. Se elas fossem iguais, o resultado seria a estabilidade. A explicação é de uma aluna de Química Orgânica da Universidade de Brasília. Com ela, outros universitários se juntam em torno de uma mesa do Campus Bar, num dos prédios da Universidade, para ouvir Paulo Speller, sobrinho do ex-Presidente Castelo Branco, estudante de Psicologia, aclamado poucos momentos antes líder do movimento estudantil de Brasília. Paulo substituiu Honestino Guimarães, preso a pedido da Justiça Militar. Paulo, também com prisão preventiva decretada pela Auditoria Militar de Juiz de Fora, olha tranquilamente para um colega que esfrega o olho irritado pela fumaça e continua dentro do assunto: "Sem pensar, você levou a mão aos olhos, assim que a fumaça o irritou. Isso foi instintivo. Agora, se você passa o tempo todo ouvindo ameaças, boatos e de repente se defronta com o 'inimigo', você não pode esperar que ele o irrite antes". Um terceiro estudante, de Sociologia, opina: "A Sociologia vem acompanhando as crises estudantis em todo o mundo e descobriu que a única constante, em todas elas, é o não atendimento de pequenas reivindicações dos jovens por parte dos adultos fixados na defesa de conceitos superados".

Foi assim — Um tiro no peito e Edson Luís de Lima Souto, estudante de dezotoito anos, cai morto durante os incidentes no restaurante do Calabouço, envolvendo seus colegas e soldados da Polícia Militar. Quase ao mesmo tempo, no escritório bem perto do restaurante, uma bala perdida atinge a boca de Telmo Matos Henriques, de 39 anos, casado. Gravemente ferido, ele tomba sobre sua mesa de trabalho diante do olhar espantado de seus colegas. A noite do dia 28 de março começa a chegar na Guanabara, quando o corpo sem vida de Edson Luís é carregado pelas ruas, enquanto Telmo é levado para o hospital. Era o começo de uma nova fase de manifestações estudantis atingindo várias cidades do País. Uma fase nervosa quebrando o silêncio de quase cinco anos. Nêles, foram esquecidos os gritos de "o petróleo é nosso" dos estudantes de outros tempos, em que as passeatas eram chamadas, pelos jornais, de "desfiles". Para as de agora, as autoridades às vezes usam outro nome: "guerrilha urbana". De um tempo de protesto romântico, o movimento estudantil passou para uma época de violência, contida — no clima de tensão que antecede as passeatas — ou desencadeada nas lutas a pau e pedra contra o gás lacrimogênio, o cassetete e o tiro.



As armas: polícia e estudantes se foram aprimorando para a guerra das ruas, seus arsenais aumentam.

Certeza da mudança — Para o General Luís França de Oliveira, secretário da Segurança Pública da Guanabara, não há qualquer dúvida quanto à origem e responsabilidade dessa transformação: "Hoje em dia", explica o General, "grande parte dos estudantes é dirigida por elementos estranhos à classe. O próprio movimento mundial de subversão, que agora se observa, é prova eloqüente dessa afirmação. Aqui no Brasil — ou mais particularmente na Guanabara — considero tudo isso como parte de um movimento insurrecional, controlado pelos elementos do extinto Partido Comunista." E nessa convicção, portanto, estaria — a seu ver — a melhor justificativa para o rigor das autoridades diante das manifestações. Dentro dessa perspectiva, o Secretário da Segurança Pública da Guanabara entende que a violência da repressão policial poderá ser chamada apenas de severidade para com uma situação inaceitável. E seus métodos são a única maneira de enfrentar à altura uma provocação ilegal e atrevida.

Bala não resolve — Para entender o comportamento dos policiais, Jorge Sampaio, assessor de Relações Públicas da Secretaria da Segurança Pública da Guanabara, acrescenta outro dado: "A DOPS sabe muito bem que passeata não se dissolve a bala. Mas este tipo de movimento de rua é um fato relativamente novo que exige uma série de adaptações técnicas, materiais e psicológicas". Entende, por isso, que não se

pode deixar de levar em conta as condições emocionais do policial sem equipamento de proteção e instrumentos de controle adequados contra uma hostilidade que, freqüentemente parece ser de toda a população da cidade. "Em circunstâncias como esta", observa Jorge Sampaio, "o policial poderia temer pela própria vida, apesar de ser especializado em lidar, de cabeça fria, com agitações de massa." O modo enérgico com que os soldados agem em passeatas estudantis é explicado pelo Coronel Aldo Campanhã, subchefe do Estado Maior da Força Pública de São Paulo, através de um princípio da Física: "A toda ação corresponde uma reação igual e contrária". O comandante da Força Pública, Coronel do Exército Antonio Ferreira Marques, conta também que os soldados são treinados para não reagirem a provocações e são submetidos a testes psicotécnicos para efeito de promoção. E o Coronel Aldo acrescenta: "Em São Paulo, não sei se por uma questão de sorte ou de formação que damos aos soldados, até agora não ferimos nenhum estudante".

O ovo como exemplo — Todas as pessoas estão sujeitas desde o nascimento a reações de natureza violenta. Se segurarmos os braços e as pernas de uma criança recém-nascida, ela se debaterá, manifestando através do choro e do desespero suas reações, que podem chegar até a cólera. Washington Loyelo, neuropsiquiatra, ex-presidente do Centro Psiquiátrico Nacional, vai buscar exem-

plos para essa tese na própria Biologia: "É o caso do pinto que, quando o ovo amadurece, rompe a casca e se liberta para a vida, numa reação típica de violência". Para o Professor Loyelo, a polícia usa a violência contra os estudantes porque não conta com outros recursos hábeis para contê-los. Essa violência aparece nos momentos de transição, "em que uma estrutura social se mostra incapaz de atender aos anseios de um dos seus grupos". A juventude também se manifesta violentamente. Ela pode responder de forma violenta a uma violência inicial, o que para o Professor Loyelo é normal. Mas pode também ser a primeira a usar violência. Nesse caso, também é normal uma reação violenta da polícia. E os estudantes preferem a violência quando sentem que, "por meios pacíficos, não conseguirão o atendimento de seus desejos e reivindicações", certos ou errados.

O dilema do Governador — "Sempre que os estudantes brigam com a polícia, quem sai perdendo é o Governo", diz Luís Viana Filho, Governador da Bahia. "Se um estudante machuca um soldado, a posição do Governo torna-se frágil aos olhos da opinião pública. E, se um soldado bate ou fere um estudante, o Governo é chamado de opressor. Nessa guerra, um lado procura enfraquecer o outro." Quem parece compreender bem o dilema do Governador baiano é o escritor Jorge Amado, seu confrade na Academia Brasileira de Letras. "O Luís

Viana", diz Jorge Amado, "é boa pessoa, mas, no estado atual das coisas, o pior emprêgo que existe no Brasil é o de Governador de Estado." Mas a guerra existe, com a preocupação de se aperfeiçoarem os métodos de combate. Nas ruas da Guanabara, os estudantes descobrem a vantagem de caminhar na contramão e na hora do "rush": atrapalha a polícia e o trânsito. Um modelo tático que passou a ser imitado por todo o País. Mas aí a polícia simplesmente começou a interditar o trânsito para facilitar o trabalho da cavalaria que atacava em carga. Os estudantes, então, redescobrem o uso das rôlhas, tão velho quanto a polícia montada. Contudo, as rôlhas que fazem os cavalos escorregarem têm de ser lançadas de perto. E as bolinhas de gude começam a rolar pelo asfalto como substituto ideal. "As bolinhas de gude", dizia um líder estudantil, "servem também como pedras visando o cavaleiro." Um meio de evitar a luta corpo a corpo, vantajosa para a polícia com cassetetes e bombas de gás. "Evitando êsse tipo de combate", dizia o mesmo líder "resta à polícia as armas de fogo." Foi o que aconteceu nas ruas do Rio, no campus da Universidade de Brasília e outra vez no Rio, na Praia Vermelha.

Tempo de guerra — Os incidentes na Universidade de Brasília tiveram amplas repercussões: um estudante foi ferido gravemente e alguns deputados sofreram agressões e violências quando foram em socorro dos estudantes. Logo depois, professores, alunos e funcionários da Universidade divulgavam um manifesto falando "em operação militar lembrando um país em guerra". Na Escola Superior de Guerra, o Ministro Tarso Dutra, da Educação, declarava que "houve imprudência das autoridades policiais de Brasília". E o próprio Presidente Costa e Silva expressava o desejo de que essa "guerra" iniciada com a morte de Edson Luís tivesse um fim.

Difícil de explicar — Numa sala aconchada, com uma porta onde se lê "Coordenação", um americano olha para a poltrona de onde acaba de levantar-se Paulo Speller. É o Professor Robert B. Erryman, coordenador do Curso de Psicologia. Em termos de crise estudantil não se assustou com o que viu. "Quando começar o período de aulas, agora em Colúmbia será muito pior", diz êle. A voz pausada, o sotaque bastante acentuado, ainda comenta: "Essa questão de comportamento humano ainda não é uma ciência exata. Nem mesmo Freud é capaz de explicar por que os estudantes aumentam sua agressividade em relação à polícia. Em Colúmbia há quem atribua à comunicação de massa a responsabilidade por tudo isso que está acontecendo".

O CONTINENTE DE FREI

Para o Presidente do Chile, a América não deve ter fronteiras: mas ela tem.

LUÍZ HUMBERTO



Os assuntos discutidos: comércio, integração e talvez Arturo Onganía.

Da cidade de Santiago do Chile, apertada entre o Pacífico e os Andes, a Brasília, no planalto central brasileiro, o Boeing que trouxe o Presidente Eduardo Frei Montalva ao Brasil, na semana passada, sobrevoou o Norte da Argentina a 1 000 quilômetros por hora. Com a mesma velocidade, segundo os comunicados oficiais chilenos, os presidentes do Chile e do Brasil passaram sobre os problemas de fronteira que opõem Santiago a Buenos Aires, e que tinham sido apontados como o motivo principal — e secreto — da visita de Frei. No continente sul-americano, onde a história das guerras segue de perto a linha das fronteiras, a distância geográfica antes aproxima os presidentes do que os afasta; e o apêto de mão trocado entre Eduardo Frei e Arthur da Costa e Silva, ao cair da tarde chuvosa da última quarta-feira, em Brasília, marcou o início de uma visita dedicada sobretudo à discussão de assuntos pacíficos e de interesse comum: o comércio entre os dois países, a questão do cobre chileno e a integração política e econômica do continente.

É possível, no entanto, que os dois presidentes também tenham falado de fronteiras. Mais precisamente, das que dividem Chile e Argentina, onde já ocorreram 65 acidentes e onde o 66.º pode acontecer a qualquer momento. Em Buenos Aires, parte da imprensa, desprezando os desmentidos oficiais chile-

nos, afirmou claramente que a questão das fronteiras era o verdadeiro motivo da visita do Presidente Frei, em busca de apoio militar no Brasil.

Solidão do pólo — O ponto crítico da fronteira entre Argentina e Chile está no canal de Beagle, que une o Atlântico ao Pacífico, logo abaixo do estreito de Magalhães, no extremo sul do continente. Há 68 anos, os presidentes dos dois países assinaram um tratado de fronteiras — "Paz de Los Estrechos" —, mas ainda hoje se discutem seus limites nesse emaranhado de ilhas que avançam para a solidão do pólo. Centro de referência para a divisão da Terra do Fogo, ao norte — com seus poços de petróleo —, e as terras da Antártida, ao sul — com suas possíveis minas de urânio —, o canal de Beagle tem sobretudo um valor estratégico.

O Brasil, por seu lado, tem no aproveitamento hidrelétrico do rio Paraná uma nova dificuldade de entendimentos com a Argentina. Não se sabe se êsses assuntos foram oficialmente tratados em nível presidencial. Mas, entre o consome de tartaruga e o bobó de camarão servidos para Frei nos salões do Itamarati, no Rio de Janeiro, a conversa entre os presidentes voltou-se naturalmente para o General Arturo Onganía, Presidente da Argentina, que ainda há poucos dias alterou os principais comandos militares de seu país, numa manobra con-

Nós já entregamos 2.734 carros "0" km em apenas 16 meses.

Começamos em São Paulo e hoje já temos filiais em Pôrto Alegre, Curitiba e Rio.*

Recife vem a seguir. Logo, logo, outras filiais serão inauguradas.

Temos vários planos, sem entrada, sem juros, sem reajuste de preço a partir da entrega.

E oferecemos todos os veículos das linhas Ford e Willys, inclusive o Ford Corcel.

Veja como nós - o Consórcio Nacional - crescemos mês a mês:

Em agosto de 67 já entregávamos 115 carros por mês.

Em janeiro de 68 entregamos 175.

E em abril atingimos 228 carros por mês.

Nêste mês, setembro, entregaremos mais de 350.

Até dezembro, nós - o Consórcio Nacional - entregaremos mais 2.000 carros, ainda que você continue querendo andar a pé. Caso contrário, procure já um Revendedor Ford ou Willys.

*Nossos endereços:

São Paulo - Rua Amaral Gurgel, 560 • Rio de Janeiro - Av. Brasil, 2.198 • Curitiba - Rua Barão do Cêro Azul, 185
Pôrto Alegre - Av. Oswaldo Aranha, 1.000 • Recife - Av. Quatro de Outubro, 217 (em instalação)

Quem acha que as ruas de São Paulo estão ficando iluminadas demais, desculpe.

Ruas, avenidas e praças estão ficando claras como o dia. A Capital está ficando mais bonita. Aumenta a segurança para a população. Melhora o escoamento do tráfego noturno. E tudo isto em ritmo Faria Lima: da noite para o dia, onde não havia luz, passa a haver, e onde havia iluminação precária, há iluminação 1968. Avenida 9 de Julho, Av. Rebouças, Rua da Consolação, Av. Rubem Berta, Av. Celso Garcia, Av. Rangel Pestana, Avenida Dr. Arnaldo, Avenida Mazzini, Estrada das Lágrimas e muitíssimas outras. E a Peterco, que vem fornecendo o material de iluminação



para esta reforma, leva duas glórias: a de contribuir com material moderno, da mais alta qualidade, e a de acompanhar o dinamismo com que o Prefeito Faria Lima está realizando esta reforma. Aviso aos prefeitos de outras cidades: a Peterco não tem contrato

de exclusividade com a Prefeitura de São Paulo e pode ajudar qualquer cidade a obter uma iluminação pública moderna.



Peterco
COM. E IND. DE ELETRICIDADE LTDA.

siderada por muitos entendidos como um verdadeiro golpe de estado silencioso em favor da linha dura nas relações internacionais.

Nova proposta — Mas, dentro do campo comercial, há muito que discutir entre Chile e Brasil, durante os sete dias da visita de Frei. Depois que os dois países ajustaram seus pontos de vista no setor diplomático, rejeitando a criação de uma "Fôrça de Paz" permanente para a América Latina e firmando posição idêntica na defesa da pesquisa nuclear independente, devem agora rever suas relações comerciais, que andam num nível baixo, e conciliar inteiramente suas opiniões sobre o mercado comum latino-americano — a ALALC. Em 1967, o Brasil exportou para o Chile 23 milhões de dólares e importou mercadorias (sobretudo cobre) no valor de 14 milhões. O Presidente Frei, que pretende duplicar o valor desse comércio, trouxe uma nova proposta de venda de cobre a longo prazo com preços fixos e quantidades crescentes. Apesar de toda a boa vontade, no entanto, a realização desse negócio é problemática: acredita-se que o preço do cobre apresenta nova tendência para a queda a curto prazo, agora que cessaram os efeitos da greve dos mineiros americanos e aumentaram as esperanças de paz no Vietnã, onde o produto é consumido em grande escala. Mas a tendência geral é de que o Brasil eleve suas compras no mercado chileno, voltando pelo menos ao nível de 1963 (quando chegou a importar 21 milhões de dólares).

Grupo andino — O Chile traz, igualmente, uma proposta de venda de cinquenta barcos pesqueiros, do tipo que levou o país, em poucos anos, do 50.º ao 7.º lugar na produção pesqueira mundial, e um pedido para que se diminua a taxa alfandegária (100%) que pesa sobre as importações de vinho chileno. O Brasil pretende aumentar suas vendas de chá e máquinas de escrever. Dentro da ALALC, Brasil e Chile vão tentar um entendimento definitivo em torno da questão do grupo andino. A criação desse grupo econômico sub-regional dentro da América Latina (liderado pelo Chile e englobando Peru, Venezuela, Colômbia, Equador e Bolívia) provocou reservas do lado brasileiro e hostilidade aberta do lado argentino. A fôrça representada por um bloco de seis países preocupa Brasil e Argentina, acostumados às vantagens e à comodidade de comerciar isoladamente com cada um deles.

Mas o Presidente Frei, que conseguiu criar o grupo andino, conseguirá provavelmente vê-lo aceito. Aos 57 anos, não será essa a primeira nem a maior dificuldade que já venceu.

Dimensões do nariz — Eduardo Frei Montalva, vencedor da coligação de socialistas e comunistas de Salvador Allende nas eleições presidenciais de 4 de setembro de 1964, é o primeiro Chefe de Estado democrata-cristão das Américas. Teve uma formação de jurista e sociólogo, é autor de vários livros sobre política e excelente conhecedor de artes. Como homem, conheceu a infância tranqüila de filho de um imigrante alemão de classe média, cedo transformada, pela morte do pai, na juventude severa de quem trabalha para sustentar os estudos. Hoje, casado e pai de sete filhos, conserva no rosto magro uma velha expressão de energia, temperada muitas vezes pelo mesmo riso largo e aberto com que declarou certa vez a um repórter boliviano: "A maior semelhança política entre mim e o General De Gaulle está nas dimensões do nariz". Frei apareceu na política ainda nos tempos de faculdade, dentro dos meios católicos do velho Partido Conservador — mas, embora continuasse católico pela vida toda, nunca se portou como conservador. Logo ele passou a militar na democracia-cristã — que somente em 1957 iria transformar-se em partido político oficial no Chile — e foi como democrata-cristão que Frei chegou, aos trinta anos, ao cargo de Ministro de Obras Públicas. Enquanto a democracia-cristã presidia na Europa a reconstrução da Itália e da Alemanha, no Chile as idéias de Frei — duas vezes senador e líder do PDC no país — cresceram, chegando a conquistar, no Parlamento, 82 dos 147 deputados e um terço dos 145 senadores. Dentro da normalidade democrática do Chile, quebrada apenas duas vezes em 125 anos, e onde o próprio Partido Comunista é contrário à violência, Frei chegou às eleições de 1964 como o principal líder popular do país.

Organizar o futuro — Quase quatro anos depois de iniciado seu mandato, Eduardo Frei fez um balanço de seu Governo, que um observador de Santiago resumiu como sendo uma atitude de otimismo em relação ao passado, de restrições em relação ao presente e de desejo de reformas em relação ao futuro. As principais metas do Governo eram a nacionalização parcial do cobre, a reforma agrária e a melhoria da educação. Das três, o êxito mais espetacular foi o da nacionalização do cobre, verdadeiro milagre político feito pelo Governo através da compra de ações em troca da redução de impostos pagos pelas companhias, dentro de um esquema que satisfizes ambas as partes. A melhoria do sistema de educação fez com que a frequência à escola primária atingisse 98%, o que, mesmo no Chile, onde a tradição educacional é antiga, é um índice excelente. Já a reforma agrária,

peio menos a curto prazo, teve sucesso apenas parcial, pois a produtividade dos campos não aumentou; e o programa de industrialização, apesar do enorme progresso do setor petroquímico, apresentou um crescimento, nos primeiros seis meses deste ano, de apenas 1,9%. Os piores problemas de Frei e do Chile, atualmente, são a seca e a inflação. Uma seca como não havia há cem anos e que quase deixou Santiago às escuras, e uma inflação que subiu a 20% em 1967 e a mais de 22% até julho deste ano. Eduardo Frei, entretanto, procura manter os olhos voltados para o futuro: ele pede novas reformas dentro do país e da América Latina. "Salvar o passado", disse Frei, "é inútil e impossível: os homens devem pensar, apenas, na maneira de organizar o futuro."

GUINALDO NIKOLAYEWKY



Metalúrgico Cirilo: greve em Cocais.

SALÁRIO E SONHO

Para Passarinho, crise em acôrdo salarial é só miragem da oposição

"Agosto virou setembro", diz, no Congresso, Hermano Alves, gordo repórter carioca de 40 anos, deputado do MDB, a explicar, sorrindo: "Greves trarão a crise adiada um mês". O arenista gaúcho Clóvis Stenzel, sociólogo da Universidade de Brasília, afirma no salão de café da Câmara: "A crise virá, mas o homem a tudo se adapta". Num oitavo andar da Esplanada dos Ministérios, uma garantia: "Greve ilegal não é crise e a renovação de acôrdos salariais não terá crises". É o que diz um coronel de terno cinzento, Jarbas Passarinho, senador da ARENA e ex-Governador do Pará, em seu gabinete de Ministro do Trabalho. E pergunta: "Por que crise, se pela pri-

No meio
econômico
de São Paulo,
atividade
produtiva lembra
logo Banco
do Estado.

Não é à toa. Em 1967, o BANCO DO ESTADO aplicou NCr\$ 1.607.889.000,00 (um bilhão, seiscentos e sete milhões, oitocentos e oitenta e nove mil cruzeiros novos) de seus depósitos na lavoura, pecuária, comércio e indústria e obras públicas. E em 11 meses de trabalho, nesta administração, conseguimos dobrar nossos depósitos - o mais alto índice de crescimento de depósitos do País. É justo explicar porque. Temos um plano de expansão de serviços e recursos para poder cumprir ainda melhor nossas tarefas: apoiar atividades produtivas em todos os setores e ajudar a acelerar obras que interessam a todos. Aliás, nossa maior finalidade é esta mesmo: sermos úteis a todos. Ficou claro agora porque BANCO DO ESTADO e atividades produtivas são tão ligados?

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S.A.



PLANO DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

FOTOS DE CLODOMIR BEZERRA

**Arrendatário Lins: ameaçou mesmo?**

meira vez em quatro anos os salários aumentam mais do que o custo de vida, com o abono de 10 por cento no início do ano e com a correção do cálculo do aumento quando a inflação supera o previsto?" Para o Ministro, a questão é simples: vai permitir greves legais e impedir as ilegais.

Sino, cigarro — A empresários e trabalhadores reunidos em Belo Horizonte o Ministro havia dito que dá razão a quem tem: "Ouço os dois campanários". Sinos da matriz de Barão de Cocais, 8 mil habitantes, a 95 quilômetros dali, convocam assembléias diárias de oitocentos operários da Companhia Brasileira de Usinas Metalúrgicas — 14 000 toneladas de aço em 1967 — em crise desde 1965. Passarinho apoiará, se houver, a greve para cumprir o acordo de julho, 17% de aumento; mas o gerente da Companhia diz que não há meios. "Só fumamos cigarro de palha, mais barato; não podemos pagar feijão com salário atrasado", afirma o presidente do Sindicato, Henrique Cirilo. Tem idade e família — 44 anos, oito filhos — iguais à média dos operários, cem deles com trinta anos de firma, como Cirilo. "Subversivo aqui é o patrão", diz o vigário Geraldo Magela, sessenta anos, dezoito presidindo o Metalusina, time da primeira divisão que, como a cidade, vivia em função da fábrica e morreu na crise.

Fantasma, não — "A lei prevê federações estaduais de sindicatos; federação nacional é fantasma", disse no fim da semana Jarbas Passarinho, em Brasília, ao decretar intervenção no Sindicato dos Petroleiros-Refinadores de Mataripe, logo cumprida pela Polícia Militar baiana. O Ministro acusou Marivaldo Caldas, 28 anos, de ter tirado NCr\$ 3 000 do Sindicato para tomar posse em Salvador como presidente da Federação Nacional dos Petroleiros, não reconhecida, que pede 36% de aumento para os 40 mil refinadores e operários em extração

**Padre Melo: "Só morro no meu dia."**

da Petrobrás em todo o País. Em Candeias, na Bahia, e Duque de Caxias, no Estado do Rio, a Federação promoveu boicote aos refeitórios da Petrobrás e anunciava "greve legal ou ilegal" pelo aumento. O presidente do Sindicato dos Petroleiros-Refinadores da Guanabara, Lourival Coutinho, que faz campanha por 49% de aumento e espera índice oficial de 30%, afirma, sem confirmação do Governo, que ele foi quem denunciou o desvio de Caldas. Passarinho diz: "Não sou Ministro de pelego ou de patrão. Sou Ministro de Estado, cumpro a lei que não pode ser contestada e proíbe federação nacional".

Zabumba, revólver — "O Governo é moderador entre patrão e empregado e faz pressão para cumprir a lei. A pressão é contra o forte, no Brasil o patrão, e não contra o fraco, no Brasil o empregado", afirma o Ministro em Brasília. Por isso apoiará a greve dos lavradores do Cabo, perto do Recife, a começar antes da moagem da cana, dia 15 próximo, por descanso semanal, férias e 13.º salário. O delegado do Trabalho em Pernambuco diz que intervirá no Sindicato, "se romper as negociações antes do prazo legal", embora aprove as reivindicações, "que são de lei, burlada por patrões que exigem tarefa de 18 braças (perto de 40 metros de terreno) por dia, quando ninguém agüenta mais de 10 braças (pouco mais de 20 metros)". Não cumprindo a tarefa, o trabalhador perde domingo, férias e 13.º salário. O presidente do Sindicato, João Luís Silva, 24 anos, conta que o arrendatário do Engenho do Monte, Rinaldo Lins, ao mostrar-lhe um revólver numa discussão na Delegacia do Trabalho, ameaçou "apagá-lo do pasto". Também se diz ameaçado de morte por Lins, a quem mandou lista "com horas e lugares em que estarei este mês", o Padre Melo, nomeado vigário do Cabo por Dom Helder em agosto. Ele foi empossado na semana passada, com centenas de cam-

**Lavrador João Luís: greve no Cabo.**

poneses dançando côco e zabumba e levando-lhe de presente fôlhas de canela, perus e "o maior pé de couve que já se viu no Nordeste". O Padre Melo apóia a greve, mas o Padre Crespo, da Federação dos Trabalhadores Cristãos, também ligado a Dom Helder, é contra: "Essa greve é um conchavo, só pede o que a lei já dá". Dos 4 mil lavradores do Cabo, 3 mil são sindicalizados; os outros, na maioria, são pequenos proprietários, como o presidente do Sindicato, dono de 10 hectares em que trabalham seus cinco irmãos. Ele garante: "A greve virá, legal ou ilegal".

Defesa de Passarinho — À espera de "ser acusado por certos jornais de fomentar inflação com a correção salarial", Passarinho critica "a minoria sindical que se aproveita das dificuldades de alguns trabalhadores com a inflação". Exemplo do Ministro: o presidente do Sindicato dos Bancários da Guanabara, Nei Pimenta, que pede 35% sobre o salário atual para seus 50 mil liderados; os banqueiros propõem, sobre o salário de um ano atrás, 2% além do índice oficial e já adiantaram 27%, na suposição de que o Departamento Nacional de Salário recomende 25%. Em Minas, o presidente dos 16 mil bancários sugere 32%; os banqueiros, 27%. O Coronel Passarinho não se opõe à idéia dos banqueiros de pagarem acima do índice oficial, o que seria impossível no Governo Castelo Branco. "Podem dar qualquer aumento", afirma, "tirando dos lucros sem aumentar preços, aos quais as empresas só podem acrescentar os custos previstos pelo índice oficial do custo de vida, cientificamente estabelecido pela Fundação Getúlio Vargas."

Solução final — O Ministro do Trabalho espera que ainda este ano o Presidente Costa e Silva transforme em projeto de lei o salário móvel proposto pelo Ministério do Trabalho. Explica Passarinho: "Se num mês a inflação fôr de 8%, nesse

mês o salário aumenta 8%. Se a inflação fôr 2% ao mês, o salário aumenta 8% no quarto mês. As empresas serão isentas de até 25% do imposto de renda, se pagarem a mesma quantia como aumento salarial sem aumento de preços". Passarinho, ainda depois da posse no Ministério, criticava a política salarial do Governo passado, embora sempre tenha apoiado "o combate à inflação, sem o qual não há progresso". Certo de que as correções que propôs à política anterior — abono de 10% em 1968 e o salário móvel em 1969 — defendem o trabalhador, o Ministro também tem certeza de que, com a proteção à greve legal, a previsão de Hermano Alves — crise na revisão dos acordos de bancários de Minas e Rio e de petroleiros, em setembro, e nas grandes categorias paulistas, em outubro e novembro — seria apenas um sonho de oposicionista.

LACERDA

Uma velha entrevista nos EUA obriga CL a falar outra vez

Uma entrevista feita com Carlos Lacerda em outubro do ano passado num dos mais importantes programas políticos americanos — o "Linha de Fogo" do Canal 9, em Nova York — foi para o ar no domingo retrasado, dia 1.º deste mês. E, logo na terça-feira, os jornais disseram que Lacerda era favorável à invasão de Cuba, informados por um telegrama da UPI que citava a entrevista da televisão. "Isso não tem nada a ver com a situação atual", respondeu Lacerda. E escreveu à direção da UPI pedindo que divulgassem a data em que a entrevista foi dada. A propósito dessa notícia mal colocada surgiram comentários dizendo que Lacerda havia rompido o silêncio que mantém há algum tempo. "Quando tiver que falar, falarei", diz êle. "Isso não autoriza ninguém a falar por mim; nem 'fontes bem informadas', nem 'porta-voz autorizado', nem os tais 'círculos lacerdistas'. Nesse ponto sou quadrado." Na entrevista, há quase um ano, Lacerda disse a seu entrevistador, William Buckley, que "Johnson fez bem em apoiar a queda de Goulart, mas fez mal em apoiar o que veio depois, um governo militar, submisso a Washington e impopular no Brasil"; que, "quando os EUA convocaram tropas brasileiras para ajudá-los a impedir que os comunistas tomassem o poder em São Domingos, deviam pedir também que apoiássemos uma ação militar para derrubar Papa Doc, o Presidente do Haiti. E a coisa seria muito fácil, porque os dois países ficam na mesma ilha". O entrevistador aproveitou: Seria justo então invadir Cuba? "Logo que Fidel tomou o poder, sim. Havia possibilida-

des. Agora não há." Um estudante perguntou do auditório: "O senhor acredita que o Pentágono e a CIA ajudaram a derrubar Goulart?" "Falou-se muito nisso, mas não tenho provas", respondeu Lacerda. Buckley perguntou: "O senhor quer ser Presidente do Brasil?" E Lacerda foi rápido: "Dizem que quero e não nego".

PADRE HOSANÁ

Onze anos depois, está solto o matador do bispo de Garanhuns

O Padre Hosaná celebrou missa em sua cela de 4 por 3 metros, no quartel do Corpo de Bombeiros, no Recife, como fazia diariamente. Três horas depois, o sobretudo cinzento cobrindo a velha ba-

CLODOMIR BEZERRA



Hosaná: o silêncio escrito em latim.

tina branca, o chapéu preto que os sacerdotes usavam antigamente e um radinho de pilha nas mãos, deixou o prédio do Conselho Penitenciário do Estado, onde fôra assinar os termos de sua liberdade condicional "por bom comportamento". Distribuiu papêzinhos com a frase latina "Etiam nunc tacendum est mihi", que êle, com um sorriso discreto, traduzia: "Mesmo agora tenho de calar-me". Quinta-feira, após onze anos, dois meses e dois dias de prisão — fôra condenado a dezenove — o Padre Hosaná de Siqueira e Silva era um homem livre. Na noite de 1.º de julho de 1957, no salão do palácio episcopal de Garanhuns (cidade a 246 quilômetros do Recife), êle matou o bispo Dom Expedito Lopes com dois tiros no tórax e um no braço.

Um sacristão com medo — O crime comoveu o povo de Pernambuco. Dom Expedito era bispo de Garanhuns desde 1955 e vivia reprimendo o comporta-

mento de Hosaná, vigário de Quipapá, cidadezinha próxima. O bispo recebia recados de que Hosaná vivia na casa paroquial com uma moça que dizia ser sua sobrinha e "fazia programas estranhos" quando saía de carro pelo interior. Não tolerando mais o que chamava de perseguição de Dom Expedito, o Padre Hosaná matou-o. Êle e seus amigos dizem que tudo foi provocado pelas intrigas do sacristão Luís Gonzaga de Oliveira, que hoje, com 72 anos e quase surdo, passa o dia todo trancado em sua casa de Quipapá, com medo — comentam na cidade — de uma vingança. Mas o Padre Hosaná anda com outras preocupações: anular seu processo de excomunhão, no Vaticano, criar gado na fazenda Nossa Senhora Aparecida e publicar o seu diário do cárcere.

UNIVERSIDADE

O projeto de reforma universitária já começa a sofrer reformas

As conclusões do Grupo de Trabalho da reforma universitária deveriam seguir, se obedecessem ao caminho traçado inicialmente, para o exame dos Ministros da Fazenda e do Planejamento. Mas o Ministro Tarso Dutra, da Educação, conseguiu convencer o Presidente Costa e Silva a mudar êsse trajeto: elas foram antes parar na mesa de reuniões do Conselho Federal de Educação. Tarso Dutra sabia que alguns conselheiros vinham criticando o Governo, descontentes com a nomeação de um Grupo de Trabalho para fazer a reforma. Mas não se esperava que fôsse tão longe a reação dos 24 conselheiros, todos êles nomeados pelo Presidente da República: o Professor Deolindo Couto, 66 anos, renunciou à presidência do Conselho, que ocupava há seis anos, alegando falta de tempo e prejuízos em sua clínica particular de neurologia. E os conselheiros emendaram o projeto em 120 pontos. Nos entendimentos para a escolha do novo presidente, outro motivo de divergência: o Governo queria para o lugar o economista João Paulo dos Reis Veloso, 35 anos, secretário-geral do Ministério do Planejamento e coordenador do Grupo de Trabalho da reforma. Os conselheiros apoiavam a candidatura do Reitor Moniz de Aragão, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. No impasse, a eleição foi adiada.

Alguns conselheiros afirmam, no entanto, que o Conselho não se sentiu desprestigiado: o Professor Deolindo Couto segundo êles, demitiu-se por ter sido nomeado para o Conselho Federal de Cultura. Alegam também que as emendas não modificam partes importantes do projeto, "todo êle muito bom", mas apenas nas questões de gramática e redação

Sempre cabe mais um quando se usa Rexona.



É o mais nôvo sabonete-desodorante.



E o mais eficaz também!
Porque Rexona tem um elemento
desodorante realmente ativo.
Protege contra a transpiração
muito melhor que qualquer outro
sabonete-desodorante.
Use-o... Rexona tem o perfume
mais insinuante deste mundo...
Você vai gostar de usá-lo.
E em todo lugar, haverá
lugar e sorrisos para você.

nova realidade brasileira:

**Antes, para quem
vivia de salário,
era quase impossível
comprar casa. Hoje,
com a Paes de Barros esse
problema deixou de existir.**



A Paes de Barros deu um extraordinário impulso ao Plano Nacional da Habitação (2.700 moradias financiadas em 8 meses; entrega das chaves de alguns dos mais

importantes empreendimentos imobiliários de São Paulo) criando novas possibilidades para muitos, sempre para mais. Você pode se orgulhar dessa organização.



PAES DE BARROS S.A.

RUA ARAÚJO, 216 - 2.ª SOBRELÓJA - TELS. 34-2793 - 34-0484
LOJA DE IMÓVEIS: AV. HIGIENÓPOLIS, 195 - TELS. 51-5331 - 51-6598
SÃO PAULO

FOTOS DE AMILTON VIEIRA



Patos (PB): nos caminhões se compram 1 500 latas de água em cada viagem.

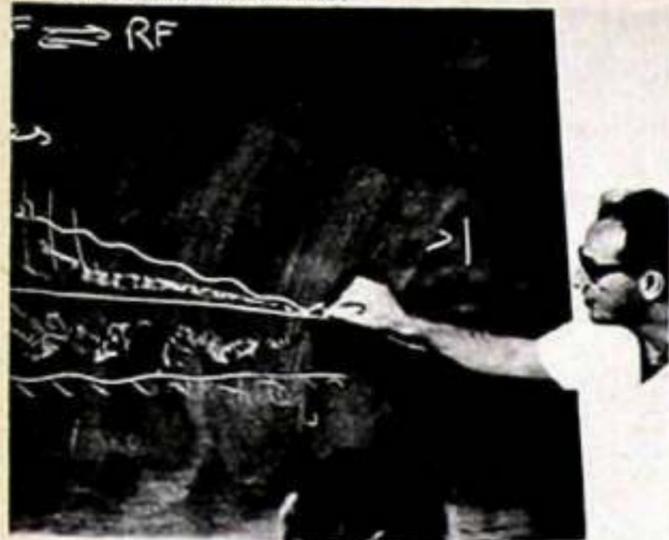
NORDESTE ESCONDE SUA ÁGUA



Nas cidades e no sertão, a água é vendida a 4 centavos a lata. Mas sob o Nordeste correm dois grandes rios, entre 50 e 350 metros de profundidade.

As novas esperanças do Nordeste estão sepultadas, algumas há milhões de anos, outras há séculos, outras desde a última chuva. São as águas subterrâneas, que, trazidas à superfície, vão transformar a seca numa lembrança. Para descobrir onde está essa água, a Sudene chamou técnicos israelenses, Joel Gat, Emanuel Mazor e Abraham Mercado, que andaram pelo Nordeste durante três semanas. Para saber se pode usar essa água escondida sob a terra seca, a Sudene mandou amostras colhidas pelos israelenses a laboratórios em Israel, França e Áustria. Dos 15 bilhões de metros cúbicos anuais de chuva no Nordeste, 90 por cento se evaporam sob o sol forte do verão, 9 por cento enchem no inverno os leitos dos rios e riachos e se escoam no mar. Um por cento se infiltra na terra — estas águas são as novas esperanças do Nordeste.

FOTOS DE CLDOMIR BEZERRA



Cálculo: onde se ocultam as águas?

Não era petróleo — A água subterrânea sempre foi usada no Nordeste, sem método, através de um ou outro poço raso, de capacidade pequena. Seu uso intensivo começou no ano passado, em Mossoró, no Rio Grande do Norte, quando uma sonda da Petrobrás achou um lençol de água. Os 100 mil habitantes da "cidade mais seca do Brasil" hoje a chamam "a cidade com a água mais quente do mundo": a do lençol chega às torneiras a 53 graus. E basta para a cidade durante dez anos. Mas, das 16 mil casas de Mossoró, apenas 2 mil a recebem por enquanto; as outras ainda não têm encanamentos da Companhia de Águas e Esgotos do Nordeste, subsidiária da Sudene. A maior parte da população, assim, ainda depende, como há meio século, da água barrenta do rio Mossoró ou da pouca água de chuva guardada em cisternas. Nas casas onde há encanamento a água é cara, mas pura. Quem bebe água do rio Mossoró entra numa lista em tinta vermelha do Departamento Nacional de Endemias Rurais como portador de ameba, uma das causas da mortalidade infantil no Nordeste. Nessa lista estão 80 por cento das crianças de Mossoró.

Ouro do Império — "Enquanto houver ouro no Império, nenhum nordestino morrerá de sede", disse Dom Pedro II, durante a construção do primeiro grande



Cidade de Mossoró: água quente, pura.

açude do Ceará, no Cedro, na seca de 1877. Noventa anos depois, em 245 açudes pequenos, médios e grandes, o Nordeste guarda 11 bilhões de metros cúbicos de água, que poderiam irrigar 150 000 hectares de terras, ou 1 500 quilômetros quadrados. Mas o Departamento Nacional de Obras contra as Secas, antes da fundação da Sudene em 1959, preocupava-se mais com obras grandiosas, que dessem empregos e salários aos milhares de trabalhadores desempregados durante as secas. Assim, o planejamento foi deixado de lado e, até hoje, os canais de irrigação só beneficiam 11 000 hectares. Mais de um décimo da água dos açudes não é usado; os caboclos chamam os açudes de "piscinas do sertão", de onde só se aproveita o peixe. O IV Plano Diretor da Sudene prevê a aplicação, até 1973, de 421 milhões de cruzeiros novos em dez projetos de irrigação em Pernambuco, Bahia, Ceará, Sergipe e Alagoas, mais um projeto do DNOCS em Jacurici, na Bahia. Com tudo isso, daqui a cinco anos o Nordeste estará irrigando apenas 115 000 dos 150 000 hectares que poderia cultivar já hoje, com a água que tem, sem medo da seca.

Céu e mar — "Mesmo que toda essa água pudesse ser aproveitada agora", afirma um técnico da Sudene, "o Nordeste continuaria com baixa renda per capita no campo, com preços instáveis e níveis submínimos de alimentação". Por isso o Nordeste continua procurando mais água. Alguns a procuram no céu, como o catedrático de Bioquímica e diretor do Instituto de Meteorologia da Universidade do Ceará, o médico João Ramos da Costa. Outros a procuram no mar, como o professor de Geografia Nelson de Oliveira, do Colégio da Bahia. Diz o Professor Costa: "Nuvens negras, que no Sul indicariam chuva certa dentro de poucos minutos, no Nordeste só passam. Nelas há instabilidade entre os cristais sólidos, as gotículas líquidas e o vapor gasoso". Ao bombardear esses "sistemas instáveis" com gelo seco ou sal de cozinha, o Professor Costa tem conseguido fazer chover. Para o Professor Oliveira, a solução é abrir largos e longos canais que tragam a água do mar para dentro da terra. "Há plantas que se dão bem junto à água salgada, como a banana", conclui o Professor Oliveira.

Terra e água — Mas a Sudene não acredita no céu e no mar e sim na terra. No sertão do Nordeste a terra é dura: são rochas cristalinas, em que a água não penetra. Mas nos leitos dos rios há rachas por onde a água, há milhões de anos, foi descendo até encontrar grandes espaços ociosos no meio das rochas e acumular-se em bolsões, a partir de 900 metros de profundidade. Sob as terras mais próximas do litoral e na Bacia po-

tiguar, por onde correm os rios do Rio Grande do Norte, há dois grandes rios subterrâneos, entre 50 e 350 metros de profundidade, num total de 200 bilhões de metros cúbicos de água. Nessa região a terra é sedimentar, mais mole, e a água de chuva se infiltra com facilidade: os dois rios subterrâneos recebem 165 milhões de metros cúbicos por ano, tanto quanto perdem ao escoar no mar. No sertão há menos água subterrânea e mais água salgada, mesmo na superfície, do que no litoral. No Curu, no Ceará, os canais de irrigação feitos na década de 30 sem análise da água tornaram a terra imprestável. "Até hoje, por causa da água salgada, não cresce um pé de couve", afirma o Secretário da Viação do



Rio Mossoró: água fresca, com ameba.

Ceará, Fernando Mota. Mas a água subterrânea do sertão que for julgada aproveitável será bem-vinda numa região em que até hoje a água é vendida em latas de querosene.

O preço da lata — Entre Mossoró, na área sedimentar, e Patos da Paraíba, na região cristalina, há 300 quilômetros de caatinga, rios secos, gado magro, alguns açudes, um habitante por quilômetro quadrado, algumas galinhas e alguns cachorros em torno das casas de adobe, crianças pálidas e barrigudas, muito sol, calor forte e pouca água. O Prefeito José Cavalcanti calcula que Patos tenha 60 mil habitantes; é a terceira cidade da Paraíba, depois de Campina



MÚSICA contagiantes CONTAGIANTES

com eletrofonos
PHILIPS



NG 1151
6 pilhas. Adaptável
à rede elétrica.

É a fidelidade de som que o exclusivo cabeçote de cerâmica proporciona: a sensação de que a própria orquestra está a seu lado. Os eletrofonos Philips são portáteis, leves e transistorizados.

PHILIPS 
melhor não há!

V. se sentirá envolvido pela magia da música contagiante dos eletrofonos Philips.



GF 151
Estereofônico de luxo.
110/220V. Semi-portátil.



GF 410
6 pilhas. Adaptável
à rede elétrica.



NG 1130
Estereofônico.
110/220V.
Cambiador automático.



NG 1153
Estereofônico. 110/220V.
Toca-discos
semi-automático.



Whisky

Como todos sabem, não se faz whisky sem água. O importante é seguir rigorosamente a secular regra escocesa: água para whisky tem que ser cristalina e de fonte rochosa. Por isso, fomos instalar nossa fábrica em Friburgo, único lugar

onde existe água igual à empregada pelos mais famosos "blends" escoceses. Ao comprar whisky engarrafado no País, verifique no rótulo o local e a região de processamento. Isto lhe dará a idéia exata da qualidade da água empregada.

Old Lumquar

o mais escocês dos nacionais

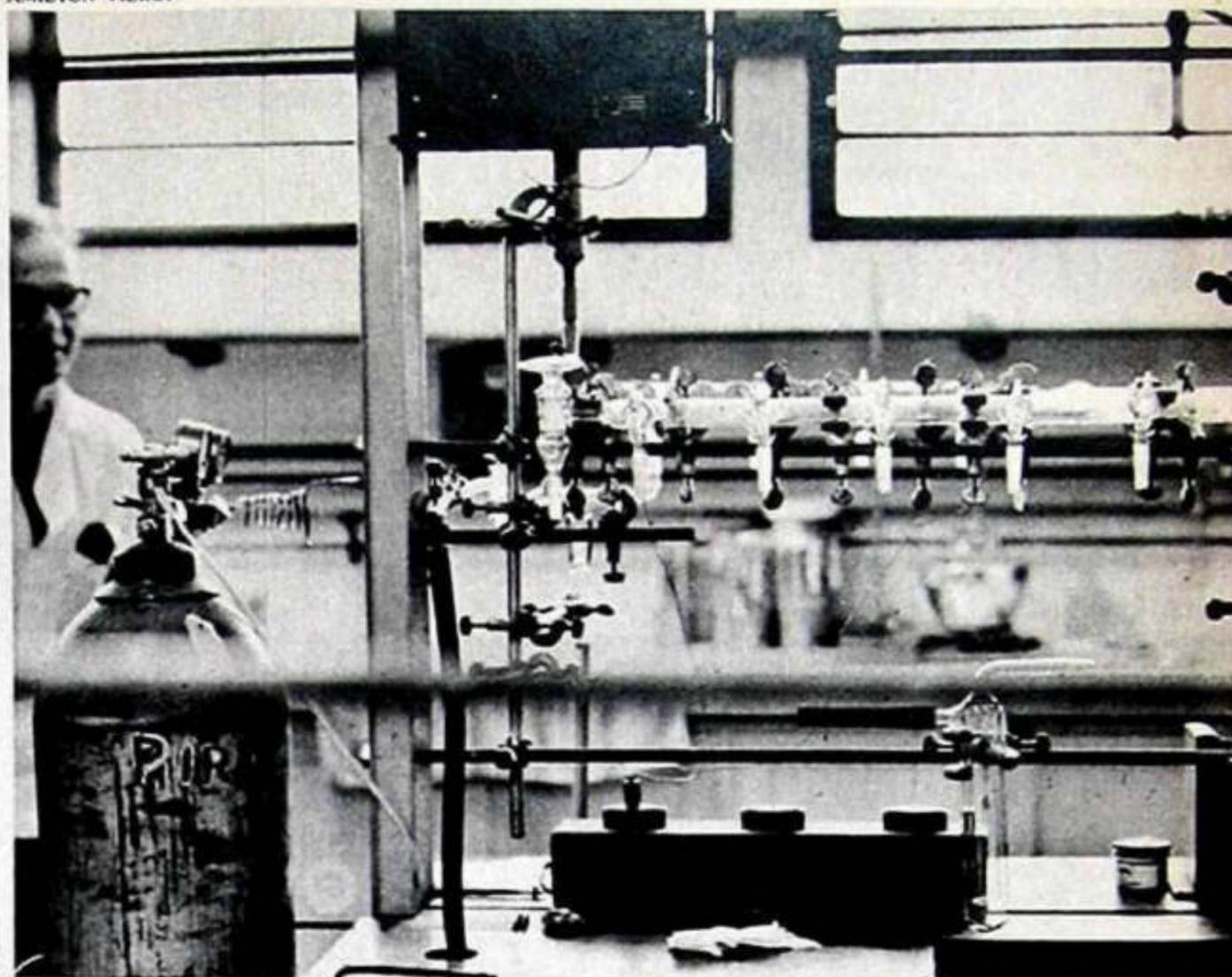
Finalizado sob supervisão de Lumquar Ltd., Glasgow, Scotland, por Latínia S/A (Nova Escócia) Friburgo

AMILTON VIEIRA

Como descobrir água com o radioisótopo

Para descobrir por onde correm as águas subterrâneas do Nordeste, os técnicos israelenses usaram radioisótopos, sem precisar cavar buracos nem abrir poços. Cada um dos 102 elementos químicos da natureza, como o oxigênio, o carbono, o ferro, são constituídos de átomos exatamente iguais uns aos outros: a característica do átomo é que determina o elemento. Nesses rebanhos de átomos iguais, porém, há algumas ovelhas negras: os isótopos, átomos iguais aos outros em tudo, apenas ligeiramente mais pesados, por terem mais nêutrons em seu interior. Alguns desses isótopos são radioisótopos, isto é, tornam-se radiativos ao receber uma carga de radiação suficientemente pequena para não causar nenhum mal ao homem e suficientemente grande para serem detectados por contadores Geiger, medidores de radiação. Injetando radioisótopos, seja no sangue dos doentes, nos lençóis de água ou nos minerais que alimentam plantas, é possível descobrir onde vão parar o sangue (numa obstrução circulatória), a água (acompanhada por técnicos que andam pela superfície com os contadores Geiger) e o mineral na planta (se nas folhas, no caule, etc.). O Brasil produz radioisótopos de fósforo e carbono; precisa de reatores nucleares para produzir radioisótopos de outros elementos.

Idade e sal — Os técnicos israelenses recomendaram, para determinar a idade das águas subterrâneas, além da técnica do carbono-14, que alcança até 30 mil anos, com margem de erro de cerca de um século, a técnica do trítio, que pode dar a idade exata da água de trinta anos para cá. A técnica do carbono-14 baseia-se em que toda matéria vai perdendo energia, através da radiação, desde que foi formada; assim, calculando-se a perda de energia, é possível determinar a época da formação da matéria. O trítio, elemento muito raro na natureza, tem sido liberado pelas explosões atômicas; se a água contiver trítio, é que provém de chuva posterior à bomba atômica. A água mais nova deve ter menos sal do que a mais velha e é mais fácil usá-la na agricultura. Outra técnica nuclear ajudará: a análise dos isótopos de hidrogênio e oxigênio que a compõem. Conforme a proporção entre isótopos e átomos em cada um dos dois elementos é possível esperar mais ou menos sal na água.



Laboratório de análise de água: se tiver muito sal, não serve para plantas

Grande e João Pessoa. Dois caminhões-tanques da Prefeitura, fazem o dia inteiro o trajeto caixas d'água — vilas, onde não há encanamento. Particulares compram água nos poços, enchem caminhões e revendem nos bairros. Cada caminhão serve de cada vez quinhentas pessoas, que têm direito a três latas de querosene cheias de água, a 4 centavos a lata. Quem não paga no fim da semana, não recebe mais água. A grande piscina do Hotel JK, construído em 1962, nunca tem água. Para enchê-la, toda uma vila da cidade, 5 ou 6 mil pessoas, ficaria sem água uma semana. Sob a região de Patos, como em todo o Nordeste, há mais água, como descobriram com radioisótopos os técnicos de Israel, que daqui a alguns meses entregarão à Sudene um relatório sobre sua localização e sobre os melhores métodos de arrancá-la do fundo da terra.

Água no Sul — Em Mossoró, Josias Ribeiro, com duas lojas de calçados e seis netas na sua casa com água encanada, cobra 10 centavos por lata de água que sobra de sua cota mensal. "Sempre ajuda para inteirar a taxa de 9 contos", explica. Na serra de Borborema, entre Patos e Campina Grande, Maria da Conceição, 45 anos e 40 quilos, anda todo dia 2 quilômetros com lata de água na cabeça, comprada na vila de Santa Luzia. Com seu marido, Raimundo, planta algodão nas encostas, a trôco de metade da colheita. Seu filho,

também Raimundo, atira de carabina nas aves que tentam beber água. Maria da Conceição, na casa de chão de terra batida, com uma máquina de costura velha e enferrujada, tem uma esperança: "O filho um dia cria coragem e, se Deus quiser, vai para o Sul, beber água boa".

O novo Nordeste — José Júlio Rosental, 35 anos, coordenador do Projeto de Aplicação de Radioisótopos na Indústria, da Comissão Nacional de Energia Nuclear, no Rio de Janeiro, foi um dos dez técnicos brasileiros que acompanharam os israelenses em 2 000 quilômetros de caatinga. E conta: "Homens vegetam, comendo farinha e cacto. São doentes corajosos e conformados. Mas a ciência trará mais água, mais irrigação, mais empregos". Com ele viajaram Enéias Salati, trinta anos, e Admar Cervellini, professores de Física da Escola Superior de Agricultura Luís de Queirós, em Piracicaba, São Paulo. Eles concordam: "Com esforço, dentro de cinco anos estaremos no mesmo pé de Israel, colhendo em terra seca há séculos". Outro acompanhante dos israelenses, o Professor Carlo Maestrini, do Instituto de Pesquisas Radiativas de Belo Horizonte, conclui: "O Brasil produz, em São Paulo e Minas, os radioisótopos de que o Nordeste precisa para achar sua água subterrânea. Os laboratórios em breve nos dirão como essa água precisa ser tratada para ficar boa".

RS: ELEIÇÕES

Na terra do Presidente é que a Arena encontra a maior oposição

O Governador Perachi Barcelos não tem mais fins de semana tranquilos em Pôrto Alegre. Está fazendo política no interior, a fim de garantir para a Arena a maioria dos prefeitos e vereadores que serão eleitos em 232 municípios gaúchos no dia 15 de novembro. Perachi Barcelos não é candidato a nada mas quer fazer seu sucessor e calçá-lo com boa base política: o Rio Grande do Sul, Estado natal de algumas das personalidades mais importantes do Governo, (o Presidente da República, os ministros Tarso Dutra e Mário Andreazza, o presidente da Arena Daniel Krieger) é também o reduto mais forte da oposição. Lá o MDB se apóia ainda na influência do PTB de Goulart e Brizolla e disputa palmo a palmo com a Arena o terreno político: na bancada federal são quinze contra quinze, na Assembléia a oposição ganha apertado de 28 a 27.

A luta igual — Como Perachi Barcelos, também outros políticos gaúchos vão para as eleições municipais de novembro já pensando nas de 1970: daqui a dois anos o Rio Grande vai eleger dois senadores, trinta deputados federais e o novo governador. É agora que os candidatos procuram formar sua base eleitoral e todos parecem jogar com as mesmas cartas: as sublegendas. Nas suas viagens pelo interior, Perachi Barcelos tem recomendado aos líderes da Arena que usem ao máximo o recurso das sublegendas. Suas razões são simples: o partido está dividido em forças que dificilmente poderão se unir em torno de um ou dois nomes. Havendo um candidato para cada corrente, o partido somará os votos. As sublegendas resolverão ainda outro problema da Arena gaúcha: ela tem nomes importantes em excesso. As duas vagas do Senado, por exemplo, atualmente ocupadas por Daniel Krieger e Mem de Sá, estão sendo muito dispu-



LUIS TRIMANO



Perachi, Tarso e Mem de Sá: o Governador já pensa no sucessor, o Ministro quer o Governo, o Senador pode ficar sem a cadeira de Brasília.

tadas. Além de Krieger, candidato certo, menciona-se como candidato o ex-Governador Ildo Meneghetti e Nestor Jost, presidente do Banco do Brasil.

Para uns e outros — “Nós também vamos usar ao máximo a sublegenda embora a consideremos uma imoralidade”, diz o presidente do Diretório Regional do MDB, Siegfried Heuser. Ele é candidato a Governador, mas está convencido de que só poderá sair vitorioso se o partido apresentar mais de um candidato — o MDB, ainda que mais unido que a Arena, tem também suas divisões. Existem os janguistas, os brizollistas e os indecisos, bloco composto por alguns remanescentes do Partido Libertador (muito forte no Sul) e por setores que no início apoiaram a Revolução de 1964 e depois foram afastando-se dela. Mariano Beck (deputado federal que já foi muito ligado a Brizolla) e Rui Cirne Lima (diretor da Faculdade de Direito e jurista de renome) seriam os candidatos de sustentação do MDB. Cirne Lima traria os votos dos indecisos.

A presença de Tarso — Apesar de ter força igual na Assembléia e na Câmara Federal, o MDB não tem grandes nomes para carregar votos em eleições majoritárias. Na luta pelo Governo do Estado terá pela frente, além do prestígio do atual Governador, a presença política marcante do Ministro da Educação

Tarso Dutra. Este já tentou duas vezes ser governador. Nas duas vezes Perachi Barcelos cortou-lhe o caminho: em 1958 conseguiu ser o preferido de uma coligação de partidos (PSD-UDN-PL-PDC) e em 1966 saiu vitorioso na convenção da Arena. Apesar disso Tarso Dutra é mais uma vez candidato a governador. O próprio Perachi Barcelos parece reconhecer que talvez tenha chegado a hora do atual ministro, pois não tenta obstruir sua candidatura pela Arena. O que o Governador pede é apenas uma sublegenda para o seu candidato, o chefe da Casa Civil, João Dentice: ele é bom articulador de campanhas políticas, mas um nome desconhecido pelo eleitorado. Apesar de Tarso Dutra e de não ter ainda um nome forte para o Senado (os líderes do trabalhismo foram cassados e os novos ainda não firmaram prestígio) o MDB pretende aumentar aos poucos a sua força no Sul elegendo prefeitos e vereadores. Nos 22 municípios gaúchos considerados área de segurança nacional (os prefeitos são nomeados) o MDB espera conseguir ampla maioria nas câmaras municipais. Em Pôrto Alegre, onde o prefeito será indicado pelo Governador e referendado pela Assembléia Legislativa, a oposição prepara a armadilha para o Governador: Perachi Barcelos terá de indicar um nome apolítico, se não quiser sofrer um veto. O MDB não esquece que tem um deputado a mais que a Arena.

CLODOMIR BEZERRA



O ambulante tranquilo pelas ruas, com seu tabuleiro: o perigo é parar.

PERNAMBUCO

Recife assiste tôdas as semanas à luta entre ambulantes e fiscais

De um lado, estão os ambulantes segurando tabuleiros sobre a cabeça enquanto fogem. Do outro, fiscais da Prefeitura, acompanhados por um jipe velho, correndo atrás. No meio — caixotes, sacos, frutas, sabonetes, meias, espalhados pelo chão sujo das ruas estreitas do centro da cidade. É uma cena comum nas ruas do Recife, quase diária. Já faz parte de uma guerra que



Cada carro tem a garantia que merece.

O Novo Esplanada tem a maior do Brasil.

As fábricas de automóveis têm os pés na terra. Quando dão uma garantia é porque sabem que o carro rodará durante o prazo sem problemas. Por isso, além do novo Regente, só o novo Esplanada tem garantia de 2 anos ou 36.000 km. Os testes de Detroit provaram sua resistência. E os novos aperfeiçoamentos a aumentaram ainda mais. A nova garantia já seria motivo bastante para V. comprar o novo Esplanada. Há, porém, outros: nova grade, novos faróis duplos, novos frisos e lanternas, interior totalmente modificado e o mais potente e moderno motor de sua classe. Vá dirigir o novo Esplanada no seu Revendedor Autorizado Chrysler.

Os novos Esplanada e Regente têm a maior garantia do Brasil: 2 anos ou 36.000 km.

O NOVO ESPLANADA ESTÁ AI PARA CONQUISTA-LO



CHRYSLER
do BRASIL S. A.

transtorna a vida da cidade e se tornou, na opinião de quase toda população, "um problema social".

Os lados da guerra — Nessa guerra entre os 10 mil ambulantes e os 36 fiscais que os combatem, há acusações de parte a parte. Os ambulantes se queixam de que os fiscais, auxiliados pela polícia, prendem a mercadoria, batem e fazem prisões ilegais. Jeferson Assis de Queiroz, o "Gordo" — 108 quilos, catorze filhos, mais um de criação (vende carteiras, canetas, lâminas de barbear) é considerado o líder da classe e lembra que anos atrás um guarda municipal matou um ambulante no cais de Santa Rita. Diz que os fiscais "costumam aparecer de peixeira para impor respeito", o que aumenta a confusão.

O Prefeito Augusto Lucena responde que os ambulantes "assassinaram três fiscais e guardas-civis, a pauladas, pedradas e paralelepípedos". Mas se lembra de mais um morto a faca em outubro passado. E Natal Spinelli, chefe dos fiscais que combatem os ambulantes, se queixa de que com seus 49 anos está ficando velho para a missão: "Os nossos homens são magros, subnutridos, levam surras de ambulantes organizados".

Os lados da lei — O Sindicato do Comércio dos Vendedores Ambulantes do Recife, Olinda e Jaboatão, que funciona no primeiro andar de um velho prédio com escadas de madeira, esburacadas e bambas, recomenda: o ambulante que anda não é perseguido. Mas o Sindicato não é ouvido. Apenas 2 mil ambulantes são sindicalizados. O prefeito Lucena comenta: "Ambulante vem do latim, 'ambulare', quer dizer, andar. Mas eles não andam. Ficam parados, entulhando as calçadas do Recife, vendendo caldo de cana, sarapatel, carne verde, sapatos, peças de alumínio, ferro velho e soutiens. Não pagam impostos, sujam as ruas e andam com peso roubado". Mesmo assim, o Clube dos Lojistas do Recife quer mais energia do prefeito. Os lojistas lamentam que "o Recife atualmente lembra muito bem as ruas persas. Tudo por culpa de Augusto Lucena, que não cumpre as leis que disciplinam a profissão do ambulante".

Uma defesa — O povo, geralmente, está ao lado dos ambulantes. Pessoa de Moraes, sociólogo de 42 anos, autor de "Tradição e Transformação do Brasil", tem uma explicação, aceita pelo prefeito, por deputados e padres: Recife é a cidade brasileira de maior vocação metropolitana, depois do Rio e de São Paulo. O número de homens que a procuram, vindos do interior de Pernambuco e outros Estados, é muito grande. Não há empregos para todos. Muitos se tornam ambulantes.

FOTOS AJB



A prova maior são crianças feridas

DESAMPARADOS

Juizados só conseguem vigiar orfanatos pelos olhos dos vizinhos

Qualquer pessoa no Brasil pode instalar um abrigo para crianças abandonadas: basta obter a autorização do Juizado de Menores e apresentar os estatutos de sua instituição. Abel Marques conseguiu mais do que isso para fundar a Vivenda da Luz na cidade fluminense de Nova Iguaçu, onde a polícia descobriu que ele e sua mulher, Edilsa Marques, maltratavam 47 crianças até a tortura: Abel tinha uma carteira de comissário de menores. Durante dez anos utilizou o documento e o abrigo para obter donativos, inclusive em programas de televisão, e ninguém foi saber como ele gastava esse dinheiro: os juizes de menores que autorizam a instalação de orfanatos nem sempre têm condições de fiscalizar seu funcionamento. Só mesmo uma denúncia, como aconteceu em Nova Iguaçu, pode levar a polícia a descobrir irregularidades e crimes.

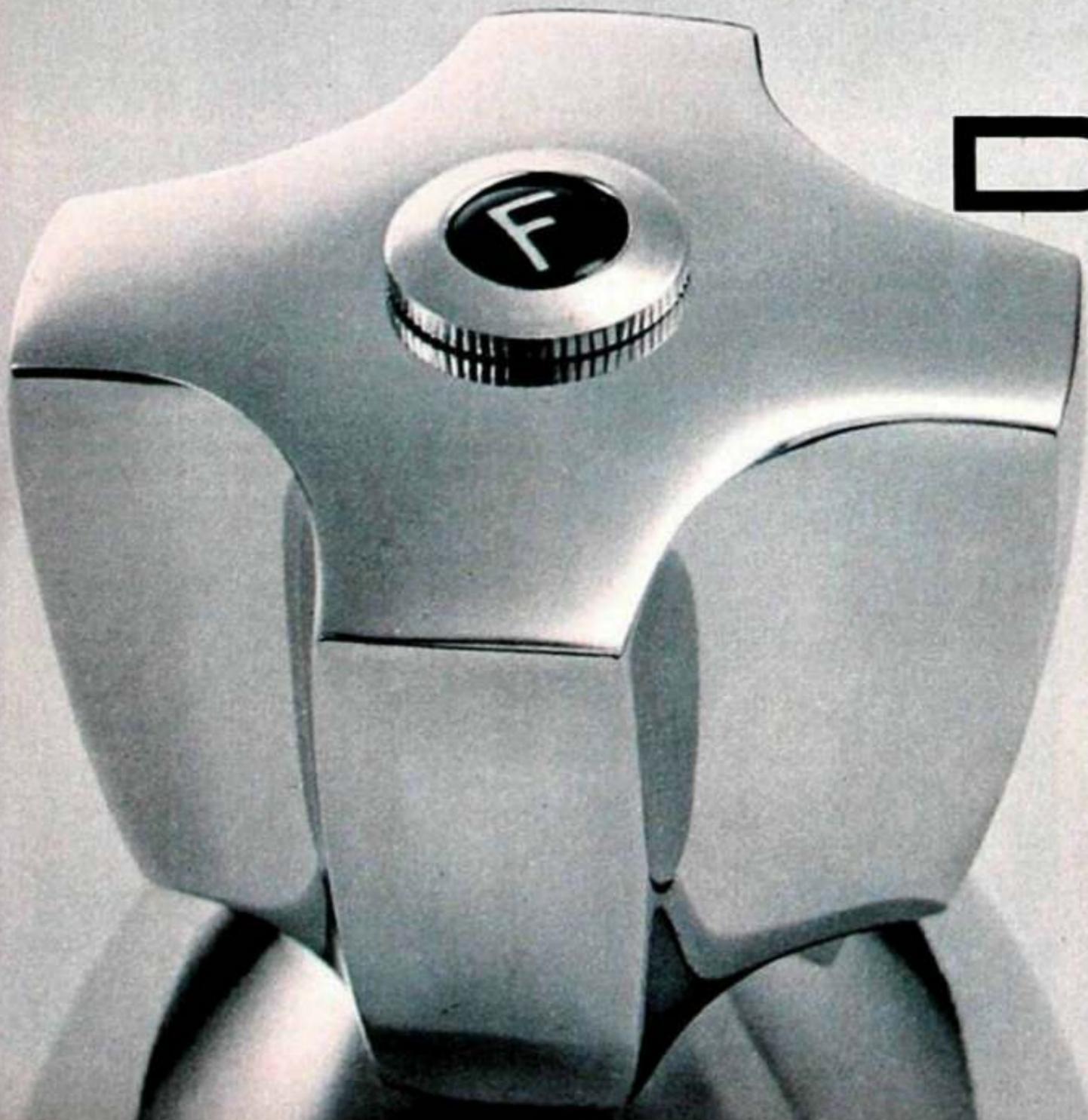
Uma história de horror — O Juiz da 1.ª Vara Cível, de Nova Iguaçu, desde 1964 recebia queixas contra Abel Marques e sua mulher. Mas a Justiça não conseguiu provar nada contra eles. A fuga de duas meninas, denunciada pelos vizinhos e não comunicada ao Juizado por Abel, abriu as portas da Vivenda da Luz a nova investigação: desta vez ficou provado que Abel e sua mulher eram responsáveis por espancamentos, desnutrição e enterros clandestinos de crianças. Abel Marques fugiu e sua mulher foi presa. Agentes



Edilsa: "Eu adoro as criancinhas".

de empresas funerárias confessaram que realmente trabalhavam para a Vivenda, encarregando-se de sepultar meninos em cemitérios de cidades vizinhas. Um pedreiro contou que foi contratado para construir um muro alto destinado a impedir fugas do abrigo. E as próprias crianças prestaram depoimentos contra o casal. Três delas são tuberculosas e outras duas ainda têm nas costas marcas de espancamentos. Edilsa Marques — que apresenta sintomas de desequilíbrio mental — defendeu-se com uma história fantástica: três mascarados, provavelmente policiais, obrigaram-na a torturar as crianças sob ameaça de morte ao marido.

O desamparo total — Ao saber do que acontecia em Nova Iguaçu, o Juiz de Menores da Guanabara, Alberto Augusto Cavalcanti de Gusmão, admitiu que a mesma coisa pode estar acontecendo em outros orfanatos. Só no Rio de Janeiro existem perto de 2 mil abrigos, com cerca de 100 mil crianças. Vinte deles são oficiais, os outros são administrados por particulares. As instituições reconhecidas pelo Governo recebem subvenções anuais. Mas a grande maioria dos abrigos são clandestinos: vivem às custas de donativos obtidos na rua, como a Vivenda de Abel Marques. O Juizado de Menores não dispõe de fiscais para controlá-los. Na Fundação Nacional de Bem-Estar do Menor a existência de orfanatos sem controle do Governo é considerada altamente prejudicial. Recentemente a Fundação fez campanha nacional sob o slogan: "Toda criança merece ter um lar". Mesmo assim, uma média de dez crianças por dia tem sido internadas pela Fundação, apenas na Guanabara e no Estado do Rio.



**Esta é a torneira Deca Linha Diplomata.
Bonita, moderna, eficiente, durável.**

**Você não poderia esperar
menos de um produto fabricado pela Deca.**

DECA



Grupo Escolar Vila Mimosa, São Paulo: para escrever bem uma carta não é preciso saber gramática.

RISONHA E ÚTIL

Em vez de História e tabuada, ensina sexo e a dirigir automóvel

Um rio não é um traço azul no mapa desembocando no mar, mas uma coisa viva, que liga cidades, provoca inundações e, algumas vezes, oferece boas praias e ótimos banhos — é o que vão aprender os alunos das escolas primárias do Estado de São Paulo, dentro de pouco tempo. A reforma do ensino primário, elaborada por onze técnicos da Secretaria da Educação e aprovada por quatrocentos especialistas em ensino primário do Estado, atingirá este semestre 2 milhões de crianças. Suas metas: ensinar o aluno a pensar e a conhecer o mundo à sua volta. "Estamos fartos de alunos 'brilhantes', que decoram tudo, e de programas que enchem a cabeça de datas e acontecimentos sem utilidade nenhuma", afirma o Professor Cândido de Oliveira, 50 anos, chefe do Ensino Primário da Secretaria da Educação, um dos responsáveis pela mudança e coordenador da reforma.

O princípio que se pretende aplicar é o de utilidade. As crianças devem ser logo preparadas para a realidade cotidiana. Assim, por exemplo, vão aprender noções de trânsito, ou para que servem a prefeitura, o cartório e o correio de sua cidade.

"Damos inteira liberdade ao professor. O novo programa nada diz sobre como e quando ensinar o 'ponto' da matéria" — diz o Professor Cândido de Oliveira. Só há indicações do que deve ser ensinado: a professora e o aluno é que constroem o resto. Isto é para estimular a iniciativa e permitir que esco-

lham os problemas que mais lhes interessam. Foram extintos os exames finais em cada uma das quatro séries (só ficou um, da segunda para a terceira).

Sexo vai à escola — As matérias do novo curso são Língua Pátria, Matemática, Saúde, Ciência e Estudos Sociais (englobando a antiga divisão Geografia e História e introduzindo noções de Sociologia). Educação Física e Educação Artística entram como matérias complementares.

O programa antigo, adotado desde 1949 e derrubado por decreto do Governador Abreu Sodré no ano passado, partia do suposto de que as crianças são

iguais aos sete anos. O resultado era 40 por cento de reprovações na primeira série. Antes de iniciar o curso, o aluno agora é submetido a um teste. Se não está em condições, passa por um período de preparação. Aí treinará a memória, aprenderá a ter controle muscular e autodomínio.

Na parte de Saúde, aprenderá hábitos de higiene, a prestar primeiros socorros em situações de emergência, a reconhecer as doenças mais comuns e a se alimentar adequadamente. Desta forma, o sexo deixa a lista de assuntos proibidos e é explicado como uma coisa natural do homem.

Aprender brincando — Em Língua Pátria, embora se tenha conservado o nome tradicional da matéria, o importante não é conjugar verbos ou distinguir o substantivo do adjetivo, mas saber escrever bem cartas, bilhetes e recados. Assim também na Matemática, que, por isso, ficou mais fácil. O aluno aprende as operações brincando de faz-de-conta na classe: compra doces, paga passagem de ônibus e faz compras na loja. A reforma, implantada sem a preparação prévia das 70 mil professoras, provocou reclamações. Mas isto foi feito de propósito. "Queremos causar impacto e que as professoras resolvam sozinhas os problemas. É do espírito da reforma desenvolver a iniciativa de alunos e professores" — afirma o Professor Cândido de Oliveira. Somente em 1969 a reforma atingirá a terceira e quarta séries. A Secretaria de Educação quer, primeiro, conhecer os resultados na primeira e segunda séries.

O balanço está sendo feito por vinte centros pilotos, instalados em diversas regiões.



Proibido decorar: só vale pensar.

Você está preparando seu filho para o ano 2.000?



Daqui a 30 anos apenas, seu filho já será um adulto e deverá forçosamente estar preparado

para o impacto violento do progresso científico e tecnológico e as conseqüentes mudanças sociais no alvorecer do Século XXI.

BIBLIOTECA CIENTÍFICA LIFE

Um notável e fascinante caminho para entender e desfrutar os fenômenos científicos. Cada volume é a narração engenhosa de uma área da Ciência, investigando-a e simplificando-a para que Você possa compreendê-la com facilidade.

Surpreendente combinação de texto, fotos e diagramas explica com absoluta clareza e precisão o fato científico, tornando ao mesmo tempo a leitura amena e agradável. Renomados cientistas, especialistas, escritores e

técnicos em educação trabalharam com centenas de redatores, pesquisadores, artistas e fotógrafos do LIFE para produzirem esta obra que simplifica, ilustra, organiza e expõe a Ciência para Você.

mais um lançamento da

Livraria JOSÉ OLYMPIO
Editôra
certeza de uma boa leitura

Rio : Rua Marquês de Olinda, 12 -
Tel. : 46-8025
S. Paulo : Rua dos Gusmões, 100
Tel. : 920-9238
P. Alegre : Rua dos Andradas, 717
Tel. : 5-2942
B. Horizonte : Rua São Paulo, 664
Loja 7 - Tel. : 4-3277
Recife : Rua Garvão Pires, 218
Tel. : 2-5629



E ao comprar a sua **BIBLIOTECA CIENTÍFICA LIFE** Você poderá ganhar no **GRANDE CONCURSO** **UM GÁLAXIE** da Certac



☆ uma viagem à **DISNEYLÂNDIA**
☆ bolsas de estudo
☆ inúmeros outros prêmios

IDÉIA FÉRTIL

A terra brasileira está recebendo cada vez mais adubos brasileiros

A indústria de fertilizantes está crescendo no Brasil. Até há dois anos, 95% dos nossos agricultores não adubavam a terra, e apenas 8% do solo cultivado — quase todo na região centro-sul — recebia fertilização. Em 1967, esse consumo aumentou. Foram usadas 40 000 toneladas na região norte (aumento de 44% sobre 1966), 322 000 na região centro (49% de aumento) e 85 000 toneladas no Sul (128%). E deve crescer ainda mais no segundo semestre de 1969, quando uma indústria apenas — a Ultrafertil — produzirá 1 tonelada de fertilizantes por minuto na área de 2 milhões de metros quadrados que constrói em Piaçaguera (município de Cubatão, em São Paulo). O empreendimento da Ultrafertil compreende sete fábricas, o maior complexo produtor de fertilizantes da América Latina. O ponto mais importante do projeto será a produção de 450 toneladas diárias de amônia anidra, matéria-prima para fabricação de fertilizantes.

Terra cansada — A importância do adubo só começou a ser sentida no Brasil quando já não era tão fácil encontrar chão novo para se plantar. Agora, até mesmo no Plano Trienal do Governo o adubo ganha um capítulo onde se recomenda urgência na substituição de fertilizantes importados pelos nacionais: de 447 000 toneladas consumidas no ano passado, 328 000 foram importadas. O transporte marítimo encarece muito o adubo; ele é uma carga indesejável, difícil de ser embarcada, suja e que estraga os navios. Para estimular ao mesmo tempo a produção e o consumo de fertilizantes, foi criada a ANDA — Associação Nacional para Difusão do Adubo, da qual participam dezoito empresas, entre elas a Ultrafertil. A ANDA coordena institutos de pesquisas agrícolas e até 1969 fará mais de novecentos ensaios em vários tipos de terra para determinar a aplicação de fertilizantes nas culturas do milho, algodão, feijão, soja e trigo: o adubo bem aplicado pode triplicar a produção.

Projetos ambiciosos — Todas as indústrias de fertilizantes estão profundamente empenhadas em educar o agricultor: ele precisa aprender a adubar mais, usar os produtos certos e aproveitar os financiamentos — a maioria ignora que pode pagar o adubo um mês e meio após as colheitas. A Ultrafertil já criou catorze centros agrícolas (treze em São Paulo e um no Paraná), enquanto a ANDA pretende utilizar o computador eletrônico que vai ser ins-

talado na Escola Superior de Agricultura Luís de Queirós (Piracicaba—SP) para reunir todas as pesquisas já feitas sobre solos e adubos. As empresas da ANDA têm 3 mil elementos à disposição dos agricultores para divulgar o uso de adubos e dar assistência técnica. Num prova de que confia nos fertilizantes como um bom negócio, a Ultrafertil está investindo 210 milhões de cruzeiros novos em seus empreendimentos.

AMILTON VIEIRA



Jan Wiegerinck tem vagas para quem quer trabalhar sem ser empregado

PARA TÔDA OBRA

Quem procura empregados provisórios telefona para a Manpower

Quando chegam os dias de balanço e o serviço se acumula no Banco de Londres, em São Paulo, basta um telefonema para que o chefe do pessoal resolva o problema: do outro lado da linha, um funcionário da Manpower Ltda. — empresa especializada em alugar mão-de-obra temporária — ouve a lista de auxiliares, contabilistas e datilógrafas necessários, consulta seu arquivo de funcionários disponíveis e todos aparecem no Banco no dia seguinte. Cada um leva um cartão de ponto e trabalha no mínimo três horas, no máximo três meses.

Como o Banco de Londres, quinhentas empresas em São Paulo costumam usar os serviços da Manpower e da Mão-de-Obra Temporária, as duas firmas que

fornece empregados provisórios. Nelas estão fichadas mais de 3 500 pessoas, principalmente donas de casa e estudantes, que precisam de dinheiro de vez em quando sem ter de prender-se a um emprego permanente.

Um holandês — Jan Wiegerinck, um holandês de 41 anos, foi o primeiro a aplicar no Brasil a idéia de alugar mão-de-obra. Um anúncio em um jornal paulista o fez escrever à Manpower dos Estados Unidos propondo ser seu representante aqui. Depois de acertados os detalhes em Nova York, Jan demitiu-se do banco onde trabalhava e abriu — em agosto de 1963 — o primeiro escritório da firma. "O começo foi péssimo", lembra ele, "todos estranhavam a idéia. Minha sorte foram as empresas americanas, já acostumadas a esse tipo de serviço. Nos Estados Unidos só a Manpower tem quatrocentas agências." Nesses cinco anos, porém, o escritório cresceu, novas agências foram abertas no Rio, em Campinas (SP) e Santo André (SP). E ainda houve mercado para um concorrente cordial, a Mão-de-Obra Temporária, do irmão mais novo de Jan.

O preço do trabalho — Na principal agência da Manpower, em São Paulo, umas duzentas pessoas aparecem toda semana pedindo emprego: fazem um teste, deixam o endereço e esperam o chamado. "Só uns 10% dos que nos procuram são aceitos", diz Jan, "porque precisamos manter a confiança dos clientes fornecendo pessoal eficiente." Umhas quinhentas pessoas, na maioria auxiliares de escritório, datilógrafas, desenhistas e operários especializados, estão trabalhando indicadas por ele. Há também engenheiros, motoristas, vigias: a Manpower cobre uma área de 45 profissões. O preço da mão-de-obra varia entre NCr\$ 1,40 por hora para um office-boy e NCr\$ 35,00 para engenheiros, mas a maioria dos empregos fica entre 2,50 e 6 cruzeiros por hora. Descontadas as taxas, encargos trabalhistas e a comissão da Manpower, o funcionário recebe em média 60%. Petrobrás, Union Carbide, Esso Brasileira de Petróleo e Laboratórios Lepetit são alguns de seus clientes importantes. "Esse sistema permite-nos dispor de gente capaz e evita o mau costume de dar um jeito", diz o gerente de pessoal da Esso. "Empregados temporários são uma rotina aqui na Atlas Copco", diz o relações-públicas dessa empresa. A idéia de Jan Wiegerinck se está espalhando por outros Estados. A empresa do seu irmão já tem escritórios em Curitiba e Porto Alegre, e no Rio existe ainda a Seu Criado Obrigado, especialista em datilógrafas e empregadas domésticas. Ela oferece uma vantagem sobre as outras: tem anexado um berçário onde as mães podem deixar as crianças.

BURITIBURÓ é a única cidade do Brasil em que a Sul América Terrestres não garante o seguro de seu veículo

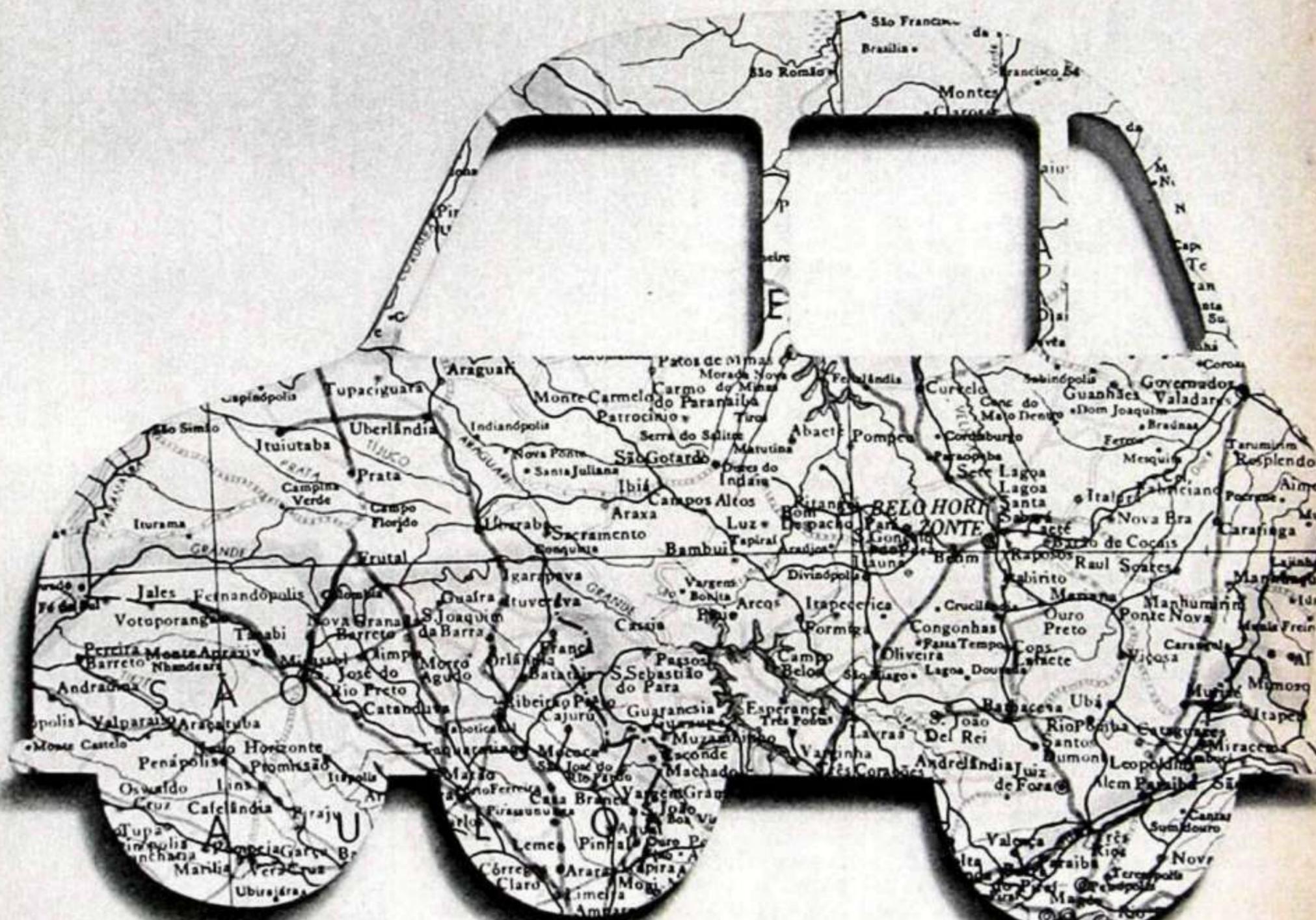
Claro. Buritiburó não existe. Mas no dia em que existir, lá estaremos também. Como estamos hoje em Brasília, Blumenau, Muriaé, Natal ou qualquer outra cidade do Brasil. Lembre-se disso, quando pensar no seguro de seu carro (o obrigatório, de Responsabilidade Civil ou o do próprio veículo). Porque, onde quer que você esteja, seu automóvel poderá necessitar da garantia que só o seguro oferece. E, com o seguro realizado na SUL AMÉRICA TERRESTRES, MARÍTIMOS E ACIDENTES, seu carro dispõe de Sucursais, Agências e Representantes em todo o país, que lhe darão

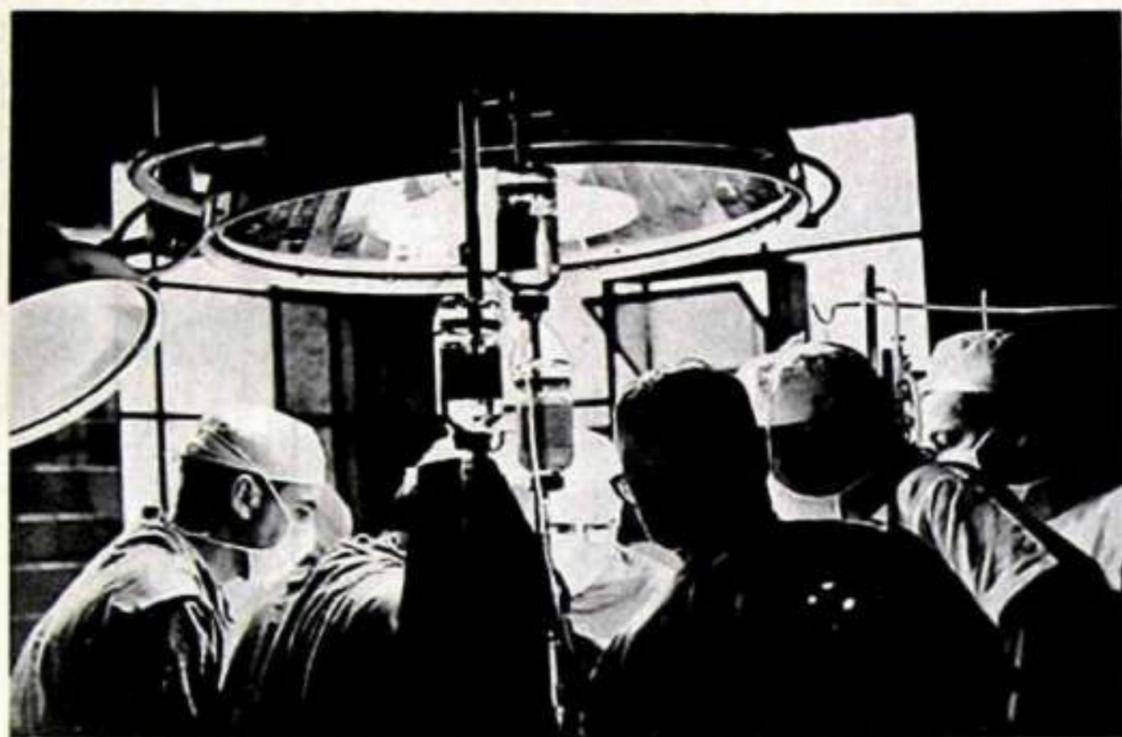
a necessária assistência quando você precisar. Nas maiores cidades, nossos endereços são tradicionais; nas menores, todos conhecem o nosso Representante.



Em toda parte do Brasil está presente a
SUL AMÉRICA TERRESTRES MARÍTIMOS E ACIDENTES

MATRIZ: Rua do Rosário, 90 - Caixa Postal 1077 - Rio.





Os hospitais não tem verbas, tem excesso de doentes. Por que o brasileiro confia em seus cirurgiões?

AS MÃOS DE OURO

Quem tem medo do transplante?

José Rosa de Souza, internado no Hospital das Clínicas, à espera de um coração novo, não tem. Os filhos de Ugo Orlandi, o segundo brasileiro a viver com o coração de um morto, também não. Os meninos Huguinho e Júlio César ficaram felizes com o transplante: depois da operação começaram a contar para os colegas de escola que seu pai tinha ganhado um coração novo e receberam parabéns dos amigos. José Rosa reclama por não ter sido ele o operado, diz que estava esperando o coração há mais tempo.

A confiança — O Brasil tem aproximadamente 12 mil cirurgiões, mal distribuídos pelo País. São Paulo e Rio têm mais de 3 mil destes profissionais; a maioria dos outros Estados tem menos de duzentos. Todos eles sabem que podem contar com a confiança de seus pacientes. Mas no jogo contra a morte enfrentam simultaneamente vários outros adversários; entre eles, más condições para seu trabalho. Mesmo assim estão acostumados a vencer.

No dia em que a equipe do Dr. Zerbini fazia o primeiro transplante de coração em São Paulo, o cirurgião Gilson Braga reimplantava a mão da menina Cristiane Porreca, de dois anos, no Hospital São Francisco Xavier, no Estado do Rio. Mas o hospital onde o Dr. Braga fez o reimplante não é um Hospital das Clínicas de São Paulo. O São Francisco Xavier é uma casa velha cons-

truída em 1810. Seus dois andares têm 65 leitos, mas não podem ser chamados de ambulatórios. Os quartos são forrados de tapumes de madeira compensada e jornais velhos substituem os vidros quebrados das janelas. A habilidade do cirurgião, numa enfermaria onde costuma faltar gesso para tratamento de fraturas e soro antitetânico, permitiu reconstituir todos os vasos sanguíneos da mão, decepada quando a menina Cristiane caiu de um carro em movimento.

Gol extra — Os cirurgiões vencem, antes de tudo, pelas suas próprias mãos: um caso como o do Dr. Zerbini só se explica desta forma. Quem pensa assim é o Dr. Domingos Edgardo Junqueira de Moraes, cirurgião cardíaco da Guanabara que estudou com Zerbini e Barnard nos Estados Unidos.

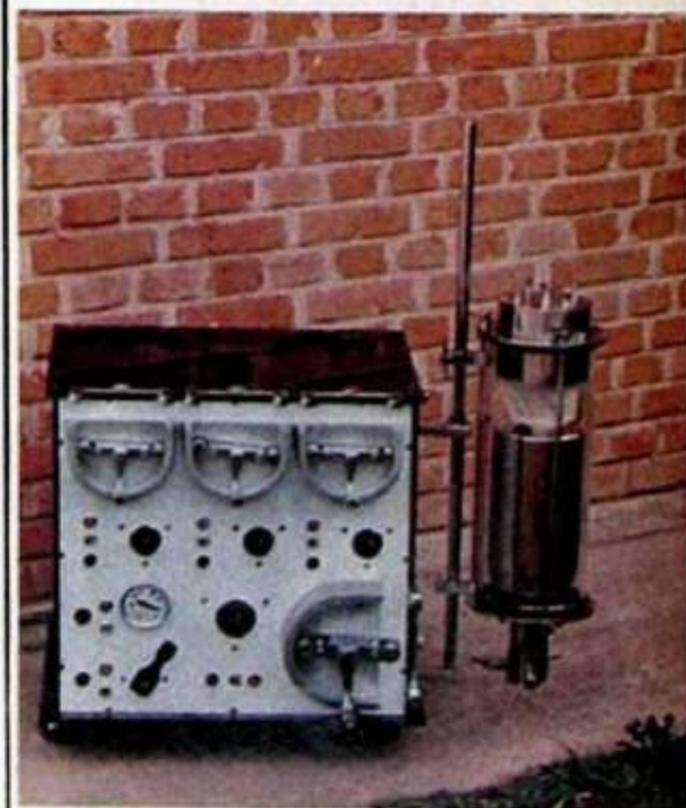
O Dr. Junqueira diz que os cirurgiões brasileiros, mesmo os que trabalham em hospitais como as Clínicas de São Paulo, não têm as condições ideais para fazer as operações. E acabam realizando-as pelo seu próprio esforço. "Quando se entra num hospital americano, todo médico brasileiro tem a impressão de estar num hotel de luxo. Os transplantes são feitos dentro da rotina de trabalhos normais dos hospitais. Ninguém precisa se desdobrar como Zerbini, que teve de criar toda a infra-estrutura para a operação. O que ele fez em São Paulo pode ser considerado como um gol extra."

Médicos brasileiros já fazem primeiras peças do homem-máquina

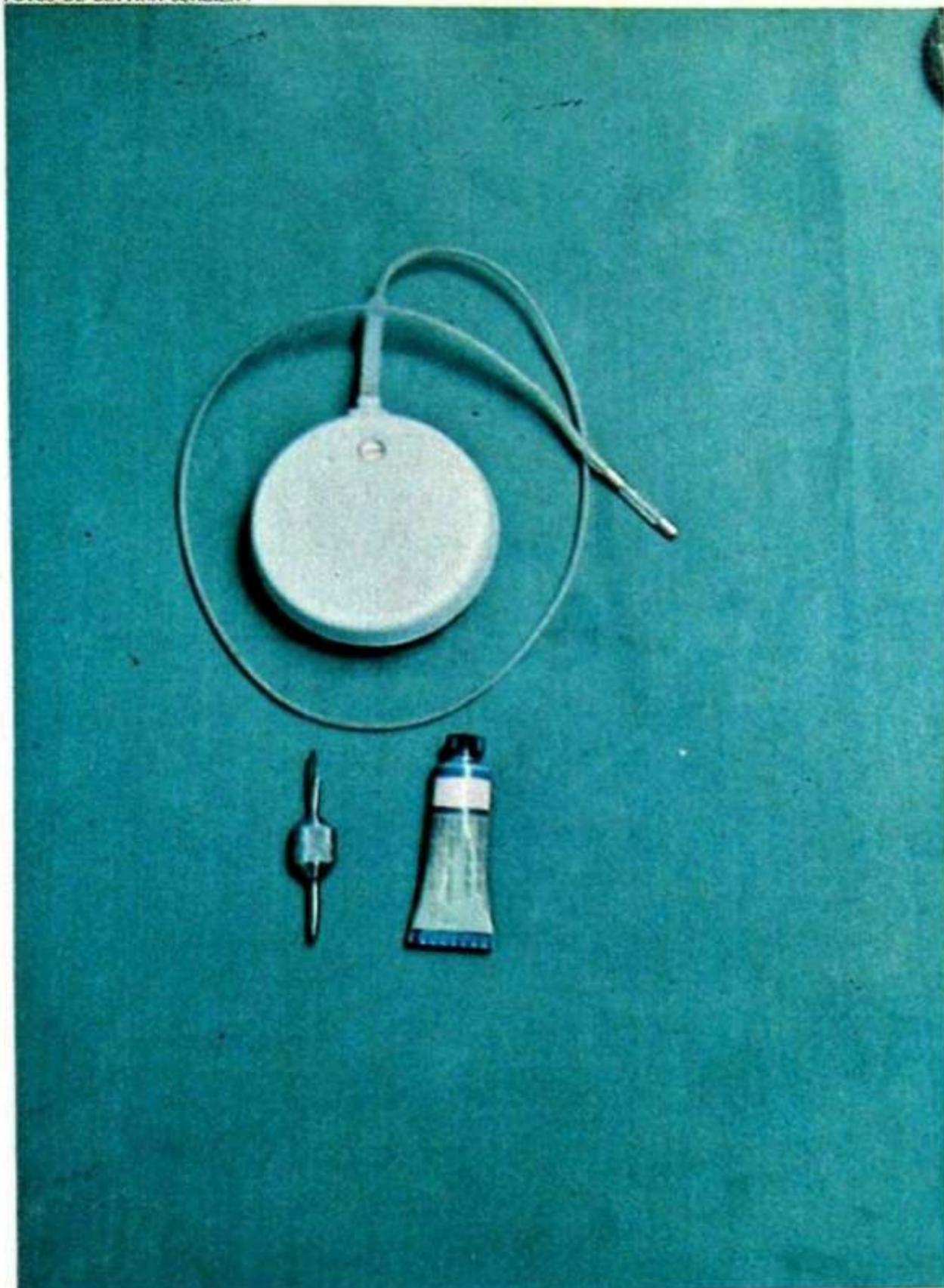
O homem mecânico brasileiro está nascendo nas oficinas do Hospital das Clínicas e do Instituto de Cardiologia de São Paulo. Os médicos já fabricam peças que fazem 80 por cento das funções do coração e do pulmão e todo o trabalho do rim. Muitos brasileiros têm partes artificiais em seus corações: 1 500 possuem válvulas de plástico feitas em São Paulo; para outros 120 o coração bate eletronicamente com os marca-passos do Instituto de Cardiologia, o único que os fabrica em toda a América Latina. Eis quatro peças vitais da máquina humana, feitas no Brasil.

Marca-passo — O coração do homem bate em média 2 bilhões e 400 milhões de vezes desde o dia do seu nascimento até sua morte. Muitas vezes falha o nervo que, repuxando o músculo cardíaco, comanda essas batidas. E o coração passa a bater lentamente: de 64 vezes por minuto, muda para 36. O marca-passo substitui o movimento dos nervos. Usa diminutas pilhas de mercúrio que ficam sob a pele do ombro do doente. O marca-passo feito no Instituto de Cardiologia custa 700 cruzeiros novos; o americano importado é bem mais caro: 4 000 cruzeiros novos.

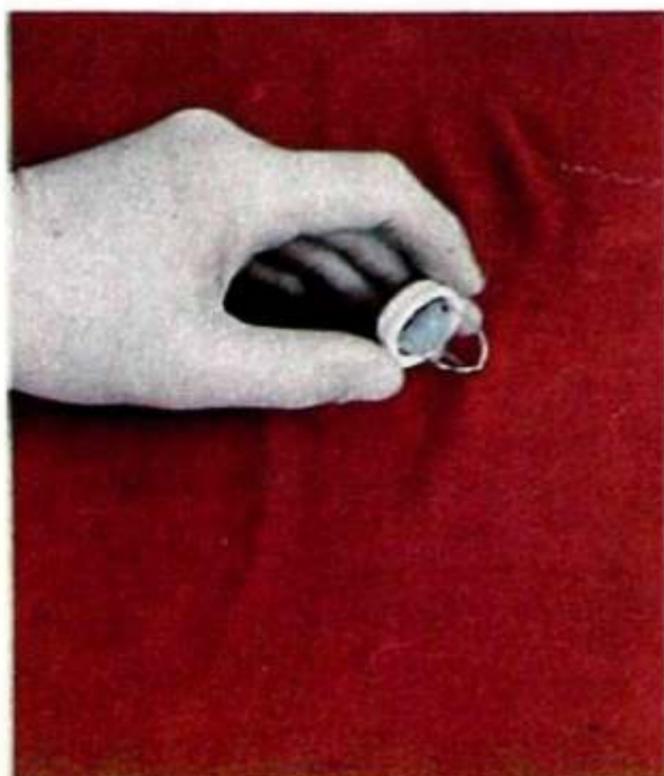
Válvulas — Elas regulam a entrada e saída de sangue do coração. Quando falham, o sangue sujo das veias mistura-se com o limpo purificado pelo pulmão e distribuído pelas artérias. O doente não pode mais fazer movimentos rápidos, su-



Coração-pulmão: só para a cirurgia.



Marca-passo: para o coração voltar a bater 64 vezes por minuto. Tem 5 centímetros de diâmetro. É implantado no peito do paciente (radiografia acima). Usa pilhas de mercúrio que devem ser trocadas de três em três anos. 640 mil brasileiros precisam dele.



Válvula: plástico em 1 500 corações.

bir escadas e vive ameaçado pelo enfarte. As válvulas mecânicas são tubos plásticos com dois diâmetros diferentes. Uma bolinha veda a parte mais estreita. Quando a pressão sanguínea é alta, a bolinha é empurrada e deixa o sangue passar para o diâmetro maior. Se a pressão diminui, a bolinha volta, a parte mais fina do tubo torna a fechar-se.

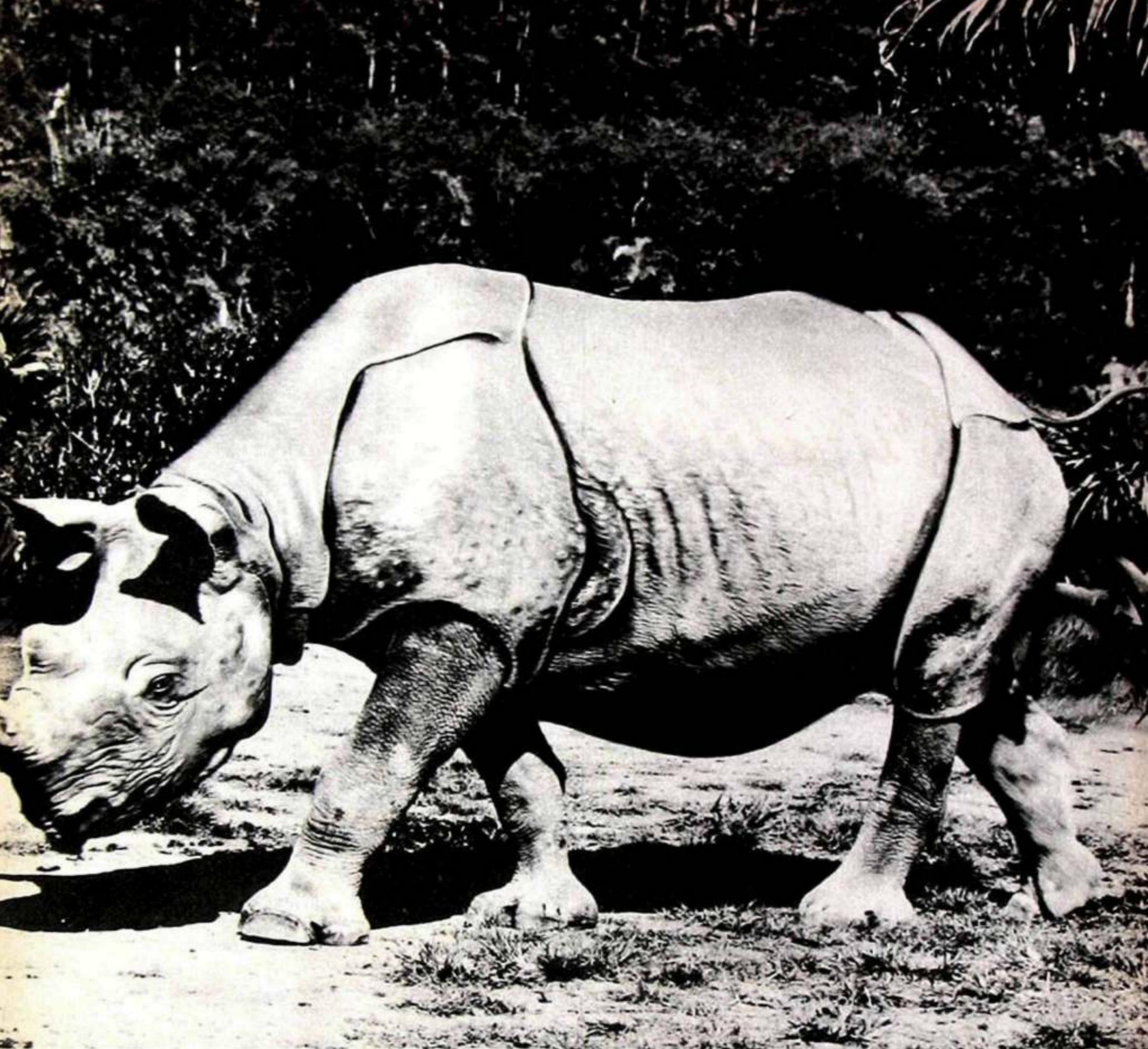
Custo: fabricadas no Brasil, 150 cruzeiros novos; importadas dos EUA, 600.

Coração-pulmão — É um sistema tipo bomba de ar mais filtro: recebe o sangue venoso que iria para o coração doente, leva-o para uma câmara onde é purificado com oxigênio (como no pulmão) e o joga de volta nas artérias. O Instituto de Cardiologia já fabricou trinta corações-pulmões artificiais. Doou um à URSS, vendeu dois à Venezuela, dois à Argentina, um ao Peru, outro à Colômbia. Custo: 9 910 cruzeiros novos.

Rim — O rim mecânico é uma máquina do mesmo tamanho do coração-pulmão: 1 m de altura, 1 metro quadrado de área. Recebe sangue contaminado por um rim doente e o purifica. Possui dois compartimentos separados por uma membrana porosa especial. De um dos lados fica o sangue contaminado; do outro, uma solução que atrai as impurezas do sangue através da membrana. O sangue limpo volta ao doente.

Coração atômico — O doente cardíaco não pode viver com os corações mecânicos que existem hoje nas salas de cirurgia: a infecção o mataria.

Os médicos brasileiros estão procurando uma máquina pequena que possa viver com o homem, dentro de seu peito. O Dr. Zerbini anunciou recentemente o início no Brasil das pesquisas para a construção de um minúsculo coração movido a energia nuclear.



o fabricante
a melhor
chapa dura do
mundo, depois
Duratex S.A.

Este camarada tem a pele muito espessa, formando uma chapa dura. A melhor chapa dura do mundo, depois do DURAtex. Tão dura, que para não tê-lo como concorrente, a Duratex S. A. resolveu adotá-lo como símbolo. Ele não disse nada, mesmo porque ninguém pode concorrer com o DURAtex também em quantidade. O número de rinocerontes, na África e na Ásia, é insignificante. E, exatamente agora, a Duratex S. A. acaba de completar 100 milhões de metros quadrados de chapa dura. É uma produção muito difícil de alcançar pelos fabricantes de chapa dura da África, da Ásia, ou do Brasil. Difícil porque a Duratex S. A. não pretende parar por aqui. Nem poderia, após doze anos de trabalho. Ao contrário, é preciso produzir cada vez mais, para exportar cada vez mais. Principalmente depois que os entendidos lá dos E.U.A. disseram que a melhor chapa dura do mundo é o DURAtex. Made in Brazil.



O caso do cérebro — Em tôdas as áreas os cirurgiões brasileiros marcam gols como os do Dr. Zerbini. No Rio Grande do Sul, o Dr. Manuel Krimberg, de 38 anos, está fazendo uma experiência que pode ser inédita no mundo: o transplante de partes do sistema nervoso. O Dr. Krimberg transplantou para dois pacientes segmentos da medula espinal (parte do sistema nervoso que fica dentro da coluna vertebral) de dois mortos. Segundo Krimberg, os enfermos passam bem, um deles até recuperou os movimentos da perna e o tato, perdidos depois de uma lesão na coluna vertebral. Há dúvidas por parte de outros médicos quanto à experiência do Dr. Krimberg, considerando a complexidade do sistema nervoso. Mas, no recente Congresso Brasileiro de Neurologia e Neurocirurgia, o Dr. Krimberg apresentou filmes dos dois casos de transplante de medula e falou da recuperação de ambos os pacientes.

Outras experiências — Outros cirurgiões preferem experiências mais simples que as do seu colega gaúcho. O Dr. Fernando Freire de Carvalho Luz, 51 anos, médico da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, realiza um tipo inédito de cirurgia: injeta tártaro no sistema sanguíneo do paciente atacado por esquistossomose e depois secciona a veia hepato-esplênica, que leva o sangue do intestino ao fígado. O sangue é filtrado durante uma hora e depois é devolvido ao corpo do doente. O tártaro desaloja os parasitas das veias e eles são retidos nas filtragens. Num paciente muito atacado pela doença, o filtro reteve 2 809 vermes.

FOLHA DA TARDE



Krimberg faz transplante de nervos

Este tipo de operação o Dr. Fernando Freire de Carvalho Luz já fez mais de cem vezes. Médicos americanos vieram filmá-la. A Royal British Society, a mais antiga sociedade científica inglesa, também está interessada em acompanhar a experiência de perto.

Os méritos do trabalho são todos do cirurgião. A Faculdade de Medicina da Bahia tem pouco apoio material para dar a seus professores. A administração do hospital ligado à Faculdade vive sem verba e agora está sendo obrigada a empregar as que são guardadas para "situações heróicas". E tem avisado que o hospital pode fechar no próximo ano se o dinheiro não chegar.

O drama se repete em Minas Gerais. O Dr. Ricardo Pereira de Sousa, especialista em cirurgia cardiovascular, aluno de Michael de Bakey e Denton Cooley, diz que não pode fazer qualquer tipo de transplante em Belo Horizonte porque não existe um eletroencefalógrafo em qualquer dos três grandes hospitais da cidade. Em Curitiba não se faz cirurgia das coronárias (artérias do coração) por falta de um aparelho que permita filmar

os movimentos do sangue no coração. E na Faculdade de Medicina do Recife o Dr. Salomão Kelner, 52 anos, tem argumento muito simples quando lhe perguntam por que não pode fazer experiências de transplante de fígado em porcos: "Não temos dinheiro para comprar porcos".

No interior — Mesmo assim, a cirurgia brasileira vai ganhando o jôgo contra a morte. Em São José do Rio Preto, interior de São Paulo, uma equipe de jovens cirurgiões mostra como isso pode acontecer mesmo com falta de recursos. A cidade tem 150 mil habitantes mas é importante — chega a ser um centro econômico para 2 milhões de pessoas espalhadas no Triângulo Mineiro, Leste de Mato Grosso, Sul de Goiás e Norte de São Paulo.

Em Rio Preto, atualmente, são feitas operações de enxertos, desobstrução de veias e artérias, implante de válvulas e circulação extracorpórea.

Em junho deste ano, uma equipe de médicos da Santa Casa de Misericórdia da cidade purificou o sangue de um homem através de um fígado de porco. O cirurgião Domingo Braille, de trinta anos, é o chefe do grupo de cardiologistas de São José do Rio Preto. Trabalhou com o Dr. Zerbini em São Paulo. Suas preocupações refletem de certa forma o estado de espírito dos 130 médicos da cidade: ele quer que o Governo libere as verbas para instalação do Hospital das Clínicas da cidade e ao mesmo tempo prepara-se para fazer operações de transplante de rim e pâncreas. "Enquanto o dinheiro não vem", diz o Dr. Braille, "continuamos salvando vidas."

Transplantes: 41 receberam coração novo, 21 continuam vivos

Os transplantes ficaram famosos no dia 3 de dezembro do ano passado, quando o Dr. Barnard colocou o coração de Denise Duval no peito de Louis Washkansky, no Hospital Grotte Schur, na África do Sul. Mas já tinham uma longa história, que começou em Boston, no dia 23 de dezembro de 1954, com Richard Heryick recebendo um rim de seu irmão gêmeo Ronald. Foi o primeiro transplante de órgãos, uma experiência que depois seria repetida com corações, rins, pulmões, fígados, pâncreas, baços e timos.

Mais de 1 200 rins já foram transplantados em todo o mundo. No Brasil, a equipe do Dr. Campos Freire, do Hospital das Clínicas de São Paulo, já fez 28. Mas é a partir de 1966 que a rejeição do órgão começou a ser controlada e os pacientes salvos em mais de

ANTÔNIO ANDRADE



Arari: em casa, com pâncreas novo.

50% dos casos. Atualmente, em Denver, Colorado, há 95% de segurança de recuperação com a troca de rins.

A experiência das primeiras equipes americanas de transplante de rins per-

mitiram a troca de outros órgãos. Zerbini e Barnard estudaram com estas equipes nos Estados Unidos.

Hoje, os médicos não encaram o transplante apenas como uma experiência. Denton Cooley, dez substituições de coração em Houston, Texas, diz que são "uma medida terapêutica efetiva para prolongar e melhorar a vida humana".

Em 41 transplantes de coração registrados pela American Medical Association (AMA) até o fim da semana passada, 21 pacientes sobreviviam. O mais antigo é Philip Blaiberg, operado por Barnard no dia 2 de janeiro deste ano. Trinta transplantes de fígado foram feitos no mundo, ainda segundo a AMA: quinze pacientes estão vivos. Seis trocas de pâncreas; quatro sobreviventes. Um deles é o brasileiro Arari Rios, operado no Rio pelo Dr. Edson Teixeira.

QUEM TEM NÃO Dispensa e pode até querer Mais...



Os 700 (veja bem, setecentos) Frotistas e Postos de Serviços que já se utilizam do equipamento Dieselimpo estão plenamente satisfeitos. E muitos até querem mais... Os Frotistas, por causa da manutenção muito mais econômica e das vantagens do Óleo Diesel Purificado na hora do abastecimento. Os Postos, porque estão faturando alto graças ao aumento de suas vendas em consequência de mais clientes bem servidos.

Eles já sabem: Dieselimpo é o mais moderno e eficiente equipamento para a filtragem e desidratação de Óleo Diesel. Instalado junto à bomba abastecedora, de operação fácil e simples, tem construção esmerada e funciona automaticamente, sem qualquer complicação.

A manutenção do Dieselimpo não oferece qualquer dificuldade: basta, após a filtragem, entre 30.000 e 50.000 litros de óleo diesel, efetuar a troca de carga das Placas de Filtração, de custo insignificante - não

mais que NCr\$ 6,00 a carga nova. Nada de alta rotação, nem trepidações, nem correias, nem esferas de alta precisão. E vá logo esquecendo da ideia de instalar um novo tanque secundário; não há qualquer necessidade disso. Afinal V. quer é comprar u'a máquina que evite as dores de cabeça provocadas pelo Óleo Diesel Poluído. Não é justo que para resolver um problema a gente tenha de enfrentar outro. Tá? Quem tem um Dieselimpo não dispensa seus serviços. V. já viu que se trata de um equipamento para dar tranquilidade e mais lucros a Você, diminuindo os gastos de manutenção de sua frota. Explica-se: Dieselimpo foi idealizado por quem há 30 anos só trabalha com problemas de óleos e filtragem. Tu-

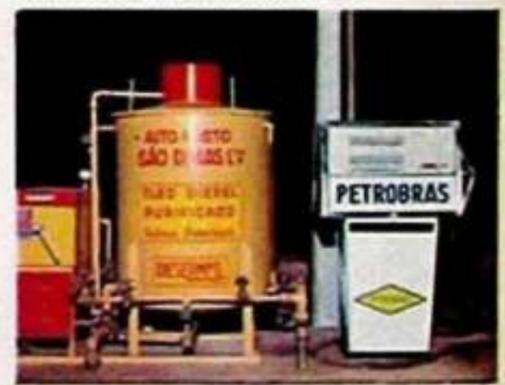
do nele é simples, mas não improvisado. A tal história do ovo de Colombo...

É muito provável que seu colega (leia concorrente) mais próximo já figure entre os 700 usuários a que nos referimos no princípio. É até possível que ele tenha mais de um equipamento Dieselimpo. Peça-lhe a opinião a respeito. V. verá que o próprio, de tão satisfeito, poderia até ser nosso melhor vendedor. É o que acontece com os 700 clientes do Dieselimpo.

A propósito: Dieselimpo faz também mais dois importantes serviços: a) limpa o tanque de consumo dos veículos a diesel pela recirculação do próprio óleo diesel; b) recupera os Filtros-Cartuchos (elementos de filtro) de óleo diesel dos motores,

já saturados, através do mesmo princípio com que procede à limpeza dos tanques. Já pensou no que representa só esta economia?

Os serviços e vantagens que o Dieselimpo pode proporcionar a Você são enormes. Tantos que nem dá para resumi-los aqui. Se quiser saber mais, consulte-nos.



quem entende de motor diesel exige

DIESE|IMPO

Fabricado e distribuído por **HORUS SERRA LTDA. ENGENHEIROS**

Caixa Postal, 4853 - Endereço Telegráfico: "FILTRABEM" - Escritório: Av. Cruzeiro do Sul, 823 - ZP 23 - Fone: 34-7948 - São Paulo

REPRESENTANTES AUTORIZADOS, Venda e Assistência Técnica nas seguintes praças: Rio Grande do Sul - Curitiba - Santos - Vale do Paraíba - Guanabara - Rio de Janeiro - Belo Horizonte - Triângulo Mineiro - Goiânia - Brasília - Bahia - Alagoas - Pernambuco - Paraíba - Rio Grande do



O TRÁGICO E HUMANO SENTIDO DA MORTE

"Nunca supus que isso a que chamam morte tivesse qualquer espécie de sentido." Para o poeta português Fernando Pessoa, não havia significado algum no fim da vida do amigo que ele chorava com êsses versos.

No último dia 2, pouco antes da meia-noite, a morte do suicida Aggeu Alves, promotor em São Vicente, São Paulo, significava esperança de vida para quatro doentes — um do coração, dois do rim e um do pâncreas. E para a equipe de 57 médicos, 26 enfermeiras e dezenas de atendentes, a morte de Aggeu significava também o início de uma das maiores operações de transplante já realizadas em todo o mundo.

Um paciente comum — Quando chegou ao Centro Cirúrgico do Hospital das Clínicas de São Paulo, com a cabeça perfurada por uma bala calibre 45, Aggeu Alves era um paciente qualquer. Respirava mal, embora tivesse o pulso e a pressão normais. O médico de plantão que o atende, percebe logo que ele tem poucas possibilidades de vida. O tiro, por ele mesmo disparado, entrou pelo lado direito da cabeça, abrindo um grande orifício junto à têmpora. A bala saiu do outro lado, mais no alto. Para facilitar sua respiração, uma sonda é introduzida em sua boca até a traquéia. Para compensar a perda de sangue, parte dele é repostado através de uma veia. É levantada a hipótese de uma cirurgia cerebral. Um neurocirurgião consultado afasta a possibilidade: "Inútil, é um caso perdido".

A autorização — Pouco depois do meio-dia, o chefe do Pronto Socorro telefona para o Dr. Euryclides de Jesus Zerbini, chefe da equipe de transplantes: avisa que há um possível doador. Zerbini chega ao hospital e examina o paciente. O tipo de sangue é favorável. Mas é preciso obter a autorização da esposa de Aggeu Alves para o transplante.

O chefe do Pronto Socorro, dirigindo-se ao Dr. Zerbini: "Você fala com a mulher?" O Dr. Zerbini, meio encabulado: "Sabe, eu não tenho muito jeito para êsse negócio, não. Acho melhor a gente chamar Dona Clarice".

Dona Clarice é a enfermeira-chefe do Hospital das Clínicas. Ela conversa com a mulher do promotor. Na sala do diretor administrativo do Hospital, a autorização é dada por escrito.

Luta pela vida — Os médicos continuam lutando pela vida de Aggeu Alves, o homem cuja morte pode salvar quatro pessoas, já preparadas para a cirurgia

em salas vizinhas. Aggeu não tem mais reflexos, sinal de que algumas partes do cérebro já deixaram de funcionar. Mas continua recebendo soro e sangue e seus pulmões funcionam artificialmente, forçados por um pequeno aparelho. O coração bate.

O tempo passa. O corpo de Aggeu Alves é submetido a radiografias do tórax, para verificar o tamanho do coração e a presença de eventuais doenças cardíacas. Confirma-se: é um bom doador. Mas é preciso mantê-lo vivo. Ele recebeu 2 litros de sangue e continua sangrando muito pela cabeça. Não há como estancar a hemorragia. Dois neurocirurgiões tentam por todos os meios, não conseguem. Já há algum tempo as equipes de transplante estão sendo cha-

ED. ABRIL



Aggeu: de sua morte nasceu a vida.

madas: todos os seus integrantes levam no bolso do avental pequenos aparelhos receptores que recebem sinais da central de comunicações. Um bip-bip é o sinal para convocá-los.

Morto e o coração bate — Os médicos não acreditam mais que Aggeu Alves possa viver. Ele é levado para a sala B do Centro Cirúrgico, a sala do doador. O eletrocardiógrafo é ligado aos pulsos, aos pés e ao tórax: as pulsações cardíacas aparecem numa tela.

O barbeiro raspa a cabeça do promotor. Nela são aplicados de dez a doze terminais do eletroencefalógrafo, aparelho que mede a atividade cerebral. O resultado são oito linhas numa tela, cada

uma delas mostrando a vida de determinada região do cérebro. Quando alguma linha não apresenta nenhuma sinusidade, indica que a parte do cérebro a que ela corresponde deixou de funcionar.

As oito linhas do cérebro do doador estão retas. O cérebro do promotor está morto.

Que dúvidas ainda poderiam existir sobre a morte total? Uma espécie de flash é aceso várias vezes à frente de seus olhos: nenhuma reação. Um aparelho que emite sons muito graves e muito agudos é ligado junto a seus ouvidos: nenhuma reação. O corpo de Aggeu Alves é espetado com estiletos, beliscado: nenhuma reação. Aggeu Alves está morto. Mas seu coração ainda bate.

O teste final: o corpo do doador é desligado da respiração artificial durante cinco minutos e não volta a respirar naturalmente.

São quase dezoito horas: pode-se começar o transplante.

Parem o transplante — De repente o diretor administrativo do Hospital ordena que o transplante seja interrompido: um irmão e uma cunhada de Aggeu Alves se opõem à doação. No Centro Cirúrgico, o corpo do promotor está outra vez recebendo respiração artificial. Mais um pouco de demora e todo o trabalho feito para o transplante estará perdido. O impasse se prolonga. Os próprios médicos decidem descer para conversar com o irmão do doador. O Professor Zerbini usa um argumento dramático: "Aggeu Alves já morreu, meu senhor. Mas mesmo assim ainda pode contribuir para salvar as vidas de quatro pessoas".

As linhas mortas — Nove e meia da noite. O eletroencefalograma continua registrando as linhas mortas do cérebro de Aggeu Alves. O problema não foi resolvido, mas o coração ainda bate. O irmão argumenta: "O que vão pensar os outros parentes?" Um médico explica que entre êste tipo de operação e a autópsia pela qual o corpo tem de passar normalmente, a diferença é quase nenhuma.

O Doutor Zerbini usa seu último argumento: "Não pense o senhor que somos nós que estamos forçando a operação. São quatro pessoas que esperam, e que precisam viver. O senhor quer falar com elas?" Os argumentos dos médicos convencem os parentes. Nova autorização é assinada na diretoria do hospital. Cada médico volta ao seu lugar. Começam os preparativos finais. Faltam dez minutos para a meia-noite.



**Spalla di sicurezza"é seguro
como a mão
do papai.**



PIRELLI

O Professor **John Cohen**, diretor do Departamento de Psicologia da Universidade de Manchester, na Inglaterra, escreveu um artigo para o "International Football Book" afirmando que a agressividade no futebol "está intimamente ligada ao sexo". Segundo ele, o jogador violento é, quase sempre, um frustrado sexual.

Há trinta anos, quando **André Malraux** escrevia "A Condição Humana" (sobre o movimento comunista chinês) e se engajava na Revolução Espanhola ao lado da esquerda internacional, o ator **Jean-Louis Barrault** representava plácidamente os clássicos no palco do Teatro de França. Em maio último, na rebelião estudantil de Paris, os papéis estavam invertidos: Malraux, 67 anos, na condição de Ministro da Cultura, defendia o gaulismo; Barrault, 57 anos, do palco do Odéon, apoiava os universitários em sua revolta. Agora, o desfecho: Malraux demitiu Barrault da direção do Odéon.

Quando **Ira de Furstemberg** apareceu nas telas de São Paulo, num filme policial, "O Incomparável Espião", seus amigos paulistas pensaram que estavam vendo o começo de uma nova carreira. Ira, de 28 anos, ex-mulher do industrial Baby Pignatari, dificilmente aparecerá de novo num filme: a crítica européia e americana, unânime, detestou a estréia.

O Supremo Tribunal concedeu habeas corpus ao Professor **Darcy Ribeiro**, ex-Chefe da Casa Civil de João Goulart, por um detalhe técnico: ele estava asilado no Uruguai e foi citado por edital — que vale apenas para quem se encontra "em lugar incerto e não sabido" —, quando deveria ser por carta rogatória, citação para quem vive no exterior mas com endereço conhecido. Agora poderá voltar ao Brasil sem ser preso.

CAMERA PRESS



Ira de Furstemberg: uma ex-atriz.

— estava condenado a três anos — e em meios políticos de Brasília a decisão é interpretada como "meia anistia".

Desde que os **Beatles** começaram a cantar as delícias da filosofia oriental, aumentou o afluxo de jovens turistas americanos e europeus aos países da Ásia. Em seu último disco, um compacto lançado há poucos dias ("Revolution"), **John, Paul, Ringo e George** reforçam a sua mensagem pacifista: "Você diz que vai mudar a Constituição/ Sabe, é melhor liberar sua mente primeiro..." Os orientais, porém, não andam muito satisfeitos com isso. O Governo da Tailândia proibiu as companhias aéreas que

CAMERA PRESS



Malraux: um ex-revolucionário.

servem o seu país de admitirem em seus aviões pessoas "com os cabelos do tipo Beatle ou vestimentas hippies". Explica um alto funcionário do Governo tailandês: "Essa gente pode influenciar mal a nossa sociedade".

"Nós não brigamos, todos os dias eu telefono para ela", declarou em Buenos Aires, num programa de TV, o italiano **Luigi ("Gigi") Rizzi**, 24 anos, o último namorado de **Brigitte Bardot** e o primeiro desde que ela e **Gunther Sachs** se separaram. Muito irritado, Gigi reafirmou que BB não o enxotou de casa "com malas e bagagens", como a imprensa francesa escreveu. Disse também que conhece **Gunther Sachs** e que o considera "um perfeito cavalheiro". Rizzi não divulgou o motivo de sua viagem a Buenos Aires. Segundo a imprensa argentina, ele foi lá apenas para dar a entrevista.

Elis Regina vai submeter-se a uma operação plástica com o cirurgião **Ivo Pitanguy**. Médico e cantora fazem segredo absoluto sobre a operação. A viagem de Elis a Paris — para um novo espetáculo no Teatro Olympia —, marcada para 8 de outubro, talvez seja adiada. Uma coisa Elis garante: "Antes de Paris farei uma temporada no Blow-Up de São Paulo".

Garrincha não quis aceitar o emprego da ADEG, no Rio, nem a renda do jogo Brasil e seleção mundial, em seu benefício. E foi para o Atlético de Barranquilla, onde podia ser rei. No primeiro jogo, Garrincha deixou o campo chorando, debaixo de vaias. Não suportou a humilhação e desistiu dos 600 dólares que os colombianos lhe pagavam. Agora diz que vai tentar nos Estados Unidos, onde já se encontram muitos jogadores brasileiros, como Vavá, seu contemporâneo da Copa de 58.

O julgamento, esta semana, do habeas corpus impetrado em favor de **Vladimir Palmeira**, líder da ex-UME, preso em agosto no Rio, pode ultrapassar os limites de uma decisão jurídica. A tendência, no Supremo Tribunal Federal, é de conceder o pedido, "para pôr fim a um exagero". Esse exagero é o grande número de estudantes presos e enquadrados, pela Justiça Militar, na Lei de Segurança Nacional. Em Brasília, os ministros do Poder Judiciário estão inclinados a exigir maior rigor na configuração desse delito. Devem pedir que o inquérito militar comprove que os estudantes presos praticam atos com o propósito de derrubar o regime.

PARIS-MATCH



Barrault: um ex-conservador.



Se você tem um problema...

Vá com jeito e aquêle seu sorriso

Sorriso de quem sabe e pode sorrir.
Com Kolynos.

Ah! que delícia a espuma
refrescante de Kolynos.

Kolynos faz dentes brancos e brilhantes,
dá hálito puro e saudável.

Esplêndido Kolynos

Ah!



...melhor do que nunca.



O Robertão não dá o título de campeão brasileiro, mas quem ganha é o maior

O futuro do futebol profissional no Brasil está sendo jogado na Taça de Prata, o maior campeonato do futebol brasileiro em importância, movimentação e interesse econômico: reúne os dezessete maiores clubes do País, que vão disputar 142 jogos em três meses e meio, com uma arrecadação prevista de mais de 5 milhões de cruzeiros novos.

Cinco times do Rio, cinco de São Paulo, dois de Minas, dois do Rio Grande do Sul, um da Bahia, um de Pernambuco e um do Paraná (incluído pela "proximidade geográfica" dos grandes centros do futebol), estão testando a possibilidade de um campeonato brasileiro de clubes.

O futuro — Uma pesquisa encomendada pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD) concluiu que o torcedor corinthiano prefere ser campeão paulista a qualquer outro título, inclusive o de campeão do mundo de clubes. E isto é verdade para a grande maioria dos torcedores de todos os grandes clubes brasileiros.

O problema é que os campeonatos locais

ESSA TAL TAÇA DE PRATA

são todos antieconômicos, em função dos times "pequenos", que usufruem das rendas sem contribuírem para elas, por falta de torcida.

Encampando o Torneio Roberto Gomes Pedrosa a CBD pretende resolver vários problemas do futebol brasileiro, se a experiência der certo:

1. Diminuir a importância dos campeonatos locais, que passariam a ser disputados apenas pelos "pequenos", num sistema de acesso;

2. criar um calendário nacional entrosado com o calendário internacional, de tal modo que os clubes não excursionassem mais nas folgas da tabela, mas

somente o fizessem na época oportuna;

3. resolver o problema econômico-financeiro dos clubes e, portanto, do futebol brasileiro;

4. acabar com os jogos entre seleções estaduais (que sempre desgostaram os clubes, obrigados a ceder seus melhores jogadores, com prejuízo econômico), jogos que antes eram necessários para observação do futebol de elementos novos.

5. dar mais experiência aos jogadores novos, que agora poderão chegar à seleção em melhores condições técnicas, psicológicas e de amadurecimento.

O dinheiro — Para não arriscar o futuro do futebol brasileiro, a CBD fez uma tabela dirigida para a Taça de Prata. Dos 136 jogos da fase de classificação, 35 serão em São Paulo, 34 no Rio, dezoito em Belo Horizonte, dezoito em Porto Alegre, doze em Curitiba, dez no Recife e nove em Salvador (sete capitais que têm população total de mais de 16 milhões de habitantes, com estádios que podem receber até 580 mil torcedores simultaneamente). Os clubes são os de maior torcida e a sua movi-



João Adolfo, goleiro do Náutico: o "Robertão" dá oportunidades que o esquema regionalista dificilmente dava.

mentação também foi cuidadosamente programada. Por exemplo: o Atlético Paranaense, de menor torcida e prestígio, só joga fora de casa três vezes. O Flamengo (do Rio) e o Santos (SP), os clubes de maior torcida nacional, jogam em todos os Estados. E todos os clubes jogam no Mineirão, onde as rendas são sempre boas.

Se os jogos renderem, em média, 40 mil cruzeiros novos, todos os clubes ganharão dinheiro (uma experiência inédita no futebol brasileiro) e a CBD também, interessadíssima em prestigiar ao máximo o campeão da Taça de Prata.

A Taça e a Copa — A diferença fundamental entre a Taça Brasil e a Taça de Prata é que uma é disputada pelos campeões do ano anterior, num sistema de eliminatórias que facilita as coisas para os times dos grandes centros, e a outra é um campeonato como a torcida gosta: todos contra todos.

Os dezessete da Taça de Prata foram divididos em dois grupos. O primeiro reúne o Flamengo, o Botafogo e o Bangu, do Rio; o Corinthians e o Palmeiras, de São Paulo; o Internacional, de Porto Alegre; o Cruzeiro, de Belo Horizonte; o Náutico, do Recife; e o Atlético Paranaense, de Curitiba. O segundo inclui o Vasco e o Fluminense, do Rio; o Santos, o São Paulo e a Portuguesa de Desportos, paulistas; o Atlético, de Belo Horizonte; o Grêmio, de Porto Alegre; e o Bahia, de Salvador. Para o turno final estarão classificados os dois primeiros colocados de cada grupo, mas todos os times jogarão entre si, valendo ponto. (O que significa que o terceiro colocado de um grupo, mesmo com menos pontos perdidos que os vencedores do outro, estará desclassificado.) Um detalhe: na CBD ainda não sabem como vai ser a taça propriamente dita, quanto custará e quando fica pronta. Só sabem que vai ser de prata mesmo.

NOVE E NOVE

O homem já está correndo os 100 metros em menos de dez segundos

Para que se tenha uma boa idéia do que significa correr 100 metros em menos de dez segundos, basta dizer que este é pouco mais que o tempo necessário para a leitura corrente desta frase. E, no entanto, três negros americanos, Charlie Greene (24 anos), Ronnie Ray Smith (20) e Jim Hines (21), correram os 100 metros em 9"9, no dia 21 de junho, durante as provas do campeonato americano, em Sacramento, Califórnia. Mas o novo recorde até hoje não foi homologado pela Federação Internacional de Atletismo Amador. O que não é novidade.

Não é possível! — Quando o sul-africano Reginald Walker marcou 12"2 em 1909, a Federação não reconheceu seu tempo porque a comissão homologadora considerou que "o ser humano não pode atingir esta velocidade". Quando o alemão Ketterer fez 10"1 em Viena, em 1911, seu recorde também não foi registrado. Jesse Owens, em 1936, nas Olimpíadas de Berlim, foi obrigado a correr 10"2 três vezes para ser, oficialmente, o recordista. (E então, disse aos jornalistas que nenhum homem correria em menos de dez segundos, antes das Olimpíadas de 1986.) Em 1960 o alemão Armin Hary fez 10" cravados, mas provaram que a pista tinha um declive de 12 centímetros. Hary fez 10" mais duas vezes, no mesmo ano, até valer. O recorde de Hary tem sido considerado "a barreira do possível", desde 21 de junho de 1960. Nestes oito anos, seis atletas igualaram seu tempo. No dia em que o recorde fez oito anos, seis atletas correram em 10" e três fizeram 9"9, com vento favorável de 2,8 quilômetros por hora, inferior ao limite máximo permitido (3 km/h). Antes, no mesmo dia, Hines já havia feito 9"8, mas o vento soprava forte a seu favor. A nova marca "continua sendo investigada" e é provável que siga a tradição: não vai ser registrada. Mas é possível que a barreira dos dez segundos caia no México durante as Olimpíadas.

Porque é possível — Os técnicos dizem isto por três motivos:

1. Descobriu-se o "ponto ótimo" para o desenvolvimento humano da velocidade, que é o ponto de equilíbrio entre a largura da passada e a força do impulso. Isto é, qual o máximo de impulso que a perna de trás pode dar ao corredor sem que a abertura da passada oponha resistência. Este ponto varia mas permite passadas de até 3 metros;
2. as pistas do México (como as de Sacramento) são de "tartan", uma substância sintética que é mais dura que a pista de terra e mais flexível que a de concreto. Ela "prende menos a passada" e não é tão cansativa;
3. a altitude do México torna o ar rarefeito, o que diminui o atrito e a resistência do ar. Além disto, a gravidade também se torna um pouco menor.

O recorde brasileiro dos 100 metros rasos já tem onze anos e é do carioca José Teles da Conceição, que em 1957 marcou 10"2, o mesmo tempo de Jesse Owens 21 anos antes. Nesse ano, outros quatro brasileiros correram em menos de 11": Armando Silva (Flamengo, 10"5), João Pires Sobrinho (Flamengo, 10"6), Jorge Machado de Barros (Flamengo, 10"6) e Isoel Rosa Santos (Flamengo, 10"8). Agora, só dois estão correndo a menos de 11": Anauí A. dos Santos (Flamengo, 10"7) e Admilson Chitarra (Lavras, 10"8).

O BOM RATEIO

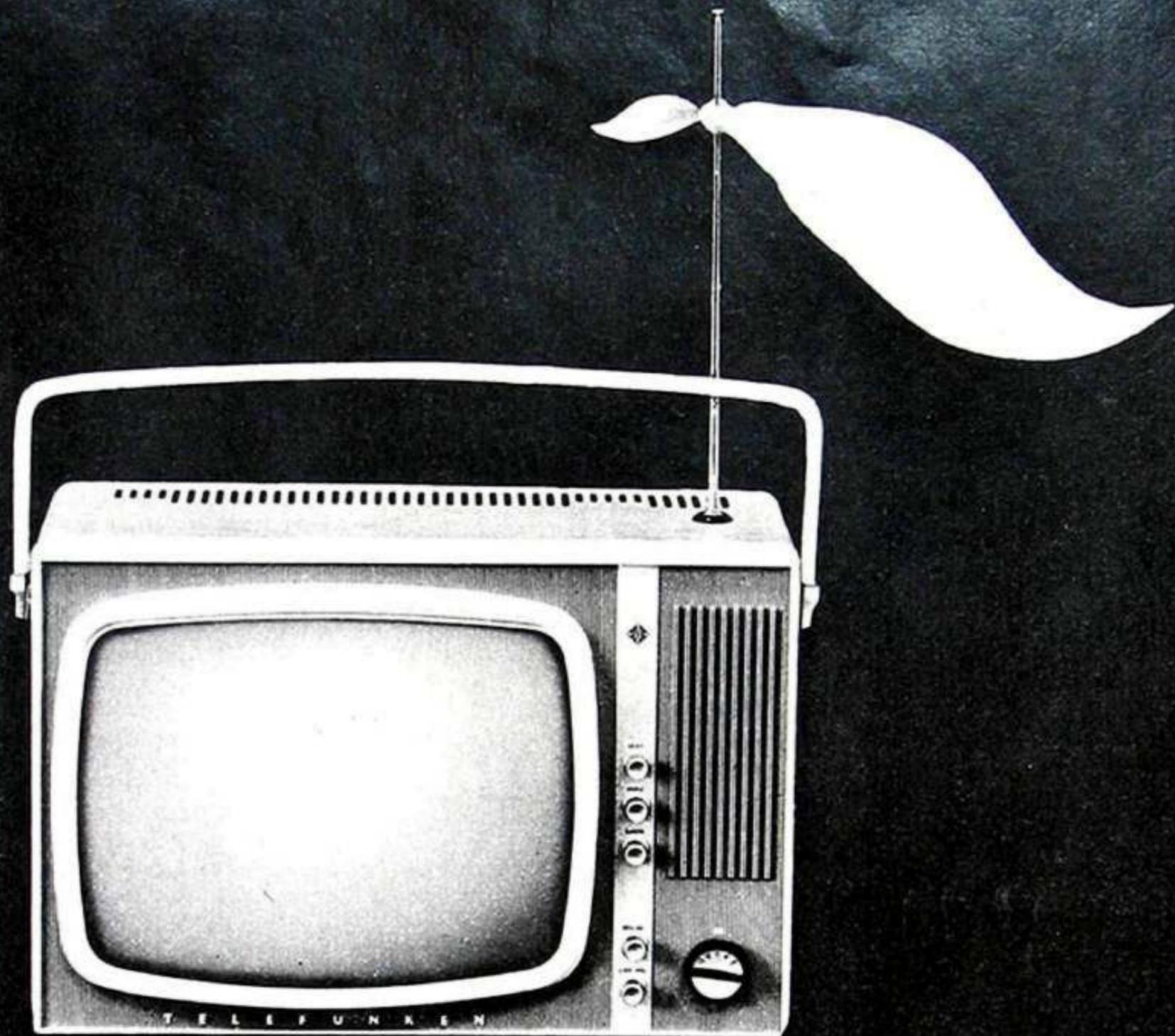
Nôvo sistema de apostas pode fazer um milionário por semana

O Jôquei Clube Brasileiro está estudando a introdução da pule-tripla, o "tiercé", um sistema revolucionário de aposta que permite rateios muito mais altos e é tão popular na França quanto o "jôgo do bicho" no Brasil, exatamente porque é possível ganhar muito dinheiro arriscando muito pouco.

O "tiercé" — Os parisienses chamam o sistema, carinhosamente, "o joguinho do André", em homenagem ao seu inventor: o Dr. André Carrus, professor da Escola Politécnica de Paris. Nesse jôgo o apostador deve indicar, pela ordem de chegada, os três cavalos vencedores do páreo. Por exemplo: 1, 12 e 7. Se êsses três forem os primeiros a cruzar o disco de chegada, o apostador tem direito a um "rateio-base", ainda que a ordem não seja exatamente a que apontou (isto é, na "desordre"). Esse rateio é o resultado apurado na venda total de pules-triplas, dividido pelo número de bilhetes vencedores, menos os 25% que cabem ao Jôquei Clube e os 8% da Previdência Social (o mesmo processo de apuração do rateio das pules simples e duplas). Mas se o apostador acertar os cavalos e, ainda por cima, indicar corretamente a ordem de chegada, ganha cinco vezes mais. E isto é apenas o começo.

A "desordre" — Os que realmente querem ficar ricos não dão atenção à pule-tripla: acumulam, num só jôgo, três pules-triplas (o "tiercé" propriamente dito). Isto é, indicam a ordem de chegada dos três primeiros colocados em três páreos do programa. Se alguém fôr o único acertador será mais um milionário. Em Chantilly, um cidadão não identificado jogou três francos e ganhou 160 mil. O que quer dizer que jogou menos de três cruzeiros novos e ganhou mais de 125 mil cruzeiros novos. Mas não é só acertando "no duro" que se ganha. O apostador joga "invertendo" os números que escolheu, o que aumenta sua possibilidade de ganhar de uma para 84 vezes.

Mesmo que os animais entrem fora de ordem, o apostador que arrisca menos salva o seu dinheiro e ainda pode ganhar uns trocados: basta ter jogado na "desordre", na desordre, o que aumenta para 504 suas possibilidades de vencer, diminuindo proporcionalmente o rateio. Só que o jôgo mais popular é mesmo "no duro": comprando um bilhete de três francos qualquer um pode tornar-se milionário, o sonho de muito francês e a esperança, agora, de cariocas e paulistas.



O Pacificador

De agora em diante, você assiste
o programa que você quer. Quando quer.
Onde quer. Sem ficar frustrado, nem forçar
ninguém a ver o que não quer:

Telefunken apresenta o televisor individual,
que põe fim às guerrinhas domésticas.

A tela é de 41 cm. Caixa de madeira. Um TV completo,
mas compacto. Pra pouca gente ver. Em pequenos
ambientes. Visite um revendedor e ouça, veja o nôvo
TV TELEFUNKEN. É o televisor individual.

TELEFUNKEN

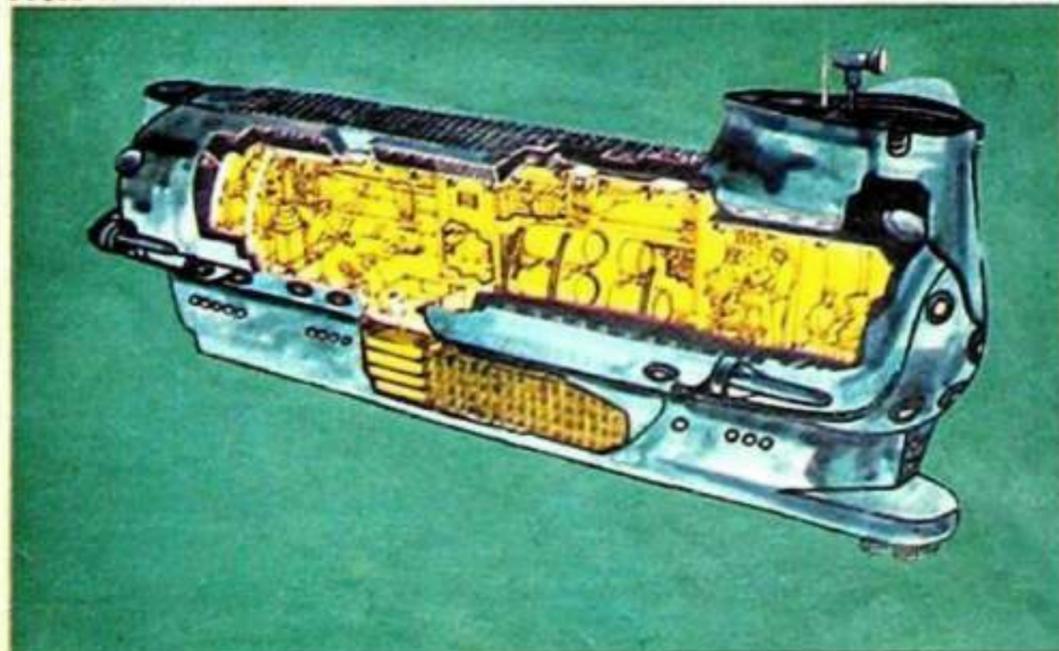


é outra categoria



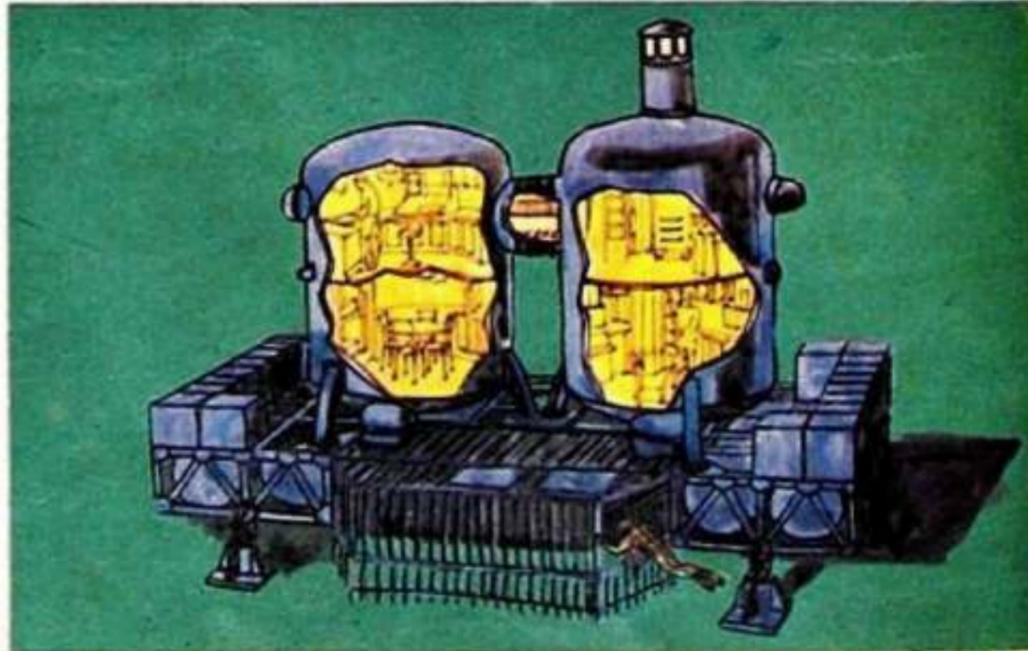
Em busca da riqueza do leito do oceano: a sonda "Petrobrás" deixa o litoral de Aracaju para procurar o petróleo da plataforma continental.

DUQUE ESTRADA



Nôvo recorde: nesta casa submarina, Jacques Piccard, que desceu mais fundo no mar (10 800m), fará com cinco cientistas uma viagem de 2 400km.

DUQUE ESTRADA



Vendo o homem ver o peixe: 4 biólogos dos EUA viverão neste laboratório marinho enquanto psicólogos observam suas reações pela televisão.

CORRIDA AO FUNDO DO MAR

O homem marca um prazo para a conquista do mar, o rico e fascinante berço da vida

Nas próximas décadas, o homem voltará às suas origens, ao profundo e misterioso oceano, de onde as primeiras formas de vida saíram há 300 milhões de anos. No Rio de Janeiro, esta volta foi proposta oficialmente por 35 países, numa conferência sobre o fundo do mar patrocinada pela ONU. E agora, quando começa a I Década Oceanográfica Internacional, já se pode prever como será a vida no mar dentro de poucos anos. Mergulhadores cultivarão as extensas plataformas submarinas, suaves prolongamentos das praias que descem até 300 m no oceano e circundam todos os continentes; transformarão o solo marinho em hidroculturas, onde peixes nascidos de ovos fertilizados viverão como em fazendas aquáticas para depois serem transformados em alimentos concentrados. Poços de petróleo serão operados por trabalhadores a 400 m de profundidade; geólogos e oceanógrafos visitarão o fundo do mar em submarinos, para estudar novas riquezas minerais, medir e conhecer a topografia e a vida marítima. E nem só de trabalho será a vida no mar: as famílias passarão férias sob as águas, em casas especiais de onde podem sair para pescar, fotografar ou simplesmente apreciar a fascinante paisagem submarina.

As razões do sangue — Muitas coisas empurram o homem para o onipresente oceano, que cobre 341 dos 510 milhões de quilômetros quadrados de superfície da Terra. Algumas razões estão em seu próprio sangue: o líquido que circula nas veias humanas tem uma composição quase idêntica à dos oceanos.

Como a corrida ao espaço, a viagem para o mar oferece aos aventureiros a emoção do desconhecido: a apenas 5 km de profundidade, a paisagem submarina é tão exótica como a da Lua e muito mais rica em cores, sons e formas.

As razões da fome — A vida volta ao mar também em busca de alimento e de fortuna. No ano 2000, a população da Terra será duas vezes a de hoje, 6 bilhões de pessoas. Para alimentá-las será preciso buscar as proteínas no mar. Em 1950, a ONU calculou a necessidade mundial de proteínas em 70 bilhões de quilos; mais trinta anos e serão necessários 170 bilhões. E o mar pode dar mais que isso, só em peixes: 200 bilhões de quilos anuais (hoje, dá 54 bilhões).

Mas, para isso, é preciso cuidar da flora do mar como dos pastos das fazendas. De acordo com biólogos, 99% dos filhotes de peixes morrem por doenças e má alimentação. Protegendo o ambiente onde vivem, enriquecendo-o, vários institutos oceanográficos em todo o mundo começam a mostrar que é possível multiplicar os peixes. Mas não é só o que o oceano oferece ao futuro.

RENATO HEZ



Coleta de plancto: a fonte da vida.

As reservas marítimas de petróleo são calculadas em 700 bilhões de barris, três vezes a quantidade que há nos continentes. Companhias americanas, no momento, investem 10 bilhões de dólares na exploração das reservas petrolíferas da plataforma continental.

O mar dá aos Estados Unidos, Inglaterra e Noruega todo o magnésio de que precisam; fornece 75% do bromo dos EUA; todo o estanho da Indonésia, Malásia e Tailândia; um quinto do carvão que os japoneses não têm na sua ilha. O mar tem ouro (Alasca) e diamantes, que a África do Sul extrai a 60 m de profundidade na sua plataforma continental.

Viver no mar — O oceano agride quem se aventura desprotegido à profundidade de poucos metros. Um mergulhador, a 50 m, só pode ficar alguns minutos, de-

vido ao frio. E, ao retornar à superfície, precisa passar horas numa câmara de decompressão, para livrar os tecidos e o sangue do excesso de gases empurrados para a corrente sanguínea pelas altas pressões da água. Subindo rapidamente à superfície, estes gases formam bolhas dentro do corpo, muitas vezes no sangue; então o mar faz sofrer e chega a matar.

A firma americana Westinghouse descobriu como evitar que o homem pague tão alto preço por seus mergulhos. Antes de descer, o mergulhador entra numa câmara a bordo de um navio, onde é mantido por algum tempo sob as pressões dos locais onde irá trabalhar. Quando seus tecidos estão saturados com gás, ele toma outra câmara, para mergulho, com a mesma pressão, e desce. Para descansar, pega a câmara de transporte e volta à outra do navio. Assim, não tem de se submeter à decompressão toda vez que sobe e desce.

Astronauta, aquanauta — A aventura do mar seduziu um homem que já viveu a aventura do espaço, Scott Carpenter, piloto do segundo voo orbital americano, agora chefe da equipe de mergulhadores do "Sea Lab III" (Laboratório do Mar). Ele descenderá e viverá 45 dias a 200 metros da superfície do mar, nas ilhas de São Clemente, na costa da Califórnia. No começo do próximo mês, Carpenter e cinco equipes de mergulhadores farão experiências com três tipos de roupas que devem permitir ao homem desafiar o frio submarino. Um dos modelos é uma espécie de cobertor com resistências elétricas de aquecimento; o segundo é um conjunto de encanamentos que fazem circular água quente em torno do corpo do aquanauta. (Os dois são alimentados por energia fornecida através de um "cordão umbilical" que liga o mergulhador ao laboratório.) O terceiro é uma vestimenta aquecida por energia radiativa.

Os aquanautas também vão estudar as possibilidades do diálogo homem-peixe. Na expedição do "Sea Lab II", um golfinho foi treinado para localizar mergulhadores perdidos, seguindo um equipamento de sinalização carregado pelo homem. No "Sea Lab III", os golfinhos levarão mensagens de um navio até o laboratório. Algumas focas também farão serviços para os homens. Elas não são

com êste
símbolo
a Meridional
mostra que
sabe facilitar
a vida do
cliente.
claro.



E assim que a
**MERIDIONAL COMPANHIA
DE SEGUROS GERAIS** encara o
problema: proteção, segurança e
assistência absoluta. Na **MERIDIONAL** você encontra
todo tipo de seguro: vida, roubo, incêndio,
automóvel, etc. A **MERIDIONAL** é uma
Companhia grande, dinâmica, forte e
que sabe como proteger
seus clientes.



MERIDIONAL

COMPANHIA DE SEGUROS GERAIS
R. Antônio de Godoy, 53 - 3.º and.
Tels.: 36-0165 e 36-0136 - SÃO PAULO

tão inteligentes quanto os golfinhos, mas podem ficar dentro da água por períodos quatro vezes mais longos.

Respirando água — Talvez o homem possa trocar o ar pela água. Um fisiologista americano, Johannes Kylstra, "preparou" ratos que passeiam tranquilos no fundo de tanques cheios de soluções salinas com muito oxigênio. Os ratos respiram a solução em vez de ar e Kylstra concluiu que os pulmões funcionam também com líquidos, desde que estes tenham suficientes concentrações de oxigênio. Mostrou ainda que a experiência funciona também com homens. Um voluntário submeteu-se à prova, respirando água em um dos pulmões, através de tubo inserido numa incisão feita na traquéia. Sob efeito de anestesia local, êle disse não ter sentido dificuldade de respiração nem cansaço. Kylstra acha que seus trabalhos podem livrar os mergulhadores do grande castigo do mar: a pressão. Acredita que, respirando hélio líquido, um fluido que resiste a pressões

altíssimas, o homem ficaria com os tecidos e o sangue fechados para a entrada dos gases impelidos pela alta pressão da água do fundo do mar. Um mergulhador poderia voltar à superfície livremente, mesmo depois de uma descida a mais de 500 m. As experiências feitas com ratos até agora confirmaram suas previsões.

Mare nostrum — Enquanto todos correm para o mar, o Brasil, com 7 408 quilômetros de litoral (uma das cinco maiores extensões costeiras do mundo), olha para o oceano com esperanças, mas ainda com timidez. Uma pesca primitiva e o início da pesquisa de petróleo na plataforma continental: isso é tudo, por enquanto.

Mas começa a soprar um vento de pôpa na viagem brasileira para o oceano. A Petrobrás atualmente perfura o fundo do mar no litoral de Aracaju. Usa uma plataforma flutuante marítima — a "Petrobrás I" — e uma sonda que desce a 4 000 m. Mais seis locais serão pesqui-

sados, em Sergipe, Espírito Santo e Alagoas. Enquanto isso, chegou a Santos o Navio do Instituto Oceanográfico de São Paulo, o "W. Besnard", que termina sua terceira viagem de estudos da corrente e da flora marítimas entre Espírito Santo e Rio Grande do Sul.

Mais peixes — A viagem do "W. Besnard" é parte de um programa para melhorar as condições de pesca brasileira. O Brasil extrai do mar apenas 1% de sua alimentação, enquanto no resto do mundo a média é 4%. A sardinha, o mais abundante pescado brasileiro, é tirada do mar na razão de 100 quilos por hectare. O resultado é medíocre quando comparado com a pesca da anchoveta, a sardinha do Peru: 2 100 quilos por hectare. (Os números servem para mostrar como é generoso o mar: 1 hectare de terra é o que um boi exige para dar ao homem só 20 quilos de carne.) O Brasil não precisa apenas do milagre da multiplicação dos peixes: suas reservas minerais submarinas também conti-

De homens e peixes: diário de 37 trabalhadores do mar.

Dia 20 de agosto. O mar está inquieto. Ondas de até 7 metros varrem o convés do "W. Besnard". A tripulação, 37 homens do Instituto Oceanográfico de São Paulo, espera tempo melhor para prosseguir o trabalho: a terceira viagem de levantamento das condições para a pesca no litoral sul do País.

Há seis dias o "Besnard" deixou o porto de Santos. A viagem termina no começo de setembro e será repetida, mais sete vezes, mês sim, mês não, até 1969. Dia 22. Gelso Vazzoler, 39 anos, oceanógrafo, chefe da expedição, já fez viagens semelhantes dezenas de vezes, mas ainda sofre com a maresia. Hoje está animado. O mar calmo vai permitir a continuação das pesquisas. Matsunaga Iway, japonês de 26 anos, oceanógrafo, lança ao mar uma rede especial para recolher ovos de peixe. Procura determinar a época da desova da corvina, da maria-mole, da pescada e descobrir quando e onde estas espécies de primeira qualidade podem ser apanhadas. Dia 24. Mar ainda calmo. A cada 50 km, o "Besnard" recolhe amostras da água, mede sua temperatura e determina o tipo de plancto que elas contêm (plancto são organismos vegetais ou animais, alguns microscópicos, alimento da maioria dos peixes). As informações obtidas permitem a Naércio Aquino Menezes, 31 anos, biologista doutorado em Harvard, EUA, e ao resto da equipe calcular onde ficam os cardumes: cada um tem preferência por certa espécie de plancto, por determinada

RENATO HEZ



"W. Besnard": para uma pesca melhor.

temperatura e quantidade de sal.

Dia 26. Matsunaga e Gelso estão interessados em atuns. Numa viagem anterior, Matsunaga julgou ter localizado pelo sonar alguns cardumes (o navio emite um som, êle se reflete no cardume, e o eco é ouvido de volta no navio; o tempo entre a emissão e a recepção do som dá a distância dos peixes ao barco). Até pouco tempo, ninguém sabia da existência do atum no litoral brasileiro. Este peixe bicudo, de carne avermelhada, que chega a mais de 1 metro de comprimento, talvez seja a isca que atrai os barcos estrangeiros para as costas do Rio Grande do Sul. Gelso pensa assim e por isso, no fim da viagem, o "Besnard" deve procurá-los, saindo da plataforma continental, para as correntes de água morna de 19 a 26° e os bancos de areia a 500 km do litoral, suas regiões preferidas.

Dia 28. O "Besnard" continua em trabalho de recenseamento das sessenta espécies de peixes que existem nas águas

sulinas. Pega amostras de cardumes e calcula a idade média, comprimento, peso e elementos de cada sexo. As informações permitem determinar quando e como os cardumes devem ser pescados, sem acabar com sua espécie.

Além dos peixes da superfície, de vez em quando a rede traz surpresas. Agora, são duas espécies de estranha família que habita o fundo do mar: uma é o peixe-morcêgo, de aspecto sinistro, que não nada, apenas anda no fundo; a outra é o pescador, um pequeno monstro marinho, de bôca larga, quase do tamanho do corpo negro cheio de protuberâncias. O pescador sabe pescar: possui uma espécie de língua, semelhante a uma apetitosa folhinha, que agita entre os peixes menores.

Dia 30. O "Besnard" vai atrás dos atuns, deixa o litoral à altura do arroio Chuí. O comandante Aimorê Fleury Godoy manda apontar a proa para o mar alto, em busca de bancos de areia, alguns descobertos no século passado. Os três primeiros não são localizados. Os registros cartográficos são antigos e imprecisos. Ainda há quatro bancos, onde os atuns podem estar escondidos. Um forte vento nordeste, contudo, começa a soprar contra a proa do "Besnard". Alguns ainda querem continuar. A experiência do Capitão Aimorê aconselha o contrário: a tripulação está cansada, o prazo da viagem esgotado, o mar agitado demais. O "Besnard" ruma para Cananéia; já tem muitas informações, agora vai analisá-las.

nuam intocadas. Segundo o Capitão-de-Mar-e-Guerra Paulo de Castro Moreira da Silva, 45 anos, diretor do Instituto de Pesquisas Marítimas da Marinha, além do petróleo, o fundo do mar brasileiro tem calcário (litoral baiano: o calcário é ótimo fertilizante), areias monazíticas (mineral atômico, na plataforma continental do Espírito Santo) e fosfatos, descobertos recentemente nas águas de Cabo Frio, excelentes fertilizantes, talvez a maior riqueza do mar brasileiro.

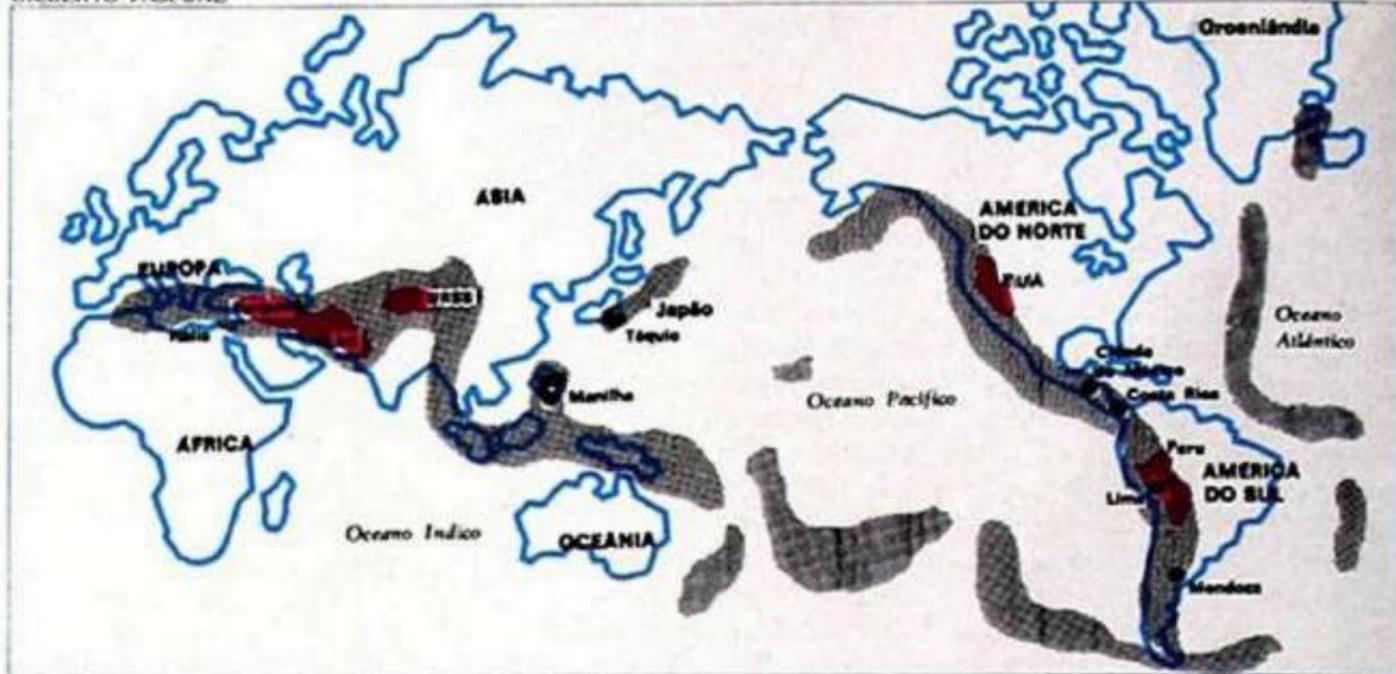
Em muitos lugares, o mar oferece espontaneamente os seus tesouros. Na foz do Amazonas, recentemente, o navio japonês "Tóquio Maru" não conseguia arrastar suas rês no fundo do mar devido ao peso de pedras de manganês, que chegam a formar um duro tapete na plataforma continental do Norte. No Sul há magnetita (minério de magnésio, metal usado no bloco do motor do Volks) e ilmenita, minério de tório, combustível dos reatores nucleares.

Os donos do mar — De quem é o oceano? Esta é uma das perguntas que motivaram a reunião da ONU, no Rio, durante duas semanas. A conferência discutiu apenas o mar profundo.

O mar litorâneo já tem seus donos. Para a maioria dos países (o Brasil entre eles), uma faixa de 6 milhas acompanhando o litoral é parte do território nacional: nela, o país é soberano e só permite aos demais a passagem de "barcos inocentes", não dedicados nem à pesca, nem à guerra. Em outra faixa, de mais 6 milhas, contíguas à primeira, a nação se reserva os direitos de pesca, embora não reivindique a soberania. Isso na superfície; quanto à plataforma continental, todos os países a consideram território nacional. No Brasil, ela corresponde a uma faixa com largura média de 67 quilômetros e 850 000 quilômetros quadrados, um décimo da área continental brasileira.

O mar de todos — Mas de quem é o alto mar, o mar profundo que constitui 90% do oceano? Os países pequenos e fracos acham que ele deve ser de todos e de ninguém. Os países grandes e fortes acham que o assunto precisa ser bem discutido. A pequena ilha de Malta (246 quilômetros quadrados, no Mediterrâneo, ao sul da Sicília), país que propôs a conferência do Rio, acha (e nisso tem o apoio dos subdesenvolvidos) que o mar deve ser internacionalizado e explorado em benefício de todos. E que devem ser proibidas as atividades militares em seu leito. Os americanos querem melhor definição do que Malta entende por "atividades militares". Perguntaram na conferência: um submarino estaria violando a lei? Uma mensagem militar pelos cabos submarinos seria permitida? Estas perguntas serão em breve respondidas.

GILBERTO PASCOAL



Crises da Terra: a de agosto (pontos pretos) e a atual (área vermelha).

A TERRA TREME

*Ela treme a cada dez segundos.
No Irã matou 20 mil pessoas.*

Com 5 bilhões de anos, a velha Terra ainda está agitada. Na última semana, sua casca foi sacudida por tremores que atingiram regiões do Irã, URSS, Turquia, EUA e Peru. Na antiga Pérsia, os movimentos da Terra foram os mais violentos dos últimos trinta anos. Resultado: cerca de 20 mil mortos, 50 mil feridos e 100 mil pessoas desabrigadas. A tragédia é repetição de outra do começo de agosto, quando o solo tremeu formando um círculo de morte e destruição em torno do oceano Pacífico (mapa acima): duzentos mortos em Manila, capital das Filipinas; oitenta na Costa Rica com a erupção do vulcão Arenal; deslocamento de toda a Cidade do México 2 centímetros em direção ao sul; destruição de edifícios em Tóquio, Lima e Mendoza (Argentina).

Terra viva — Na Idade Média dizia-se que a Terra era um organismo vivo; os vulcões seriam seus órgãos respiratórios; os terremotos, tremores doentes que a agitariam de tempos em tempos. Depois, a concepção mudou: os cientistas acreditaram ser o centro do globo terrestre uma bola de fogo em processo de resfriamento. Hoje, embora a Terra continue desafiando as teorias (até agora não se conseguiu furar poços de mais de 8 km na casca do planeta), acredita-se que seu núcleo é uma dura bola metálica de 3 450 km de raio. Envolvendo-a, há uma espécie de manta fluida de 2 800 km de espessura, o magma. O magma é o foco da agitação da Terra: explosões comparáveis às de várias bombas nucleares fundem e movimentam sua massa propagando-se para a crosta terrestre, uma casca fina de 8 a 50 km de profundidade. Permanen-

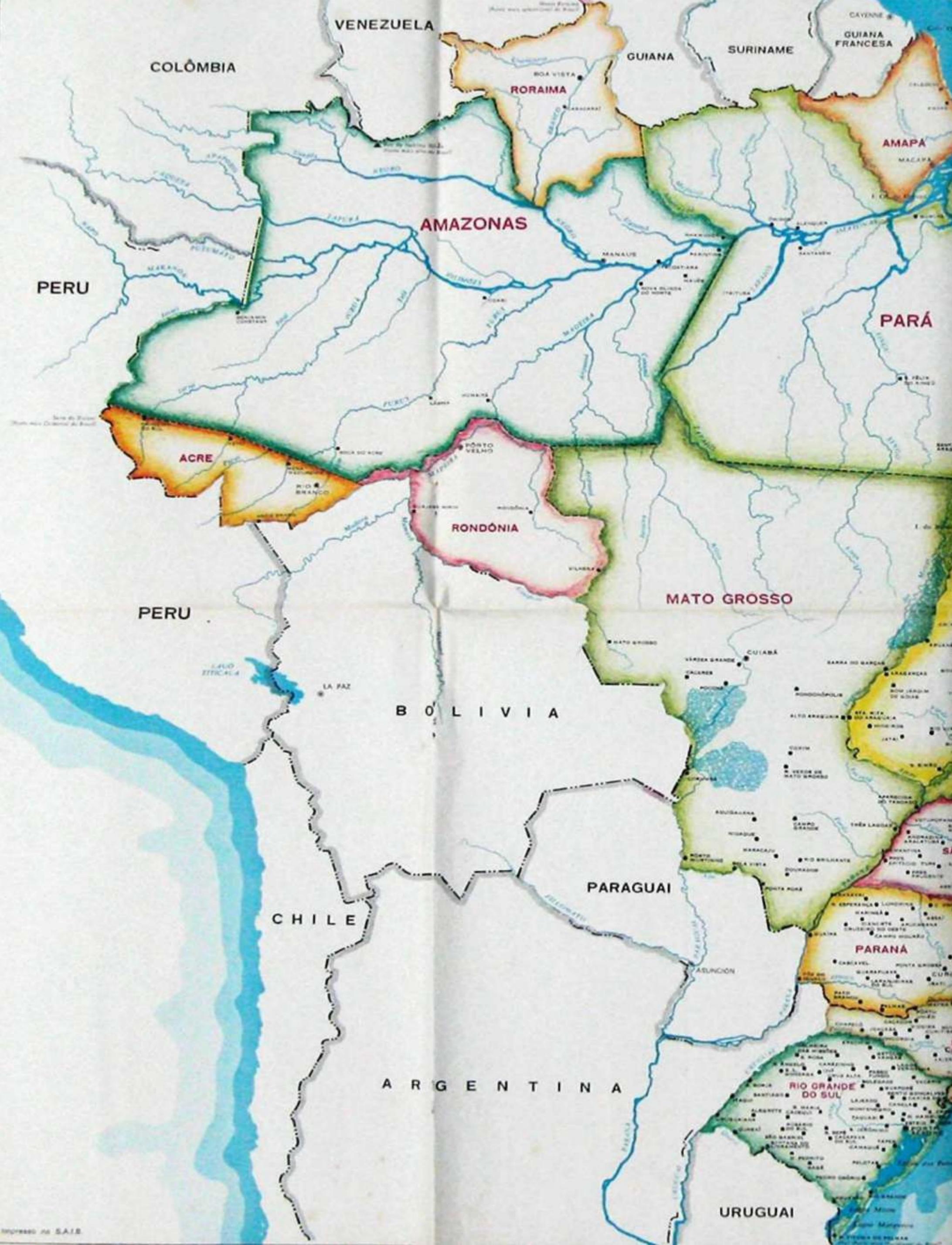
temente, o magma está em convulsão: cada minuto, a Terra treme em dois a dez pontos simultaneamente.

Contudo, essa agitação sistemática preocupa apenas os geólogos. Na maioria das vezes, o movimento alcança a superfície atenuado, sob a forma de leves vibrações percebidas apenas pelos delicados aparelhos dos cientistas. Mas onde a casca da Terra é fina ou tem fraturas — terrenos formados recentemente (1 milhão de anos), onde o magma ainda não se equilibrou com a crosta — a agitação chega violenta aos pés dos homens; é a região dos terremotos e vulcões, uma área em forma de anéis que cerca o oceano Pacífico e o Índico. Os anéis incluem as regiões dos últimos terremotos. Alguns países, como o Japão, situados exatamente sobre um deles, vivem sob ameaça permanente. Em Tóquio, em 1923, um terremoto matou 142 mil pessoas. Foi o maior já registrado.

Berço esplêndido — Últimamente, tremores de Terra têm assustado os habitantes de Pereiro, no Ceará. Em 1966, numa extensão de mais de 100 km, de São Luís do Paraitinga, SP, à Guanabara, o solo agitou-se, mostrando que a terra continua viva sob os pés brasileiros. Antes (pouco antes, dizem os geólogos), há 120 milhões de anos, entre os atuais Estados do Rio Grande do Sul e Mato Grosso, numa área de 1 milhão de quilômetros quadrados, abriram-se fendas na Terra e delas transbordaram lavas, formando camadas de até 1 000 m de altura. Da tragédia para os brasileiros da região centro-sul, sobram as terras roxas, generosas para o plantio do café. Mas os geólogos não se preocupam com essas pequenas agitações do subsolo brasileiro: o País está deitado em berço esplêndido, uma crosta formada há 180 milhões de anos, que dificilmente tremerá com perigo para quem anda sobre ela.

NA OCASIÃO DO LANÇAMENTO
DE SUA NOVA REVISTA SEMANAL
A EDITORA ABRIL TEM O PRAZER
DE LHE OFERECER O MAPA DO
BRASIL. AO MESMO TEMPO, VEJA
REAFIRMA SEU PROPÓSITO DE
MANTÊ-LO BEM INFORMADO.





VENEZUELA

COLÔMBIA

GUIANA

SURINAME

CAUVENNE
GUIANA FRANCESA

RORAIMA

AMAPÁ

AMAZONAS

PERU

PARÁ

ACRE

RONDÔNIA

MATO GROSSO

PERU

BOLÍVIA

PARAGUAI

CHILE

PARANÁ

ARGENTINA

RIO GRANDE DO SUL

URUGUAI

FISIONOMIA DO PAÍS

Superfície: Não é simplesmente para fazer frase que o Brasil é chamado "nação continente"; com efeito, o País ocupa a metade do território da América do Sul. É o quarto do mundo em extensão, com 8 511 925 km². Chile e Equador são os dois únicos países da América Latina que não têm fronteiras com o Brasil.

Relêvo: Aproximadamente 58% do território situa-se a menos de 300 m de altitude. O ponto mais alto é o pico da Neblina (3 014 m), na serra do Imori (fronteira com a Venezuela).

Hidrografia: O sistema hidrográfico inclui alguns dos maiores rios do globo: Amazonas, Paraná, Madeira, Purus, Juruá, São Francisco, Araguaia, etc. O Amazonas é o rio mais caudaloso do mundo, com uma vazão de 12,5 bilhões de litros por minuto.

Clima: A maior parte do território inclui-se dentro do mundo tropical: de 5° 16' de latitude norte a 33° 45' de latitude sul. As temperaturas médias anuais são moderadas: as mais altas chegam a 27,5°C; as mais baixas, a 11,5°C.

Flora e fauna: A flora apresenta uma diversidade realmente assombrosa: na selva que cobre a bacia Amazônica, por exemplo, encontram-se até 3 mil espécies de plantas por km². São inúmeras as espécies de aves, insetos, répteis e animais de porte pequeno e médio. O animal que alcança maior tamanho é a anta.

População: O censo demográfico de 1960 colocava o Brasil entre os dez países mais populosos do mundo, com um total de 70 967 185 habitantes. A estimativa para

1968 é de 89 815 000. A taxa anual de crescimento demográfico é de 3%. A densidade demográfica média do País é de 10,55 habitantes por quilômetro quadrado, sendo a região sul a mais povoada.

Aos quatro tipos fundamentais da população brasileira — brancos, negros, índios e mestiços, surgidos do cruzamento dos três tipos anteriores — juntaram-se elementos estrangeiros: italianos, alemães, eslavos, japoneses, sírios, libaneses, espanhóis, etc.

Divisão político-administrativa: O País é constituído de 22 Estados, quatro territórios e o Distrito Federal, onde se localiza Brasília, a capital. O maior dos Estados é o Amazonas, com 1 564 445 km², e o menor, a Guanabara, com 1 356 km². O mais populoso e também o mais próspero é o Estado de São Paulo.

REGIÕES NATURAIS

(Divisão regional oficial do Conselho Nacional de Geografia)

NORTE: Amazonas, Pará, Acre, Roraima, Amapá, Rondônia.

NORDESTE:

Nordeste ocidental (meio-norte): Maranhão, Piauí.

Nordeste oriental: Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas.

LESTE:

Leste setentrional: Sergipe, Bahia.

Leste meridional: Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Guanabara.

SUL: São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul.

CENTRO-OESTE: Mato Grosso, Goiás, Distrito Federal.



MES MAIS SECO



MES MAIS FRIO

OS ESTADOS

Estados	Área (km ²)	População	Capital	População da capital*
Acre (AC)	152 589	202 000	Rio Branco	72 000
Alagoas (AL)	27 731	1 400 000	Maceió	221 000
Amazonas (AM)	1 564 445	903 000	Manaus	254 000
Bahia (BA)	561 026	6 915 000	Salvador	898 000
Ceará (CE)	148 016	3 838 000	Fortaleza	846 000
Espírito Santo (ES)	39 368	1 491 000	Vitória	127 000
Goiás (GO)	642 092	2 809 000	Goiânia	341 000
Guanabara (GB)	1 356	4 207 000	Rio de Janeiro	4 207 000
Maranhão (MA)	328 663	3 461 000	São Luís	222 000
Mato Grosso (MT)	1 231 549	1 364 000	Cuiabá	87 000
Minas Gerais (MG)	583 248	11 480 000	Belo Horizonte	1 167 000
Pará (PA)	1 248 042	1 929 000	Belém	571 000
Paraíba (PB)	56 372	2 252 000	João Pessoa	189 000
Paraná (PR)	199 554	7 217 000	Curitiba	617 000
Pernambuco (PE)	98 281	4 729 000	Recife	1 100 000
Piauí (PI)	250 934	1 414 000	Teresina	191 000
Rio de Janeiro (RJ)	42 912	4 506 000	Niterói	304 000
Rio Grande do Norte (RN)	53 015	1 291 000	Natal	240 000
Rio Grande do Sul (RS)	282 184	6 561 000	Pôrto Alegre	933 000
Santa Catarina (SC)	95 985	2 706 000	Florianópolis	132 000
São Paulo (SP)	247 845	16 624 000	São Paulo	5 685 000
Sergipe (SE)	21 994	851 000	Aracaju	156 000
D. Federal (DF)	5 814		Brasília	390 000
Territórios				
Amapá (AP)	140 276	106 000	Macapá	67 000
Roraima (RO)	243 044	41 000	Pôrto Velho	70 000
Rondônia (RD)	230 104	114 000	Boa Vista	33 000
Fernando de Noronha	26 716	2 000	Vila dos Remédios	2 000

* Dados estimativos para 1968, segundo o Anuário Estatístico do I.B.G.E. de 1967.

DISTÂNCIAS RODOVIÁRIAS*

	BELO HORIZONTE	BRASILIA	CURITIBA	FORTALEZA	MACEIO	NATAL	PORTO ALEGRE	RECIFE	RIO DE JANEIRO	SALVADOR	SÃO PAULO
ARACAJU	1648	2429	2638	1499	324	914	3353	558	1938	340	2230
ARARAQUARA	698	878	693	3309	2839	3429	1408	3073	720	2233	285
BARRETOS	809	714	851	3467	2997	3587	1566	3231	878	2391	443
BAURU	941	1093	763	3379	2909	3499	1478	3143	790	2303	355
BELÉM	2969	2188	3421	5411	4941	5531	4136	5175	3451	4335	3013
BELO HORIZONTE	●	781	994	2442	1972	2562	1709	2206	482	1366	586
BLUMENAU	1273	1838	279	3711	3241	3831	683	3475	1122	2635	687
BRASILIA	781	●	1559	3223	2753	3343	2274	2987	1263	2147	1151
CAMPINA GRANDE	2261	3042	3251	767	317	266	3966	243	2551	953	2843
CAMPINAS	599	1063	508	3124	2654	3244	1223	2888	535	2048	100
CAMPO GRANDE	1616	1598	1045	4066	3596	4186	1760	3830	1477	2990	1042
CAMPOS	602	1383	1152	2560	2090	2680	1867	2324	309	1484	744
CARUARU	2131	2912	3121	901	187	400	3836	143	2421	823	2713
CAXIAS DO SUL	1579	2144	585	4017	3547	4137	136	3781	1428	2941	993
CHUI	2240	2805	1246	4678	4208	4798	531	4442	2089	3602	1654
CUIABÁ	2048	1267	1795	4490	4020	4610	2510	4254	2227	3414	1792
CURITIBA	994	1559	●	3432	2962	3552	715	3196	843	2356	408
FEIRA DE SANTANA	1257	2038	2247	1185	715	1305	2962	949	1547	109	1839
FLORIANÓPOLIS	1325	1890	331	3763	3293	3883	525	3527	1174	2687	739
FORTALEZA	2442	3223	3432	●	1203	585	4147	941	2732	1294	3024
FOZ DO IGUAÇU	1725	2290	731	4163	3693	4283	1446	3927	1574	3087	1139
GARANHUNS	2188	2969	3178	1008	244	507	3893	246	2478	880	2770
GOIANIA	1001	220	1347	3443	2973	3563	2062	3207	1374	2367	939
GOV. VALADARES	338	1119	1328	2104	1634	2224	2043	1868	628	1028	920
ITABUNA	1129	1910	2119	1622	1036	1656	2834	1300	1419	460	1711
JAGUARÃO	2138	2703	1144	4576	4106	4696	429	4340	1987	3500	1552
JOÃO PESSOA	2332	3113	3322	815	388	230	4037	126	2622	1024	2914

JUIZ DE FORA	267	1048	915	2575	2105	2695	1630	2339	215	1499	507
JUNDIAÍ	644	1097	466	3082	2612	3202	1181	2846	493	2006	58
LAJES	1370	1935	376	3808	3338	3928	355	3572	1219	2732	784
LIVRAMENTO	2375	2940	1381	4813	4343	4933	666	4577	2224	3737	1789
LONDRINA	1119	1320	435	3557	3087	3677	1150	3321	968	2481	533
MACEIÓ	1972	2753	2962	1203	●	618	3677	262	2262	664	2554
MARINGÁ	1238	1389	442	3676	3206	3796	1157	3440	1087	2600	652
NATAL	2562	3343	3552	585	618	●	4267	356	2852	1254	3144
NITERÓI	545	1326	843	2795	2325	2915	1558	2559	(133)	1719	435
PASSO FUNDO	1651	2216	657	4089	3619	4209	434	3853	1500	3013	1065
PAULO AFONSO	1742	2523	2732	924	356	764	3447	507	2032	478	2324
PELOTAS	1984	2549	990	4422	3952	4542	275	4186	1833	3346	1398
PETRÓPOLIS	427	1208	878	2677	2207	2797	1593	2441	69	1601	470
PIRACICABA	641	1034	599	3215	2745	3335	1314	2979	626	2139	191
PONTA GROSSA	1114	1679	120	3552	3082	3672	835	3316	963	2476	528
PÔRTO ALEGRE	1709	2274	715	4147	3377	4267	●	3911	1558	3071	1123
PRES. PRUDENTE	1161	1131	578	3599	3129	3719	1293	3363	1010	2523	575
RECIFE	2206	2987	3196	941	262	356	3911		2496	898	2788
RIBEIRÃO PRÊTO	786	867	737	3353	2883	3473	1452	3117	764	2277	329
RIO DE JANEIRO	482	1263	843	2732	2262	2852	1558	2496	●	1656	435
SALVADOR	1366	2147	2356	1294	664	1254	3071	898	1656	●	1948
SANTA MARIA	1970	2535	976	4408	3938	4528	337	4172	1819	3332	1384
SANTOS	658	1223	480	3096	2626	3216	1195	2860	507	2020	72
S. J. DO RIO PRÊTO	916	818	854	3470	3000	3590	1569	3234	881	2394	446
SÃO LUÍS	2852	3633	3842	1103	1695	1688	4557	1633	3142	1704	3434
SÃO PAULO	586	1151	408	3024	2554	3144	1123	2788	435	1948	●
SOROCABA	680	1245	502	3118	2648	3238	1217	2882	529	2042	94
TERESINA	2393	3174	3383	644	1236	1229	4098	1174	2683	1245	2975
UBERABA	600	695	909	3042	2572	3162	1624	2806	862	1966	501
UBERLÂNDIA	725	570	1020	3167	2697	3287	1735	2931	973	2091	612
URUGUAIANA	2379	2944	1385	4817	4347	4937	746	4581	2228	3741	1793
VITÓRIA	503	1284	1403	2498	2028	2618	2118	2286	560	1422	995
VIT. DA CONQUISTA	871	1652	1861	1571	1101	1691	2576	1335	1161	495	1453
	BELO HORIZONTE	BRASILIA	CURITIBA	FORTALEZA	MACEIÓ	NATAL	PÓRTO ALEGRE	RECIFE	RIO DE JANEIRO	SALVADOR	SÃO PAULO

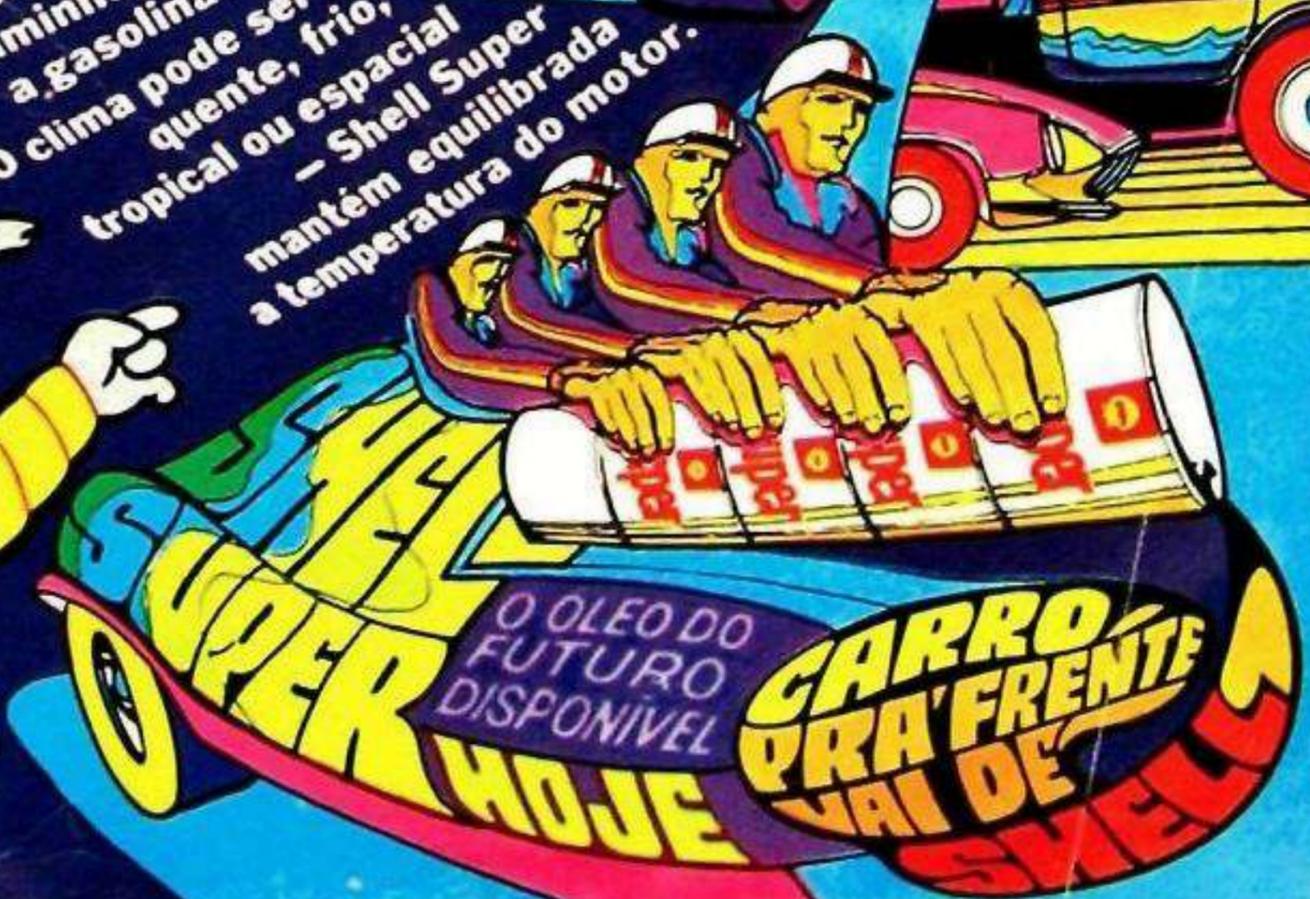


**SUPEROU KILOMETRAGEM
COM SUPERMARGEM
DE SEGURANÇA**



O percurso pode ser difícil ou infinitamente longo como numa viagem sideral — Shell Super protege totalmente o motor de seu carro, ou caminhão, a gasolina.

O clima pode ser quente, frio, tropical ou espacial — Shell Super mantém equilibrada a temperatura do motor.



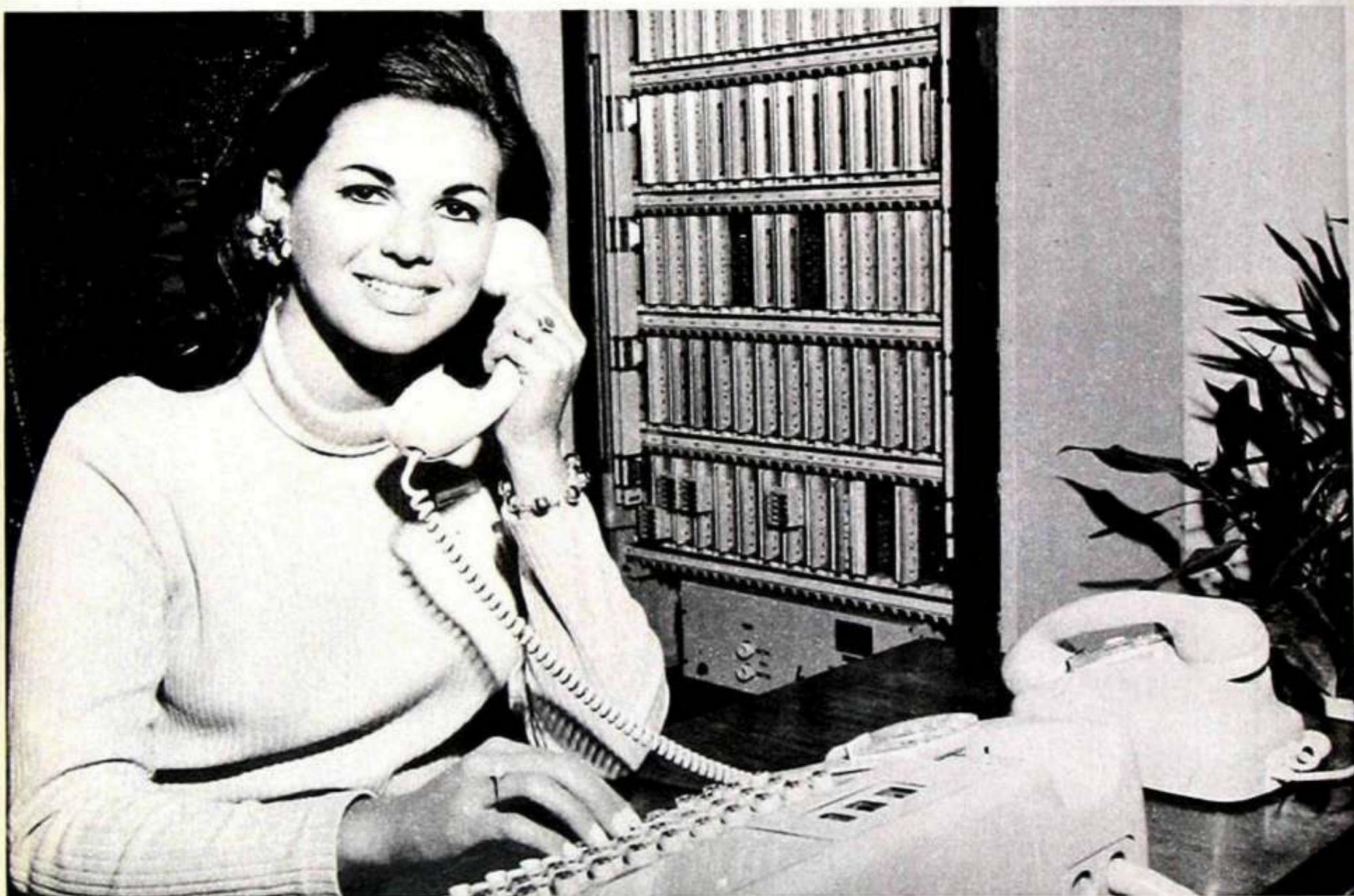
O OLEO DO FUTURO DISPONIVEL HOJE
CARRO PRA' FRENTE VAI DE





SIEMENS

Nada impede que você também instale já o mais avançado sistema telefônico que existe: **SIEMENS-CROSSPOINT**



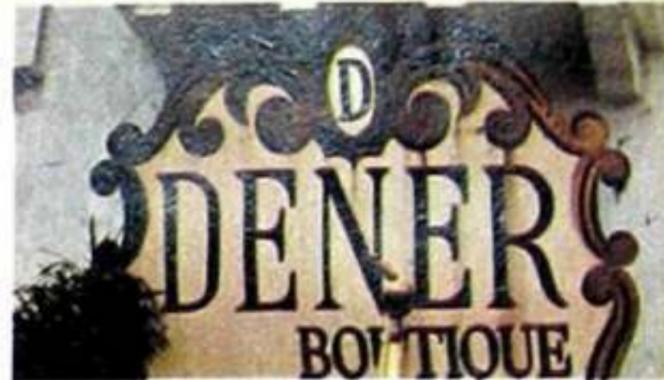
É um revolucionário aperfeiçoamento em telefonia que acabamos de introduzir no Brasil. Baseia-se no elemento comutador ESK, que opera com a incrível rapidez de dois milésimos de segundo. Composto de um mínimo de peças móveis, praticamente não apresenta desgastes mecâni-

cos. Siemens-Crosspoint é um centro telefônico compacto, silencioso, de linhas modernas e pode até ser instalado no gabinete de um diretor. Tão avançado que nem bem o lançávamos no Brasil e muitas empresas trataram logo de adquirir o seu Siemens-Crosspoint. Alinhe a sua entre elas.

SIEMENS DO BRASIL S.A.

São Paulo - Brasília - Rio de Janeiro - Pôrto Alegre - Recife - Belo Horizonte - Curitiba - Salvador

FOTOS DE BETTINA SCHEIER



Dener mostra a opção para a moda cigana, rica de moedas: linha espanhola (ou fandango) com saia godê sôbre godê.

Afinal, as mulheres vão ou não vão se vestir como ciganas no próximo verão? Às vésperas da temporada primavera-verão, costureiros e fabricantes de tecidos estão à espera da "buenadicha": não se pode até agora saber qual vai ser o destino da moda cigana. Segundo o costureiro Clodovil, fiel à alta costura, a moda cigana surgiu atrasada porque, com seu lançamento por Christian Dior e Yves Saint-Laurent, em Paris, as butiques de todo o mundo se encarregam de espalhar a novidade. O próprio Dener, que mostrou a sua coleção cigana na recente XI Feira Nacional da Indústria Têxtil, em São Paulo, reconhece que a moda sofreu um desgaste, mas o atribui a outra causa: "Aconteceu que a moda cigana foi desfilada por damas da sociedade, e as grandes figuras da elegância devem sempre consagrar a moda, nunca lançá-la. Basta umas poucas senhoras aparecerem ao mesmo tempo com vestidos de uma nova linha, e o interesse das demais desaparecerá".

Moedas custam dinheiro — A nova moda, ao menos como é imaginada pelos grandes costureiros, tem que ser usada com complementos caros (perucas longas, cintos com medalhas, moedas e correntes douradas). Dener acha que isso pode impedir a popularização dos ves-

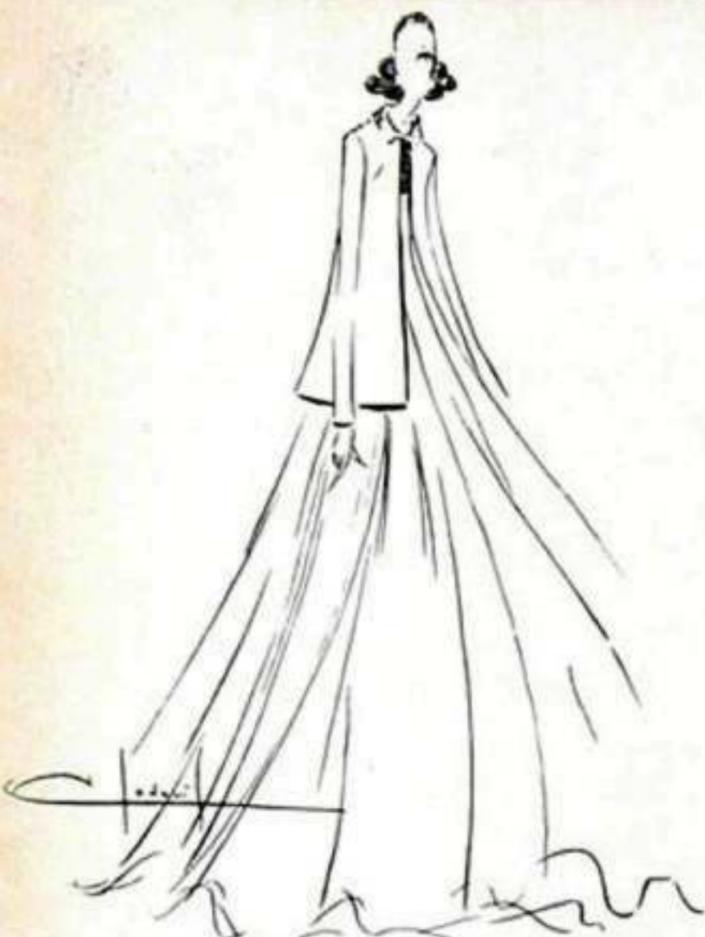
Fandango contra a cigana

Ainda é incerto o destino da moda cigana: os costureiros não acreditam que terá boa sorte, mas os fabricantes de tecidos lembram o bom tempo das saias bem rodadas estampadas em côres.

tidos ciganos. Mas a indústria de tecidos não concorda. Diz Alex Maluf, da Tecelagem Colúmbia: "Para a moda pegar basta o acompanhamento da bijuteria barata que as fábricas já estão produzindo e distribuindo por todo o Brasil. Quando o País inteiro receber a bijuteria da nova linha, vamos ter ciganas por todos os lados, porque será a volta do vestido godê, das saias bem rodadas e das mangas vaporosas que muitas mu-

lheres já usaram aos quinze anos. E agora com as côres luminosas e contrastantes dos tecidos, muito do agrado das brasileiras".

Verão de Clodovil — Para Clodovil, mesmo que a moda cigana conquiste a produção em massa, o verão na área da alta costura será em côres mais sóbrias e sem muitos babados. No desfile que organizou para o próximo dia 27 de setembro, em São Paulo, Clodovil apresentará 35 ou 40 peças sob a tendência geral para as cinturas deslocadas, quase sempre logo abaixo do busto. As saias serão franzidas, "évasées" e com pregas, principalmente nos longos e num *tailleur* com casaco em estamparia "foulard". Os bordados serão ricos, com muito "stras", mas nada de "pailletés". Os tecidos mais comuns serão o surah, o crepe, a musselina, o shantung de sêda e o organza, sem fôrro; a transparência será evitada vestindo três ou quatro saias superpostas. Clodovil diz, porém, que a grande novidade do seu lançamento de verão serão as túnicas, a serem usadas tanto com vestidos de noite quanto com modelos esporte. O comprimento será o de um mini-vestido sôbre um "pantalon" — que é uma calça comprida com bôca bem larga. Esses vestidos, quase todos em surah listrado ou estampado,



Vestido vedete de Clodovil: um longo de musselina com saias sobrepostas, em tons de laranja e marrom. Cintura império e busto bordado.

ou ainda em crepe liso, terão a vantagem de poderem ser usados sòzinhos, sem o "pantalon". Um deles, especialmente, terá a túnica em listras horizontais nas côres azul-marinho, verde e branco, com o "pantalon" apenas em marinho. Clodovil diz que usará também o laranja, o marrom e o vermelho, sem se deter numa côr só.

A sorte sem a cigana — Como prova de sua pouca confiança no futuro da moda cigana (para a qual fêz apenas 25 vestidos), o costureiro Dener vai tentar a sorte com a linha espanhola. Os modelos, que chama de fandangos, são inspirados nos trajes típicos espanhóis, e dirigem-se todos para os vestidos longos, destinados às ocasiões de gala: "Serão vestidos rodadíssimos — explica Dener — com saias godê sôbre godê, todos em tecidos leves como a musselina, o surah ou o gazar (tecido com a textura da organza e o caimento da musselina). Terão muitos babados nas saias e nas mangas, e constituirão a minha homenagem ao mestre Balenciaga, que demonstrou predileção pela linha espanhola em sua última coleção, ante de fechar sua maison em Paris". É esta linha que Dener exhibirá a partir desta semana numa "tourné" de desfiles que abrangerá os Estados da Bahia, Alagoas, Pernambuco e Pará, antes de ir ao Rio Grande do Sul. Este será um primeiro passo para chegar à realização de vôos bem mais altos, que compreenderão o grande lançamento, na Europa, do seu perfume "Dener D Dener", fabricado em Paris.

GARAGEM DUPLA

Problema de garagem é menor quando lugar de um se multiplica

Para quem tem dois automóveis e uma garagem onde só cabe um carro, o problema está resolvido: basta guardar um carro em cima do outro. A idéia da garagem beliche surgiu na Alemanha e a patente da firma Otto Kohr A. G. está sendo explorada no Brasil pela Indústria Carraço, de São Paulo. Na hora de guardar o carro, um botão aciona o mecanismo: dois trilhos descem até o chão movidos por um motorzinho de apenas cavalo e meio, recebem o automóvel como os elevadores de lubrificação e sobem. Para sua instalação, basta que a garagem tenha 6,70 m de comprimento e 2,80 m de altura.

Solução profunda — Nas que não alcançam essa altura há o recurso de aprofundar o piso de baixo, fazendo um dos automóveis descer em rampa. No caso de a garagem ter a altura de 2,80 m exigida, mas apenas 6 metros de comprimento, a parte de baixo poderá abrigar um Volkswagen ou um Gordini e a de cima um Itamaraty ou um Simca. Os primeiros beliches estão sendo lançados a 4 000 cruzeiros novos, colocados nas garagens de residências particulares. Nas garagens de edifícios, os beliches são instalados como um segundo andar, por cima das ordens de carros estacionados normalmente.

O bom resultado — O resultado é a duplicação do número de vagas, com a vantagem de continuar a subida e a descida individual dos carros. Os pedidos já começaram, vindos de São Paulo, Rio e Pôrto Alegre. O fabricante acha que a marca criada para a patente no Brasil está dando resultado: KB+1.

ED. ABRIL



Beliche: o espaço bem aproveitado.

ONDA É HONDA

Quando a juventude é avançada, emoção faz parte da elegância

Quem gosta de emoções fortes já pode comprá-las em butique. A lojinha de moda feminina Voom-Voom, de São Paulo, começou a exhibir — entre vestidos de Mary Quant e Miss Impact — duas motocicletas japonesas Honda: uma de 50 cilindradas (2 milhões velhos a prazo), outra de 90 cilindradas (2 milhões e 700 mil cruzeiros velhos a prazo). Em apenas duas semanas, os jovens paulistas compraram mais de cinquenta motos (as de 50 cilindradas não exigem carteira para dirigir) e, seguindo o estilo de Steve McQueen no filme "Fugindo do Inferno", lançam-se aos tombos e à emoção das corridas. Uma das môças participantes da nova onda, Eliana Sampaio Moreira (dezoito anos), confessa ter comprado a sua Honda de 90 cc aproveitando a ausência de sua mãe, que está viajando. Ela dirige sem carteira e define a sensação da velocidade citando o especialista em cultura de massa Edgar Morin, embora esquecendo o nome: "É como diz aquele sociólogo francês: no carro a gente vê a paisagem, mas na moto a gente está dentro da paisagem, faz parte dela".

Para as môças, a nova moda tem ainda a graça das roupas exigidas para pilotar as motos: o Código de Trânsito obriga ao uso de um capacete de "fiberglass" que custa de 20 a 70 cruzeiros novos, e a boa elegância aconselha a compra de enormes óculos japoneses, de vidro azul, por 25 cruzeiros novos. No mais, a manutenção da "máquina" é barata: 80 quilômetros por litro. No Rio a moda das motocicletas ainda não chegou, mas o representante da Honda está convidando corredores para uma prova no autódromo do Rio.

CRISTIANO MASCARO



Butique tem moto da última moda

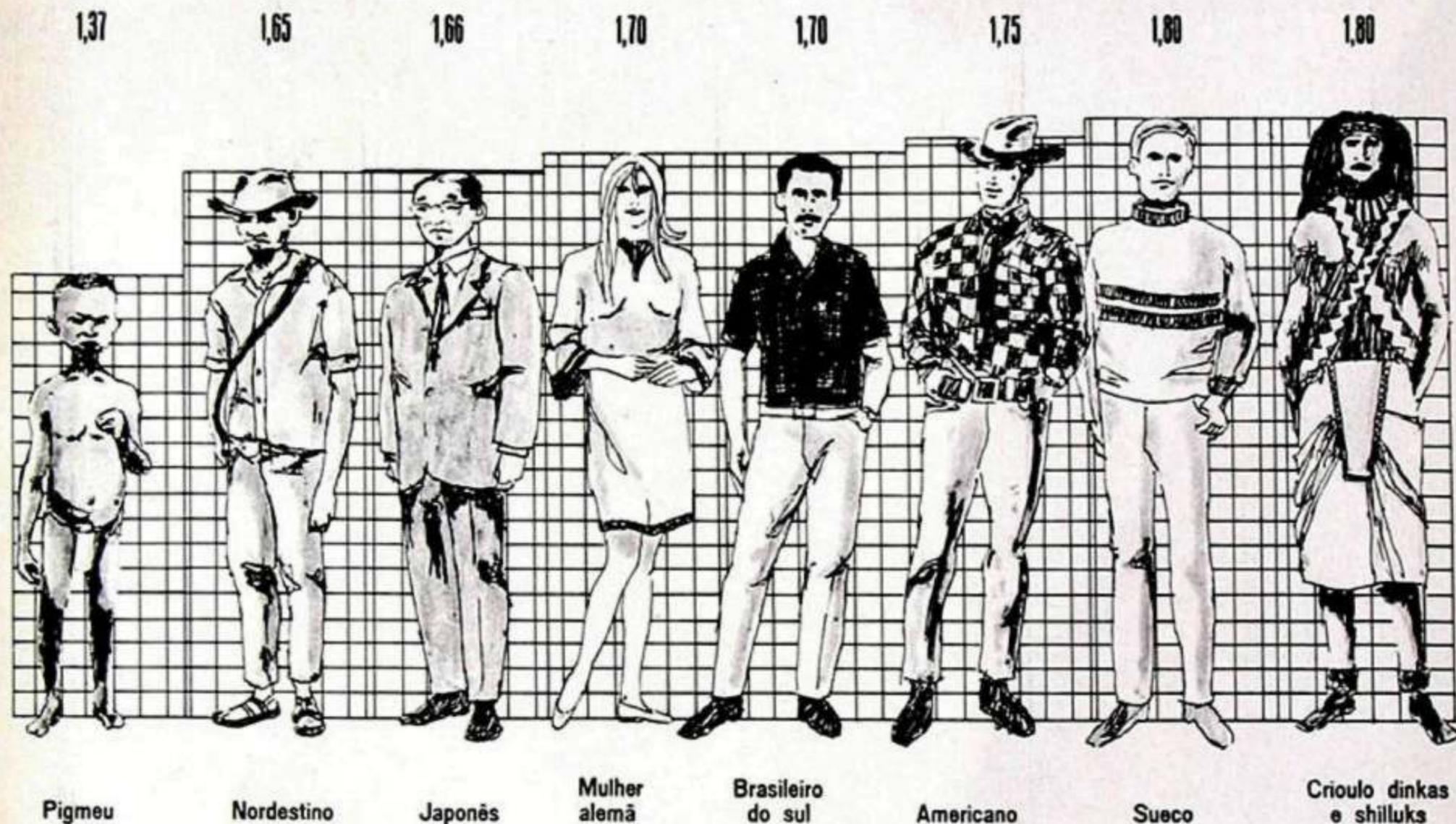
Extrato, parfum de toilette
E agora também num delicada
spray mist para você levar na bolsa
nunca estar desarmada
Imprévu é intenso, profundo, moderno
Use-o naqueles pontos mais vivos, elétricos
que até parece que pulsam mais
Entre os seios. Na nuca. Em cima dos lábios
Atrás das orelhas. Atrás dos joelhos
Você nem imagina o que
pode acontecer um minuto depois

Você nunca sabe quem você realmente é até usar Imprévu.

Imprévu
Uma fragrância internacional
de **COTY**

Agora
também em
Spray Mist





Os brasileiros estão subindo nesta escala: no Sul, em 10 anos, a altura média chegará à dos suecos de hoje: 1,80 m.

BRASIL MAIOR

Brasileiro cresce tanto que está quase tão alto quanto o japonês

Os brasileiros do Sul já podem dizer que chegaram à altura das mulheres alemãs, mas, de Minas Gerais para cima, ainda será preciso 1 centímetro para alcançarem os homens japoneses. Essas conclusões resultam de estudo divulgado pela Organização Mundial da Saúde, segundo o qual a altura média dos brasileiros passou nos últimos dez anos de 1,66 m para 1,70 m, de São Paulo para o Sul, e de 1,61 m para 1,65 m, de Minas Gerais para o Norte. Com esse aumento de 4 cm em dez anos, os brasileiros, na média geral, têm hoje a altura dos ingleses do século XI, ao menos a julgar pelas armaduras medievais existentes do Museu de Londres, quase todas de manequim 44.

Casamento entre parentes — Segundo o professor da Escola Paulista de Medicina, Dr. Arnaldo Sandoval (58 anos,

1,70 m de altura), o aumento da média de altura da população no Brasil pode ser explicado por várias razões, mas há duas principais: 1.^a) os brasileiros estão comendo melhor; 2.^a) a ampliação da área industrial está contribuindo para romper laços de consanguinidade, responsáveis pela manutenção da média de altura estática nas áreas rurais, onde são frequentes os casamentos entre parentes. Este segundo fator é comprovado com o exemplo dos pigmeus da África, Índia e Melanésia, que, desde a sua descoberta, no século XVI, continuam com a altura média de 1,37 m. É que eles não se misturam com outras tribos, permanecendo no mesmo impasse vivido ao contrário pelas tribos dinkas e dos shilluks: com altura média de 1,80 m há séculos.

Leite e milho — Para o Dr. Sandoval, o aumento da altura média dos brasileiros pode ser considerado também uma vitória da velha campanha do "beba mais leite", criada pelo antigo SAPS (Serviço de Alimentação da Previdência Social), no tempo da ditadura. É que

o leite, com seus hidratos de carbono, gorduras, proteínas, sais de cálcio, fósforo e fosfato, e suas vitaminas, reforça o hormônio do crescimento. Esse hormônio, produzido no lobo anterior da hipófise, é o que age sobre as cartilagens da conjugação das extremidades dos ossos. Como tais cartilagens se soldam na mulher aos dezesseis anos e no homem aos dezoito, quem até essas idades não enriquecer sua alimentação com proteínas terá que levantar a cabeça o resto da vida, para cumprimentar as novas gerações. O problema das proteínas é tão sério que, segundo outro especialista em crescimento, o Dr. Luciano Décourt (53 anos, 1,87 m de altura), os técnicos do Instituto Agrônomo de Campinas estão estudando as propriedades do milho opaco, produzido nos Estados Unidos, para comprovar se ele tem mesmo mais proteínas do que a soja. Em caso positivo, além de beber mais leite, o brasileiro será convidado a comer mais milho e, daqui a dez anos, a altura média poderá alcançar no Sul do País a atual altura média dos suecos (1,80 m).

*De agora em diante
qualquer semelhança entre
o Banco Andrade Arnaud
e o Banco Ultramarino Brasileiro
não é mera coincidência.*

É uma realidade.

*E quem vai sair ganhando
é você. Com a união do
Banco Andrade Arnaud e
do Banco Ultramarino
Brasileiro você vai
ter nada menos
do que*

76

*Agências à
sua disposição
em todos os
pontos do país*

*Em todas elas você poderá
ir Direto-ao-Caixa — um
dos serviços pioneiros do
Banco Andrade Arnaud
— e será atendido
com a habitual Cortesia
Extra. É o pioneirismo
unido à tradição e à
experiência, para servi-lo
cada vez melhor.*



BANCO
ULTRAMARINO BRASILEIRO S. A.
BANCO
ANDRADE
ARNAUD S. A.

REBELIÃO NA GALÁXIA VERMELHA

*A todo custo, a Rússia
pretende ser,
ainda e sempre, o sol*

Durante os últimos vinte anos, o mundo comunista pretendeu ser uma grande galáxia, unida e brilhante, onde um sol poderoso e infalível deveria dirigir o movimento de todos os planetas. Essa galáxia, formada depois da explosão que foi a última guerra, estende-se desde as costas orientais do Pacífico até a cortina de ferro que divide a Europa ao meio. Ela sai mesmo dos seus limites naturais, chega até as Caraíbas, onde gravita um meteoro — Cuba. No seu centro, está a URSS, Moscou, o Kremlin. Dentro dela, catorze países, mais de 1 bilhão de habitantes — quase um terço da humanidade.

Desde que a galáxia foi formada, o Kremlin tem-se esforçado, por diversas maneiras, em ser o sol único e incontestado. Aos países que lhe giram em volta, nem sequer foi reconhecido até hoje o papel de planetas: de fato, no Ocidente, eles são chamados de satélites. Entretanto, nem tudo tem corrido de acordo com os planos do Kremlin: os satélites, ora um, ora outro, ensaiam há tempos sua rebelião. E o sol, a cada vez, fica menos luminoso.

Navios naufragados — Quando Berlim Ocidental se rebelou em 1953, quando Budapeste resistiu à invasão soviética em 1956, o mundo comunista sofreu sérios arranhões, mas o Oriente se fechou sobre os acontecimentos que comoviam o Ocidente como o mar sobre navios naufragados — e o sol do Kremlin ficou apenas um pouco menos brilhante. Quando a China, a partir de 1960, começou a se afastar da URSS, a cisão foi mais grave — eram 700 milhões de pessoas escapando à direção de Moscou — mas a galáxia continuou poderosa. Muito antes, em 1948, um satélite mais orgulhoso e distante — a Iugoslávia — já havia rompido com o centro do sistema. A partir de 1966, a Romênia começou a seguir o mesmo caminho. A última rebelião, entretanto, foi bastante forte para abalar toda a estrutura do mundo comunista. A invasão da Checoslováquia rebelde, ainda que muito menos sangrenta que as repressões de Berlim e Budapeste, põe em xeque um dos pontos altos da retórica comunista: o "blo-

PARIS-MATCH



Praga: o fim do "bloco monolítico".

co monolítico" — como se autodefinia a compacta e afinada galáxia vermelha —, já não é mais monolítico.

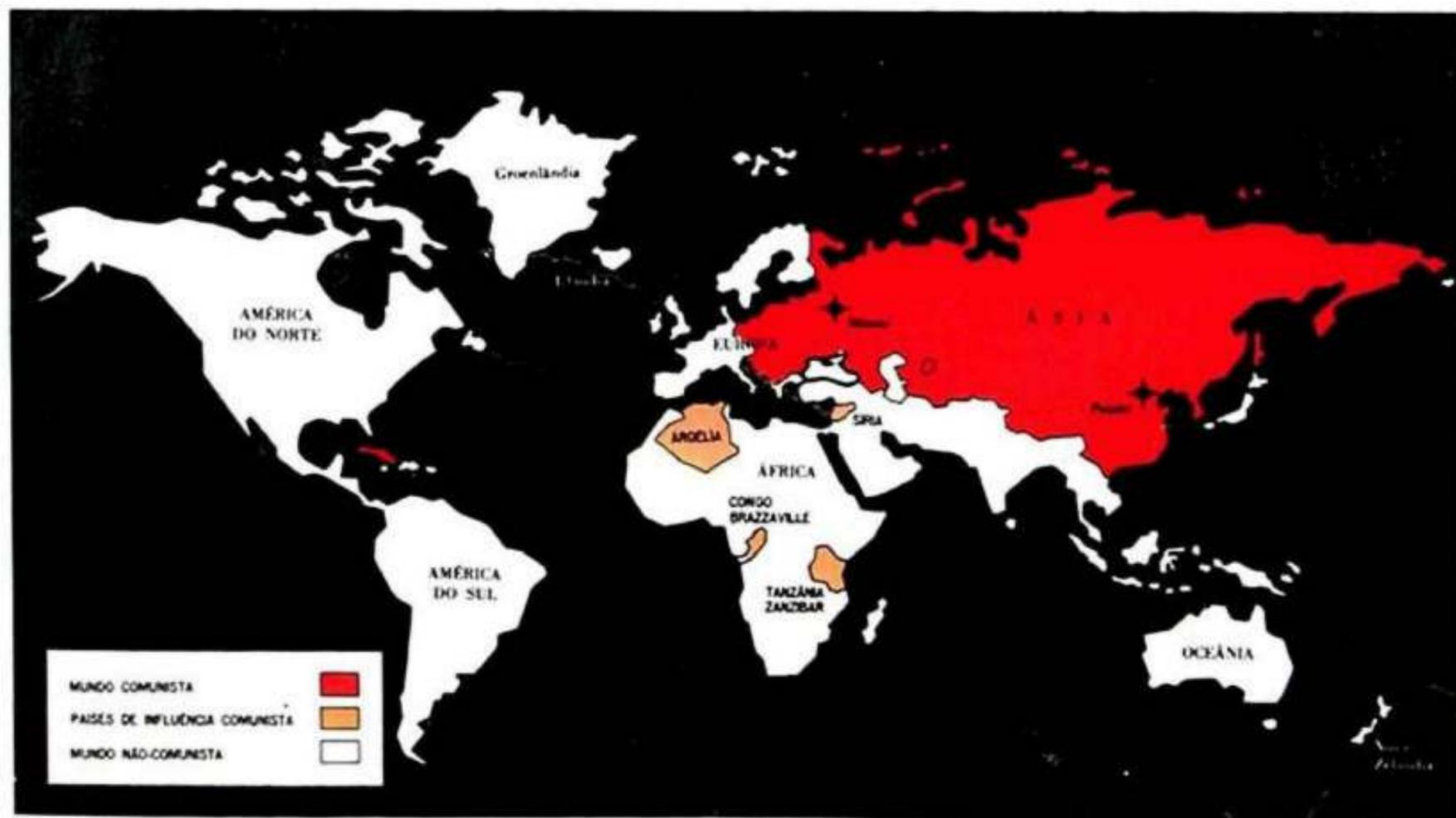
Nem uma palha — A primeira prova dessa cisão geral está dentro da própria Checoslováquia: os tanques soviéticos vieram "salvar o socialismo", mas não encontraram nenhum socialista checoslovaco que os apoiasse — ao contrário da Hungria, onde houve Janos Kadar e seus burocratas ajudando os russos a eliminarem Imre Nagy e seus rebeldes. Nem as famosas "milícias operárias" — guarda pretoriana formada em 1947 nos modelos stalinistas, com o objetivo de sustentar os governantes impostos por Moscou — chegaram a mexer uma palha em apoio dos invasores. A segunda prova está na condenação quase geral feita à invasão pelo comunismo internacional.

Ao lado dos checoslovacos estão a Iugoslávia de Tito, aos 76 anos patriarca do comunismo europeu; a Romênia, que há anos escolheu o caminho do "comunismo nacional"; todos os grandes partidos comunistas da Europa ocidental, começando pelo italiano, o mais importante do mundo depois do soviético e do chinês, e passando pelo francês, frequentemente acusado de fidelidade excessiva ao Kremlin. Na esteira dos partidos, grande número de personalidades de extrema esquerda — por exemplo o inglês Bertrand Russell, o filósofo que pretendia julgar Johnson por causa da

guerra do Vietnam ou o francês Jean-Paul Sartre — estão do lado dos checoslovacos. Os cinco signatários do Pacto de Varsóvia, que determinou a invasão da Checoslováquia — URSS, Polônia, República Democrática Alemã, Hungria e Bulgária —, só conseguiram a aprovação de Fidel Castro, surpreendentemente disposto a louvar os tanques soviéticos, depois de ter, por muito tempo, definido uma posição bem próxima à da China — que, naturalmente, aproveita a situação para liberar mais um dos seus tradicionais ataques contra o Kremlin.

Entre os próprios invasores chegou a haver divergências sérias. Janos Kadar, o húngaro, talvez atormentado pelos fantasmas de Budapeste, opunha-se francamente à intervenção armada. Ele ameaçou mesmo não entregar tropas húngaras para a operação e, na "reunião dos cinco", em Varsóvia, travou uma tempestuosa discussão com o mais duro entre os duros, Walter Ulbricht — e provocou a suspensão dos debates, pois o líder alemão oriental, 75 anos de idade, acabou se sentindo mal. Kadar só veio a concordar com a invasão mais tarde, por um acidente pessoal: exasperou-se com a publicação na imprensa checoslovaca de um artigo assinado por alto funcionário do Ministério do Exterior louvando Imre Nagy e condenando sua execução — ordenada, ou permitida, pelo próprio Kadar.

Policentrismo, teoria e prática — A indignação de tantos comunistas exprime, na verdade, um sentimento que não chega a ser novo em folha. Pouco antes de morrer, em agosto de 1964, o líder do PC italiano Palmiro Togliatti lançou uma palavra que no momento está muito na moda: policentrismo. Uma palavra difícil, aparentemente mais apropriada para resumir a teoria astronômica de uma rebelião de planetas. Mas, de certa maneira é isso mesmo: ela significa que Moscou deixou de ser o centro da verdade; o comunismo se torna plural e deve ser adaptado às condições, tradições e aspirações de cada povo. A teoria do policentrismo teve confirmação prática no fim de fevereiro deste ano.



Da esquerda para a direita: Kádár (Hungria), Podgorny (URSS), Kossygin (URSS), Janakiev (Bulgária), Svoboda (Checoslováquia), Brezhnev (URSS), Gomulka (Polônia), Ulbricht (Alemanha Oriental), Dubcek (Checoslováquia) e Kossylov (URSS). Os líderes do comunismo europeu reunidos em Bratislava, na ausência de Tito (Iugoslávia) e Ceausescu (Romênia). A Alemanha é completamente controlada pela China, Cuba, Mongólia, Albânia, Vietnã do Norte e Coreia do Norte.

na reunião dos partidos comunistas convocada na mesma Budapeste que em 1956 viu afogado em sangue o seu breve sonho de liberdade. Doze anos depois, ausentes os tanques vencedores, e os heróis derrotados, Moscou sofreu um abalo mais grave. Desde o início de 1964 — Krushev ainda estava no poder —, a URSS vinha propondo uma conferência. Ela deveria, nos planos do Sr. K., condenar a China herética de Mao Tsé-tung. Tratava-se evidentemente de uma idéia muito pouco sedutora, mesmo para os partidos que menos simpatia manifestavam por Mao, como o italiano e o polonês. Condenar o comunismo nacionalista de Mao seria o mesmo que condenar o policentrismo.

O humor dos romenos — Caiu Krushev, em setembro de 1964; o Kremlin não desistiu da conferência, porém mudou de tática. Passou a propô-la para discutir métodos de luta antiimperialista, usando o argumento da guerra do Vietnã. As negociações no caminho da conferência se arrastaram por anos. Finalmente, as delegações de 65 partidos comunistas — o total dos PCs espalhados pelo mundo é de noventa — apareceram em Budapeste. Na lista dos ausentes havia seis dos catorze PCs no poder: iugoslavo, chinês, coreano do norte, albanês, vietnamita do norte e cubano. Dos PCs da Ásia, presente só o indiano. Entre os europeus, não apareceram os suecos e os holandeses. E os romenos foram a Budapeste de rostos amarrados. Numa das primeiras sessões da Conferência de Budapeste, o delegado do PC Sírio, Kaled Bagdache, acusou a Romênia de praticar uma política "bairrista". Foi a deixa: os romenos levantaram-se com grande ruído e gestos mediterrâneos — eles tem sangue latino e sua língua é parecida com o italiano — e, diante da platéia atônita, retiraram-se para não mais voltar. Em casa, abriram as expressões em sorrisos e comentaram: "Depois de 1957, as conferências dos PCs são cada vez menos frequentadas. Continuando assim, aonde chegaremos?" O sangue eslavo, que também corre nas suas veias misturado com o latino, lhes permite um certo humor amargo e impiedoso.

Quem invoca a liberdade — Apesar do incidente, o comunicado final da Conferência de Budapeste fala em "debates cordiais". Mas não anuncia "decisões unânimes". Nas intenções soviéticas, haveria de ser a conferência da unidade — foi a conferência das diferenças. Dois meses depois, as manifestações de 1.º de Maio nas várias capitais comunistas mostravam ainda mais claramente essas diferenças. Em Moscou o tema das manifestações era "a luta pela disciplina e contra a subversão ideológica"; em Varsóvia, "a luta anti-sionista"; em

Praga, "socialismo com liberdade". Ludvík Vaculík, escritor e jornalista checoslovaco, de 41 anos, dizia: "A liberdade só existe onde não é invocada". Do Mar Negro ao Mar Báltico a humanidade vive de privações, leva uma existência apertada, sem as pequenas satisfações cotidianas e as comodidades do Ocidente, que, no entanto, os países da Europa oriental já conheceram. Quem vive assim sonha com facilidade, e nos sonhos mescla o essencial ao frívolo. O novo comunismo que muitos comentaristas de política internacional viram surgir em Budapeste, cristalizado no malôgro da Conferência, é apenas a projeção desses sonhos num futuro que depende da eficiência do Estado. Ao mesmo tempo é a afirmação de um nacionalismo reencontrado.

Queda brutal — Esses sonhos têm uma base real: se Marx estivesse vivo, provavelmente diria que a crise provocada

PARIS-MATCH



Iê-iê para a mocidade checoslovaca

por eles no socialismo europeu é fundada em contradições sociais. Contradições que são negadas pelos países socialistas, mas que nem por isso deixam de existir. Provas: a crise econômica nesses países, os projetos de reforma para superá-la e a luta que desde então se desenvolve entre beneficiados e prejudicados por essas reformas. Desde 1948, as "democracias populares" do leste europeu aplicavam fielmente, em suas economias, o rígido sistema de planificação e gestão instaurado na URSS por Stálin na década de 30. Acontece que esse sistema entrou em crise, com a diminuição do ritmo de produção. Se de 1948 a 1955 tudo foi bem — a renda nacional aumentava de 8 a 14 por cento em média, por ano, de 1956 em diante a queda foi brutal: os níveis baixaram até 3 por cento.

Aos olhos dos economistas do regime, esses resultados assumiam proporções de catástrofe: com efeito, o objetivo de todos os países socialistas era alcançar e superar a produção e o nível de vida dos países capitalistas do Ocidente. Nada disso tinha acontecido; e se as coisas continuassem no mesmo ritmo, nada aconteceria nunca. A URSS, por exemplo, progride, mas num ritmo muito in-

ferior ao do Japão; seu progresso se aproxima ao dos Estados Unidos — o que significa que os americanos, que partiram na frente, se distanciam cada vez mais.

Preços arbitrários — Diante da catástrofe, surgiram os gritos de reforma. O sistema stalinista não se adaptava à economia moderna: planificação muito rígida, produção determinada por métodos administrativos e não econômicos, sistema arbitrário de preços — 1 tonelada de carvão, por exemplo, era vendida na URSS a 24 rublos, enquanto seu preço de custo era de 62 rublos. Em compensação, o preço das roupas era altíssimo. Com a reforma — que da URSS saiu para os outros países do bloco — abrandava-se a planificação, descentralizava-se a gestão, dava-se maior autonomia às empresas, substituía-se a arbitrariedade pelas leis do mercado, reformava-se o sistema de preços.

Essas medidas pareciam puramente técnicas, mas traziam um grande significado político. Isso porque a reforma veio atingir em cheio os "apparatchiki", funcionários do PC encarregados de promover, administrar e fiscalizar a produção. Com a economia funcionando por si mesma, eles perdiam suas funções e, imediatamente, começou a luta entre os homens do aparelho e os dirigentes de empresas. Nessa luta, esses últimos se aliaram aos intelectuais e aos estudantes; uma aliança natural, pois todos queriam mais liberdade de ação diante dos burocratas. Dessa luta nasceu a crise, e, quando, num dos países do bloco, os liberais venceram a batalha contra os "apparatchiki", a crise explodiu em intervenção armada — em Moscou, são os burocratas que mandam, os liberais estão neutralizados, e a experiência da Checoslováquia poderia inverter essa situação.

Até onde o tempo parou — O visitante ocidental (no ano passado 2 milhões de ocidentais estiveram em países de além-cortina, 15 por cento a mais que em 1964) encontra às vezes nas capitais comunistas da Europa o clima dos anos 30. Para os violinos que acompanham o jantar no Hotel Athenée Palace, de Bucareste, para os imponentes táxis prêtos de Budapeste (são Pobedas russos, na linha lembram o Plymouth de antes da guerra), ou para os casacos de pele que os homens vestem nas ruas de Varsóvia, o tempo parou. Um jornalista americano surpreendeu-se — e se comoveu — ao ouvir tocar, além-cortina, os velhos sucessos de Eddy Duchin, um pianista cuja vida foi filmada há muito tempo, na interpretação de Tyrone Power (morto em 1958). São as sobras do passado, um vago, irreal combustível para os sonhos. A realidade é outra. Em Bucareste há táxis lustrosos — e, na Romênia,

Apresentamos o whisky que levantou o moral dos whiskies nacionais.

Hoje em dia você
pode tomar três tipos
de whisky:
nacional, escocês...
e Old Eight.
Old Eight custa
um pouco mais.
Mas a diferença
é compensada dose a dose.
E no dia seguinte,
quando você acordar,
nem vai lembrar
que tomou whisky...

Produzido e engarrafado por
Drury's S. A. para
Fabrizio Fasano & Cia. Ltda.
R. Prof. Batista de Andrade, 44
Tels: 92.0695 e 93.8519 - S. Paulo



O bom whisky
você conhece no dia seguinte.

10 mil carros ao todo, para uma população de 19 milhões. (No Brasil circulam cerca de 2 milhões de carros.) Nas ruas das cidades húngaras, romenas, polonesas, checoslovacas, o comércio é pobre, as vitrinas tristes, os preços de tudo muito altos.

Ainda as idéias do Sr. K. — Há as lembranças do passado — e há as experiências do presente, realizadas por quem teve coragem de livrar-se, na medida do possível, das diretrizes do Comecon — o mercado comum vermelho. Fundado em 1949, como resposta ao Plano Marshall, que revigorou a Europa ocidental depois da II Guerra Mundial, o Comecon (Conselho para a Assistência Econômica Mútua) atualmente é formado pela URSS, Bulgária, Checoslováquia, Alemanha Oriental, Hungria, Polônia, Romênia e também a Mongólia Exterior. Objetivos: coordenar os planos de desenvolvimento econômico e comércio exterior dos países membros, promover a ampliação da ajuda econômica e encorajar os projetos de investimento conjunto. O Comecon é uma sociedade que atribui à URSS a parte do leão. Por exemplo, ela fornece aos demais países cerca de 70 por cento do material bruto, a preços muito mais elevados do que os do mercado internacional. Desculpa usada pelos russos: as nossas minas mais próximas ficam a mais de 3 000 quilômetros das fronteiras dos nossos aliados. A URSS vende caro seu minério de ferro e seu petróleo, mas compra barato — e em rublos — os produtos mais sofisticados das indústrias checoslovacas, alemãs orientais e polonesas. E enquanto os países do Comecon não possuem divisas suficientes para comprar os equipamentos avançados dos países do Ocidente, sua evolução tecnológica vai sendo freada. As motocicletas checoslovacas são excelentes, seus caminhões Tatra aprovaram como nenhum outro nas trilhas norte-vietnamitas, mas a indústria química e eletrônica é rudimentar; os medidores de voltagem húngaros são ótimos, mas os telefones péssimos; a indústria de conservas polonesa é avançada, mas a indústria automobilística medíocre.

O mercado, uma descoberta — Onde o comunismo nacional deitou raízes mais profundas, os caminhos da autonomia atravessaram também o terreno econômico. O Vice-Primeiro-Ministro romeno Georges Gaston Morin fala num "aperfeiçoamento da economia". E admite: "Vamos levar em conta, em certa medida, as leis do mercado". No dia 1.º de janeiro de 1968 entrou em vigor na Hungria a Nova Gestão Econômica, isto é, nova maneira de produzir e vender, muito mais próxima dos padrões ocidentais. A previsão é fácil: ela acabará pro-

vocando uma nova maneira de viver. A Nova Gestão se baseia nos seguintes pontos: a produção, livre dos moldes muito apertados dos planos, deve atender às exigências do mercado; a autonomia do chefe de empresa é muito ampliada; a concorrência entre as empresas é livre. Na empresa húngara, que não vende satisfatoriamente, os diretores têm os seus salários descontados em proporção direta à queda nas vendas. Podem ser até despedidos sumariamente. Alguém começa a reconhecer que "o consumidor manda". E um dos economistas húngaros responsáveis pela Nova Gestão, Lazlo Imre, declara: "Procuramos nos convencer de que a introdução do mercado não destrói a planificação". Em Praga, o Professor Ota Sik, responsável pela linha econômica do Governo checoslovaco depois da deposição do stalinista Novotny, aplicou, desde janeiro até a véspera da invasão russa, novos modelos que con-



Suslov: o revisionismo é chinês.
Mao: o revisionismo é soviético.

denam tudo o que foi feito no mundo comunista nos últimos vinte anos. Sik defende a descentralização da economia e o incentivo da produção, através de estímulos ao operário, como prêmios em dinheiro e redução das horas de trabalho.

Um símbolo: a Pepsi-Cola — Enquanto nas boates de Praga os jovens começam a dançar ao som dos Beatles, os governos de alguns países da Europa oriental pensam em abrir suas fronteiras também aos investimentos estrangeiros. Já foram abertas pela Romênia. Empresas alemãs, entre as quais a Siemens e a Krupp, chegaram com 50 milhões de dólares; a Pechiney francesa, com uma fábrica de alumínio. Chegaram também locomotivas suecas, chocolate italiano e carros (Renault) franceses. A Pepsi-Cola logo será engarrafada em terra comunista. Num lance de pura ironia, a Pepsi torna-se o símbolo de uma revolução. Sem grandes dificuldades, ela pode ser, para um comunista, o símbolo do capitalismo — mas entre o comunismo e o capitalismo existe há tempo uma coexistência oficialmente consagrada; o problema é a coexistência entre comunistas. "No cam-

po ideológico, toda coexistência pacífica é excluída", dizia o "Pravda", órgão do PC soviético, nas vésperas da invasão da Checoslováquia. É por isso que a experiência checoslovaca — nem "democracia burguesa", nem socialismo modelo soviético, mas uma terceira fórmula criando o livre debate e a participação democrática em torno do PC — horrorizou os russos. Da mesma forma que "aventureiros" e "anarquistas" de Paris haviam feito o Kremlin tremer de indignação em maio. Anos atrás, Krushev dizia a Maurice Thorez, então líder do PC francês (morto em junho de 1964): "Se não há unidade entre os PCs, não há mais unidade no PC". Krushev enxergava longe. Pouco antes da invasão soviética, um dos dirigentes do PC checoslovaco, Joseph Sabata, afirmava: "Ao Governo cabe mandar. O Partido não representa todo mundo". Para o Kremlin, frases como essa e atitudes como a de Dubcek, o líder checoslovaco que pretende "um socialismo com liberdade", trazem riscos demais. Por isso, enquanto o teórico do PC russo Mikhail Suslov disserta em Moscou sobre o verdadeiro marxismo, os tanques russos moem as ruas de Praga.

A força do nacionalismo — Em outros tempos, através do Comintern antes, do Cominform depois, o PC Soviético — até o imediato pós-guerra o único Partido Comunista no poder — controlou tranquilamente os demais PCs. Foram tempos em que ninguém ousaria duvidar do caráter internacional do comunismo, movimento global que recebia as senhas e as cadências diretamente de Moscou. Fundado em 1919 sobre as cinzas da Primeira Internacional (organizada em Londres por Karl Marx, em 1864) e da Segunda (moderada, em 1889), o Comintern, também conhecido como Terceira Internacional, tinha como fim "promover revoluções contra os regimes capitalistas". Foi dissolvido no fim da II Guerra Mundial, como prova de boa vontade oferecida aos aliados ocidentais. Veio a "guerra fria", e ele renasceu com o nome de Cominform e funções mais amplas. Coordenava as atividades subversivas do comunismo internacional, mas era também uma arma usada por Stálin para dominar a Europa oriental. Por intermédio do Cominform, Tito foi excomungado como "revisionista", em 1948. Depois da morte de Stálin (1953) e da reaproximação de Tito ao Kremlin, o Cominform foi extinto, em 1956. O fim desse instrumento de poder, a morte do ditador e a liquidação do seu mito — anunciada por Krushev em 1956, no XX Congresso do PC Soviético — e, ainda, as atitudes cada vez mais independentes de Mao Tsé-tung, advogado de caminhos diferentes para o socialismo, roeram as



* Modelos ELMO exportados para países da ALALC.

A beleza eterna e a qualidade insuperável dos produtos

ELMO-TALHERES, BAIXELAS E UTILIDADES DOMÉSTICAS

são o resultado do extremo carinho de sua fabricação.



Conjunto HOSTESS. 143 peças. Serviço para 12 pessoas. Elaborado com Prata Elmo.



Conjunto Week-end. Prático. Útil. Durável.



Aquecedor a gás Vulco. Espalha um calor gostoso em seu lar.



Baixelas de aço inoxidável. 4 modelos, 4 belíssimas sugestões.

GAZOLA S. A., estabeleceu em Caxias do Sul, há 35 anos, um complexo industrial onde a

METALURGIA CUTELARIA E FORJARIA

(forja em série peças especiais para usos diversos) se completam, para oferecer ao Brasil e ao exterior as mais lindas peças em prata

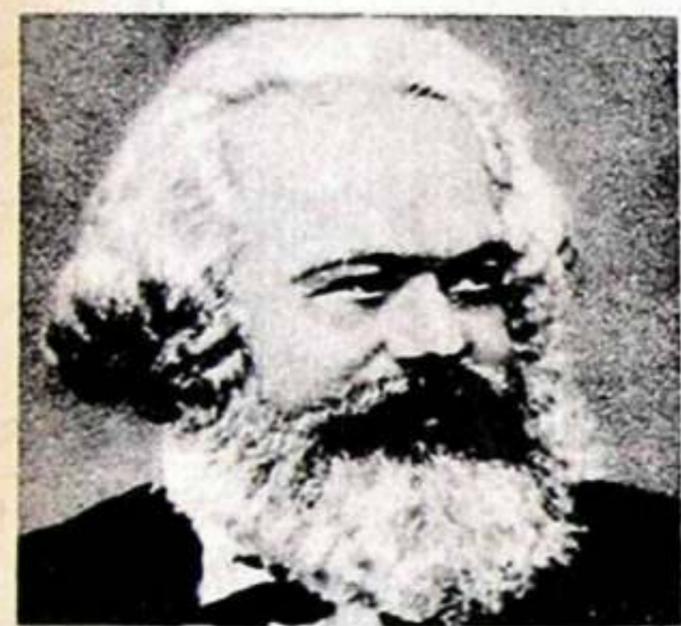


GAZOLA S. A. INDÚSTRIA METALÚRGICA

Av. Júlio de Castilhos, 1401

bases do internacionalismo comunista. Hoje o nacionalismo é a grande força no mundo comunista. Ele é mais forte que os próprios partidos, é mais forte que a ideologia. Ainda é mais fraco, entretanto, que o Pacto de Varsóvia — oficialmente, um instrumento de defesa externa contra os países capitalistas, mas, na prática, um meio de pressão interior nos países socialistas da Europa, uma força de polícia que faz reinar a ordem moscovita dentro deles.

Além do leque, os tanques — A ideologia é, no mundo comunista atual, um leque manuseado com discutível habilidade por Suslov — não chega a esconder os tanques, por exemplo. Muito mais que no Oriente, é no Ocidente que as idéias marxistas mobilizam intelectuais,



Marx: a hora dos trabalhadores.

excitam cientistas, engajam sentimentos. Pensadores como Herbert Marcuse, Ernst Bloch e Erich Fromm — todos de origem alemã — desencadearam com suas obras, inspiradas em Marx, embora modificadas por idéias psicanalíticas ou religiosas, o único movimento marxista espontâneo desde os tempos da Revolução Russa: a rebelião dos estudantes. Em fins de março, o Partido Socialista-Comunista Unificado da Alemanha Oriental promoveu um congresso de filósofos, com o propósito de salvar a imagem comunista ortodoxa de Marx diante da investida dos inovadores marxistas ocidentais. A tentativa acabou em penosos acidentes, nos protestos checoslovacos e no mau humor húngaro. No entanto, Suslov repete que "o leninismo e o marxismo do século XX e a experiência soviética são a única encarnação do marxismo". Enquanto em Varsóvia o Professor Kolakowski, da faculdade de Filosofia, marxista convicto, aceita que os seus alunos discutam abertamente quaisquer ideologias, Suslov distribui rótulos de "revisionista" (para Tito), de "nacionalistas" (para romenos e checoslovacos) e "revisionista e nacionalista" (para Mao). (Nas declarações de Mao, revisionistas são os soviéticos.)

É a fórmula que o Kremlin elabora para justificar excomunhões ou "operações saneadoras", como na Checoslováquia.

De Marx a De Gaulle — Marx partia da idéia de que o mundo somente poderia ser transformado pela violência. Escrevia em 1848: "Os comunistas declaram que os fins somente poderão ser atingidos pela subversão violenta de toda a ordem social preexistente". Contudo, Marx imaginava que o capitalismo criaria um mundo de pouquíssimos ricos e de uma multidão infinita de pobres. Assim, a maioria seria proletária, e a revolução, proletária e democrática. A previsão não se confirmou: o proletariado hoje deseja integrar-se numa classe média cada vez mais numerosa. A França fornece um exemplo recente. Em junho



Lênin: a hora dos intelectuais.

passado, diante da incerteza de uma revolta começada nas universidades e que poderia arrastar a nação para o caos, o proletariado optou pela solução "burguesa" e reelegeram o General De Gaulle. "O curso da história foi diferente do que Marx havia imaginado", constatou recentemente Max Horkheimer, diretor da Escola de Sociologia de Frankfurt, ele próprio, outrora, seguidor de Marx. O problema da falta de uma maioria disposta a fazer uma revolução já havia sido de Lênin. Foi ele quem forneceu uma solução sucedânea, mas também fatal, proclamando a revolução dos "revolucionários profissionais", organizados num partido chamado a substituir a massa sem consciência revolucionária. Esse partido representava a consciência personificada, nele manifestava-se a vontade de Lênin de ensinar "consciência de classe" a operários e camponeses. "A emancipação dos trabalhadores poderá ser somente obra dos próprios trabalhadores", dizia Marx. "Somente de fora a consciência política de classe pode ser introduzida no meio dos operários", dizia Lênin. Stalin apresentou a sua versão: o regime dos intelectuais, que pensavam pelos trabalhadores, foi depurado com o sangue e transformado no regime da burocracia.

As estrelas vivas — As rebeliões dos intelectuais, em todo o mundo comunista, são agora o reflexo tardio da tentativa de Lênin de obrigar os homens a encontrarem a sua consciência revolucionária. Mas o terreno das idéias é muito perigoso. Na própria URSS, o ponto de vista oficial do Kremlin é contestado. O grande físico Andrei Sakharov, 47 anos, membro da Academia de Ciências Soviética, divulgou recentemente um manifesto dizendo que a "divisão da humanidade provocará sua destruição" e que o socialismo deveria se aproximar do capitalismo numa tarefa fundamental para a sobrevivência dos homens. "Todo teórico marxista — diz Sakharov — deveria compreender o significado profundo dos progressos econômicos realizados pelo capitalismo." Ele



Stálin: a hora dos burocratas.

afirma também que "nada permite sentenciar que os métodos de produção capitalistas conduzam a um impasse ou a uma produção inferior à dos países socialistas, nem à pauperização da classe operária". Desses princípios, ele parte para a pregação de uma coexistência profunda entre os dois sistemas: "Tanto o capitalismo como o socialismo são capazes de se desenvolver entre eles a longo prazo, emprestando-se mutuamente elementos positivos e aproximando-se um do outro sobre um certo número de problemas, entre os quais a liberdade intelectual". Há muitos intelectuais russos que hoje procuram essa liberdade. O homem não pode ser um parafuso do mecanismo social, ele tem direito à felicidade privada, à ética individual: é o que se lia num artigo publicado recentemente na revista "Questões de Filosofia", a mais importante publicação filosófica da URSS. O leque ideológico de Suslov é evidentemente hipócrita. A URSS de Brezhnev, Podgorny e Kossiguin, no momento de soltar os tanques, não é diferente da Rússia santa e dos czares que soltava a cavalaria. Ela não renega a sua vocação imperialista. A URSS pretende apenas salvar o que pode do seu império para ser, ainda, o sol da sua galáxia.



Credo, credis, credidi, creditum do verbo latino credere.
Significa: confiar, crer, acreditar.
Creditum - empresa de crédito, financiamento e investimento
em que você pode confiar, crer, acreditar.



Capital e Reservas: NCr\$ 2.591.659,96
Carta de Autorização n.º 135 BCB

São Paulo: Rua 15 de Novembro, 317 - 5.º andar - Fone: 37-0176



O arroz?
é BREJEIRO,
claro!

Qualquer que seja a forma de preparar arroz, os pratos ficam sempre muito mais apetitosos quando o arroz é BREJEIRO! No pacote, na panela ou no prato, BREJEIRO prova que é o melhor arroz que se pode comprar!

Dê à sua família o melhor. Sirva diariamente Brejeiro.



ARROZ BREJEIRO S.A.
COMÉRCIO E INDÚSTRIA



A ROMÊNIA QUER RESISTIR

A invasão da Checoslováquia faz a Romênia viver dias de apreensão. Ela é o segundo alvo dos soviéticos, que querem ordem em seu império.



A Romênia prepara-se para a luta: com o apoio do Parlamento e do povo, o Presidente Ceausescu não se curvará ante as tropas do Pacto de Varsóvia.

FOTOS PARIS-MATCH



Ceausescu: milícias estão armadas.

Desde o ano 2 da nossa era, quando as legiões romanas conquistaram o país, a Romênia tem conhecido muitos invasores — hunos, magiares, búlgaros, turcos, poloneses e russos — e caiu sob protetorado ocidental até se tornar um reino independente, em 1861, e uma República Socialista, em 1947. Nestes quase 2 mil anos de história, em que a independência se revezou com a dominação estrangeira, a Romênia sempre resistiu com muito vigor a tôdas as tentativas de esmagamento de sua nacionalidade. Os romenos têm um forte motivo para isso: a presença romana em seu território foi tão marcante, que tanto pela língua como pela cultura eles são um povo neolatino — uma ilha no oceano de povos eslavos.

Na semana passada, mais uma vez o oceano ameaçou transbordar. Desta vez, como de outras, o perigo de invasão vinha dos russos, que, após invadirem a Checoslováquia para frear uma liberalização do regime comunista de Dubcek, se preparavam para derrubar, também, o Governo romeno, considerado rebelde demais para o gosto de Moscou.



General Yakubovski, comandante do Pacto de Varsóvia: tanques estão prontos.

Comunismo nacional — A vizinhança com a União Soviética tem sido para a Romênia, assim como para todas as nações da Europa oriental que se tornaram comunistas após a II Guerra Mundial — em grande parte devido à ajuda do exército soviético — um fator de intranquilidade. Stálin queria que todas essas "democracias populares" construíssem seu socialismo tendo como alicerce o modelo soviético, que misturava burocracia com a forte presença da polícia política e que vetava todo contato com as nações ocidentais. Stálin foi mais adiante: as nações socialistas deveriam comerciar em maior volume com a própria União Soviética, a quem ficava devendo, também, as indenizações pela guerra contra o nazismo e as despesas decorrentes da presença de tropas soviéticas em seus países.

Para a Romênia, as imposições de Moscou custaram caro, e nem a morte de Stálin em 1953, nem a nova política menos rígida aplicada pelos seus sucessores,

conseguiram diminuir esse peso. A Romênia teve de pagar 160 milhões de dólares (NCr\$ 580 milhões) de indenizações, entregar 85% de sua produção de urânio à URSS e fazer com os russos metade de seu comércio. Além disso, para evitar a concorrência, Moscou não queria que a Romênia explorasse em larga escala suas imensas reservas de petróleo, e anexou a região da Bessarábia à Ucrânia — uma das repúblicas que compõem a URSS — reduzindo o território romeno de 300 mil para 237 mil quilômetros quadrados.

Em troca de tantas concessões, a Romênia ganhou a "proteção" militar soviética através do Pacto de Varsóvia e diversos financiamentos para desenvolver sua indústria. Mas o nacionalismo e a característica neolatina sempre foram muito fortes na Romênia. Sob o firme comando de Ghergiu-Dej, o "Stálin romeno", o regime comunista autoritário ganhou forte colorido nacionalista: a bandeira do país não tem foice nem mar-

telo, o hino nacional é mais cantado que a Internacional e fala-se muito mais de "pátria" do que de "internacionalismo proletário". E para se distinguir do comunismo burocrático da URSS, do comunismo revolucionário da China, ou do comunismo neutralista da Iugoslávia, os romenos lançaram sua própria criação: o comunismo nacional.

Nova independência — Essa corrente nacionalista levou a Romênia a uma posição de quase neutralidade no mundo comunista. Os romenos não só se recusaram a ficar com a URSS contra a China como se ofereceram para intermediários de um acordo, convidando o Primeiro-Ministro chinês Chou En-lai para visitar o país em 1966. Por outro lado, ciosos de uma tradição que sempre os ligou ao Ocidente — especialmente à França e à Itália — eles continuam mantendo importantes relações culturais, econômicas e políticas com os países da Europa ocidental. Só em 1968, a Romênia

PARA A INVASÃO, MUITOS PROBLEMAS

Se os soviéticos invadissem a Romênia encontrariam os mesmos problemas que fizeram muitos exércitos do passado — de Gengis Khan aos russos — pagar um preço muito alto pela conquista da região central do país. Em 1241, os mongóis tiveram de lançar todo o seu ímpeto para forçar a passagem dos montes Cárpatos e encontrar o caminho que os levaria ao coração da Europa. E nas altas montanhas que formam o altiplano da Transilvânia, o exército "Panzer" de 100 mil homens do General von Manstein resistiu por quinze meses, de 1943 a 1944, às forças do General russo Koniev, quase dez vezes superiores em homens e armas. Neste mesmo altiplano situado no centro do país, um exército romeno de igual número também poderia resistir por muito tempo a um ataque soviético. Os russos poderiam atacar pelo vale do rio Pruth, cruzando a fronteira com 300 mil homens, 5 mil tanques modernos e 2 800 aviões que mantêm concentrados naquela região e, ainda, com o auxílio dos 15 mil fuzileiros de elite da Marinha, prontos para desembarque nas costas do Mar Negro. A oeste, através do vale do Danúbio, outros 100 mil soldados, 700 tanques e 140 aviões da Hungria poderiam fechar o cerco pelo Sul. Todo esse imenso poderio, porém, teria muitas dificuldades se os romenos subissem para o altipla-



Bloqueada por montanhas, a região central da Romênia pode resistir muito

no: ali os blindados só podem chegar em marcha lenta e fila indiana.

A superioridade soviética nos ares seria neutralizada pela defesa antiaérea, fácil de camuflar e difícil de ser atingida.

Para facilitar uma suposta resistência romena, o altiplano se encontra com as montanhas dos Balcãs da Iugoslávia, formando autêntico "corredor" para

trânsito de reforços. Quanto à Iugoslávia, ela tem mais aviões e blindados que os húngaros, romenos e búlgaros em conjunto e suas tropas são bem treinadas para resistência nas montanhas. Ao contrário da Checoslováquia, as condições geográficas fariam da invasão da Romênia ou da Iugoslávia (onde o território é quase todo montanhoso) uma difícil operação militar.

O QUE SERIA

DO NOSSO

DESENVOLVIMENTO

SEM A

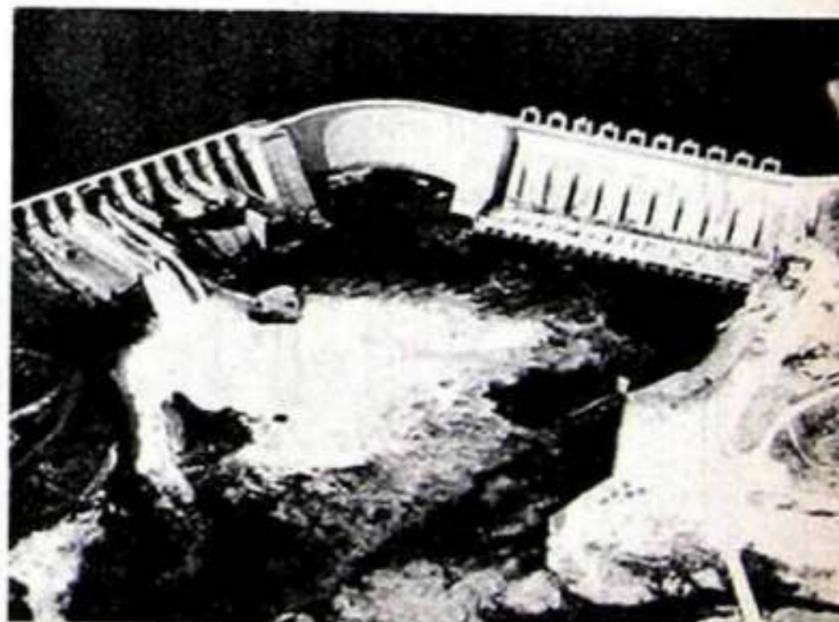
ENERGIA ELÉTRICA?

Simplesmente não existiria. Hoje, por o Brasil é um país em plena expansão como provam suas inúmeras empresas de grande porte. Temos homens que planejam, que organizam, que trabalham — e contam com a base indispensável para concretizar seus empreendimentos a energia elétrica. Por isso, a produção de energia elétrica não apenas acompanha como está adiante do próprio desenvolvimento. E, também por isso, a ELETROBRÁS já sabe que o Brasil terá de duplicar sua potência energética até 1980. Os 8 milhões de quilowatts atualmente serão transformados em 16 milhões de quilowatts necessários para manter o ritmo constante do nosso progresso.

Bilhões de cruzeiros não estão sendo investidos pela ELETROBRÁS na construção de 24 grandes usinas e na ampliação de muitas outras. Além, é claro, da usina termonuclear que fará o Brasil ingressar na era atômica. Isso para muitos pode parecer um sonho. Mas, para a ELETROBRÁS, pensar no futuro não é sonho — é trabalho.



ELETROBRÁS
CENTRAIS ELÉTRICAS BRASILEIRAS S.A.



uma viagem tranquila...

CONFÔRTO E PONTUALIDADE

Os que precisam de pontualidade para resolver negócios que dependem de sua presença e os que consideram o conforto item básico para começar bem as férias com a família, preferem sempre viajar pelos modernos e luxuosos ônibus da



VIAÇÃO COMETA

rio • são paulo
belo horizonte
curitiba • mais:

águas da prata • aparecida • araraquara • araras • batatais • campinas • catanduva • franca • guaratinguetá • itapetininga • juiz de fora • jundiaí • leme • lorena • mogi-guaçu • mogi-mirim • piraçununga • poços de caldas • porto ferreira • ribeirão preto • são carlos • santos • são joão da boa vista • são josé do rio preto • são roque • são vicente • sorocaba • três rios

receberá 300 milhões de dólares em vendas e investimentos ocidentais, incluindo a linha de montagem para a produção anual de 50 mil carros "Renault" franceses e uma cadeia de hotéis de turismo americana. Milhares de turistas ocidentais entram no país sem visto no passaporte e procuram descanso nas montanhas dos Cárpatos ou no moderno balneário de Mamaia, no mar Negro — versão socialista de Saint-Tropez — onde, entre outras coisas, as famílias alemãs divididas pelo "muro" de Berlim marcam, no verão, seu ponto de encontro anual.

Em julho, na massa de turistas e investidores que a cada ano invade a Romênia, estavam Robert McNamara, presidente do Banco Mundial, e Pierre Schweitzer, diretor do FMI, sondando as possibilidades de ingresso da Romênia nesses organismos — ela seria a primeira nação comunista a dar tal passo na política externa. Também o milionário americano Cyrus Eaton, conhecido por sua amizade pessoal com Krushev e outros dirigentes comunistas, esteve na Romênia em agosto último, verificando a viabilidade de futuros investimentos americanos no país. Em troca, os romenos aumentam suas exportações para o Ocidente (estão em segundo lugar na produção europeia de petróleo, abaixo da URSS) e os caminhões — marca Mercedes-Benz — com chapas da Romênia são, hoje, grandes freqüentadores das estradas da Europa ocidental, transportando frutas e diversos produtos enlatados.

Na prisão de Doftana — Mas foi na política externa que o país deu seus passos mais ousados de independência, principalmente a partir de 1965, quando Nicolae Ceausescu sucedeu ao falecido Ghergiu-Dej na direção do Partido Comunista romeno. Cedo o discípulo superou o mestre na arte da rebeldia, confirmando as palavras de Ghergiu-Dej: "Ceausescu é silencioso e poderoso como a noite".

Autodidata, filho de sapateiros, Ceausescu (pronuncia-se "chô-ches-co") é um homem sóbrio, alto e corpulento (90 quilos), que raramente aparece nas recepções das embaixadas, não gosta de fotografias nem de publicidade — sua discrição contrasta com a exuberância bem latina da maioria dos outros dirigentes romenos. Ele entrou jovem para o partido comunista clandestino da Romênia e na sua carreira sempre mostrou muita eficiência e trabalho, qualidades que se somam à autoridade moral: ele não fuma, não bebe e passou grande parte da vida na prisão de Doftana, em Bucareste, famosa pelas torturas e péssimas condições em que viviam os prisioneiros. Ali esteve preso, antes da guerra, pelos fascistas da Guarda de Ferro; durante a guerra, pelos nazistas; e de-

PARIS-MATCH



Ceausescu e De Gaulle em Bucareste: contra uma divisão do mundo em blocos.

pois da guerra, pelos stalinistas que não confiavam na sua inclinação nacionalista. Hoje, Ceausescu é o homem forte da Romênia, com os cargos de Secretário-Geral do PC e Presidente da República. Ele deu todo seu apoio à liberalização da Checoslováquia, protestou duramente contra a invasão e, mais uma vez, se expôs à cólera do Kremlin. Na semana passada, enquanto as divisões russas tomavam posição nos 1 300 quilômetros da fronteira com a Romênia, ele mobilizava o povo na defesa do país, ampliando o serviço militar de quatorze para 22 meses e ordenando treinamento intensivo e permanente da Milícia Popular, criada em Bucareste no mesmo dia em que os russos invadiam Praga.

O "gelo" de Moscou — Ceausescu sabe que pode contar com sua nova Milícia e com amplo apoio nacional — Parla-mentos, Partido e povo — porque, além de insistir na independência frente a Moscou, seu regime também vem experimentando a liberalização interna — bem menor, entretanto, que a da Checoslováquia de Dubcek. Em março deste ano, ele prometeu mais liberdade e mais progresso econômico para o país, que já tem uma das mais altas taxas de desenvolvimento — 11% ao ano. Também prometeu maior firmeza na política externa. A exemplo de De Gaulle — que visitou a Romênia em maio último — Ceausescu também é contra a existência de blocos políticos e militares dividindo o mundo.

Para contestar os blocos, a Romênia foi o único país comunista a continuar mantendo relações com Israel, após a guerra do Oriente Médio em junho de 1967; a primeira "democracia popular" a reatar relações diplomáticas com a Alemanha Ocidental; o primeiro país comunista a ter seu chanceler (Corneliu Manescu) eleito presidente da Assembléia Geral da ONU. A prova maior dessa contestação, entretanto, está na neutralidade de fato da Romênia: hoje, sua

participação no Pacto de Varsóvia é apenas nominal. Desde que abandonou a conferência dos PCs em Budapeste, no último mês de março, a Romênia não participou de mais nenhuma reunião do Pacto de Varsóvia, do qual está, na prática, inteiramente afastada. Esse afastamento — consequência de sua política independente e de combate aos blocos — lhe trouxe sérios riscos. Na semana passada, a invasão da Romênia pelos soviéticos parecia ser mais do que simples hipótese.

Armas na mão — Para Ceausescu, essa ameaça não se dissipou nem com os desmentidos públicos do embaixador soviético nos Estados Unidos, Dobrinin — o mesmo que anunciou pessoalmente ao Presidente Johnson a invasão da Checoslováquia — pois a história mostra que os russos já cruzaram fronteiras no passado com diversos pretextos. Hoje seria para "salvar" o comunismo. Mas graças à simpatia de sua política externa, ele já recebeu manifestações de apoio tão distintas como as de Chou En-lai, do Presidente Johnson e do Marechal Josip Broz Tito, da Iugoslávia. Nesta última, o ex-guerrilheiro Tito prometeu não só enfrentar com armas qualquer ataque dos russos ao território iugoslavo (partindo da Hungria ou da Bulgária) como, também, dar ajuda militar à Romênia em caso de uma agressão soviética.

Em Bucareste, só poucos amigos íntimos sabem onde Ceausescu tem sua modesta residência particular, que contrasta com o rico palácio presidencial e com as três casas de campo que o ex-Presidente Ghergiu-Dej tinha espalhadas pelo país. Mas o que os 19 milhões de romenos sabem com certeza é que ali mora um líder disposto a afirmar e a defender a soberania de seu país e desmentir a frase depreciativa do Czar Nicolau II, que até hoje ainda parece ter apreciadores em Moscou: "A Romênia? Não é um Estado nem uma nação. É apenas uma profissão..."



Prist não
faz biquinis.
Em compensação
Prist faz a
dona de um biquini
olhar para você com
muito mais entusiasmo.
Não é melhor assim?

Na praia você tem a chance de mostrar para elas o físico bacana que Deus lhe deu e que você usa para conservar. Acontece que tem muito mais gente fazendo a mesma coisa, e é por isso que você precisa de uma ajudazinha. Prist faz "shorts" que ajudam você a conseguir mais olhares femininos, e mais entusiasmados.

Veja o modelo desta página. (Ela não, o "short"!:) Imagine-se dentro dele e pense em quanta coisa boa pode lhe acontecer daí para a frente.

Há sempre mulher perto de quem usa Prist. Inclusive de biquini.



pristsport





Dubcek na piscina pública de Bratislava: duro como um verdadeiro carvalho.

CHECOS TÊM ESPERANÇAS

Dubcek, político de sete fôlegos, continua à procura de uma saída

Raras vezes um líder checoslovaco reuniu tantas características dos heróis de seu país como Alexander Dubcek. Mesmo com a Checoslováquia ocupada há três semanas por forças do Pacto de Varsóvia, ele continua o político de sete fôlegos, com uma notável capacidade de se manter no poder. Ele tem a obstinação do soldado Schweik — personagem literário nacional, encarnação do resistente passivo e heróico — e a singela honestidade de Jan Huss — queimado em 1415 como herege porque queria reformar a Igreja. E muitos só conseguem ver no alto, magro e tímido Dubcek um moderno Dom Quixote atirando-se de lança em punho contra as muralhas do Kremlin. Qualquer que seja sua imagem, Dubcek prossegue a luta contra Moscou na estreita margem de liberdade que os tanques soviéticos lhe concederam. Com a economia nacional tendo prejuízos diários de 400 milhões de coroas (NCrS 90 milhões), a preocupação principal de Dubcek é obter a rápida retirada das tropas estrangeiras e normalizar, o quanto antes, a vida interna do país. Na semana passada, em companhia do Presidente Svoboda, ele percorreu diversas fábricas para explicar aos operários, pes-

scalmente, a necessidade de manterem a cabeça fria para que os militares russos decidam a retirada da Checoslováquia dos soldados do Pacto de Varsóvia.

Com os russos — Pouco a pouco, na cadência habitual em que Dubcek sempre seguiu suas atividades, a Checoslováquia vai encontrando seu caminho. No início da semana, ele alcançou grande vitória política, ao renovar o Presidium do Comitê Central do PC com uma maioria de partidários seus e, ao mesmo tempo, obter um voto de confiança do partido em todos os dirigentes do país. O Comitê Central passou de noventa para 170 membros e se os liberais de Dubcek tiveram de sacrificar alguns nomes — como o Ministro Ota Sik, cérebro da reforma econômica — o saldo foi favorável aos que desejam que a Checoslováquia prossiga o caminho da democratização, mesmo com todas as exigências soviéticas. A resistência passiva dos checoslovacos desceu a quase zero e Alexander Dubcek prepara-se para discutir com os russos a rápida retirada das tropas e a não ingerência nos assuntos internos do país.

Tratar com os russos é um velho hábito



Para o futuro, um salto na incerteza

para Dubcek. Dos quatro aos dezessete anos ele morou na URSS, estudou nas escolas soviéticas e aprendeu a conhecer a língua e o caráter do povo russo. Depois de ter sido operário, militante comunista e guerrilheiro antinazista na região da Eslováquia, durante a II Guerra, ele voltaria à Rússia em 1958, para frequentar a escola de marxismo onde foi colega de Leonid Brezhnev — atual dirigente do PC soviético. Em 1961 Dubcek retornava definitivamente a seu país, abrindo caminho através das fileiras partidárias até chegar a Secretário do PC eslovaco e, desde janeiro, do Partido Comunista de toda a Checoslováquia. Nessa época, ele era um homem de confiança de Moscou.

Erro de cálculo — Qual foi a falha no cálculo dos russos? Em primeiro lugar, eles se esqueceram que Dubcek — ao contrário de seu antecessor checo, o impassível Antonin Novotny — é um eslovaco, com uma parte altamente emocional no seu caráter: ele é, por exemplo, um fanático torcedor de futebol que não fica calmo quando seu time está perdendo. (Ele estava em Bratislava, torcendo, quando sua seleção nacional de futebol ganhou do Brasil por 3 a 2, em junho deste ano).

Os russos falharam, também, em não prever que Dubcek crescerá no exercício da liderança desde janeiro — e, na mesma medida, cresce a sua determinação de enfrentar os russos. Em maio, em Moscou, na primeira série de encontros com dirigentes soviéticos, Dubcek encarou Brezhnev nos olhos e disse: "Leonid Illitch, quem tem o direito de pretender



1. Linda Morena. 2. Cachimbo Dunhill. 3. Grrrrrrrr. 4. Colônia para homem. 5. Pistola de duelo. 6. Patecôo. 7. Transistor classudo. 8. Royal Label Extra.

Convidamos 250 homens de experiência a escolherem três destas sugestões. Não houve aquele que deixasse **Royal Label Extra** para terceiro lugar.

Royal Label Extra — O maltwhisky de Royal Label Extra é envelhecido seis anos na origem, a mais antiga destilaria da Escócia, 1786. Essa destilaria já viveu oito reis (e rainhas) da Inglaterra e Escócia. Nenhum outro whisky tem tanta majestade. (Como é suave!) Em whisky, antiguidade é gosto.

tirar a patente do verdadeiro marxismo?" Depois desse dia, os liberais checoslovacos sentiram nele uma nova determinação. Dubcek transformava-se. Ao invés dos longos e tediosos discursos do início do ano, agora ele apelava para palavras mais diretas e de maior interesse popular. Também acrescentou um fino traço de ironia: "O povo estava descontente com os líderes; como não podemos mudar o povo, mudamos os líderes", disse ele na televisão, comentando a queda dos conservadores. O desafio de Dubcek, mantido até que os soviéticos não tivessem outra alternativa para detê-lo do que invadir o país, em 21 de agosto, foi uma surpresa para Moscou. Um funcionário russo, certa vez, comentou: "On nie dubcek" ("Ele não é um pequeno carvalho"), fazendo trocadilho com a palavra "dubcek" que, em russo, significa pequeno carvalho. Em seguida, acrescentou: "On nastoiáchtchi dub". ("Ele é um verdadeiro carvalho.") Outro disse: "Pensávamos que Dubcek fôsse o mais aceitável substituto para Novotny. Afinal, ele conheceu nosso país intimamente, conheceu nossos dirigentes, aprendeu nossa língua, estudou em nossas escolas". E rematou, com amargura: "Talvez ele nos conheça bem demais, além do que seria bom para nós".

Herói e vilão — Os russos não conseguiram achar nenhum comunista checoslovaco disposto a ficar no lugar de Dubcek — e tiveram de tolerá-lo. Até quando, ninguém sabe. Pragmático e realista, Dubcek controla com firmeza o seu próprio povo, para evitar provocações aos russos. Com 46 anos de idade, casado e com três filhos, ele é um dos mais jovens líderes comunistas do mundo, com um futuro ainda incerto: tanto pode continuar no poder até conseguir a vitória total a longo prazo, como pode ser atirado à fogueira como o herege Jan Huss.

Homem de família, que não fuma nem bebe, Dubcek conservou seus hábitos simples. Nos fins de semana sem crise política à vista costumava ir a Bratislava, sempre dirigindo pessoalmente seu carro através dos 320 quilômetros que separam Praga de sua cidade. O lar de Dubcek ainda é a mesma casa pequena precisando de uma boa pintura. Aos domingos, ele costumava surgir na piscina pública da cidade, dando elegantes mergulhos do trampolim e assinando autógrafos para as crianças. Sua popularidade pouco sofreu com os acordos de Moscou e a invasão soviética: pesquisa recente deu-lhe 71% de apoio "dentro das atuais circunstâncias". A cortina de ferro baixou novamente sobre a Checoslováquia, mas o povo ainda vê em Dubcek o líder que pode levantá-la, mais uma vez, com esforço e paciência — duas qualidades que não faltam ao Secretário-Geral do PC checo.

- A Senhora sabe quando é que se serve feijoada na casa da D. Aurora?



...A qualquer hora!



porque é conservada há meses num congelador

PROSDÓCIMO

(um novo conceito em cozinha)

Sem alterar as propriedades nutritivas, o sabor, a cor, o aroma e o peso, a Sra. conserva alimentos crus, cozidos ou temperados e já prontos para servir. Não há visita que a apanhe desprevenida. (Faça como a Da. Aurora: sirva feijoada - ou qualquer outro prato - a qualquer hora!)

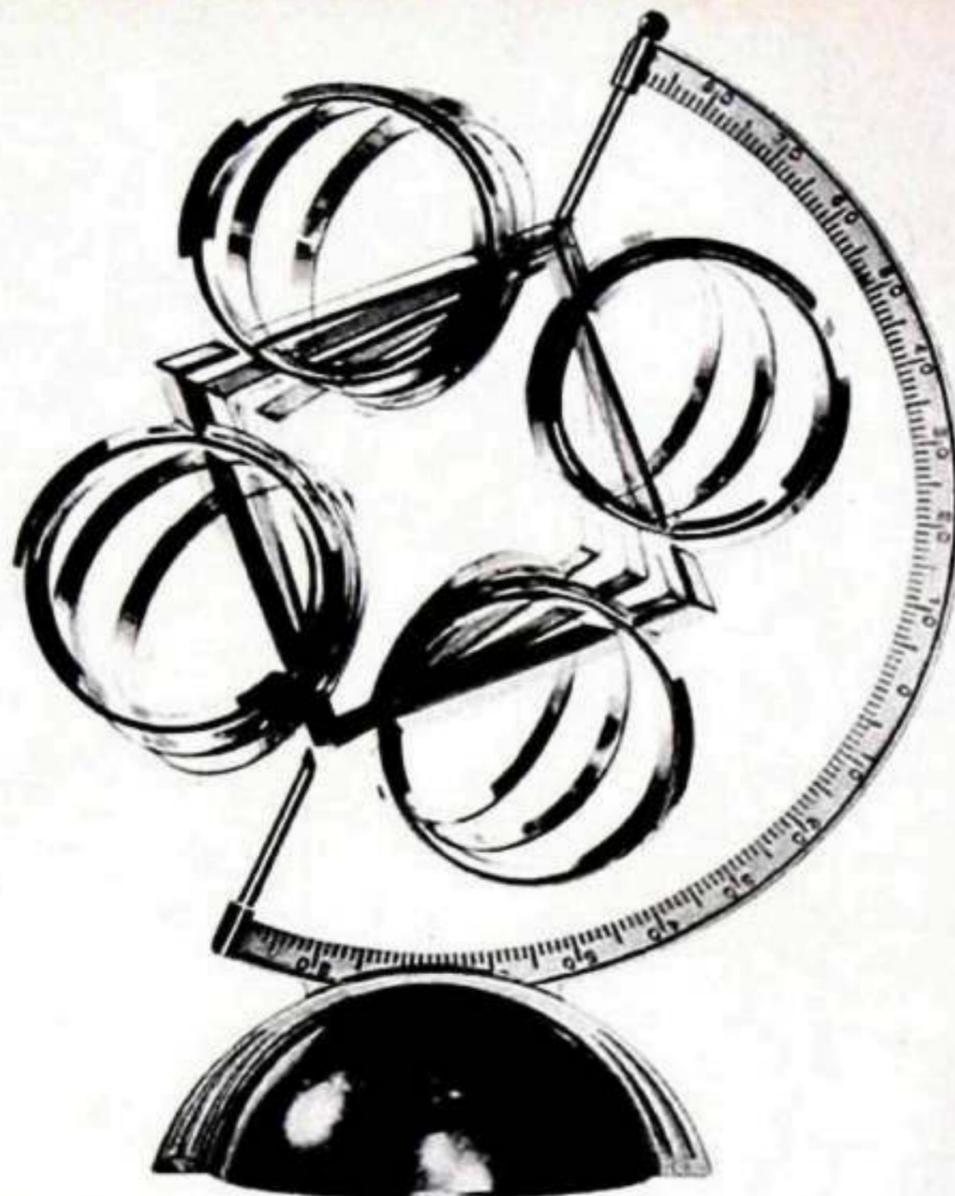
um produto de qualidade da

REFRIGERAÇÃO PARANÁ S. A.

fabricante dos refrigeradores e aquecedores-de-ambiente Prosdócimo

cx. postal, 1021 - Curitiba - pr.

é muito lógico ter um **PROSDÓCIMO**

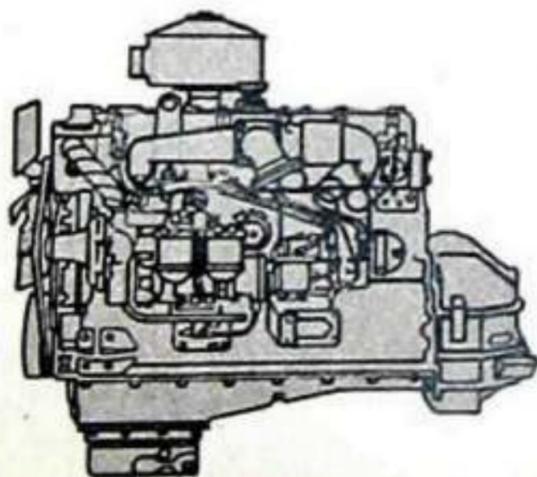


“o mundo inteiro prefere Diesel Perkins”

QUAL É A SUA VANTAGEM NISSO?

Você tem muitas vantagens nisso. Em primeiro lugar, o mesmo motor Diesel Perkins que conquistou a liderança mundial está à sua disposição aqui mesmo, fabricado no Brasil: quem precisa de motores pode avaliar a facilidade de manutenção que isso representa. Outras vantagens, para todos: a qualidade Perkins, comprovada e procurada em todos os países do mundo, se integra cada vez mais ao desenvolvimento do Brasil. Entre nós, fábricas como a C.B.T., Clark, F.N.V. (Allis-Chalmers e Bucyrus Erie),

Ford, General Motors, Massey-Ferguson e Villares, além de outras, já usam Diesel Perkins como equipamento original. Revendedores Perkins estão fazendo rotineiramente a conversão de caminhões a gasolina para Diesel Perkins. No campo industrial e rural, estão sendo largamente empregados os motores estacionários Perkins. Tudo isso não é muito bom? Pois achamos que tudo isso nos permite lembrar com naturalidade, sem presunção, a nossa liderança mundial em motores Diesel.



PERKINS
LIDERANÇA MUNDIAL EM MOTORES DIESEL

ARGENTINA

A partida dos irmãos Alsogaray deixa sozinho o General Onganía

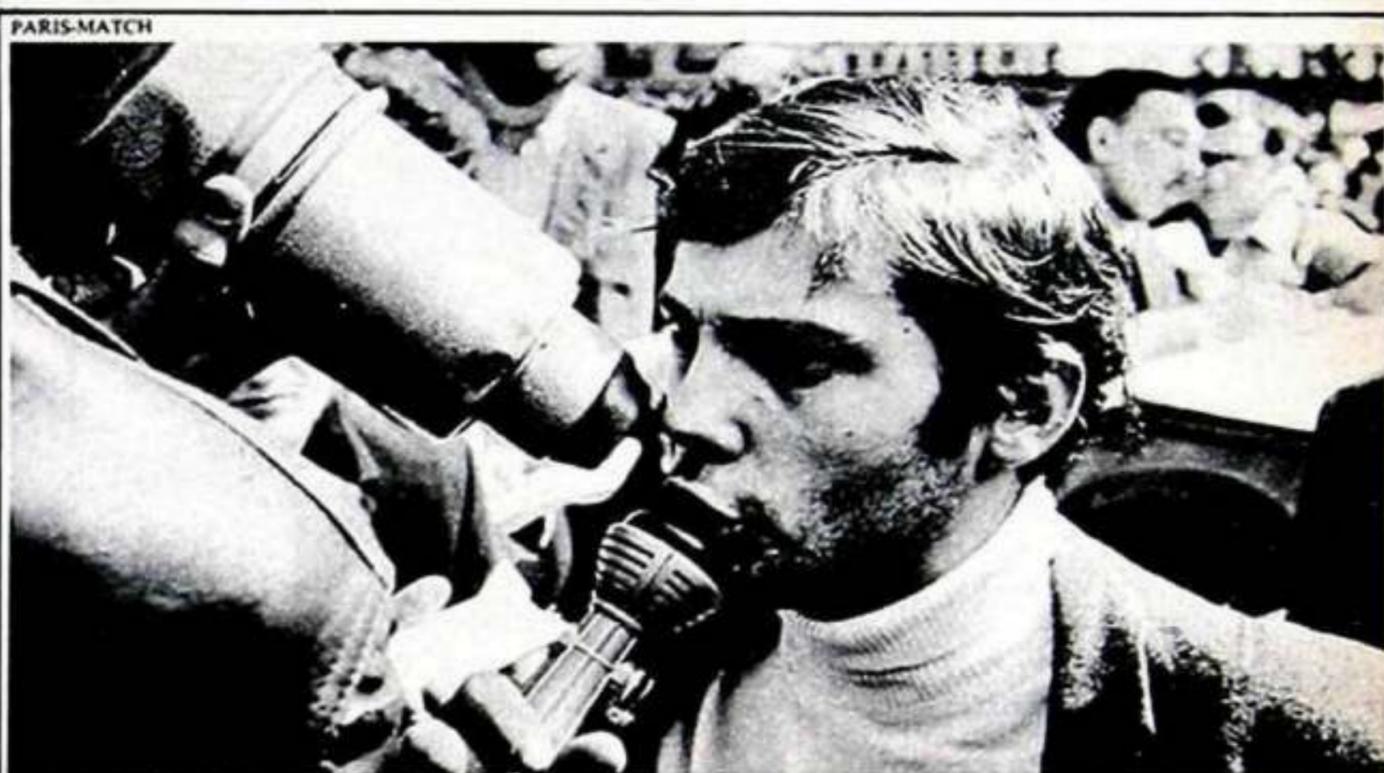
O General Juan Carlos Onganía, Presidente da Argentina, não gosta de previsões sobre o futuro de seu Governo, principalmente quando o astrólogo é um candidato potencial a sua sucessão, como é o caso de Alvaro Alsogaray, velho político e homem de finanças que serviu a cinco governos — e foi suficientemente hábil para sobreviver a todos eles. Por isso, Alsogaray, 55 anos, embaixador em Washington, teve que pedir demissão dias atrás, depois de negar inutilmente a incômoda paternidade de um documento chamado "Bases para uma Ação Política Futura", com críticas à Revolução argentina. Mas a simples troca de um embaixador não poderia justificar a crise interna que envolve atualmente o Governo argentino, se não houvesse um outro Alsogaray — Julio Alsogaray — que, além de ser irmão do ex-embaixador e partilhar de suas idéias liberais, é general e ocupava no início dessa crise o posto de comandante-chefe do Exército argentino. À primeira vista, parecia fácil resolver a crise político-familiar afastando imediatamente também Julio Alsogaray de seu lugar no Governo, mas passaram-se vinte dias entre hipóteses e boatos, antes que o General-de-Divisão Alejandro Lanusse — conservador e nacionalista — fosse nomeado para substituí-lo.

A hesitação do Governo em mexer no comando militar se justifica: como antigo comandante-chefe do Exército, o Presidente Onganía sabe que às vezes as coisas se invertem na Argentina e são os chefes militares que trocam os presidentes. Julio Alsogaray, que deixou o seu cargo juntamente com os comandantes-chefes da Marinha e da Aeronáutica, declarou que Onganía quer governar sozinho e que já não sabe mais distinguir os amigos dos inimigos. Nada impede que daqui para diante o esquema dos irmãos Alsogaray — amigos nos círculos financeiros e nos quartéis — funcione tão bem contra o Governo como funcionou a favor dele.

Têrmos vagos — Enquanto tomam posse os novos chefes militares, multiplicam-se em Buenos Aires as especulações em torno da revolução de Onganía, que há dois meses completou seu segundo ano — e, até agora, não foi capaz de fixar um rumo definido para a Argentina. Fala-se muito numa experiência do tipo corporativista que estaria sendo feita em Córdoba e é descrita pelo Ministro do Interior Guilherme Borda como uma tentativa de aumentar a participação comunitária "sem

excluir os direitos políticos tradicionais, como eleições e partidos políticos". Mas o panorama geral continua em têrmos muito vagos: Guilherme Borda confessou que não sabe o que pode acontecer no futuro com o corporativismo. Perguntaram se esse futuro era próximo ou longínquo e ele respondeu que também não sabia. O próprio Onganía, que na questão dos partidos é categórico — "foram dissolvidos pela Revolução e morreram para sempre" —, não admite quaisquer previsões sobre o prazo final de seu mandato. A troca

de homens fortes no Governo, enquanto não se divulga a nova orientação, veio apenas acentuar o clima de expectativa que envolve todos os setores do país, desde os ministros de Estado até a poderosa CGT, a Confederação Geral dos Trabalhadores. Única exceção nesse panorama estático, o velho General reformado Adolfo Candido Lopes manteve durante a crise o mesmo comportamento que vem irritando há meses o Presidente Onganía: saiu da cadeia, lançou manifesto exigindo plebiscito e voltou para a cadeia.



Jacques Sauvageot: "Até agora, nenhum dos nossos problemas foi resolvido."

FRANÇA

Os estudantes guardam o fôlego para novas batalhas em outubro

Número 15, Rue Soufflot, Quartier Latin, Paris. À sombra do Panthéon, na parede exterior de um prédio austero, uma placa azul desbotada diz: "UNEF, segundo andar, à direita". Uma escada fria, gasta e escura leva a um conjunto de salas mobiliadas — ou obstruídas — com escrivaninhas em metal enferrujado e carteiras escolares vagando à deriva. A UNEF é a União Nacional dos Estudantes Franceses; essas pobres salas são o seu quartel-general, onde o presidente Jacques Sauvageot prepara, com um grupo de fiéis sobreviventes da revolução de maio, a nova ofensiva dos estudantes. Sua palavra de ordem: "Não voltemos às aulas em outubro". Sauvageot, 23 anos, estudante de Direito, apronta com muito entusiasmo novos desafios à ordem francesa restabelecida. As férias de verão não afastaram os estudantes de suas atividades: as "universidades populares" criadas por eles (cursos, debates e conferências) fo-

ram, no calor do mês de agosto, um novo fator de agitação. Ao mesmo tempo, equipes de cinco ou seis estudantes eram diariamente despachadas pela UNEF para todos os pontos do país, a fim de mobilizar a "massa" estudantil para a luta prometida.

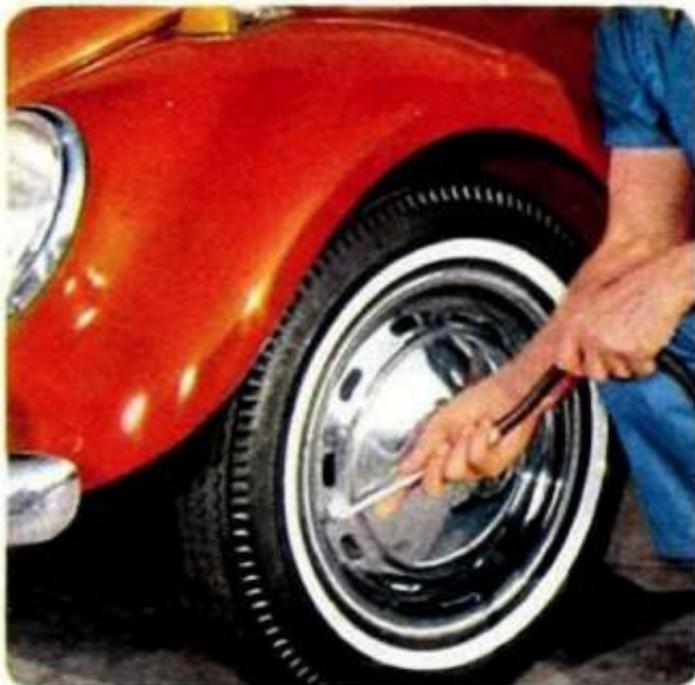
No entender dos líderes estudantis, nenhum dos problemas da Universidade foi resolvido até agora; portanto, nada mais natural que a retomada da luta, no mesmo estilo de maio, assim que outubro chegar, com a abertura oficial de um novo ano letivo. Uma tormenta dentro de um mês? De qualquer forma, o Governo francês quer estar mais bem preparado para enfrentá-la. O Ministro do Interior Raymond Marcellin já tomou suas precauções: ele trabalha ativamente, neste momento, num projeto de reforço dos efetivos policiais. Aos 104 mil homens da polícia francesa viriam juntar-se novas unidades, com mais mobilidade. Seis novos esquadrões de "gendarmaria móvel" — oitocentos homens — já foram constituídos, e o moral da tropa está recebendo um cuidado particular: uma vasta distribuição de medalhas foi feita entre os policiais que se destacaram em maio e junho.

quando
me falaram,
não acreditei
mas...



êles vêm tudo!...

sempre
calibram
os pneus!...



e limpam
o
pára-brisa!...



ra o revendedor Atlantic, o carro mais importante do mundo é o seu!

Atlantic
serviço
nota
10!



COMPANHIA ATLANTIC DE PETRÓLEO

Os grandes mecenas da política norte-americana



Nixon



McCarthy

Agora são apenas dois meses até o Election Day, e as campanhas presidenciais entram na sua fase decisiva. Nixon e Humphrey vão precisar mais do que nunca de seus protetores financeiros.



Rockefeller



Humphrey

Nos quartéis-generais de Hubert Humphrey e Richard Nixon, em Nova York, somente os próprios candidatos são mais estimados, ou pelo menos mais adulados, que John Connor — presidente da Allied Chemical Inc. — ou W. Clement Stone — presidente da Combined Insurance Co. of America —, os dois bilionários de Wall Street que organizam, respectivamente, a parte financeira das campanhas presidenciais de democratas e republicanos. Numa temporada eleitoral cada vez mais cara, quando um minuto de publicidade na televisão pode custar 65 000 dólares e uma excursão-relâmpago num Boeing 727 chega a 5 000 dólares por hora de viagem, os mecenas como Connor ou Stone acabam se tornando verdadeiros achados.

Segundo cálculos estimativos, acredita-se que cada um dos principais candidatos à Presidência dos Estados Unidos deverá gastar 50 milhões de dólares na luta pela Casa Branca — e os gastos reais sempre superam as estimativas. Mas, à força de pedidos e promessas, os partidos americanos descobriram sua mina em Wall Street, e de lá extraem toda a cobertura para as suas despesas: recorrem aos homens que têm muitos dólares disponíveis e, principalmente, sabem de onde tirar mais — dos pequenos financistas espalhados pelo país inteiro. E para alguns desses milionários de província a política tornou-se repentinamente uma ocupação de tempo integral.

"É bem fácil recolher dinheiro: bastam alguns milionários, muita carne e bastante bebida."

Como o encargo é bem difícil, a transição brusca acabou trazendo problemas para eles. "Não é algo que eu escolheria como bico", disse, depois da convenção republicana, Irwin Miller, um dos que apoiavam Nelson Rockefeller. "Agora que Rocky perdeu para Nixon, eu não quero mais saber disso." Mas, para cada um desses soldados que abandonam o campo de batalha, mais forte

FOTOS DE NEWSWEEK



Clement Stone: um verdadeiro achado.

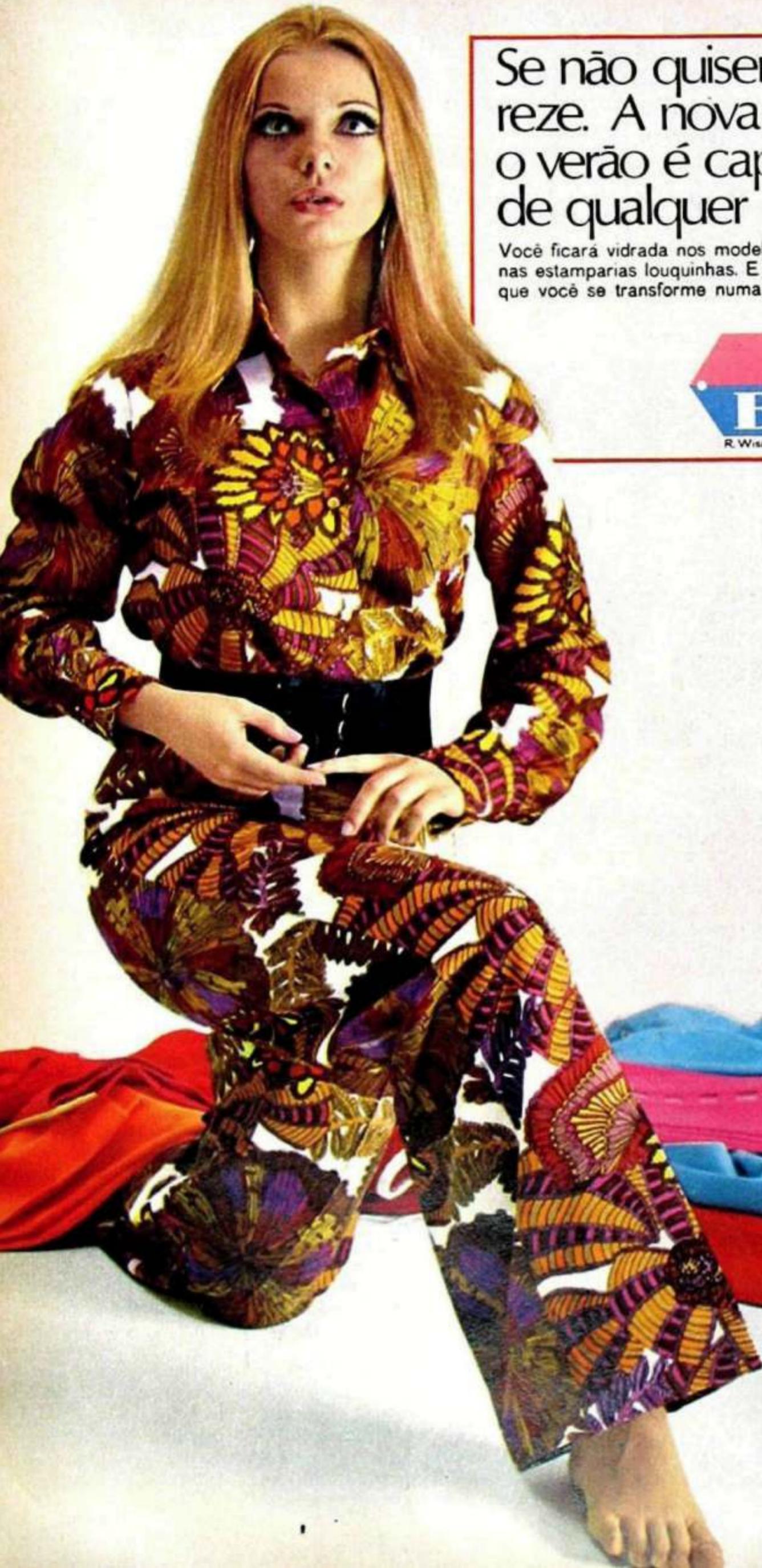
se torna o apoio dos grandes generais. A mais alta patente econômica do Partido Republicano, W. Clement Stone, costuma vibrar à simples menção do nome de Richard Nixon. "Farei tudo para que Nixon seja eleito Presidente", diz Stone, 66 anos de idade e imensa fortuna. "E, já que as palavras devem ser acompanhadas pelos atos, eu não poderia pedir que meus amigos entregassem grandes somas à nossa campanha se eu mesmo não contribuísse mais do que todos." Stone contribuiu mesmo — até agora com 500 000 dólares —, mas talvez seus outros esforços em favor dos republicanos sejam tão importantes quanto o seu dinheiro. No começo de agosto ele promoveu uma série de almoços para homens de negócios, quando solicitou donativos quase compulsórios dos seus importantes convidados; contratou uma equipe de universitários para trabalhar o nome de Nixon no meio estudantil e, desejando que os jovens aceitassem a incumbência com bastante disposição, levou duzentos deles até uma de suas propriedades em Illinois, para que passassem um fim de semana com "brincadeiras e divertimentos".

Ainda são muito poucos os angariadores de fundos tão entusiasmados e decididos como Clement Stone, mas a sua técnica, baseada no telefone e nas reuniões sociais, é comum a todos. Para Don Ahrens, 77 anos, antigo vice-presidente da General Motors e encarregado das finanças do Partido Republicano em Michigan, todos os políticos deveriam seguir os ensinamentos do presidente da Combined Insurance: "É muito fácil. Basta reunir alguns homens importantes, dar-lhes alguns pedaços de carne para comer e uísque à vontade. Quanto mais bebida, melhor. Afinal, para se exigir dinheiro de alguém, é preciso que esse alguém se sintam bem desinibido e acredite que está abrindo suas portas espontaneamente. Se ele for duro na queda, aplica-se uma tática mais direta — quando o jantar vai chegando ao fim, o anfitrião se aproxima da porta de saída com uma lista e vai dizendo: Os senhores pensaram que o jantar era gratuito, mas se enganaram. Paguem, por favor!" Homens como Stone ou Ahrens deixam Richard Nixon bem tranquilo com relação à sua sustentação financeira; porém, se depender apenas de dinheiro, a eleição presidencial dos Estados Unidos certamente acabará empatada: também os democratas há muito tempo deixaram de se preocupar com o valor das suas despesas. Apenas no mês de agosto, o escritório de John Connor, o magnata que apóia Hum-

Num jantar dançante no Waldorf Astória, ingressos a 500 dólares por pessoa

phrey, chegou a estabelecer duzentos contatos telefônicos ou telegráficos com pequenas firmas ligadas à sua Allied Chemical. "Até agora", diz Connor, "mais de cem se comprometeram a nos enviar donativos — quase 100 000 dólares."

Pouco antes, no fim de julho, ele organizou um espetacular jantar dançante no luxuoso Waldorf Astória, em Nova



Se não quiser cair em tentação,
reze. A nova coleção Berta para
o verão é capaz de virar a cabeça
de qualquer mulher sensata.

Você ficará vidrada nos modelos ousados e exclusivos, nos tecidos avançados,
nas estamparias louquinhas. E seu santo terá que ser muito, muito forte para evitar
que você se transforme numa mulher insensata: a mais feliz do mundo!



R. Wisard, 320 - Caixa Postal, 11120 - S. Paulo

Os artigos Berta
foram aprovados no
Controle de
Qualidade "Helanca"



York, com ingressos de 500 dólares por pessoa. Em abril, logo que Humphrey anunciou oficialmente sua candidatura, Connor já tinha comandado uma festa semelhante: almoço no Le Pavillon, restaurante dos mais caros da cidade, onde oitenta convidados reuniram 750 000 dólares para a campanha dos democratas — só Robert Dowling, presidente da City Investing Co., entrou com 100 000 dólares.

Nenhuma dessas doações implica numa eventual dedução do imposto de renda, e mesmo o interesse político da contribuição, tentando forçar retribuição posterior, não justifica aparentemente o trabalho que esses homens estão tendo — afinal, todos os candidatos são eventuais perdedores no Election Day,

"Se perdermos, paciência. Foi só mais um negócio que não deu certo, como às vezes acontece."

em 12 de novembro. Por que motivo, então, a maioria dos homens de negócios dos Estados Unidos se envolve tanto nas campanhas eleitorais? Para John Connor, existe uma combinação de motivos.

"Na maioria dos casos", diz Connor, "trata-se puramente do desejo de participar pessoalmente de uma atividade de interesse coletivo. Mas nós também esperamos ser ouvidos, quando surgir uma oportunidade, pelo candidato que pretendemos eleger Presidente. E, se perdermos, paciência. Foi mais um negócio que não deu certo." Mesmo os que já foram eliminados da luta pensam de modo igual. "Cem mil dólares não me vão fazer nenhuma falta", disse Allan Miller, milionário aposentado da Pensilvânia, quando soube que seu protegido Eugene McCarthy fôra derrotado na convenção de Chicago.

Por vários motivos, muitos desses homens hesitam bastante antes de se comprometerem com algum candidato, mas o medo de uma derrota nunca é a justificativa usada para explicar qualquer recusa. Eles são homens de empresa, e consideram a reação de seus acionistas e clientes bem mais importante que a vitória ou a derrota do candidato que apóiam. Durante a campanha de 1964, John Connor era presidente da Merck & Co. — indústria de produtos farmacêuticos — e usou todo o prestígio da empresa na campanha em favor de Lyndon Johnson. Em represália, os médicos partidários de Barry Goldwater, o candidato republicano, fizeram um boicote nacional contra a Merck. "Eram quase 2 mil médicos", lembra Connor, "e eles nem deixavam os nossos vendedores entrarem em seus consultórios."

De qualquer modo, quaisquer que sejam

suas opiniões políticas, os promotores das campanhas concordam em que é tempo de modificar o processo de coleta de donativos. Há algumas semanas, Hubert Humphrey se queixava dos "custos inacreditáveis de uma campanha eleitoral" e das "maneiras degradantes de se conseguir o dinheiro".

Muitos outros financistas, que sempre contribuíram nas campanhas presidenciais anteriores, desta vez permanecem longe de qualquer candidato, mas seus motivos são exclusivamente pessoais. Um deles, Arnold Maremont, dono de um importante entreposto de Chicago, já tinha trabalhado pelos democratas

em 1956 e 1960, mas se recusou a apoiar Johnson nas eleições de 1964, por considerá-lo um "candidato inaceitável", entregando nas mãos dos líderes da NAACP — Associação Nacional para o Progresso dos Homens de Cor — todo o dinheiro que havia reservado para a campanha presidencial.

Agora, Maremont parece ainda mais afastado do processo eleitoral americano. Quando assessores de Hubert Humphrey foram a Chicago pedir-lhe ajuda econômica, respondeu: "Por enquanto pretendo apenas nadar e tomar banhos de sol: ainda não encontrei o candidato cujas idéias se aproximem das minhas".



Lyndon Johnson: longe da política, mas bem perto do neto, todos os dias.

Lyndon Baines Johnson de volta à escola

Hoje ele recebe as honras e as homenagens que cabem ao Presidente da maior potência ocidental; amanhã, à sua entrada numa sala de aula, os seus alunos nem vão levantar-se, já que essa velha tradição foi abolida nas escolas dos Estados Unidos. Lyndon Baines Johnson, sessenta anos, planeja o que fará quando deixar a Casa Branca, dia 20 de janeiro de 1969: 25 anos depois de abandonar sua cátedra de Pedagogia numa pequena escola de Cotulla, Texas (20 mil habitantes), para se tornar secretário de Richard Kleberg (um deputado federal texano), Johnson pensa com entusiasmo em voltar ao magistério, como professor de Assuntos Públicos na Universidade do Texas. Além disso, para satisfazer velhos sonhos de viagens que Lady Bird (sua esposa) foi acumulando nos anos de primeira dama, também pretende dedicar

parte do seu tempo ao turismo pelas Américas. O que o Presidente não quer é envolver-se em política: quando muito, aceitará uma posição de "conselheiro para ocasiões especiais" — um papel semelhante ao assumido por Eisenhower quando deixou a Presidência em 1961. Muita coisa mudou desde os tempos de Cotulla. Agora, Johnson dará aulas na nova e luxuosa escola de Assuntos Públicos que a Universidade está construindo em Austin, a capital do Estado, usando uma dotação especial de 12 milhões de dólares — concedida pelo Governo Federal. Johnson não teve dúvidas em aceitar o convite. Afinal, Austin fica bem perto do Rancho LBJ, em Stonewall, onde o Presidente nasceu, e a Universidade fica quase em frente à casa de sua filha Lucy. Assim Johnson poderá ver o neto todos os dias.



Luís Gonzaga: 2 milhões de discos vendidos. Os Beatles vão vender mais?

"O baião tem um quê que as outras danças não têm." — "Baião", de Luís Gonzaga e Humberto Teixeira, 1945. Luís Gonzaga deu uma gargalhada quando soube que os Beatles iam gravar "Asa Branca", baião feito por ele e Humberto Teixeira em 1948. "Agora é que eu quero ver se os Beatles vendem mesmo", comentou. "Minha gravação vendeu mais de 2 milhões de discos." Luís Gonzaga, 56 anos, fala grosso com sua voz nordestina, não porque os Beatles gravaram uma música sua, nem porque os jornais o trazem para as manchetes como papa de um culto de repente resuscitado, o culto do baião. A segurança de Luís Gonzaga vem de que, com mais de 2 mil músicas gravadas, ele já perdeu até a conta dos milhões de discos vendidos até hoje. No fim do mês estará na praça o seu 21.º LP, com seu eterno parceiro Humberto Teixeira, ex-deputado federal pelo Ceará e Rei do Baião. Como os vinte anteriores, o LP venderá bem: em 1945, as prensas da RCA Victor (onde grava há 28 anos) chegaram a trabalhar só para ele, o que provocou protestos do presidente da firma.

Instrumento de tango — Luís Gonzaga do Nascimento nasceu filho de sanfoneiro na Fazenda Caiçara, no sopé da

GONZAGA, A VOLTA DO BAIÃO

LUIS TRIMANO



Beatles: toada com gaita de foles.

serra do Araripe, Pernambuco, fronteira com o Ceará. Com doze anos ganhou o seu primeiro cachê para animar com a sanfona um casamento no povoado. Além do cachê ganhou os elogios do

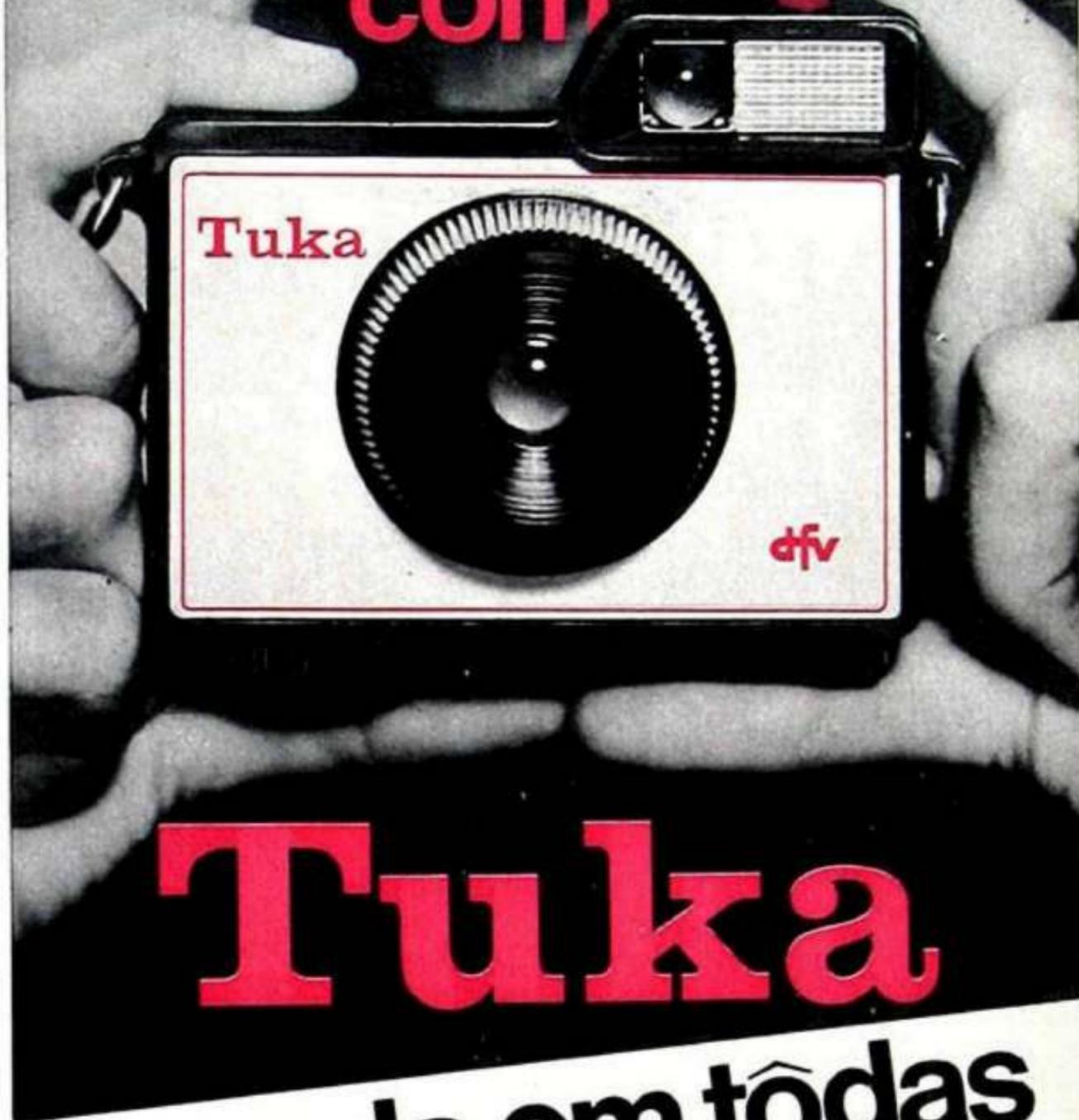
Mestre Duda, sanfoneiro de fama na região. Convocado pelo Exército, o jovem sanfoneiro veio para o Rio em 1932, época da Revolução Paulista. Dando baixa, Luís Gonzaga se viu obrigado a tocar na zona portuária e em cabarés do Mangue, bairro da prostituição. Mas sua grande aspiração era tocar no programa de calouros de Ari Barroso, o compositor que ele mais admirava. O sarcástico Ari, porém, mostrou mais espanto do que admiração ao ver entrar no palco aquele jovem nordestino carregando uma pesada harmônica. "Isso é instrumento de tango. Não venha dizer que no Nordeste se faz música com isso." Mas Luís Gonzaga tocou até o fim, classificando-se em primeiro lugar. A música, "Vira e Mexe", seria depois o seu primeiro disco. E, com o primeiro disco, veio também o apelido de "Lua", pela sua cara redonda de lua cheia. Cinco anos depois dessa gravação, Luís Gonzaga conhecia Humberto Teixeira.

Baião de Dois — O que Luís Gonzaga e Humberto Teixeira fizeram, a partir de 1945, foi trazer para a cidade (e vestir com roupas de cidade) uma velha música nordestina. O baião original era entremeado de falas, e isso dificultava o ritmo. "Esilizamos as principais ca-

racterísticas, traduzimos os modismos do Nordeste e tornamos a música mais dançável", diz Humberto Teixeira. Pesquisadores e folcloristas, como Câmara Cascudo, já haviam notado uma tendência de dança no baião. E ainda em 1842 o Padre Miguel do Sacramento, do Recife, escrevia: "Em batizados e casamentos havia o costume de tocar minuets rasteiros, em geral arrematados com um baião, dança ainda não considerada imoral como hoje". Foi no ano em que Gonzaga e Teixeira se conheceram, num programa de auditório da Rádio Nacional (atraía mais gente do que hoje os programas de auditório da TV), que os Quatro Ases e Um Coringa inauguraram a Época do Baião, com a música da dupla, "Baião" — verdadeira receita do novo ritmo ("Eu vou mostrá pra vocês/ Como se dança o baião..."). A Época do Baião durou quase cinco anos. "Juazeiro" foi gravado até no Japão. Entre baiões, rojões e toadas, a dupla Lua —Teixeira compôs mais de trinta sucessos: "Mangaratiba", "Que Nem Jiló", "No Meu Pé de Serra", "Paraíba" (que entrou para os dicionários no sentido de "mulher-macho"), "Asa Branca".

A volta do baião — Em seu último LP, Wilson Simonal incluiu dois baiões: "Paraíba", de Luís Gonzaga, e "Sá Marina", do jovem compositor carioca Antonio Adolfo. "Sá Marina", em compacto, está nas paradas de sucesso do Rio e de São Paulo; nos Estados Unidos, Sérgio Mendes prepara-se para gravá-la. "Luís Gonzaga é super da pesada", diz Antonio Adolfo, 21 anos. "Todo mundo está fazendo hoje o que ele fazia, só a estilização é diferente." Caetano Veloso confessa: "Minhas influências musicais vêm de João Gilberto e do iê-iê-iê, passando por Luís Gonzaga". Outro do grupo tropicalista, Gilberto Gil, admite também a influência de Gonzaga, "o primeiro fenômeno musical que me tocou". Traços de baião marcam suas composições, bem como as de Geraldo Vandré ("Disparada"), de Milton Nascimento ("Travessia") e de Edu Lobo ("Ponteio", que para Luís Gonzaga é um exemplo perfeito do xaxado). Foram essas músicas que trouxeram Luís Gonzaga de volta para a televisão: todos os domingos, à tarde, ele dá duas horas de baião pela TV Continental, do Rio. Seu programa na Rádio Mauá, "Noite Impecável", é o líder de audiência no horário: "É um programa como eu gosto, para o povo mesmo". Em 1950, Luís Gonzaga compôs, com um novo parceiro, Zé Dantas, "A Volta da Asa Branca". Hoje, sobre a volta da "Asa Branca", nos braços dos Beatles, ele diz: "Os meninos ingleses têm muito sentimento e não avacalham a música. A toada deles parece bastante com as coisas do Nordeste. Até as gaitas de fole lembram a nossa sanfona..."

... veja e
fotografe
com



Tuka

ã venda em tôdas
as casas do ramo
por apenas

NCI\$ 19,50

dfv

D.F. Vasconcellos S.A.
optica e mecânica de alta precisão
São Paulo

ALLIED



Cannes, 1957: "Sublime Tentação".

ART



Cannes, 1960: ganha "A Doce Vida".

COFRAM



Veneza, 1961: "Marienbad" premiado.

FESTIVAL EM CRISE

Cineastas querem acabar
com as mostras de
"arte burguesa e mundana"

"Festival de Cinema não é corrida de bicicleta nem jogo de futebol", desabafou Luigi Chiarini, o atormentado diretor do Festival de Veneza, dias antes de começar a mostra. No entanto, foi esperando ver algo tão emocionante quanto uma disputa esportiva — ou uma luta livre entre cineastas, espectadores e a polícia — que repórteres e fotógrafos se reuniram em Veneza para a abertura do 29.º Festival de Cinema, semana passada. Os receios de Chiarini,

57 anos, socialista e crítico de cinema, são fáceis de explicar: ele temia que se repetisse no seu festival o que ocorrera quatro meses antes com o festival de Robert Favre Le Bret, cinquenta anos, gaulista e organizador da mostra de Cannes, cujo Palácio do Festival foi invadido por um grupo de cineastas que se dependuraram nas cortinas e puseram fim à exibição dos filmes. Chiarini teve mais sorte que Le Bret. Em Veneza, na noite da abertura, os ho-

téis estavam semidesertos. Não houve violências. Mas também não houve mais nada. Os fotógrafos carregavam cartazes: "Precisa-se de celebridades para fotografar". Mesmo sem incidentes, a sorte de Veneza, este ano, foi tão triste quanto a de Cannes. Pelos mesmos motivos, mas com armas diferentes, cineastas e críticos ameaçavam a vida dos dois mais célebres festivais de cinema do mundo.

Feira de valdades — Como imaginar um festival de cinema contestado pelos próprios autores de filmes? Todos os anos, depois das premiações, os diretores e jurados dos festivais são duramente atacados pelos concorrentes derrotados. Os festivais nasceram como mostra do cinema cultural e artístico. Foi com esse espírito que Mussolini criou em 1932 o mais antigo deles, o de Veneza. Hoje, grupos cada vez maiores de cineastas acham que sua função foi desvirtuada. Eles passaram a representar cada vez mais os interesses dos grandes produtores. Entre as cinquenta mostras de ci-

A CARREIRA DOS PREMIADOS: VENEZA

	FILME	DIRETOR	PAÍS	BILHETERIA	CRÍTICA
1957	Aparajito	Satyajit Ray	Índia	—	★★
1958	O Homem do Riquixá	Hiroshi Inagaqui	Japão	—	★
1959	Il Generale Della Rovere	Roberto Rossellini	Itália	\$	★
	A Grande Guerra	Mario Monicelli	Itália	\$	—
1960	A Passagem do Reno	André Cayatte	França	—	—
1961	O Ano Passado em Marienbad	Alain Resnais	França	\$	★★★
1962	A Infância de Ivã	Andrei Tarkovski	União Soviética	—	★
1963	Mani Sulla Città	Francesco Rossi	Itália	—	★★
1964	Il Deserto Rosso	Michelangelo Antonioni	Itália	\$	★★★
1965	Vagas Estrêlas da Ursa-Maior	Luchino Visconti	Itália	\$	★★★
1966	A Batalha de Argel	Gillo Pontecorvo	Itália	—	★
1967	Belle de Jour	Luis Buñuel	França	\$\$\$	★★★

Quanto você gasta por mês com o seu sono?

Comprimidos, cigarro, cafèzinho, cigarro, pilhas de revistas, ar refrigerado, cigarro, ventilador, cigarro... Digamos que você não precise de nada disto para dormir bem.

Digamos que você seja dessas pessoas que tiram o máximo proveito das suas horas de descanso.

Neste caso, nós não temos muita coisa a lhe dizer.

Você já sabe — por experiência própria — que somente um colchão com maciez cientificamente dosada permite um repouso absoluto. Inclusive naquela posição anatômicamente correta.

Você também já sabe — é claro — que somente um colchão com a "estrutura interna indeform" possui maciez cientificamente dosada.

E nós nem precisaremos lhe dizer que essa "estrutura interna indeform" é uma exclusividade mundial de Anatom.

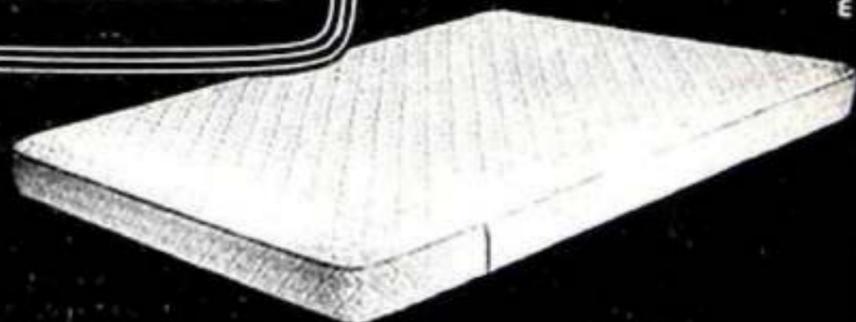
Mas digamos que você seja daquele outro tipo de pessoas. Aquelas que só dormem com o auxílio de comprimidos, de cigarros, de revistas, de comprimidos, de cigarros, de revistas, de...

Bem, a esse segundo grupo de pessoas nós queremos fazer uma proposta: — quer trocar a sua insônia por um colchão Anatom?

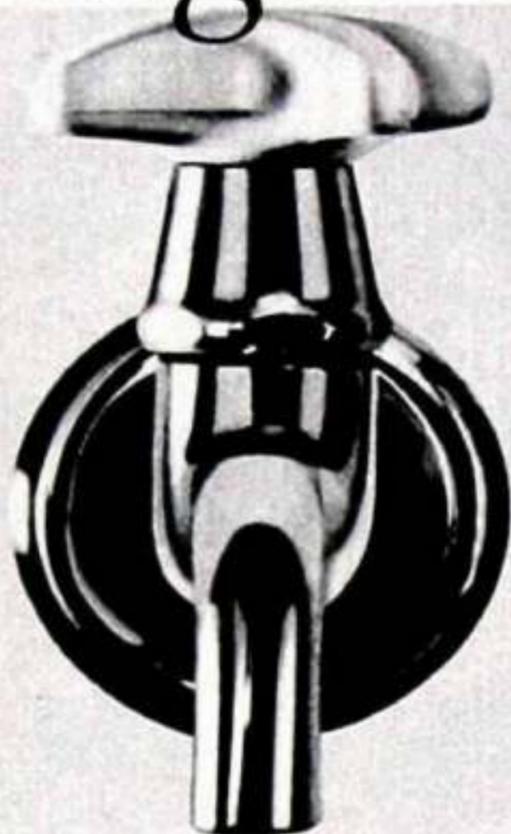


Anatom

NO RIO - CENTRO: Ed. Avenida Central - 1.ª sobreloja, 214
COPACABANA: Av. Copacabana, 646 - sobreloja
Em NITERÓI: Rua da Conceição, 37 - sobreloja
Demonstrações domiciliares sem compromisso: tel. 52-6464, até 22 horas
Em SÃO PAULO: Av. São Luís, 153 - Galeria Metrôpole - 3.ª sobreloja
Demonstrações domiciliares sem compromisso: tel. 36-6700, até 22 horas
Em VITÓRIA: Rua Nestor Gomes, 281 - tel. 3-3716
Em RECIFE: Rua da Concórdia, 153 - sala 601 - tel. 40-094
Em BELO HORIZONTE: Av. Augusto de Lima, 233 - sobreloja, 47 - tel. 22-2626
Em JUIZ DE FORA: Rua Halfeld, 654 - sobreloja, 103 - tel. 3681



De água só ninguém pode viver



nem os seus cabelos



Nôvo

Você sabe. Wellaform faz de cada homem um homem realmente elegante. Wellaform é o único creme que não só garante um penteado naturalmente assentado como, também, não engordura e não empasta. Usar Wellaform é despreocupar-se o dia inteiro com a "forma" do penteado.



Por isso, a WELLA tem uma linha completa de produtos bem masculinos para cuidar e tratar o cabelo. Veja ao lado! E se você for um homem diferente, vai gostar do creme para pentear WELLAFORM. Ele também é. De fato, Wellaform é um fixador di-fe-ren-te. Com Wellaform toda qualidade de cabelo se beneficia. Seja fino ou grosso, longo ou curto. É apenas uma questão de quantidade. Uns aplicam pouco, outros um pouco mais. Muito nunca é necessário. Para que você se convença, basta usá-lo... depois você o recomendará aos seus amigos com prazer. Como o recomendamos a você, agora. E tem mais: Você pode escolher! Wellaform em bisnaga, ou Wellaform em pote. A qualidade é WELLA.



Da linha original de produtos Wella já estão à sua espera nas boas casas do ramo:

KOLESTRAL S: É uma loção bactericida que faz a caspa desaparecer em pouco tempo. O seu perfume discreto agrada a todos.

WELLA-MED A-S: É um tratamento intenso contra a caspa, de alto poder de ação. Os micróbios danosos são combatidos eficientemente e a caspa - seja gordurosa ou seca - desaparece.

WELLA-MED A-F: Combate a excessiva secreção das glândulas sebáceas. Atua com êxito contra a seborréia e cabelo oleoso em demasia.



WELLA SÍMBOLO MUNDIAL DO BOM TRATO DOS CABELOS

A CARREIRA DOS PREMIADOS: CANNES

	FILME	DIRETOR	PAIS	BILHETERIA	CRÍTICA
1957	Sublime Tentação	William Wyler	Estados Unidos	\$	—
1958	Quando Voam as Cegonhas	Mikhail Kalatozov	União Soviética	\$	—
1959	Orfeu Negro	Marcel Camus	França	\$	—
1960	A Doce Vida	Federico Fellini	Itália	\$\$\$	★★★
1961	Viridiana	Luis Buñuel	México	\$	★★★
	Une Aussi Longue Absence	Henri Colpi	França	—	—
1962	O Pagador de Promessas	Anselmo Duarte	Brasil	—	—
1963	O Leopardo	Luchino Visconti	Itália	\$	★
1964	Os Guarda-Chuvas do Amor	Jacques Demy	França	\$	★★
1965	A Bossa da Conquista (The Knack)	Richard Lester	Inglaterra	\$	★
1966	Um Homem, Uma Mulher	Claude Lelouch	França	\$\$\$	★
	Signore e Signori	Pietro Germi	Itália	—	—
1967	Blow Up	Michelangelo Antonioni	Inglaterra	\$\$	★★★

nema que se realizam todos os anos, nenhuma pode rivalizar com a de Cannes no aspecto social e comercial; no último Festival, nos poucos dias em que o Mercado de Filmes pôde funcionar normalmente, 110 filmes foram negociados. Em Veneza, Berlim e Moscou, as reuniões de homens de negócios acompanham os debates entre os críticos. Em Cannes, este ano, a taça transbordou: a revolução estudantil nas ruas de Paris foi o pretexto para que os cineastas protestassem violentamente contra a transformação dos festivais em convenções de homens de empresa. Alguns críticos não viram no episódio mais que uma explosão de ressentimentos pessoais: entre os líderes da invasão do Palácio estavam Jean-Luc Godard (que jamais teve um de seus filmes exibidos oficialmente em Cannes), François Truffaut (que teve o seu "La Mariée Était en Noir", com Jeanne Moreau, recusado pela Comissão de Seleção) e Claude Lelouch (campeão em 1966 com "Um Homem, Uma Mulher" e que teve o seu "Viver por Viver" recusado).

Claro enigma — Aos descontentes de Cannes seguiram-se os descontentes de Pesaro, na Itália (cujo Festival do Cinema Novo, em julho, acabou com a polícia prendendo vários cineastas), e as ameaças a Chiarini. Nos três casos há mais que ressentimentos pessoais. Não são os prêmios, os jurados ou os filmes que não prestam: é a própria idéia de "festival" que está sendo repelida. Os cineastas denunciam uma soma de erros que, segundo eles, torna impossível até mesmo uma reformulação dos festivais: acham melhor que acabem de vez. Os festivais, dizem, são autônomos em relação aos produtores, mas o júri sofre muitas pressões: os prêmios são dados em função da futura carreira comercial dos filmes e por isso quase sem-

pre ganham os grandes produtores. O fato de muitos cineastas importantes terem sido premiados não quer dizer nada, segundo François Truffaut: "Os festivais utilizam o prestígio dos grandes autores para sua própria promoção". Cannes, que começou a ter seu festival em 1946, passou a ser visto como o modelo máximo de festival comercial, enquanto Veneza, mudando de linha sob a orientação de Chiarini, há uns cinco anos procura firmar-se como festival sério. Erros grandes como os de Cannes — o prêmio a "Sublime Tentação" contra "Noites de Cabiria", de Fellini, em 1957, ou a "Orfeu Negro" contra "Os Incompreendidos", de Truffaut, em 1959 — não são comuns em Veneza.

O mundano e o burguês — Um documento recente da ANAC — Associação Nacional de Autores Cinematográficos da Itália, com mais de 2 mil sócios — despreza tudo isso: "É preciso pôr fim ao ritual mundano de fra-

ques e taças de champanha em que os festivais se transformaram". Assim, o drama do bem-intencionado Chiarini, antigo senhor de Veneza, é exemplar: socialista, é chamado de "burguês" pelos cineastas de esquerda; organizador de uma mostra em que o lado mundano tem seu peso, é chamado de "intratável" nas rodas mundanas; mediador indireto entre os comerciantes de filmes, foi ameaçado de boicote pela poderosa FIAP (Federação Internacional de Produtores de Filmes), descontente com um festival que convidava diretamente os filmes de autores independentes, sem seu visto. Em Veneza, como em Cannes, Berlim ou Moscou, os festivais vivem um drama: qual a porcentagem de comércio e de arte ideal? Os radicais propõem um ponto final puro e simples; outros querem festivais artísticos; os últimos — os mais interessados — querem vender seus filmes. "Os festivais fizeram muito pelo cinema", diz um produtor americano. "É hora dos cineastas tentarem fazer algo por eles."

TOHO



Veneza, 1958: "O Homem do Riquixá", último grande prêmio aos japoneses.

UMA NOVA MISSÃO

Os bispos progressistas queriam uma Igreja com a missão obrigatória de participar da luta pelo progresso material da América Latina. Conseguiram a adesão dos indecisos e venceram. A CELAM, vista pelo enviado Fernando Semedo.



Quase trezentos bispos passaram duas semanas em Medellín discutindo os caminhos da Igreja na América Latina. Dom Antônio Samore, no centro, foto da direita, representou o Papa. Diz que o Vaticano acatará as decisões da CELAM.

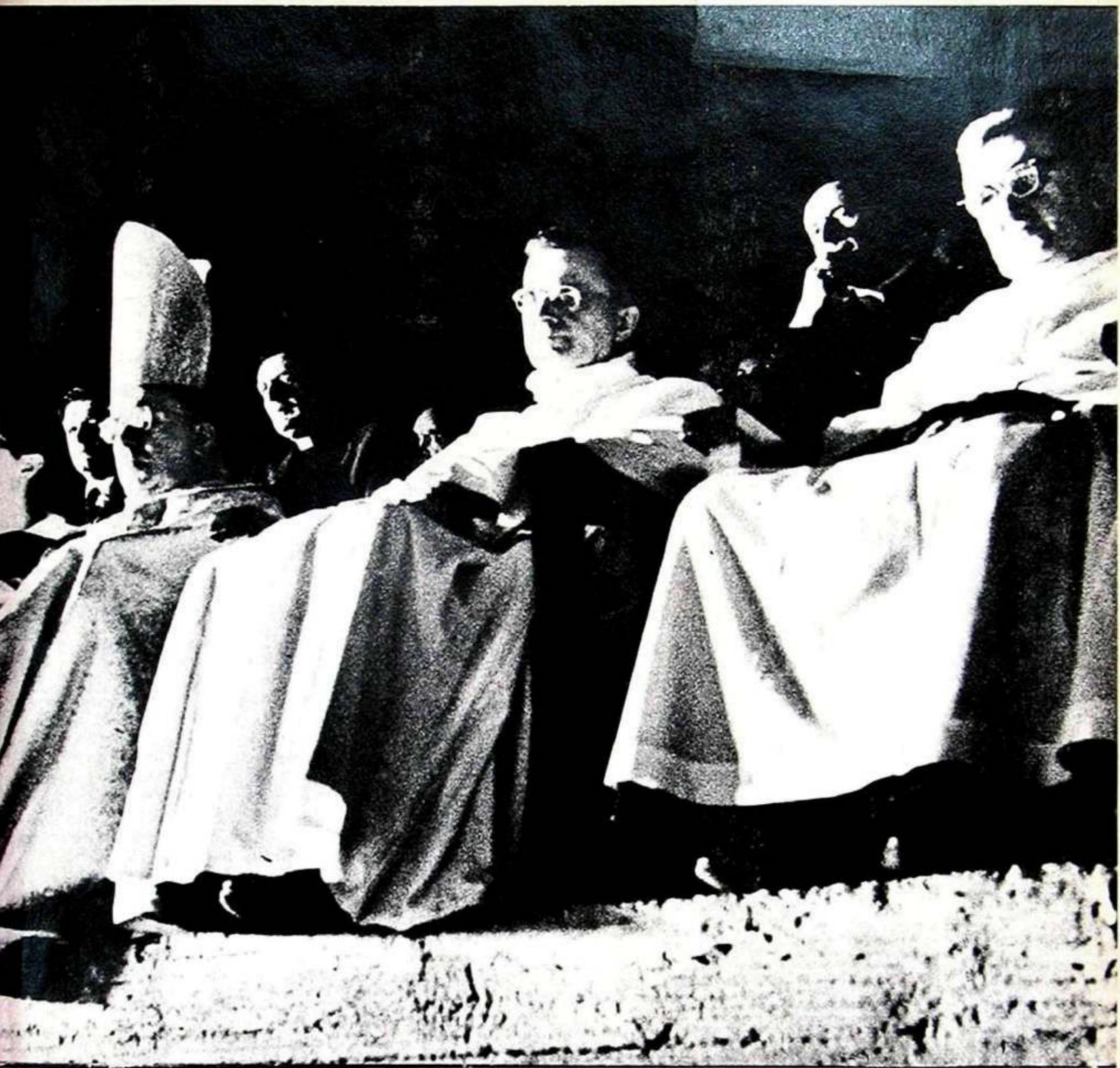


O padre mostrava "slides" coloridos e gráficos com muitos números: a América Latina tinha 200 milhões de habitantes em 1960, hoje tem 264 milhões e no fim deste século deverá alcançar 638 milhões. A renda per capita na América Latina está perto dos 350 dólares anuais — NCrS 1.267,00. Apenas cinco países no continente todo têm índice de analfabetismo inferior a 20% e três outros chegam a ter mais de 60%. Em 1965, 51% da população em idade escolar frequentava escolas e uma projeção bastante otimista mostra que são necessários pelo menos doze anos para

chegar a 98%. A expansão demográfica não corresponde a um aumento no número dos padres: há cada vez menos padres e cada vez mais fiéis. O número de habitantes por paróquia urbana, por exemplo, já ultrapassou os 18 mil e continua crescendo verticalmente. No auditório, quase trezentos católicos de toda a América Latina, os participantes da II Conferência do Conselho Episcopal Latino-Americano, viram e ouviram tudo com atenção. Depois passaram duas semanas dentro do seminário maior de Medellín, Colômbia, discutindo dia e noite para pôr a limpo omissões e cul-

pas do passado e traçar em planos a responsabilidade que a Igreja Católica assume no trabalho de transformar a América Latina.

Os três grupos — No começo ainda era possível distinguir três tipos de participantes. Uma minoria que não sabia bem porque estava lá, não via meios nem acreditava na conveniência de a Igreja se comprometer com a mudança de uma realidade pouco animadora. Outra minoria — a "minoría de Abraão", como a chama Dom Helder Camara — cheia de idéias, disposta a discutir e a mos-



trar que esse compromisso é missão obrigatória de quem se considera parte do povo de Deus. E uma maioria indecisa, insatisfeita com a realidade, receptiva ao diálogo, mas sem saber precisamente como assumir esse compromisso. Ao longo das duas semanas, a "minoria de Abraão" comandou o grande grupo dos indecisos e, juntos, atenderam a pelo menos uma das recomendações que o Papa lhes havia feito em Bogotá: a de "virar uma página da História da Igreja latino-americana". "Não esperem os milagres", disse Dom Avelar Brandão, brasileiro, bispo de Teresina,

um dos três presidentes da Conferência, no dia do seu encerramento. "Para que tudo isso se efetive, é preciso uma mobilização geral de todo o povo cristão, dentro e fora da Igreja. Todos têm de ser sensibilizados pela ideologia dos documentos finais da Conferência, para salvação dos povos da América Latina."

O povo e seus pastores — Esses documentos foram elaborados por dezesseis comissões e resumidos num único que será entregue ao Papa. Uma declaração final, feita pelo Cardeal Antônio Samore, representante de Paulo

VI, não convenceu muita gente de que seu autor leve nos documentos aprovados a "prudência" que parecia desejar. A sua preocupação com o rumo das posições assumidas pelo episcopado chegou a ser confessada por alguns bispos durante a Conferência. E tampouco lhes devem ter agradado os aplausos recebidos por D. José Pires, bispo negro de João Pessoa, quando este pediu em plenário que todos pensassem principalmente no povo de que são pastores, "sem medo do que Roma possa pensar sobre as nossas decisões". A própria autorização para publicação imediata dos

documentos — embora eles só ganhem a categoria de oficiais após o exame papal — foi vista como mais um fruto do trabalho dos progressistas. Samore declarou à imprensa que o Vaticano “poderá alterar uma frase, uma palavra, não a substância”. Mas há quem se sinta mais seguro apoiado na ampla divulgação deles, e um religioso chegou a afirmar: “Nada mais lógico. Fizemos os documentos para o povo e não para o Papa. Mantê-los em segredo seria defraudar a expectativa de quem solicita de nós uma tomada urgente de posição”.

Visão da realidade — Todas as passagens do documento, mesmo as que não se referem diretamente ao problema social, estão marcadas pela preocupação de não perdê-lo de vista. Fala-se, com insistência, em “massas marginalizadas que precisam ser integradas na vida econômica das nações”. E na parte que se refere especificamente ao problema social há denúncias contundentes. Afirma a existência na América Latina de “uma conspiração calada e eficaz contra a paz”, cujas causas se encontram no “colonialismo interno” e nos “monopólios inter-

nacionais”. Considera a situação social do continente como “uma violência institucionalizada”. Finalmente, o documento adverte: “Não devemos estranhar a tentação da violência. É mais surpreendente a paciência de um povo que suporta durante anos uma condição que não aceitariam nunca os que têm uma consciência desenvolvida dos direitos humanos”.

Resposta à violência — Quanto à definição do direito de resposta a essa “violência institucionalizada”, vai mais longe que todos os documentos anteriores ao afirmar que a “tirania”, justificativa dessa resposta, não precisa ser necessariamente pessoal, porque pode ser de estruturas. Por isso os bispos fazem um apelo: “Chamamos de maneira urgente a quantos participam nas responsabilidades e na posse dos bens, a fim de que não utilizem a posição pacífica da Igreja para impedir as transformações profundas que são necessárias. Se retêm seus privilégios usando meios violentos, se fazem responsáveis, ante a História, de provocar as revoluções explosivas do desespero”. A Conferência não fez polêmica nem

tomou as “posições avançadas” tão esperadas, especialmente pelos observadores e jornalistas europeus e americanos, em relação à encíclica “*Humanae Vitae*”, sobre a pílula anticoncepcional. Apenas repetiu o próprio Papa ao afirmar que a encíclica “não diminui a responsabilidade nem a liberdade dos cônjuges, aos quais não proíbe uma honesta e razoável limitação da natalidade, nem terapêuticas legítimas, nem o progresso da investigação científica”. Mas fez a condenação de todo programa que procure um controle da natalidade a qualquer preço.

Um jogo à parte — Cinco bispos colombianos, certamente não acostumados com o repertório de idéias mais progressistas que predominou na Conferência, assinaram um manifesto reprovando as conclusões da CELAM, mas perderam o prazo regimental para entrega do documento à discussão. Publicaram-no então pelos jornais na véspera do encerramento da Conferência, evidenciando o abalo que as novas idéias causaram na conservadora Igreja colombiana — além da intenção de clamar logo, para consumo

A VIOLÊNCIA CRISTÃ, UMA QUESTÃO DE ÉPOCA

Jesus foi o primeiro cristão a empregar a violência em nome de Deus, para expulsar os vendilhões do templo de Jerusalém. Os que o viram açoitando os mercadores e esparramando pelo chão o dinheiro dos cambistas compreenderam seu gesto, lembrando-se do que profetizavam as Escrituras: “O zelo da Tua casa me consumirá”. Mas esta foi a única vez em que Jesus usou a violência. Quando um de seus discípulos atacou os soldados que o foram prender, guiados por Judas Iscariotes, Cristo fez uma advertência: “Embainha a tua espada; pois todos os que lançam mão da espada, à espada perecerão”. Os primeiros cristãos opunham-se a qualquer espécie de violência e acreditavam que todas as injustiças sofridas na terra seriam plenamente recompensadas pelos “gargalhões” celestes. No século IV essas idéias sofreram modificações. Entre 380 e 392, através de uma série de decretos, o cristianismo foi reconhecido como a única fé legítima do Império Romano. Já nessa época Santo Agostinho (354-430) admitia abertamente o uso da violência para combater a injustiça. No seu “Tratado do Livre Arbitrio” ele defendia, inclusive, a implantação de uma ditadura exercida por “uns poucos bons” quando o povo não fosse capaz de escolher governantes competentes por causa de sua própria corrupção.

A lei injusta — O pensamento de Santo



Camilo: bandeira para a subversão.

Agostinho teve grande influência sobre Santo Tomás de Aquino (1225-1274). Nas suas considerações sobre a natureza das leis, diz: “Quando as leis são injustas, o súdito não tem obrigação, em consciência, de obedecê-las, pois estas leis são mais violências do que leis”. Em casos de legítima defesa e de guerras onde se reconheça que houve um “mandado divino” Santo Tomás diz que “sem nenhuma injustiça pode ser infligida a morte a qualquer homem”. Mas essa linha de pensamento já existia antes de Aquino. Os papas levantaram os nobres para as Cruzadas contra os turcos que se haviam apoderado da Terra Santa. Elas começaram em 1096, pouco depois do Concílio de Clermont, convocado pelo Papa Urbano II, e do discurso inflama-

do que fez diante dos nobres franceses: “Entrai no caminho do Santo Sepulcro; arrebatad a terra da raça fraca e submetei-a a vós”.

A violência justa — Hoje a Igreja justifica a violência em apenas um caso: a revolta contra a “tirania prolongada que ofendesse gravemente os direitos humanos e prejudicasse o bem comum do país”. É o que diz a “*Populorum Progressio*”, encíclica do Papa Paulo VI. Mas nos pronunciamentos recentes que fez em Bogotá, Paulo VI condenou todas as formas de violência. Provavelmente com receio das atitudes extremadas tomadas por alguns padres como Camilo Torres, ou mesmo o Padre José Comblin, ex-professor do Instituto Teológico do Recife e autor de um estudo que deveria ser apresentado na reunião da CELAM. Comblin dizia expor no documento “princípios filosóficos gerais tirados de Santo Tomás de Aquino”. O documento defende o direito de se tomar à força o poder de maus governantes e de se impor, também à força, leis justas. Comblin levou bem longe os meios que considera admissíveis para a conquista do poder: “Não bastará a boa consonância. Será necessário estudar os meios próprios da ciência do poder e da arte da conquista do poder. Será necessário estudar a estratégia e a tática. Será necessário fazer alianças, entrar em compromissos, sujar as mãos pelas alianças sujas”.

interno, "não concordamos com isso". Agora que a Conferência acabou, permanece a dúvida sobre os motivos que mantiveram fora dos debates o problema das relações Igreja — Estado e do celibato clerical.

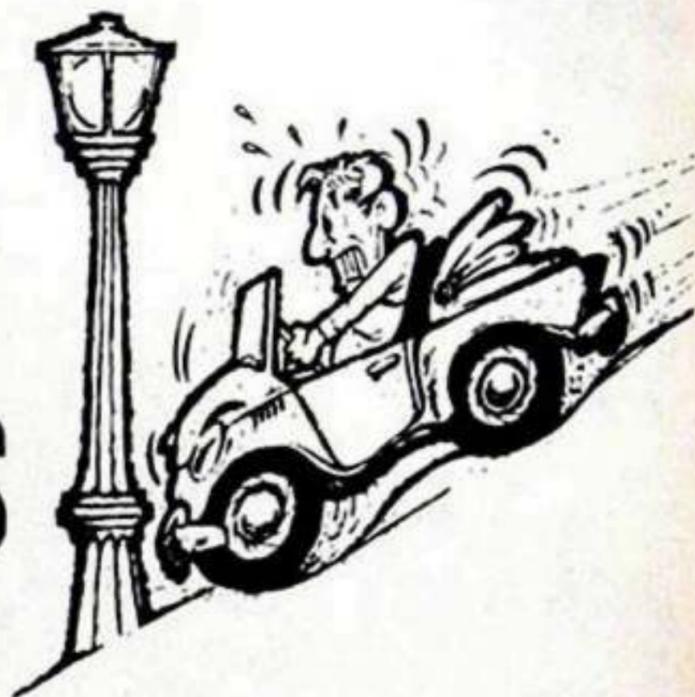
As dúvidas que ficam — E ficam as perguntas: 1) Que condições para aplicar os planos de trabalho agora aprovados terão as igrejas dos vários países latino-americanos onde ainda existem concordatas entre Igreja e Estado, origem de privilégios que ela diz querer dispensar? 2) Como suprir a falta crescente de sacerdotes, se o número de candidatos aos seminários diminui, enquanto aumenta o de padres que abandonam a batina para casar? A Conferência apenas reiterou a conveniência da ordenação de diáconos casados. Mas vetou sistematicamente as tentativas de discutir o assunto celibato. O Padre Boaventura Kloppenburg, diretor da "Revista Eclesiástica Brasileira", participante da Conferência como perito teólogo, explica sorrindo por que o celibato continua sendo mantido: "Os bispos são muito valentes quando se trata de reformas externas. Na hora das reformas internas da Igreja, recuam".

Até o fim — Mas há um grupo que pretenderia ir muito além das conclusões da CELAM e levar a "luta pela justiça social" às últimas conseqüências: os "camilistas". Durante a reunião da CELAM apareceu silenciosamente debaixo das portas dos aposentos de bispos e padres um manifesto impresso em duas folhas e assinado por trinta padres "camilistas". Essencialmente, pediam ação concreta: "O que importa no mundo de hoje não é a verdade teórica. Na realidade, o que não leva ao compromisso na ação é uma verdade pela metade". Exigiam também uma ação política: "Hoje em dia, não se pode desvincular o problema social do problema político. Em conseqüência, afirmamos com toda clareza: a solução do problema social está na ordem política, ou seja, trata-se de um compromisso concreto com as mudanças na sociedade a partir de programas e de linhas de ação. Quando dizemos que comprometer-se em política é o melhor meio de amar e de trabalhar pelos pobres e os marginalizados, não queremos dar a entender que estamos de acordo com uma Igreja que por temor ao servilismo abdica de seus direitos e obrigações mais fundamentais nas relações diplomáticas com os organismos estatais".

O exemplo de Camilo — Entre esses sacerdotes, Camilo Torres, o padre-guerrilheiro colombiano morto numa emboscada em 1966, é considerado quase um santo. Padre Juan, pároco de bairro operário em Bogotá, faz este comentário:

resposta instantânea

Lonas para Freios



- Fornecidas em embalagem inviolável contendo os rebites
- Um tipo de lona para cada veículo

Quando V. pisa o pedal do freio a resposta é imediata com as lonas Wagner Lockheed.* Fabricadas com borracha sintética, asbestos e resinas fenólicas da melhor qualidade, as lonas Wagner Lockheed, impermeáveis, impedem o "deslize" do freio nos dias de chuva. Não se contente com menos... porque seu freio... sua vida.

Fabricadas no Brasil sob licença da Wagner Electric Corporation, Mo., USA



FARLOC DO BRASIL S.A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Rio de Janeiro, GB - Av. Rio Branco, 99 - 2.º andar - Tels. 43-0466 - 23-5397
São Paulo - Av. Ipiranga, 795 - 3.º andar - Tels. 37-3785 - 37-3786 - 35-2095

* Os nomes "Wagner" e "Lockheed" e o desenho do "V" são marcas registradas

"Camilo Torres é o primeiro sacerdote que deu um testemunho evangélico neste país. É o cristão modelo do século XX." Aparentemente, a atividade do Padre Juan na sua paróquia é igual à de qualquer outro sacerdote. No entanto, suas preocupações maiores se dirigem ao trabalho que considera o mais importante. Seu ponto de partida é uma associação cultural do bairro, onde promove diversos cursos e discussões "para esclarecer o povo, social e politicamente". Com um núcleo de líderes mais ativos já formados nesse trabalho, parte agora para a formação de associações semelhantes em outros bairros. Ninguém sabe calcular o número de padres "camilistas" na América Latina. Há "camilistas" de vários graus na Colômbia e nos países próximos mais atingidos pelo romantismo do padre-guerrilheiro. A idéia geral que os identifica e une é a de não se preocuparem com a luta interna da Igreja: preferem trabalhar em contato com as classes mais pobres.

Os frutos da CELAM — As figuras mais representativas da Igreja latino-americana estão satisfeitas com os resul-



Dom Avelar: um presidente brasileiro.

tados da reunião de Bogotá. Dom Helder Camara define assim a sua importância histórica: "O que parecia voz isolada de um ou de outro bispo, de um

punhado de padres, de alguns leigos exaltados, já agora ninguém pode duvidar, é a palavra de toda a hierarquia latino-americana. Leiam-se, estudem-se documentos como os capítulos sobre justiça e paz, pastoral de massas e pastoral de elites, educação, e se verá que quem quiser chamar de subversivo e vermelho o bispo que exigir reforma de estruturas e mudanças graduais, mais profundas e rápidas (gradual se opõe a brusco e não a rápido), vai ter de chamar de subversivos e comunistas todos os bispos da América Latina. Não pode haver assembleia mais oficial: convocada e aberta pelo Papa, presidida por três legados, seus, teve como membros bispos eleitos pelas respectivas conferências episcopais". Acha que são boas as condições e perspectivas para a aplicação pelo episcopado das resoluções tomadas. Tão boas quanto as que existiam para a aplicação das conclusões do Concílio Ecumênico e com uma vantagem: "Os bispos latino-americanos são homens angustiados com a realidade que os envolve e que contrasta com a palavra do Evangelho, em um continente de maioria cristã".

CASADOS, QUASE PADRES, OS DIÁCONOS VÊM DO BRASIL

Um professor, um operário, um barbeiro e um contador, todos brasileiros e casados, são os primeiros diáconos leigos permanentes da América Latina. Receberam a ordenação do próprio Papa, há duas semanas, durante o 39.º Congresso Eucarístico Internacional realizado em Bogotá, juntamente com 140 sacerdotes e 37 diáconos não leigos, seminaristas no último estágio antes da ordenação como padres. Os alto-falantes do Campo Eucarístico anunciaram o acontecimento discretamente. E nessa discrição ficou escondida a grande importância desse ato para a Igreja Católica: pode representar a saída para a crescente falta de padres, principalmente na América Latina, onde nos últimos anos a população aumentou em 50 milhões de habitantes e o número de sacerdotes em apenas 12 mil.

A bandeira do celibato — O operário João, o contador Benigno, o barbeiro Pedro e o professor Alexandre podem representar também um bom argumento para o movimento contra o celibato clerical, se conseguirem provar que é possível realizar um ministério eficiente e ao mesmo tempo cuidar da família e dos seus negócios particulares. O Professor Alexandre Henrique Gruszyinsky, gaúcho de Porto Alegre, 36 anos de idade, consultor jurídico do Estado e professor de Direito Canônico na Pontifícia Universidade Católica, acredita que

isso seja possível. Ele dispensaria a honra de ser ordenado pelo Papa em Bogotá, para receber a nomeação em Porto Alegre mesmo, de qualquer bispo, cercado pelos parentes e amigos entre os quais terá de trabalhar. Fêz a viagem mais com um sentimento de missão. Quer participar de uma cerimônia, capaz de mostrar aos fiéis de todo o mundo que o Papa não só tolera o diaconato permanente, mas o deseja. Levou sua mulher e sua mãe, deixando os dois filhos em casa.

João não muda — João Gonçalves Pereira, 47 anos, operário, quer continuar sendo o mesmo João que todos conhecem em Mata de São João, na Bahia, uma cidadezinha de 13 mil habitantes, a 55 quilômetros de Salvador. O título de diácono só o fará ajudar com mais vontade o Padre Astrogildo, responsável por uma área onde vivem "20 ou 30 mil almas".

João "não era muito de igreja" até a Páscoa de 1945. Nesse dia estava na Itália como soldado da FEB e nem sabe bem por que aceitou o convite do capelão para explicar o significado daquela data religiosa aos outros soldados. Mas saiu-se bem com a ajuda de um sargento, ex-seminarista. Desde então passou a se interessar pela religião. Logo depois de voltar, casou-se com Maria e começou a ajudar o Padre Astrogildo. Hoje é pai de sete filhos, "o mais velho já está na

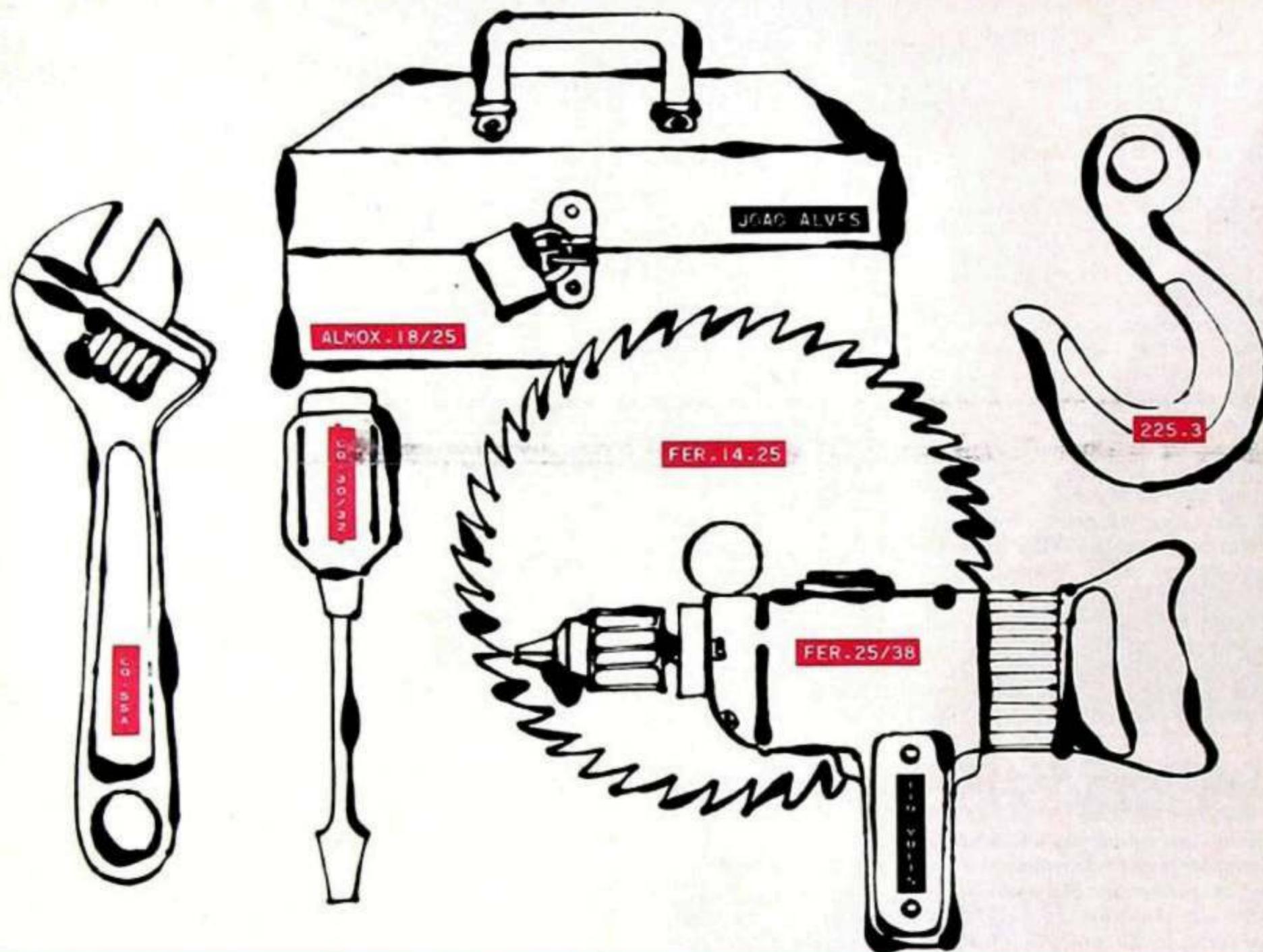
idade de prestar o serviço militar".

O contador Benigno — Benigno Lopes Rios, baiano, 39 anos, casado, seis filhos, pensou em ser irmão marista quando ainda garoto. Depois desistiu da idéia. Vieram os estudos — formou-se contador —, o casamento e as crianças. Ajudava o Padre Vitalmiro, na Paróquia dos Mares, Baixa do Bonfim, em Salvador, no trabalho de catequese dos presidiários e na formação de comunidades religiosas. Em 1966, quando o Padre Vitalmiro o convidou para fazer o curso de diácono, aceitou logo. E acha que "foi Deus quem iluminou o Padre". Quando soube que o Papa iria ordenar diáconos em Bogotá, pediu permissão para ir junto com João Gonçalves Pereira, embora tivesse que pagar a própria passagem.

Um barbeiro em Bogotá — Em Quirinópolis, uma cidade com 13 mil habitantes, a 360 quilômetros de Goiânia, Pedro Cardoso da Silva tem sua barbearia. Deixou-a alguns dias nas mãos do sócio para poder ir a Bogotá ser ordenado diácono pelo Papa. Levou sua mulher e os cinco filhos. As despesas foram grandes, mas acha que "a graça de ser ordenado pelo Papa compensou tudo". Como os outros três, Pedro terá quase todas as responsabilidades de um padre. Os diáconos apenas não podem officiar a Missa, ouvir Confissões e ministrar o Sacramento dos Enfermos.

SOLUÇÕES DYMO PARA INDÚSTRIAS MECÂNICAS E METALÚRGICAS

Fater



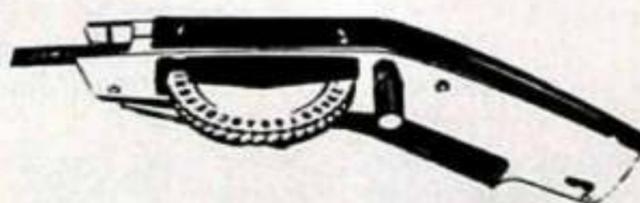
EMPRESAS COMO ARTES MAPRI S.A. ARMANDO BUSSETI MECANICA PAULISTA UTILIZAM O SISTEMA DYMO DE IDENTIFICAÇÃO EM DIVERSOS SETORES. OS ROTULADORES DYMO GRAVAM FITAS VINILICAS EM VARIAS LARGURAS E CORES. PROPORCIONAM IDENTIFICAÇÃO VISUAL EFICIENTE ECONOMIA DE TEMPO E EVITAM ENGANOS.



M-38
fitas de 6 e 9 mm



M-10
fitas de 6 e 9 mm



M-20
fitas de 9 e 12 mm



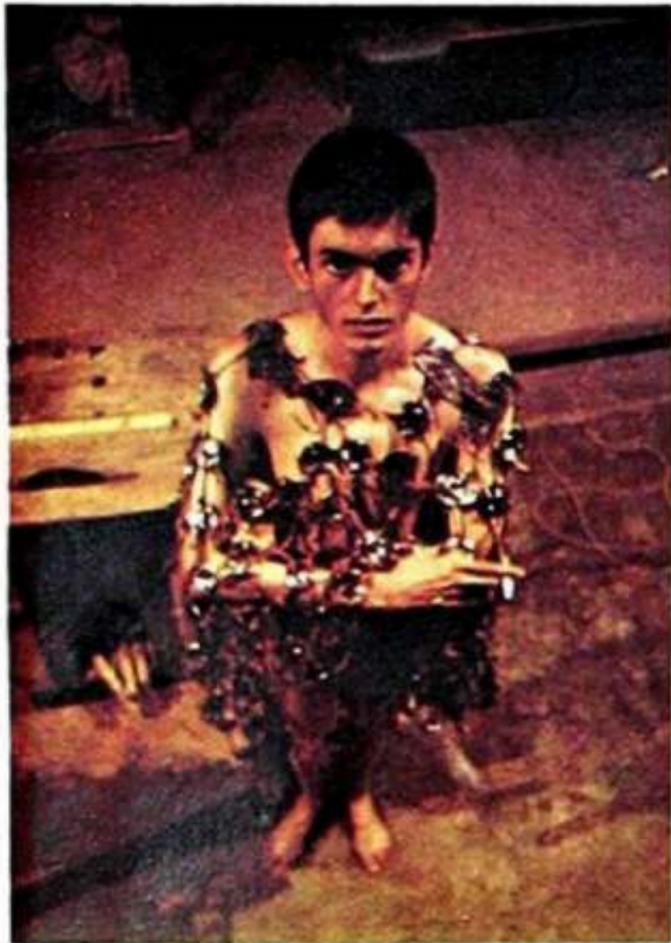
MAIORES INFORMAÇÕES

DYMO DO BRASIL GRAVADORES LTDA.

AV. DO ESTADO 5748 - I - TEL. 36-7161 C.P. 4068 - SÃO PAULO

ARRABAL: O PÂNICO NO PALCO

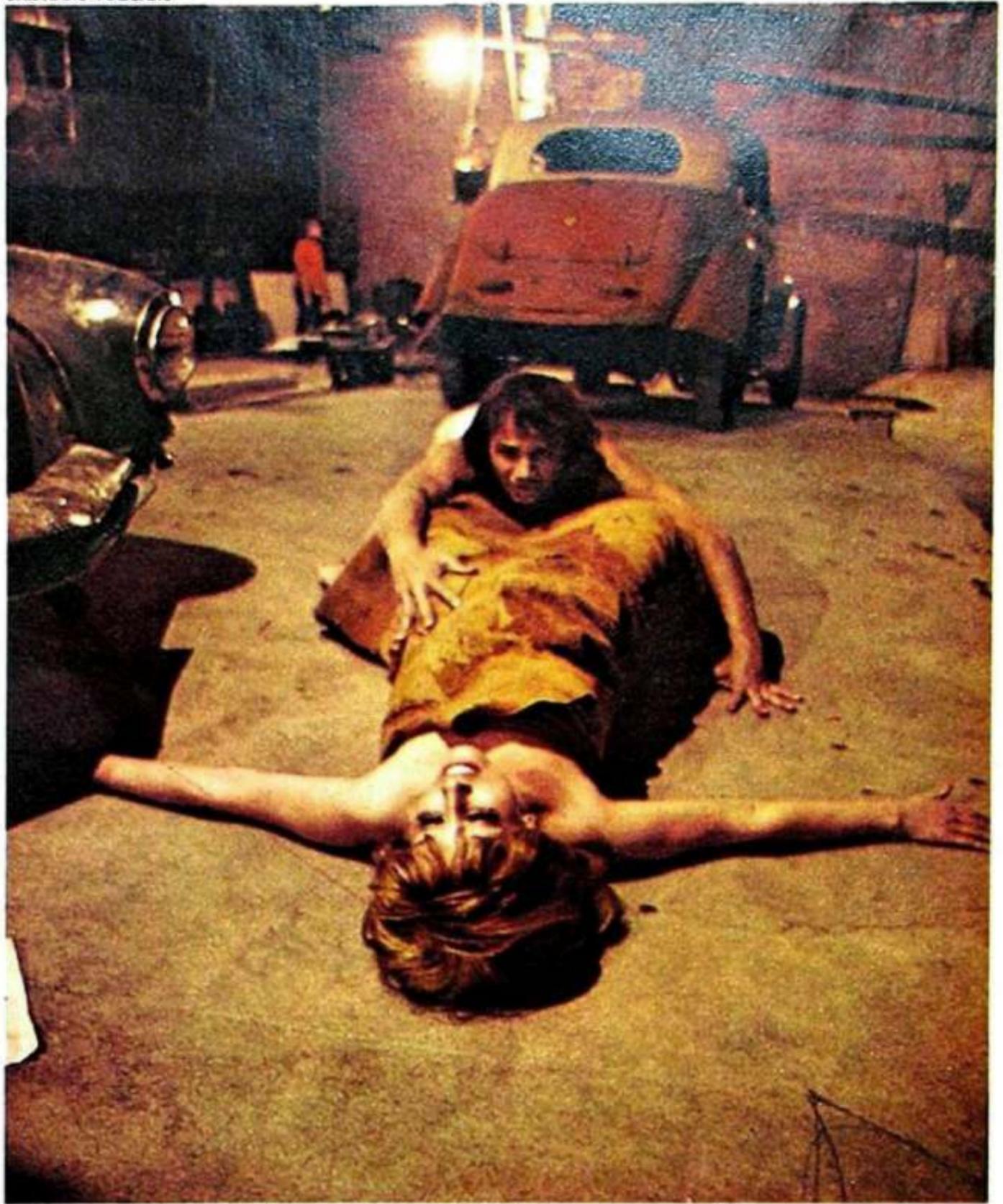
Teatro especial para o autor mais estranho dos cinco continentes



O homem pânico é tudo e não é nada

"Se eu fôsse 'normal', não seria normal." Quem assim fala de si mesmo é Fernando Arrabal, 37 anos, dramaturgo espanhol que vive em Paris e tem mais de trinta peças escritas, além de vários livros. Arrabal chega agora a São Paulo (já é conhecido dos públicos carioca e paraense): quatro obras suas, reunidas sob o título da primeira — "O Cemitério de Automóveis" — serão encenadas pelo Teatro Ruth Escobar, da capital paulista. As outras três: "A Oração", "Primeira Comunhão" e "Os Dois Carrascos". Não sendo "normal", Arrabal explica como encontrou um certo equilíbrio: "Preciso evitar a loucura a qualquer preço. Portanto, devo praticar algumas formas falsas de loucura". O homem é realmente estranho: baixo, cara quadrada, barbicha, óculos. Alguns retratos seus, pintados por amigos, tentam desvendar o que ele tem de essencial. Num deles, chamado "Nas-

CRISTIANO MASCARO



A festa pânica: um teatro violento, grotesco, erótico e ingênuo.

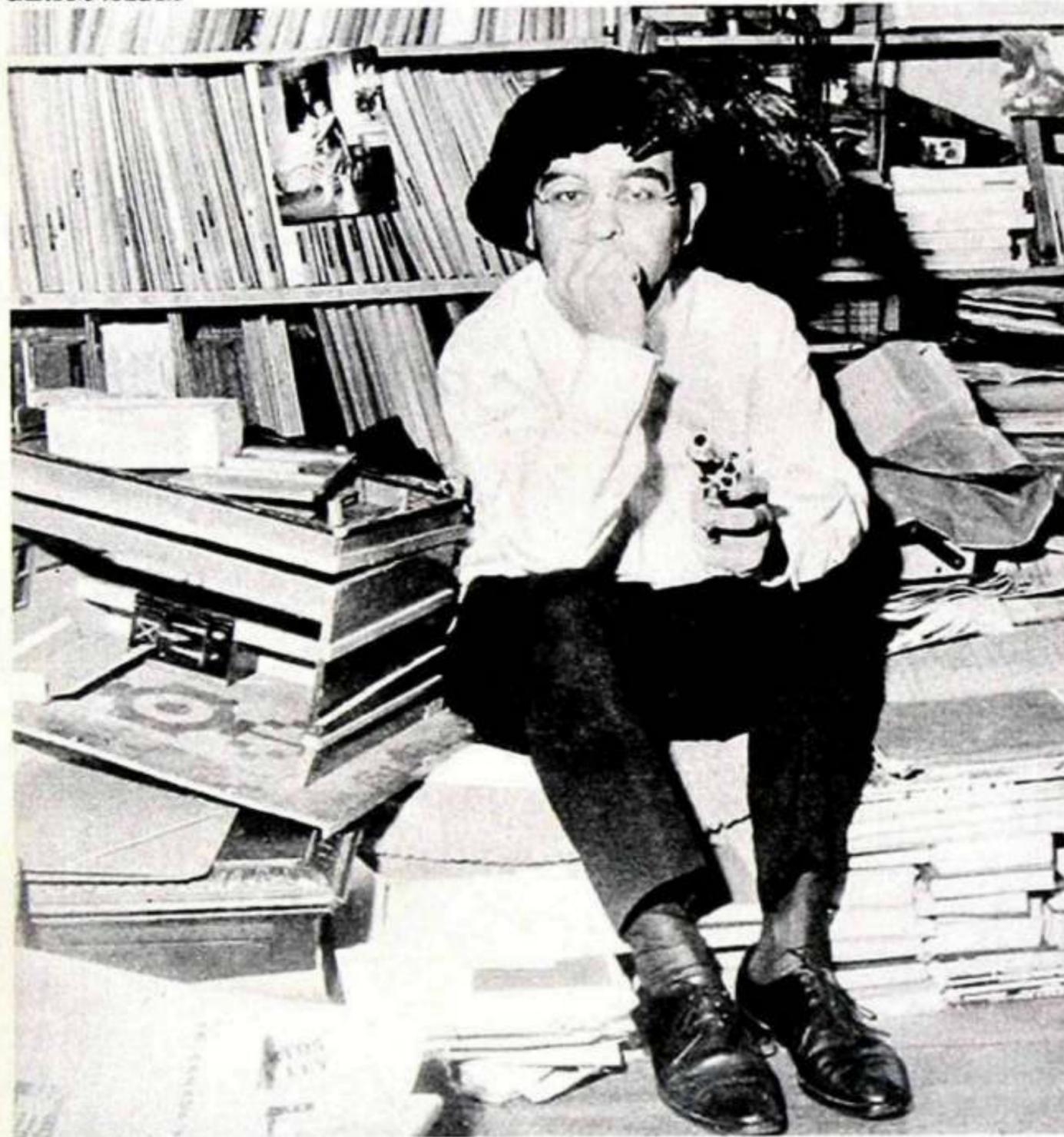


Cemitério de Automóveis: onde os pobres vivem como em palácios.

cimento de Arrabal", a cabeça do poeta aparece em primeiro plano, de perfil. Da boca aberta sai o corpo nu de um Arrabal menor, de cuja boca aberta sai outro, e assim por diante. Mais um quadro: Arrabal nu, adorado por três mulheres gigantes e ameaçado pela mão enorme da imortalidade. Em "Anatomia Explicada de Arrabal", ele está nova-

mistério da Paixão. Emanu toca pistão para entreter os pobres, que moram em automóveis abandonados como em palácios. Ele é também ladrão e assassino: rouba os ricos e mata gente que o aborrece. Denunciado à polícia por seu companheiro Topé, é crucificado numa bicicleta. As peças de Arrabal são representadas nos cinco continentes.

CRISTIANO MASCARO



Fernando Arrabal: "Se eu fôsse 'normal', não seria normal".

mente nu, tórax e ventre abertos, todas as entranhas à mostra.

Maravilha e horror — Fernando Arrabal não é essencialmente um nudista e sim o pontífice máximo do Teatro Pânico, escola que nasceu em Paris, no famoso Café de la Paix, em 1960. O Teatro Pânico já produziu espetáculos que a revista francesa "Réalités" define como "festas extravagantes e primitivas, a meio caminho entre a maravilha e o horror". Um teatro obsessivo, violento, erótico, por vezes macabro, e também de uma ternura quase infantil. "O Cemitério de Automóveis" é uma transposição voluntariamente ingênua do

Dizem os seus discípulos, com um toque de megalomania bem de acordo com a atitude pânica que, sobre o teatro do mestre, como sobre o império espanhol de Carlos V, "o sol nunca se põe".

O pânico — A confusão, o humor, o terror, o acaso e a euforia são, segundo Fernando Arrabal, os fundamentos da "maneira de ser" pânica. Um dos expoentes dessa escola é Alejandro Jodorowski, chileno filho de russos, diretor de teatro, contista, romancista, campeão de karatê. Jodorowski explica que, para o homem pânico, qualquer problema não tem uma só solução e sim infinitas. A inteligência pânica é capaz

de afirmar duas idéias contraditórias ao mesmo tempo — o bem e o mal, o feio e o belo, a construção e a destruição — ou não afirmar nenhuma. O tempo não é uma sucessão ordenada, lógica, mas um todo, onde as coisas e os acontecimentos, passados e presentes, estão em eufórica mistura. E todas as atividades artísticas são apenas fragmentos da única verdadeira manifestação pânica: A FESTA-ESPETÁCULO. Para a criação de tal festa, em São Paulo, a empresária Ruth Escobar já gastou quase 200 000 cruzeiros novos: 80 000 com a montagem de "O Cemitério de Automóveis" e mais de 100 000 com a adaptação, especialmente para a peça, de uma nova sala de espetáculos. Era uma oficina mecânica, no centro da cidade. A capacidade é de quinhentos lugares, sendo 260 cadeiras giratórias.

Palco revolucionário — Conta o cenógrafo Wladimir Pereira Cardoso, marido de Ruth, que eles tiveram de inventar um tipo de palco que rompe com todos os modelos conhecidos. As cenas se desenvolvem numa plataforma central, à qual os atores chegam por uma rampa, e também numa passarela elevada que contorna toda a sala, junto às paredes. A representação, portanto, envolve o público por todos os lados e em vários planos simultâneos. Sobre a passarela circulará até uma motocicleta o que obrigou o cenógrafo a usar materiais resistentes e caros. Com tanta despesa, observa um dos atores, "vai ser preciso faturar alto". A idéia de ganhar dinheiro não é desagradável aos apóstolos do pânico. Segundo o próprio Arrabal, um dos objetivos da sua escola é "o conforto na liberdade".

Para quem não vai? — Diferente é a posição de Victor Garcia, 33 anos, diretor argentino (também radicado na França), que Ruth foi buscar em Paris para a montagem de "O Cemitério de Automóveis". Baixo, nervoso, longo cabelo encaracolado, vestido exoticamente (calça justa, colête florido, casaco de pele), Garcia aparece muitas vezes com uma margarida atrás da orelha e um colar de contas brancas do qual pende um macaquinho no lugar do medalhão. Diz ele que estudou tudo o que é possível estudar, mas sempre foi o último aluno. "E todas as coisas que aprendi, trato de esquecer-las rapidamente." Coursou quatro anos de medicina, viajou muito, mas acabou no teatro, que era a sua vocação. Mas Victor Garcia acha que o público e os atores estão mortos, que o teatro está morto. "Não podemos salvar o teatro fazendo teatro." Por isso, destina os seus espetáculos "justamente às pessoas que não vão ao teatro". Essa afirmação pânica de duas idéias contraditórias não deve ser tomada ao pé da letra.

se coisas
incríveis
acontecerem,
não culpe
apenas
Muntz Inelca

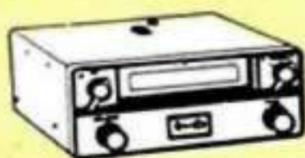


Afinal, quem quer o melhor, atrai sempre. Tenha em seu carro, Muntz Inelca, o toca-fitas estereofônico mais procurado mundialmente. Muntz Inelca reproduz com perfeição tôdas as nuances da música. Você e ela terão a sensação exata, da orquestra estar presente. Muntz Inelca para o seu carro ou residência é música "ao vivo".

Só compre,
Muntz Inelca, assistência
técnica permanente.



INELCA S.A. - INDÚSTRIAS ELETRÔNICAS - R. VIEIRA DE MORAIS, 1690 - FONES: 61-8328 e 61-2150 - C.P. 18.250 - S. Paulo



IM - 60 - 4/8 pistas
automático luxo



X - 30 - 4 pistas - ultra
compacto - econômico



X - 45 - 4 pistas
passante semi-automático



XHW - 12 - residencial
4/8 pistas



XAR - 500 - gravador/repro-
dutor semi-profissional



PF - 30 - portátil - pilhas e
bateria de carro

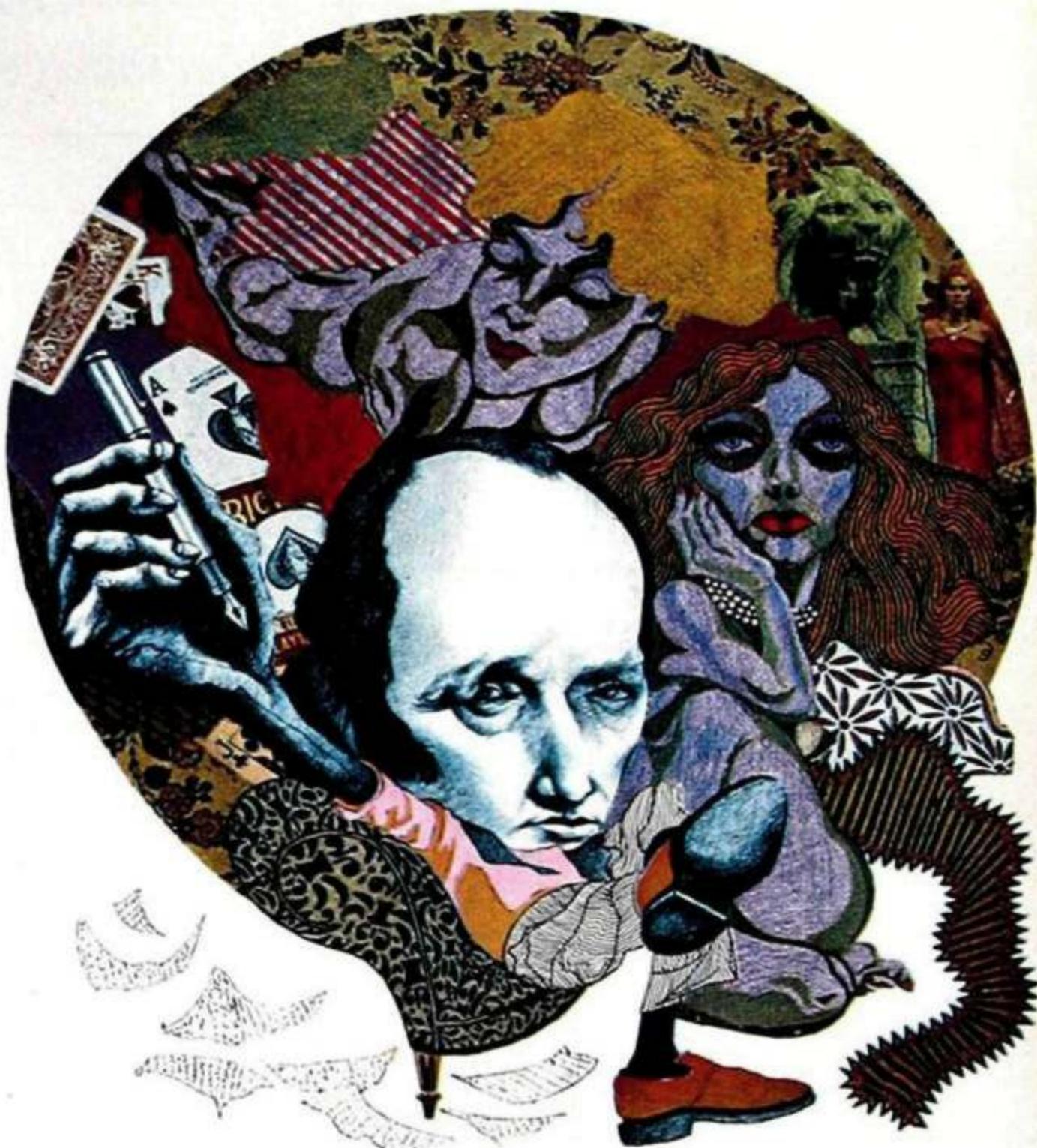
ROBBINS, O INSACIÁVEL

*Seus best-sellers de
sexo e violência
lhe renderam milhões*

LUIS TRIMANO

A cama é a matriz de muitos "best-sellers" americanos: foi deitada que a autora de "E o vento levou...", Margareth Mitchell, escreveu seu "best-seller" internacional, convalescendo, durante dois anos, de um acidente de automóvel. Prêso à cama também, por um ferimento na coluna vertebral, Harold Robbins, 52 anos, o autor mais vendido do mundo, com 40 milhões de exemplares de suas novelas divulgados em dezoito países, partiu para a literatura e para a fama em 1948. Tendo faturado até agora cerca de 8 milhões de dólares (24 bilhões de cruzeiros antigos) com "Os Libertinos", "Os Insaciáveis" e "Os Implacáveis", além de outros, é o único escritor que consegue pagamento antecipado de 1 milhão de dólares de seus editores de Nova York e produtores de Hollywood por um livro que não existe ainda, a não ser no título: "The Survivors" ("Os Sobreviventes"). A cama é também a matéria-prima de que são feitos os livros de sucesso, principalmente os de Harold Robbins. Suas personagens da alta roda internacional — milionários de origem humilde, "playboys" diplomatas latino-americanos, produtores de cinema inescrupulosos — passam obrigatoriamente pela cama como uma estação de águas que revigora, traz saúde, juventude e poder.

Moralista com obsessão sexual — O sexo é uma obsessão até em suas imagens literárias: "O avião descia sobre o aeroporto no deserto como um macho sequioso sobre uma mulher morena estendida entre lençóis brancos de areia". Em "Os Insaciáveis", uma loura e um diretor de grande empresa tomam banho juntos numa banheira cheia de champagne e como aperitivo ela começa fazendo a barba no tronco peludo dele. Em "Os Implacáveis", a cerimônia de defloração ritual das índias da tribo navajo do Arizona é descrita com minúcia quase cirúrgica. O romancista judeu nova-yorkino defendeu-se, numa entrevista concedida a uma revista católica, de ter obsessão pelo sexo: "Minhas histórias meramente refletem a vida com suas circunstâncias impiedosas, que forçam os seres humanos a cederem a seus impulsos sexuais em busca de calor e afeição". Ajustando suas abotoaduras de ouro, ele se autodefine "um moralis-



Robbins: de um modesto botequim em Brooklyn à mansão luxuosa na Riviera.

ta, pois todos os meus protagonistas fazem uma escolha de ordem moral e arcam com as conseqüências".

Feito por si mesmo — Habilmente, o coquetel do sucesso de vendagem de Robbins manda misturar uma dose de otimismo para não desiludir seus leitores da superioridade do "american way of living" (o modo de vida americano), outra de puritanismo — na terra fundada pelos puritanos, as messalinas aca-

bam sempre trágicamente — e um tanto de crença no trabalho e na honestidade. Afinal, sua própria carreira não é típica do "self mad man"? Abandonado criança ainda num orfanato por seus pais que fugiam de credores e de contas de aluguel, Robbins foi trabalhar num restaurante de Brooklyn chamado A Cozinha do Inferno, varreu neve a 1 dólar por hora e vendeu sorvetes na praia de Coney Island. Aos vinte anos de idade, especulou em colheitas de mi-

lho e açúcar e ganhou 1 milhão e meio de dólares, para perdê-los logo depois que o Presidente Roosevelt congelou o preço dos alimentos, no decorrer da década de 30. A bancarrota o arrastou de um apartamento elegante num hotel sofisticado de Nova York às auto-estradas, com o polegar para cima pedindo carona até Hollywood. Os estúdios da companhia cinematográfica Universal o admitiram como supervisor do almoxarifado.

Mercadores de sonhos enlatados — Com os anos, Robbins melhorou de vida e passou a diretor de orçamento, manejando 40 milhões de dólares na fabricação de sonhos enlatados para o mundo inteiro. "Os Mercadores de Sonhos" chama-se, em inglês, sua primeira novela da trilogia inspirada em Hollywood: os astros milionários, a luta entre os grandes produtores, as festas que degeneravam em orgias. Foram os romances que seus chefes compravam (para transformá-los em filmes) que o convenceram a capitalizar como literatura esse material que conhecia de primeira mão. Qualitativamente, Harold Robbins não existe para a crítica americana, que invariavelmente despreza os seus romances. Como seu tradutor brasileiro, Nelson Rodrigues, que diz: "Harold Robbins é um momento da estupidez humana". O autor de "Ninguém é de Ninguém" confessa ter "tropeçado por acaso" na literatura quando começou a descrever a elite endinheirada da Europa e Américas. Mas desde então, como excelente homem de negócios, Robbins percebeu depressa que tinha na máquina de escrever uma galinha que punha ovos de dólares.

O público é que conta — Os americanos dizem que Robbins tem o toque de Midas, o rei lendário que transformava em ouro tudo o que tocava. As revistas de literatura dos Estados Unidos — desde a intelectualizada "The Kenyon Review" até o suplemento literário do "New York Times" —, quando se dignam a mencionar seu nome, é para incluí-lo entre os autores que só contam "quantitativamente como quem conta a produção de batatas de Kansas". "Os críticos não produzem literatura, o público é que consagra os escritores", replica irônicamente o romancista. E, para provar sua capacidade de trabalho, anuncia que já tem quatro romances planejados para os próximos dez anos, "se a saúde permitir". Um deles incluirá "um dos temas mais atuais do mundo — a batalha entre homens e mulheres", e outro estudará outra batalha pelo mercado, entre fábricas de automóveis.

De janelas fechadas sobre o Mediterrâneo — De sua "villa" em Cannes, na Riviera francesa, ou em suas casas de Beverly Hills e Connecticut, Robbins alterna suas horas de trabalho (das

4 às 10 da manhã) com visitas a iates de milionários e a seu alfaiate — para encomendar até vinte ternos iguais para ele e sua terceira esposa, a lindíssima loura Grace (calças roxas com casacos verde-limão). Na mansão de Cannes, mandou tapar a vista sobre o Mediterrâneo ("que me distrai do trabalho quando fico em casa") para concentrar-se nos livros, que dita para uma secretária inglesa. Ela chora sobre o teclado da IBM elétrica sempre que uma das

personagens atravessa momentos difíceis. Numa noite, Robbins é capaz de perder sem emoção 150 000 dólares no cassino de Monte Carlo. "Afim", observa ele, "só com a porcentagem da venda dos meus livros e filmes baseados nêles já ganhei 8 milhões de dólares, mais do que custou a Biblioteca Pública de Nova York. Isso me dá, até 1981, mesmo que eu não escreva mais uma palavra, uma renda de 500 000 dólares por ano. Por que me preocupar com migalhas?"

Um personagem bate escanteio

"Não há um único e escasso personagem de romance, neste País, que saiba cobrar um escanteio." A frase é de Nelson Rodrigues, escritor, cronista, torcedor de futebol, dita depois de um jogo no estádio do Maracanã para provocar o romancista Macedo Miranda, também torcedor. Dois anos depois, Macedo conta num romance a história de alguém que sabe cobrar um escanteio: Tavico. Ele lembra Garrincha e todos os craques brasileiros que tiveram seus momentos de glória e terminaram tristemente a carreira, como ídolos caídos.

Ascensão e queda de Tavico — Com a bola de meia cativa entre os pés, Tavico enfrenta o beque adversário "... a bola foi da esquerda para a direita, da direita para a esquerda, uma curva de efeito rodeou o beque, Tavico se reapossou da bola, descambou

JORGE HUTSUEM



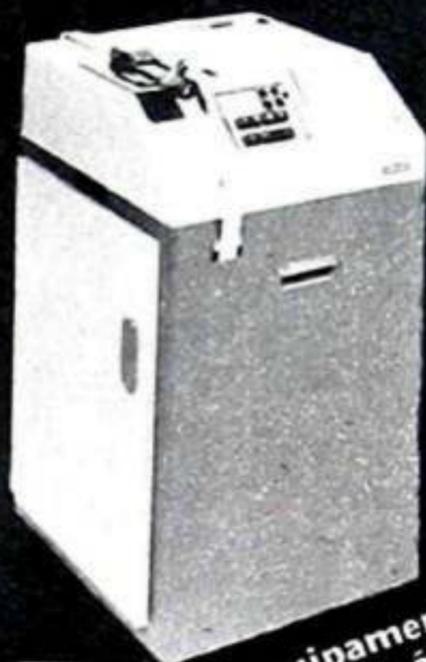
Garrincha: triste irmão de Tavico.

o corpo para um lado, chutou para outro, o enganático obrigou o goleiro a mergulhar errado — bola cortando, célere, a linha de gol, bem junto ao tijolo". Colocada no cantinho. E de canhota. Com Tavico de um lado só, não vale. No segundo tempo ele muda de time, vê o gol limpo, ninguém perto, senta em cima da bola, levanta-se rápido percebendo a recuperação do goleiro, empurra a bola entre as pernas dele. Tavico, Otávio da Conceição às suas ordens, filho natural da Josefa, mulata escura, lavadeira por profissão e prostituta por necessidade, e de Pedro Canhão, o chute mais forte de Limópolis (cidade do interior do Estado do Rio, perto de São Paulo, um bocado de Resende e um bocado de cada cidade do interior). Tavico, mulatinho pobre e que, por isso mesmo, passou com dificuldade pela escola e pela igreja. Tavico, o bom de bola, sem tempo para treinar, sem comida pra comer, crescendo pelo favor dos outros. Tavico bebendo e andando com mulheres. Tavico subindo na vida com os pés e sentindo o gosto de azinhavre na boca, falta de fôlego. Tavico no Flamengo, Tavico ídolo da torcida, Tavico falado para jogar em Londres, defendendo a seleção do Brasil, o companheiro ideal de Pelé. Tavico cada vez com menos fôlego, empolgado, sapatos feitos a mão, camisas italianas. Tavico deslumbrado, convivendo com poetas, mexendo o gelo do uísque com o dedo porque é chique. Tavico bêbado, Tavico na noite, Tavico fora dos jornais, fora da seleção, Tavico sabendo que precisa começar tudo de novo, mas o fôlego não dá. Tavico com medo de cobrar um pênalti. Tavico despencando lá do alto, jogando em time misto, no interior, vaiado porque já não sabe bater um lateral e está gordo, cansado, mas não pode pendurar as chuteiras. A ficção brasileira já tem um personagem que não é perna-de-pau. "O Sol Escuro" (277 páginas, Edições Bloch, NCrS 10) é um bom romance de um jogador tipo, mas ainda não é o romance do futebol.

êste ano, Addo faz 50 anos, no ano que vem, Addo começa a fazer 100



• máquina de contabilidade sintética e analítica



• equipamentos periféricos programáveis para processamento de dados



• máquina lançadeira



autenticadora de caixa com dispositivo impressor para recibos e cadernetas



• calculadora impressora de fita



• calculadora eletrônica impressora com ou sem programação



• somadora

em tudo o que faz-
Addo pensa na **QUALIDADE**
e no futuro



A marca Addo para máquinas de escritório tem na jornada de cada dia a difícil tarefa de superar a si própria na qualidade que a tornou conhecida em 127 países, pela precisão, qualidade técnica e resistência ao dia-a-dia, nestes seus 50 anos de existência. Addo continuará olhando para a frente. Pesquisando novas técnicas, conservando sempre a principal peça do seu mecanismo: a qualidade.



MÁQUINAS DE ESCRITÓRIO LTDA.

MATRIZ - SÃO PAULO - Rua Direita, 250 - 21 -
Tels.: 33-3151 - 37-8561
RIO DE JANEIRO - Av. Presidente Vargas, 409 - 6 -
Tels.: 23-1199 - 43-8814
BELO HORIZONTE - Rua Tupinambás, 179 - 3 - c.j. 31
Tel.: 4-7241
CURITIBA - Rua Cel. Menna Barreto Monclaro, 405
Tel.: 4-7510
BRÁSÍLIA - Edifício Ceará - Conj. 607
Setor Comercial Sul - Tel.: 2-0405

MABE JÁ FAZ ESCOLA

Apadrinhados por êle,
novos artistas do
Japão se aclimatam aqui

FOTOS DE BETTINA SCHEIER

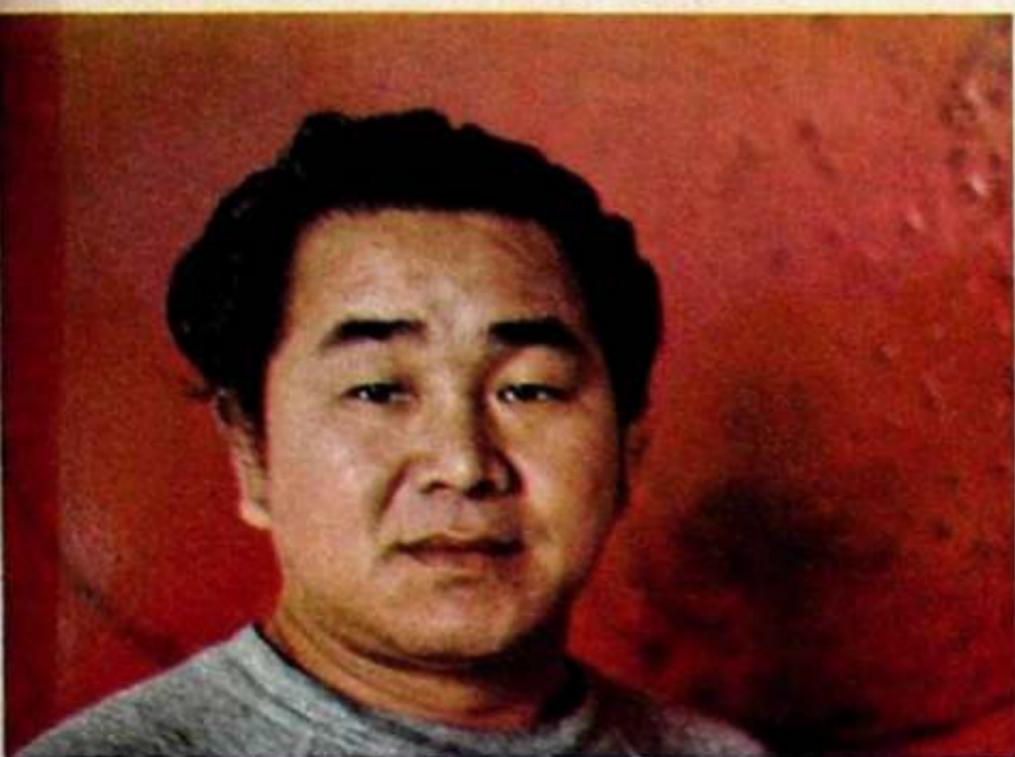


Tsuchimoto: estátuas agressivas, mistura de máquinas e totens modernos.

Na Marcenaria Tasukawa, na Tinturaria Okamura e no templo zen-budista do bairro do Jabaquara, em São Paulo, todos sabem o endereço de Manabu Mabe. O pintor japonês, vencedor em 1957 do Prêmio Melhor Pintor Nacional, da Bienal de São Paulo, e da Bienal dos Jovens de Paris, em 1959, desde a década de 40 mora no bairro onde se concentra uma das mais densas colônias japonesas de todo o Brasil. No Jabaquara, Manabu, 44 anos, chefia um grupo de artistas plásticos vindos do Japão recentemente e que se estabeleceram na vizinhança, formando com êle o "quadrilátero nipônico das artes plásticas" — os pintores Wakabayashi e Nomura e o escultor Tsuchimoto. Sua casa, quartel-general das reuniões do grupo convocado para conversar sobre arte e disputar partidas do antigo jôgo chinês "majon", é um encontro Brasil-Japão: nela velhas chaleiras de cobre, uma imensa caranca do rio São Francisco, um pinheiro-anão "bon-sai" e uma gaiola do Nordeste vivem juntos em transparente harmonia. Do amplo atelier do pintor vê-se o jardim japonês que o próprio Mabe plantou, enquanto no gramado ao lado seus filhos brasileiros jogam futebol.



Wakabayashi: cores violentas.



Mabe: o caminho da fama passou pelo cafézal em Lins.



Nomura: nos quadros a fauna colorida do Brasil.

O alto preço da fama — Hoje Mabe é mundialmente conhecido e tem uma cotação internacional alta (mais de 10 000 cruzeiros novos é a média do preço de seus quadros). De Quioto, de Tóquio, de Yokohama chegam-lhe cartas pedindo para "apadrinhar" emigrantes que deixam o Japão. Seus colegas de arte e nacionalidade falam pouco português, trabalham em profissões silenciosas — artesanato, pintura, cerâmica —, mas animam-se quando falam do Brasil, com sorrisos que substituem a falta de eloquência. Tsuchimoto, o escultor, 34 anos, casou-se com uma irmã de Mabe e trabalha o dia inteiro na fábrica de cerâmica do tio, em Moji das Cruzes. Nascido e criado em Quioto, onde estudou belas-arts, adora a Bahia ("é a Quioto do Brasil, a cidade cultural antiga"), desde que foi convidado a expor suas obras em Salvador. Suas esculturas são agressivas: na frente da casa térrea modesta, numa vila do Jabaquara, elas surgem com ares de totens imprevisíveis, de madeira ou cobre pintado, mistura de engrenagens arrancadas de máquinas velhas e estátuas indígenas dos mares do Sul.

Dez mil concorrentes — Tsuchimoto deixou o Japão porque a concorrência é grande demais (há 10 mil artistas plásticos só em Tóquio) e "lá a tecnologia é sufocante". "Além do que", esclarece Mabe, "os colecionadores do Japão se voltam para Paris como girassóis em busca do sol. É a moda e a obsessão do Japão: a arte que a França faz". Nomura, 40 anos, nascido em Tóquio, fez sua primeira exposição na Galeria Astréia, de São Paulo, em agosto último, juntamente com Tsuchimoto. Como este, também trabalha na indústria, na confecção de objetos de charão (verniz de laca). No Japão foi fiscal do Ministério da Indústria e Comércio, no setor de artesanato de exportação, uma das fontes

importantes de divisas do país. Seus quadros misturam tons prateados e dourados com vermelhos e amarelos de extraordinária delicadeza, muitas vezes com a inclusão de um elemento figurativo: um peixe, um galo, uma borboleta retratada em cores luminosas. ("As borboletas do Brasil", traduz Mabe, "o impressionam pela sua maravilhosa variedade".)

O "artista" do grupo — Wakabayashi, 47 anos, vende bem suas abstrações intensas, de cores violentas (vermelhos, amarelos) e texturas ásperas. Em junho vendeu 27 dos 29 quadros de pequeno formato expostos também na Galeria Astréia, ao preço médio de 1 200 cruzeiros novos. No grupo, ele é quem está mais perto da imagem consagrada do "artista": relaxado quanto ao aspecto, passeia muito pelos campos e pinta sem ordem, deixando muitos quadros por terminar. Distraído, freqüentemente ausente das perguntas que lhe fazem, demora às vezes um ou dois meses para acabar uma tela. Começa sempre com manchas de tinta sobre as quais espalha cola, tinta vinílica e plástico recortado para intensificar seu efeito. Wakabayashi já exporta sua arte: acaba de ser convidado para expor na União Pan-Americana de Washington.

Do cafézal ao cavalete — Manabu Mabe, no momento, prepara uma exposição em Houston, Texas. Hoje, ele vive de pintura. Os quadros têm títulos poéticos — "Fusão na Tarde", "Voz do Outono", "Deslumbramento" —, e continuam a recusar a técnica ou os temas da arte op ou pop. Mabe diz: "Para mim, a pintura tem que ter tinta e tela. Esses fios elétricos e essas luzes que acendem e apagam emitindo sons já estão superados pelo cinema, que faz tudo isso muito melhor". Antes da pintura ele conheceu a lavoura e o comércio.

Com dez anos de idade veio para o Brasil com seus pais, para trabalhar nos cafézais, perto de Lins, no interior do Estado de São Paulo. Assim passou 23 anos. Entre uma e outra tarefa, improvisava um cavalete e pintava. Sua arte, como o café, nasceu da terra roxa: "A minha pintura é essencialmente brasileira, começou no meio do jôgo das peneiras, na abanação do café, ou quando éramos obrigados a dormir no cafézal, temendo a geada que queimava tudo quando o dia amanhecia. Saindo de uma terra fechada, como é o arquipélago japonês, a amplidão e a realidade brasileiras mexeram comigo. Vendo os trabalhadores cuspirem barro, eu no início ficava espantado. E meu pai dizia: É uma realidade do mundo, não é só o café que não tem pena!"

"Como o rato do campo" — A geada venceu, o pai morreu ainda moço. Mabe, pobre mas já certo de sua vocação, foi para a cidade grande, São Paulo. Fazia gravatas por um processo japonês especial, e as vendia nas esquinas. Depois, em companhia de outros artistas japoneses — Takaoka, Handa, Aki —, foi a pé até o Rio de Janeiro para estudar. Para sobreviver como artistas, em 1935 fundaram o Grupo Seibi, em São Paulo, idealizado pelos pintores Tanaka e Handa e o poeta Furuno. Desde então, o Seibi revelaria desde Takaoka até Flávio Shirô (hoje radicado em Paris). Nestes dias o Grupo Seibi realiza seu 12.º Salão no Centro Cultural Brasil-Japão, em São Paulo. O período de incertezas passou. E Mabe gosta da tranquilidade quase roceira do Jabaquara ("sou como o rato do campo"), que lhe permite morar na cidade grande sem perceber. Com um gesto que abrange seu jardim e as colinas ao longe, ele diz: "Contemplo a 'paisagem emprestada' que o Brasil me deu e me sinto mais em harmonia com o todo".

FIGAS X VAIAS

Cantores invocam todos os santos quando o público é de festival

Num canto escuro do palco, parado numa perna só, Caetano Veloso observa o movimento. Tuca chora e treme, apertando a mão de todo mundo. Márcia acendeu uma vela no camarim, mas por segurança telefona para casa: "Mãe, acenda uma vela para mim". Nos bastidores dos teatros e estúdios de televisão há sempre um desfile de manias, amuletos e superstições. Cynara e Cybele estão sempre remexendo na bolsa em busca de um patuá, amuleto de couro costurado, que trouxeram da Bahia. E seguindo recomendação do seu pai-de-santo elas só vestem verde em suas apresentações de festival. Elis Regina também tem uma fórmula parecida: "Repito na final o mesmo vestido com que ganhei a semifinal. Acaso ou não, dei sorte em dois festivais". Jair Rodrigues nunca sobe no palco sem antes plantar uma das famosas "bananeiras".

Coragem em doses — "Para enfrentar a platéia da TV Record tive que tomar três doses de conhaque", revela Nana Caymmi. Chico Buarque de Hollanda bebe seu uísque em silêncio, praguejando contra o traje: detesta o "smoking". Maysa prefere vodca, Simonal uísque estrangeiro sem gelo, Clementina de Jesus vermute. Caymmi e Vinícius de Moraes continuam bebendo no próprio palco. Quem não acredita em amuletos e coisas do gênero é um pai-de-santo profissional: João da Baiana, sambista da velha guar-



Jair Rodrigues: bananeira dá sorte.

da, não usa fórmulas mágicas: "Prefiro um bonito cravo vermelho na lapela".

Vaias famosas — Na opinião de muitos cantores, as vaias estimulam as superstições e as doses alcoólicas. Essas vaias são assunto mesmo fora do Brasil. O compositor americano Johnny Mandel (autor de "The Shadow of Your Smile") fêz parte do júri no último Festival Internacional da Canção no Maracanãzinho e agora, evocando sua experiência carioca, grava nos Estados Unidos "As Vaias do Rio". A cantora negra Ella Fitzgerald, convidada para o próximo Festival, escreveu a Augusto Marzagão: "Preocupam-me as notícias que recebi sobre artistas vaiados no Brasil".

ANTÔNIO MARIA

Um motorista que veio de Lisboa divide os portugueses do Brasil

Os portugueses que moram no Rio, em São Paulo, Minas e no Rio Grande do Sul estão divididos por causa de um motorista particular, de nome Antônio Maria e bigodes grandes, que toda noite aparece nos vídeos. A telenovela "Antônio Maria", das Associadas, está tendo muito sucesso nos quatro Estados em que é programada, mas há portugueses que se queixam — e até brasileiros de origem portuguesa. Por exemplo Alves Pinheiro, brasileiro, lusófilo, diretor do jornal "Mundo Português" do Rio: "Antônio Maria não é a alma do povo no coração de um homem, como sustenta a publicidade da telenovela, mas um tipo depreciativo, um português de anedota". Preocupado com críticas e protestos de patrícios, o Comendador Francisco Pereira Botelho, presidente da Federação das Associações Portuguesas do Brasil, com sede no Rio, assistiu a alguns capítulos da telenovela. Achou criticáveis apenas o sotaque de Antônio Maria "e certos termos que um homem de sua categoria social raramente empregaria, como pois, pois". Há quem não se conforma com a profissão humilde de Antônio Maria. "Mas verifiquei", diz o Comendador Botelho, "que o moço, mesmo sendo empregado, é o mais digno, o mais culto e o mais querido da casa".

Toda novela tem mistério — Nascido em Lisboa, Antônio Maria vem tentar a sorte no Brasil, onde se emprega como motorista particular na casa do Dr. Adalberto, dono de uma cadeia de supermercados de São Paulo. Logo ganha a confiança do patrão, que passa a tratá-lo como um amigo e lhe permite usar os automóveis da família nas horas de folga. E ganha mais: a amizade das filhas do Dr. Adalberto, que, naturalmente, se apaixonam por ele. Outro imi-

CRISTIANO MAMARO



Sérgio Cardoso: sotaque discutível.

grante português, dono de uma panificadora, oferece-lhe sociedade, mas Antônio Maria, inexplicavelmente, prefere continuar como empregado. Por que motivo Antônio Maria quer ficar na casa do Dr. Adalberto? Que vida ele levava em Portugal? Por que aceitou um emprego humilde sendo um moço de trato tão fino? Terá ele deixado alguma namorada em Lisboa? Enquanto os próximos capítulos não respondem a essas perguntas, o vice-cônsul de Portugal em São Paulo, também solicitado por queixas de patrícios, tenta uma previsão: "Tenho certeza de que no fim ficará esclarecido que Antônio Maria é uma personalidade diferente, bem importante".

Um ator à procura do personagem — Para ser Antônio Maria, o ator Sérgio Cardoso (que ficou famoso no teatro interpretando "Hamlet") põe bigodes na hora de entrar em cena. Juntamente com Geraldo Vietri, autor e diretor da telenovela, Sérgio Cardoso conversou com dezenas de portugueses de todas as categorias: desde o cônsul e o vice-cônsul de Portugal em São Paulo até donos de bares e armazéns, todos contribuíram para que o seu personagem tivesse o vocabulário e o sotaque lisboetas. Antônio Maria chama automóvel de "máquina", terno de "fato", as moças de "meninas" e o patrão de "vossa excelência". Mas por causa do seu sotaque, não conseguiu melhor emprego que o de motorista. Várias vezes na telenovela Antônio Maria repete uma denúncia: "Os portugueses que chegam ao Brasil nunca encontram empregos compatíveis com seu grau de instrução". O Comendador Juliano Cancela, da Rocio Imobiliária S.A. (Rio), diz que isso pode ser verdade. "Eu próprio cheguei ao Brasil com o curso ginásial completo e fui carregar sacos de arroz na rua Acre." Muitas personalidades de destaque na colônia lusa do País já passaram por esta provação. A telenovela não leva em conta que os critérios de seleção de imigrantes não prevêem a profissão de motorista. Mas, em Portugal, "dá-se um jeito", segundo o Itamarati: qualquer português pode alegar "reunião de família no Brasil". "Antônio Maria" terá duzentos capítulos; pode chegar a trezentos, se agrada muito.



Yasutaka Tanaka, Prof. da Kobu-Kan-Rio

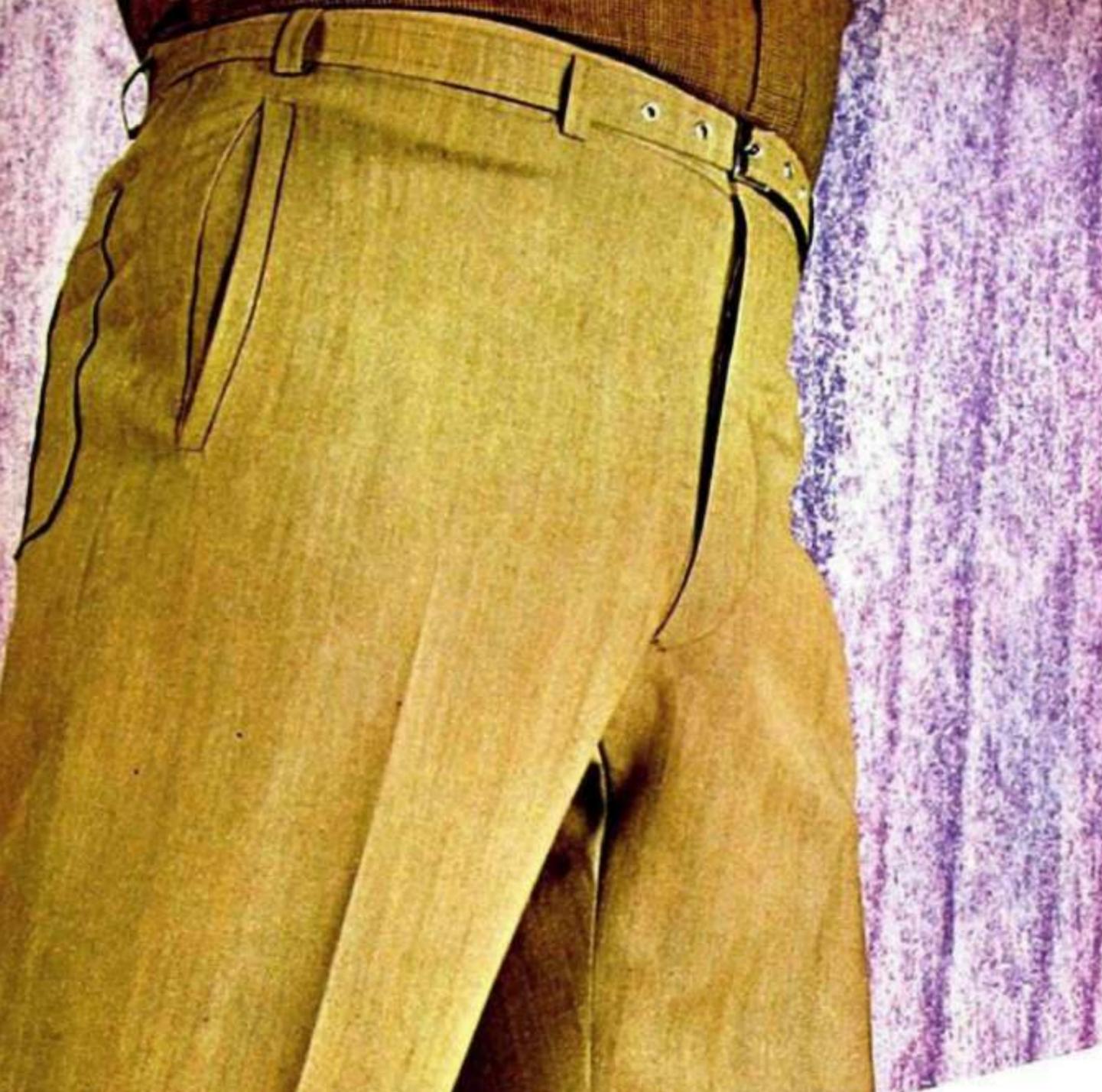
**Se você duvida
que as Chapas Onduladas Sano
são as mais resistentes que existem
faça o teste do karatê**

A menos que você seja muito desconfiado, não vale a pena machucar sua mão. Pergunte e confie na experiência dos engenheiros. Casa Sano fabrica seus produtos para resistirem às mais duras provas. Chapas onduladas e Sanocalhas estruturais, caixas d'água e de descarga, postes, muros e moirões, drenos e tubos são testados na fábrica e no uso, há mais de 50 anos! Os engenheiros sabem disso. E agora você sabe também.



Casa Sano fabrica 1.000 diferentes produtos para construção. Escreva pedindo o catálogo.

CASA SANO S.A.
indústria e comércio



 quando o sol é fogo
é clima pra renner!

As levíssimas calças Renner obedecem a corte moderno, e têm cores e padrões vibrantes como o verão. Como esta em Tergal Linho Renner que você pode encontrar na

5ª Avenida
Rio de Janeiro

e nos revendedores de

 **RENNER**
a boa roupa ponto por ponto

Standard Properties

LIVROS

Ficção

A Guerra Está em Nós, Marques Rebelo. O diário do romancista carioca abrange alguns anos (1942 a 1944) da II Guerra Mundial, cujos ecos chegavam diluídos ao Rio de Janeiro. A escuridão dos "black-outs" era usada na praia de Copacabana para fins amorosos. Inclui personagens de seus livros anteriores e introduz uma nova, a exuberante e despachada Maria Derlini, "que Deus carregou um pouco na mão quando fez". **Martins**, 474 páginas, NCr\$ 15,00.

Nem Só de Caviar Vive o Homem, J. M. Simmel. Uma mistura irônica de receitas culinárias e aventuras (verdadeiras) de um espião "gourmet". Enquanto prepara frangos com páprica e salsão rabano à moda de Genebra, o herói engana os serviços secretos de nove países, inclusive a Gestapo. Exemplos dos menus: **Peras com queijo**: Descasque peras de consistência firme e sirva-as acompanhadas de queijo pouco fermentado do tipo Port-Salut ou Gervais. **Blinis de Caviar**: Para cada pessoa, prepare duas pequenas panquecas. Coloque uma sobre um prato quente. Espalhe uma camada de caviar sobre ela e cubra com a segunda. Derrame sobre as panquecas manteiga derretida quente e creme azêdo espesso. **Nova Fronteira**, 516 páginas, NCr\$ 15,00.

Escândalo na Sociedade, Harold Robbins. O "fabricante" americano de "best-sellers" utiliza os mesmos recursos de outro livro seu: "Os Insaciáveis". No ambiente sofisticado da alta sociedade de Nova York, a escultora Nora organiza verdadeiras caças eróticas. Ela constrói esculturas com metal e bronze e destrói vidas e reputações. Quarta edição. **Eldorado**, 309 páginas, NCr\$ 10,00. (Veja a seção "Livros", página 127.)

Teatro

Mac Bird, Visão Shakespeariana da Tragédia Kennedy, Barbara Garson. Uma pacata dona de casa da Califórnia, improvisada em escritora, transforma a tragédia "Macbeth" de Shakespeare numa sátira à pretensa sede de poder de Johnson e sua esposa, Lady Bird, apontando-os como planejadores do assassinio do jovem Rei John Ken O'Dunc (Kennedy). **Senzala**, 111 páginas, NCr\$ 8,00.

Atualidades

Ação para o Futuro, Pierre Mendès-France. Complementando a análise de

VEJA

Você tem dinheiro invertido em uma frota que se desvaloriza dia a dia?

sim

não

Você fica com negócios paralisados quando seus veículos têm que ser substituídos?

sim

não

Você gasta horas e horas de seu tempo em compra, pesquisa de preços, licenciamento, reposição e depois venda de veículos usados?

sim

não

V. pretende continuar respondendo sim pelo resto da vida a estas perguntas?

Se você respondeu às perguntas, certamente as respostas foram tôdas sim.

Pois bem, queremos que você saiba que está perdendo, quando poderia ganhar.

Você está com capital de giro imobilizado. Está com preocupações supérfluas como comprar veículos, manutenção . . . Um inferno!

Comece a dedicar alguns segundos por dia pensando nisto.

Pense como você poderia dedicar o tempo que perde no seu próprio negócio, que conhece melhor que ninguém.

Depois de alguns dias, você chegará à conclusão de que sua frota poderá ser administrada de forma mais eficiente e sem tanto gasto assim. Aí, telefone para a Compar (veja o endereço lá embaixo).

Temos uma frota 0 km para arrendar a você. Sem empate de capital de giro, sem preocupações, sem perda de tempo.

"O lucro provém do uso e não da propriedade do equipamento." (Compar)

compar

Companhia Paulista de Arrendamento
Rua Guido Caló, 85 - São Paulo - Tel.: 267-4214

Jean-Jacques Servan-Schreiber (em "O Despertar da França") sobre o movimento operário-estudantil que sacudiu a França em maio último, a Editora Expressão e Cultura divulga o roteiro da esquerda não comunista, feito por um dos seus mais autorizados porta-vozes, o ex-Primeiro-Ministro da França. Segundo êle, são pré-condições para a liderança de seu país na Europa: a derrubada da "monarquia dos patrões", a democratização e atualização da Universidade, a inclusão da Grã-Bretanha no Mercado Comum e a descentralização do poder. **Expressão e Cultura**, 103 páginas, NCrS 6,00.

Outros

Judas, Traidor ou Traído?, Danilo Nunes. O ex-deputado da extinta UDN, Danilo Nunes, atual Ministro do Tribunal de Contas da Guanabara, interpreta os textos da Bíblia sob um ângulo político. Como advogado de Judas, vítima de "uma sentença iníqua e monstruosa", o autor apresenta a tese de que Judas traiu Cristo porque se considerou traído pelo Messias, desinteressado em fazer a guerra para libertar Israel do domínio romano. **Gráfica Record**, 259 páginas.

Maquiavel e a Gerência de Empresas, Antony Jay. O autor, produtor de televisão na Inglaterra, estuda Maquiavel, o conselheiro político de Giuliano de Medici na Florença do Renascimento, e — com "humour" e ironia — reconhece nas empresas modernas o equivalente aos Estados europeus de 1500. Para êle, a diretoria da Esso é semelhante ao governo de um príncipe da Renascença, com seus barões (os gerentes), camponeses (os operários) e o Papa (o Presidente dos Estados Unidos). As guerras, de militares, passaram a econômicas, as alianças são a fusão de empresas e a derrota, a falência. **Zahar**, 239 páginas, NCrS 9,00.

Os mais vendidos

- 1.º — **Aeroporto**, Arthur Hayley (Nova Fronteira)
- 2.º — **Projeto para o Brasil**, Celso Furtado (Saga)
- 3.º — **O Desafio Americano**, Jean-Jacques Servan-Schreiber (Expressão)
- 4.º — **Eros e Civilização**, Herbert Marcuse (Zahar)
- 5.º — **Filosofia na Alcova**, Marquês de Sade (Contorno)
- 6.º — **Homem ao Zero**, Leon Eliachar (Expressão)

sol pleno!
serra e mar chamando!
é clima pra renner!

Que calças! Leves, tropicais, corte anatômico, muitas côres, muito carinho nos detalhes. Como nesta calça em Cotton, que você encontra na

Casa Jose Silva

Rio de Janeiro

e nos revendedores de

RENNER

a boa roupa ponto por ponto.



FANÁTICO, MANÍACO, AUDIÓFILO!

Você que em matéria de som é considerado técnico, ultra interessado, aficionado, cultor, purista, maniaco, tarado, fanático: deixa de ser egoísta e fala da Fotoptica para seus amigos.

A Fotoptica se esforçou para conseguir ser a maior loja especializada em Som em nosso país.

Tudo que existe de mais espetacular em matéria de gravadores, amplificadores, toca discos, tape decks, o diabo, está na Fotoptica.

Fotoptica é a única loja que possui uma verdadeira sala de Som, totalmente equipada, para você escutar o que quiser. E ver o equipamento mais genial. (Fornecemos babadores a todos os fregueses).

Seus preços são os mais em conta - afinal, estamos falando da Fotoptica - e mesmo assim, parcelados da forma mais interessante para você.

Não esconda isso dos amigos.

Assim, os aficionados do Som, os cultores do Som, os maniacos e fanáticos do Som dominarão o mundo!

SOM & FOTOPTICA

Rua Conselheiro Crispiniano, 49/57 Rua São Bento, 294

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 283 Rua Direita, 85

Rua Barão de Itapetininga, 200

Shopping Center Iguatemi - Rua Iguatemi, 1.191 - Loja D-5



é verão!
é sol, é esporte, é conforto.
é clima pra renner!

Conforto elegante no corte anatômico, nos detalhes de beleza, nos tecidos leves. Como nesta calça em Tergal Verão Renner que você encontra na



Rio de Janeiro

e nos revendedores de

RENNER

a boa roupa ponto por ponto.

indicações

DISCOS

Ells Especial. Elis Regina canta músicas conhecidas — algumas novas — com arranjos do Maestro Erlon Chaves. Originalidade e impacto nas orquestrações. "Upa Neguinho" recebeu novo tratamento: a intervenção dos violinos não tirou o balanço da música. O maior efeito sonoro do disco é obtido na parte rítmica — Elis interpreta as músicas rápidas com a naturalidade costumeira. E na faixa "Carta ao Mar" — lenta — chega a chorar. **Philips.** R765 056L.

Discomunal. Gravado ao vivo (Teatro Toneleros, Rio) para o Museu da Imagem e do Som. Participação de Chico Buarque, Tom Jobim, Baden Powell, Hepteto de Paulo Moura, Millôr Fernandes, Eumir Deodato, Márcia, Franklin e Quarteto 004. Uma boa revisão dos sucessos da música popular brasileira nos últimos anos, prejudicada pelo som do teatro. Destaque para Chico Buarque e 004 ("Bom Tempo"). Texto e apresentação de Millôr Fernandes. **Codil — MIS 007.**

Os Grandes Sucessos de Luís Gonzaga. (Reedição). Luís Gonzaga, rei do baião. (Veja na seção "Música", página 110), interpreta o gênero que o consagrou. Maioria das músicas de Luís Gonzaga, que toca e canta acompanhado por seu regional. O tema é o Nordeste, a retirada "Vira e Mexe", está no disco, numa reedição feita em 1950 com Jacob do Bandolim, que surpreende pela atualidade. **RCA. CALB. 5150.**

Som Três Show. Muito balanço neste primeiro LP do Som Três, formado por integrantes dos antigos conjuntos de bossa nova, Jongo e Sambalongo Trio. O Som Três é um dos responsáveis pelo samba jovem, ou "som pilantragem" — mistura de samba e iê-iê — que consagrou Wilson Simonal. Em "Balanço Zona Sul" o trio imita George Shearing, Ray Charles, Errol Garner e Oscar Peterson. **Odeon. MOFB-3541.**

Earl Grant's Greatest Hits. Earl Grant, cantor e organista — chega dia 11 ao Brasil — tem novo LP na praça: seis músicas inéditas e seis sucessos consagrados por ele. Earl criou um estilo que o situa entre o jazz e a música comercial. "Ebb Tide" e "The End", já consagradas, estão no disco. **Decca-Chantecler. 012 081.**

The Heart The Faith The Sour of Clara Ward. Côro e órgão de igreja contrastam com a orquestra e a interpretação da cantora americana Clara Ward em músicas evangélicas no estilo Ray Charles. **Verve-Copacabana. 14107.**

VEJA



**Esta camisa foi inspirada
em algumas pessoas
que detestam gastar
dinheiro à toa:
J. Paul Getty, Rockefeller,
Tio Patinhas.**

Valisère Tergal.
Camisa inacreditável.
Você lava-e-veste, lava-e-veste,
lava-e-veste.

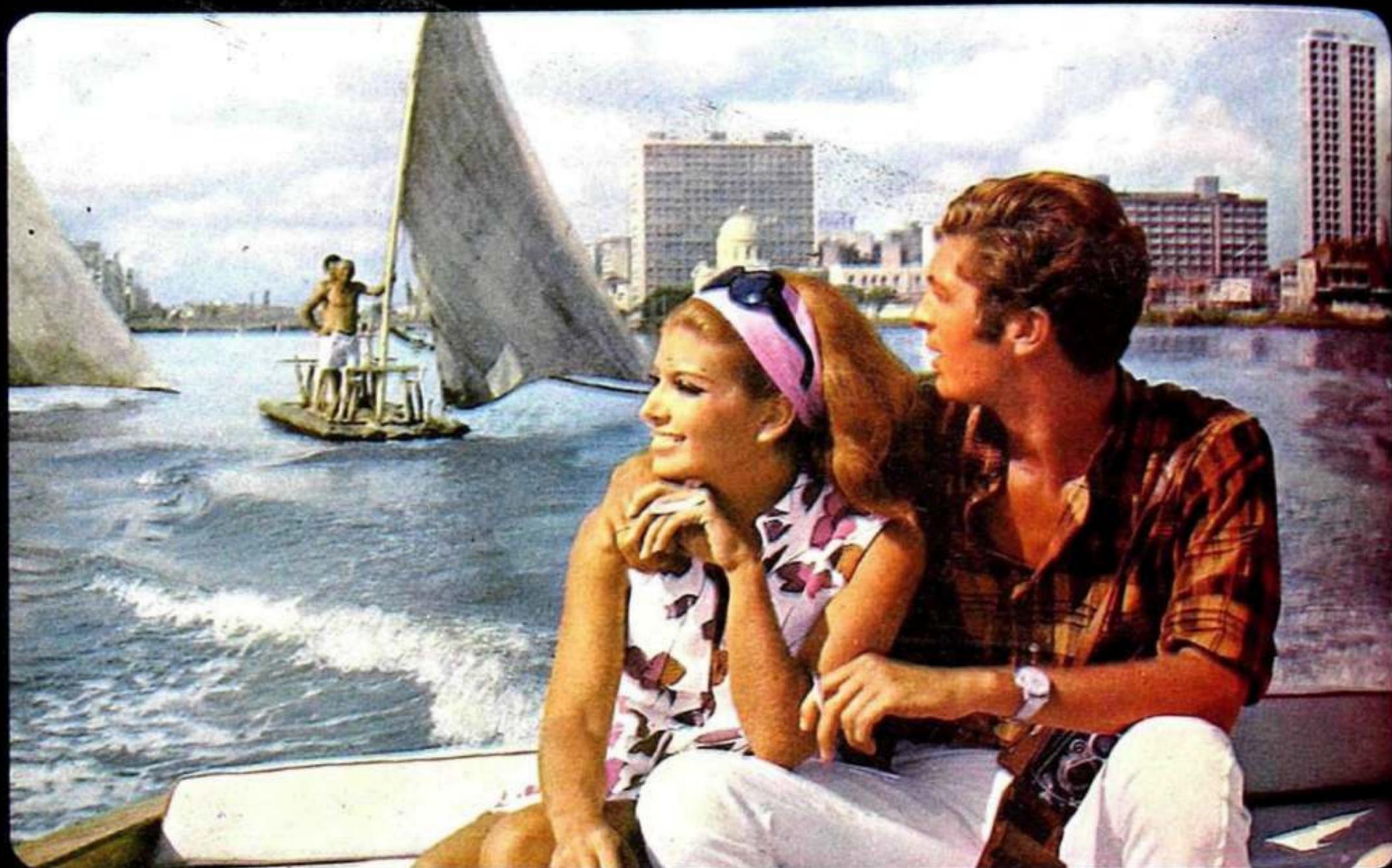
É tão boa, tão bem feita, tão
bem acabada, que você vai
achar o preço inacreditável.
Mas acredite.

Foi acreditando nas coisas
impossíveis que J. Paul Getty,
Rockefeller e o Tio Patinhas
ficaram milionários.

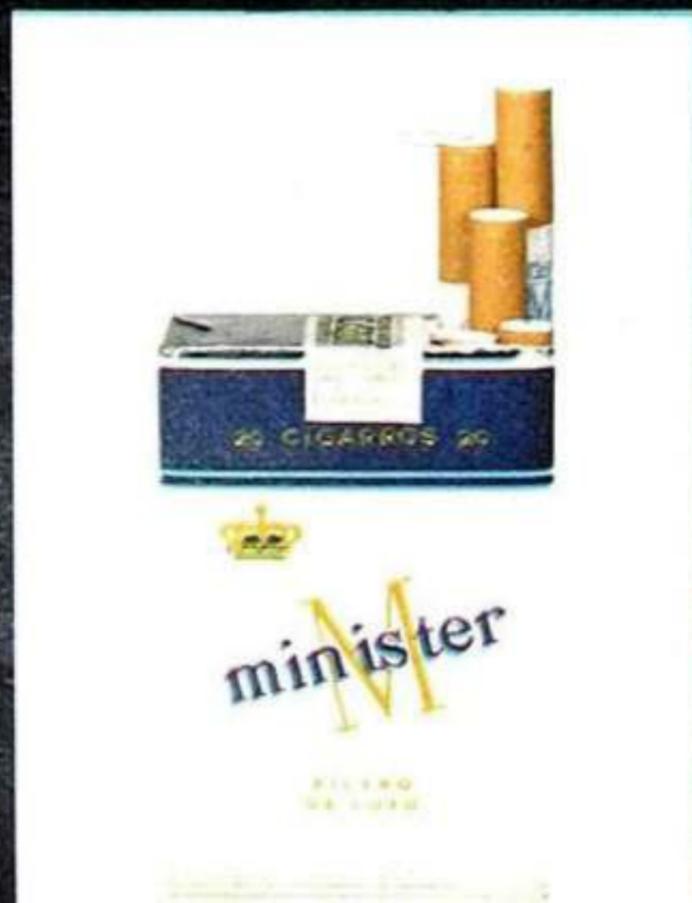
Valisère ♣



incantatore!



Recife... A encantadora "Veneza brasileira". Referência histórica, admirada por visitantes de tôdas as partes do mundo. Que também apreciam Minister



um
cigarro
de
agrado
internacional